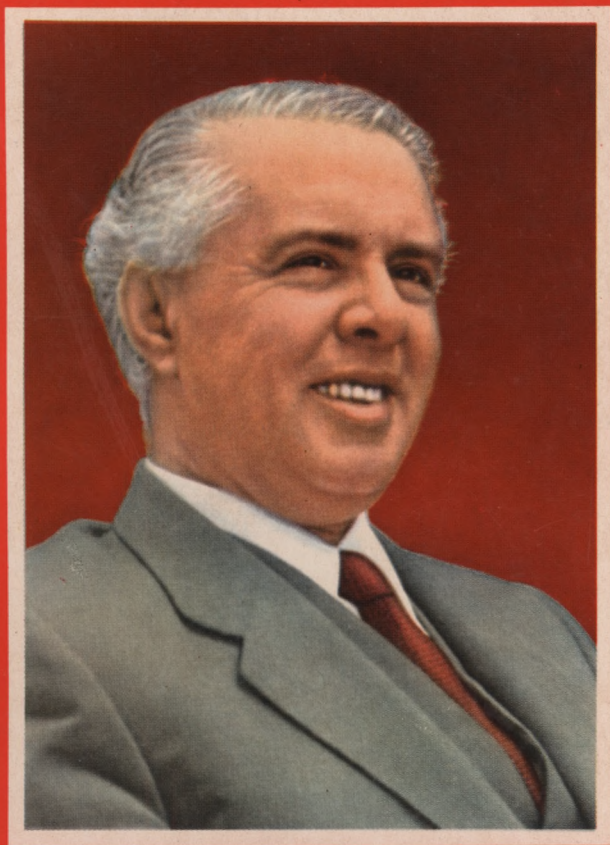


ENVER HOXHA



**O IMPERIALISMO  
E A  
REVOLUÇÃO**

A versão digitalizada desta obra  
foi elaborada por  
[www.enverhoxha.ru](http://www.enverhoxha.ru)

**PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!**

# **ENVER HOXHA**

## **O IMPERIALISMO E A REVOLUÇÃO**

TIRANA, 1979

INSTITUTO DE ESTUDOS MARXISTAS-LENINISTAS  
ADJUNTO AO CC DO PTA

CASA EDITORA «8 NĚNTORI»

## PREFACIO A PRIMEIRA EDIÇÃO\*

*Desde que surgiu o «Manifesto do Partido Comunista» de Marx e Engels, em 1848, a luta entre o marxismo revolucionário e o oportunismo tem se concentrado, tanto no campo político como no ideológico, em torno de um problema: a revolução é ou não necessária para transformar a sociedade em bases socialistas, existem ou não condições para realizá-la, pode-se levá-la a cabo pelo caminho pacífico ou é indispensável a violência revolucionária?*

*A burguesia e os oportunistas, com todas as suas teorias que se contam às dezenas senão às centenas, sempre procuraram negar a incontestável verdade de que a contradição fundamental da sociedade capitalista é a que opõe os exploradores aos explorados, negar o lugar e o papel histórico da classe operária, negar também a própria luta de classes enquanto fator determinante do desenvolvimento e do progresso da sociedade humana. Sua intenção sempre foi confundir ideologicamente o proletariado, impedir a revolução, perpetuar a exploração capitalista, destruir o marxismo-leninismo, a ciência triunfante da revolução e da construção do socialismo.*

---

\* Em albanês.

*Todos os adversários e inimigos do proletariado e da revolução tentaram proclamar o marxismo-leninismo obsoleto e instituir distintas «teorias» pretensamente condizentes com as novas condições históricas, com as mudanças processadas no capitalismo, no imperialismo, com a evolução da sociedade humana em geral.*

*Dessa forma, Bernstein declarou Marx ultrapassado, e Kautsky negou a revolução especulando com a passagem do capitalismo ao imperialismo. Todos os revisionistas contemporâneos seguiram seu exemplo e seus métodos, desde Browder e Tito, passando por Kruschov e os «eurocomunistas», até os «teóricos» chineses dos «três mundos».*

*Sob o falso pretexto da aplicação e desenvolvimento «criadores» do marxismo-leninismo, para adequá-lo às novas condições criadas no mundo de hoje, todos esses antimarxistas tratam de negar a ideologia científica da classe operária e de substituí-la pelo oportunismo burguês.*

*O proletariado, os revolucionários e seus autênticos partidos marxistas-leninistas vêm travando um duro combate, que nunca cessou nem cessará, contra o revisionismo contemporâneo e suas diversas correntes.*

*Os revisionistas, a burguesia reacionária e seus partidos procuram qualificar nossa teoria, o marxismo-leninismo, como um dogma, como algo imóvel, fossilizado, supostamente inadequado aos tempos que correm, cheios de dinamismo e de vida. Mas, caso se trate de dinamismo e vida, o marxismo-leninismo é o único a possuí-los, pois é a teoria da classe operária, da classe mais avançada da sociedade, da classe mais ativa e*

*revolucionária, que pensa corretamente, produz os bens materiais e está sempre em atividade.*

*As tentativas da burguesia e seus ideólogos para convencer as pessoas de que o marxismo-leninismo te ria envelhecido e não responderia aos «tempos modernos» objetivam combater a ideologia científica do proletariado e substituí-la por certas teorias que preconizam uma vida abastardada, uma vida de lumpen, uma sociedade de degenerescência desenfreada, uma dita sociedade de consumo. As teorizações que pretendem haver encontrado as formas de uma nova sociedade em permanente movimento e progresso visam igualmente golpear o pensamento progressista revolucionário, a ideologia dirigente do proletariado, eternizar a opressão e exploração capitalistas.*

*Nossa teoria, conforme nos ensina Lênin, julga e define corretamente as formas e métodos da luta de classe. Está estreitamente vinculada aos problemas práticos que a vida, que a época apresenta. Esta arma nos ajuda a analisar e compreender com justeza o processo do desenvolvimento humano a cada momento, a analisar e compreender com justeza qualquer viragem histórica da sociedade, a empreender sua transformação revolucionária.*

*Nosso Partido desmascarou no VII Congresso todas as diferentes correntes revisionistas, entre as quais a teoria chinesa dos «três mundos». Frisando a importância vital do marxismo-leninismo para a vitória da revolução, do socialismo e da libertação dos povos, rejeitou com decisão as teses e pontos de vista burguês-oportunistas sobre a atual etapa do processo histórico mundial,*

*que negam a revolução e defendem a exploração capitalista. E acentuou enfaticamente que nenhuma mudança no desenvolvimento do capitalismo e do imperialismo justifica as «invenções» e mentiras revisionistas. A crítica de princípios e o desmascaramento ininterrupto das teorias antirevolucionárias e anticomunistas são indispensáveis à defesa do marxismo-leninismo, ao avanço da causa da revolução e dos povos, à demonstração da permanente juventude da teoria de Marx, Engels, Lênin e Stálin — a bússola segura que aponta as vitórias do futuro.*

*Abril de 1978*



## NOTA A SEGUNDA EDIÇÃO

*O livro «O imperialismo e a Revolução» foi publicado pela primeira vez [em albanês] em abril de 1978 e distribuído dentro do Partido.*

*Foi editado em caráter público tendo em conta a opinião dos comunistas após se inteirarem de seu conteúdo. A presente edição passou a conter também referências a alguns acontecimentos ocorridos no período posterior à primeira.*

*Dezembro de 1978*



## **PRIMEIRA PARTE**

### **I**

#### **A ESTRATÉGIA DO IMPERIALISMO E DO REVISIONISMO CONTEMPORÂNEO**

O VII Congresso do Partido do Trabalho da Albânia, ao analisar a atual situação internacional e do movimento revolucionário mundial, pôs em relevo os perigos que o imperialismo e o revisionismo contemporâneo representam para a revolução e a libertação dos povos, acentuou a necessidade de uma luta implacável contra eles e o apoio ativo que se deve conceder ao movimento marxista-leninista mundial.

Estas questões têm grande importância, pois a construção do socialismo, a luta pelo fortalecimento da ditadura do proletariado e em defesa da pátria são inseparáveis da situação internacional e do processo global do desenvolvimento do mundo.

Grandes forças representando as trevas, a escravidão, a exploração do proletariado e dos povos — o

imperialismo norte-americano e seus agentes, o social-imperialismo soviético, o social-imperialismo chinês, a grande burguesia e a reação — ergueram-se e combatem atualmente o marxismo-leninismo. A social-democracia, o revisionismo contemporâneo e muitas outras correntes ideológicas contra-revolucionárias ergueram-se também contra nossa ideologia revolucionária.

Em nosso combate a todos esses inimigos devemos nos apoiar firmemente na teoria marxista-leninista e no proletariado mundial. Nossa luta no plano teórico travar-se-á com êxito quando fizermos uma justa análise dialética da situação internacional, dos acontecimentos em curso, dos objetivos e intentos de todas as forças sociais em movimento, em contradição e em luta entre si. A análise científica da situação internacional e o esclarecimento da estratégia ajudam a definir táticas justas para a luta revolucionária nas diferentes circunstâncias, a fim de se vencer batalha após batalha. Nosso Partido sempre atuou desta maneira.

O socialismo está em guerra com o capitalismo, o proletariado mundial está em guerra constante e implacável com a burguesia capitalista, os povos do mundo estão em guerra com seus opressores externos e internos. O proletariado mundial guia-se na luta por sua ideologia marxista-leninista, que explica o caráter indispensável deste combate e mobiliza forças para a batalha. É por isso que o capitalismo e o imperialismo sempre empreenderam um duro combate à teoria de Marx, Engels, Lênin e Stálin.

Karl Marx descobriu as leis do desenvolvimento social, das transformações revolucionárias e da passa-

gem da sociedade de um sistema social inferior a outro mais elevado, analisou cientificamente a propriedade privada dos meios de produção, o modo capitalista de distribuição, a mais-valia usurpada pelo capitalista. Criou a teoria científica das classes e da luta de classes e definiu os caminhos da luta do proletariado para derrubar a burguesia, destruir o sistema capitalista, instaurar a ditadura do proletariado, construir a sociedade socialista.

Diversos teóricos reacionários de todos os países do mundo têm procurado a todo custo denegrir a teoria de Marx, enlameá-la, desvirtuá-la, combatê-la. Mas esta teoria, que é uma verdadeira ciência, soube dominar o pensamento humano progressista e tornar-se uma poderosa arma do proletariado e dos povos no combate a seus inimigos.

Aplicando e desenvolvendo ainda mais a teoria marxista, Lênin ofereceu ao proletariado e a sua vanguarda, o partido marxista-leninista, uma rica teoria científica para as condições do imperialismo e das revoluções proletárias. Lênin desenvolveu o marxismo não só na teoria mas também na prática. Aplicando a doutrina de Karl Marx, dirigiu a revolução bolchevique e levou-a à vitória. Stálin desenvolveu ainda mais a obra de Lênin.

A vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro vibrou o primeiro golpe demolidor no imperialismo, em todo o sistema capitalista mundial. Assinalou o início da crise geral do capitalismo, que foi se aprofundando incessantemente.

Com a criação e consolidação do Estado soviético alcançou-se uma vitória colossal que mostrou ao proletariado e aos povos que era possível vencer, aniquilar o inimigo que tinham pela frente, o capitalismo e o imperialismo. A União Soviética era a prova viva dessa verdade.

Enfurecida pela perda que sofreu com a vitória da Revolução de Outubro na Rússia, a coalisão mundial imperialista e capitalista reforçou os instrumentos de luta política, econômica e militar contra o novo Estado dos proletários e contra a difusão da ideologia marxista-leninista pelo mundo. Os imperialistas, a burguesia reacionária, a social-democracia européia e mundial, juntamente com outros partidos do capital, prepararam a guerra contra a União Soviética. Ao lado dos hitle-ristas, dos fascistas italianos e japoneses, prepararam também a II Guerra Mundial.

Mas nessa guerra comprovou-se ainda melhor a vitalidade do socialismo e do marxismo-leninismo, que saíram-se vitoriosos.

Após a vitória sobre o fascismo, o mundo sofreu grandes mudanças em favor do socialismo. Novos Estados socialistas ergueram-se na Europa e na Ásia. Criou-se o campo socialista tendo à frente a União Soviética. Isso representava uma nova grande vitória do socialismo, do marxismo-leninismo, e mais uma grande perda para o capitalismo, para o imperialismo.

O sistema capitalista saiu da II Guerra Mundial profundamente abalado e com seu equilíbrio completamente rompido. A Alemanha, o Japão e a Itália, como potências derrotadas, saíram da guerra com a economia

arruinada. Perderam as posições políticas e militares que ocupavam anteriormente. Outros Estados imperialistas, como a Grã-Bretanha e a França, independente de terem vencido a guerra se debilitaram econômica e militarmente a tal ponto que seu papel enquanto grandes potências caíra por terra.

A crise geral do capitalismo acentuou-se ainda mais com a derrocada do sistema colonial. Devido a ela surgiu uma série de novos Estados nacionais, e o movimento de libertação contra o jugo imperialista cresceu nos países que permaneceram ainda na qualidade de colônias ou semi-colônias.

Essas mudanças criaram condições mais adequadas para o triunfo do socialismo em escala mundial. Devido à profunda crise econômica e política e à crescente insatisfação das massas, vários Estados capitalistas encontravam-se às vésperas de explosões revolucionárias. Naquela situação extremamente grave e crítica, o imperialismo norte-americano ocorreu em sua ajuda.

Distintamente das outras potências imperialistas, os Estados Unidos da América saíram fortalecidos da guerra. Longe de serem prejudicados, acumularam riquezas colossais e aumentaram incalculavelmente seu potencial econômico e militar, sua base técnico-científica. Cevado com o sangue dos povos, esse imperialismo tornou-se o único líder de todo o mundo capitalista.

O imperialismo norte-americano mobilizou todas as forças reacionárias do mundo capitalista com o objetivo de salvar a velha ordem e esmagar qualquer movimento revolucionário ou de libertação nacional que a

ameaçasse, de destruir o campo socialista, restaurar o capitalismo na União Soviética e nos países de democracia popular, de instaurar sua hegemonia em todo o mundo.

Para alcançar seus objetivos, o imperialismo norte-americano, juntamente com o capital mundial, pôs em movimento sua gigantesca máquina estatal burocrático-militar, seu grande potencial econômico, técnico e financeiro, todos os seus recursos humanos. Ajudou a recuperação política, econômica e militar do capitalismo europeu e japonês devastado e, no lugar do sistema colonial derrocado, ergueu um novo sistema de exploração e pilhagem, o neocolonialismo.

O imperialismo norte-americano mobilizou vastos meios de propaganda, filósofos, economistas, sociólogos, escritores, etc., na furiosa campanha que empreendeu contra o marxismo-leninismo, contra o comunismo, contra a União Soviética e os demais países socialistas da Europa e da Ásia.

Ao mesmo tempo, o imperialismo norte-americano pôs em prática uma política abertamente agressiva. A febre da guerra, da militarização e do anticomunismo apossou-se de todos os campos da economia, da política, da ideologia, do exército, das ciências, da vida dos Estados Unidos da América.

O imperialismo norte-americano seguiu dois caminhos para vencer o socialismo, para sufocar os movimentos libertadores revolucionários, para combater a grande influência da teoria marxista-leninista e instaurar sua hegemonia sobre o mundo.

O primeiro caminho foi o da agressão e da inter-



venção armada. Os imperialistas norte-americanos criaram blocos militares agressivos como a OTAN, a SEATO e outros, acantonaram grande número de tropas no território de muitos países, construíram bases militares em todos os continentes, ergueram poderosas frotas de guerra que distribuíram pelos mares e oceanos. Intervieram militarmente na Grécia, na Coréia, no Vietnã e em outros lugares para esmagar e sufocar a revolução.

O outro caminho foi o da agressão ideológica e da subversão contra os Estados socialistas e os partidos comunistas e operários, do esforços para levá-los à degenerescência burguesa. Neste sentido o imperialismo norte-americano e todo o capital mundial puseram em ação poderosos meios de propaganda e subversão ideológica.

Mas o imperialismo norte-americano, junto com o capitalismo mundial que estava se recuperando após a guerra, tinham pela frente um adversário poderoso, o campo socialista com a União Soviética à frente, o proletariado mundial, os povos amantes da liberdade. Por isso tinham de fazer bem seus cálculos perante essa força gigantesca, guiada por uma política justa e clara, por uma ideologia triunfante, que ganhava cada vez mais o coração e a mente dos operários, dos revolucionários, dos elementos progressistas.

Apesar dos esforços do imperialismo norte-americano e da reação mundial para esmagá-los e destruí-los, o movimento revolucionário do proletariado e a luta de libertação dos povos cresciam e ganhavam força. Sob a direção de Stálin, a União Soviética curou muito rapi-

damente os ferimentos da guerra e avançava aceleradamente na economia, na ciência, na técnica, em todos os campos. As posições do socialismo se consolidavam nos países de democracia popular. Os partidos comunistas e o movimento democrático antiimperialista ampliavam sua influência entre as massas.

Naquelas condições, o imperialismo e o capitalismo mundial se aproveitaram dos revisionistas contemporâneos, os iugoslavos entre os primeiros, na luta contra o socialismo e os movimentos de libertação dos povos.

Foi uma sorte para o capitalismo mundial que um país dito de democracia popular, a Iugoslávia, entrasse em confronto e conflito ideológico e político aberto com a União Soviética, já que era um participante do campo socialista que se insurgia. O capitalismo mundial fez grande alvoroço em torno desse acontecimento, que serviu-lhe no combate ao socialismo e à revolução.

Mas, embora tenha acarretado muito prejuízo para a causa da revolução e do socialismo, a traição titista não pôde cindir o campo socialista e o movimento comunista, como esperavam a burguesia e a reação. Os comunistas e revolucionários de todo o mundo condenaram energicamente essa traição e puseram em relevo o perigo do titismo enquanto agência do imperialismo contra o comunismo.

Os revisionistas kruschovistas, que tomaram o poder na União Soviética após a morte de Stálin, prestaram o maior serviço ao capitalismo mundial na luta contra o socialismo, a revolução e o marxismo-leninismo. O afloramento do grupo revisionista de Krus-

chov foi a maior vitória política e ideológica da estratégia do imperialismo após a II Guerra Mundial.

A reviravolta contra-revolucionária na União Soviética alegrou imensamente os imperialistas norte-americanos e todas as demais potências capitalistas, pois o mais poderoso Estado socialista, o pilar da revolução e da libertação dos povos, abandonava a via do socialismo e do marxismo-leninismo e transformava-se, na teoria e na prática, num sustentáculo da contra-revolução, do capitalismo.

A viragem ocorrida na União Soviética provocou a cisão do campo socialista e do movimento comunista internacional. Foi um dos principais fatores a influir e favorecer a difusão do revisionismo contemporâneo em muitos partidos comunistas. A corrente revisionista kruschoviana prejudicou seriamente a causa da revolução e do socialismo em todo o mundo.

Iniciou-se uma luta acirrada entre as forças genuinamente marxistas-leninistas e revolucionárias, de um lado, e o revisionismo kruschovista, de outro. O Partido do Trabalho da Albânia, assim como vinha combatendo com decisão o revisionismo iugoslavo, hasteou desde o início o estandarte da luta intransigente e de princípios contra o revisionismo soviético e seus seguidores, defendeu com ousadia o marxismo-leninismo, a causa do socialismo e da libertação dos povos. Os marxistas-leninistas e revolucionários de verdade em todo o mundo também se ergueram contra a traição kruschovista. Do seio do proletariado revolucionário de diferentes países surgiram novos partidos marxistas-leninistas, que assumiram o pesado encargo de dirigir a luta da classe

operária e dos povos contra a burguesia, o imperialismo e o revisionismo contemporâneo.

O imperialismo e o revisionismo viram frustradas suas esperanças de destruir definitivamente o socialismo, sufocar o verdadeiro movimento comunista internacional e esmagar a luta dos povos. Rapidamente os revisionistas kruschovianos revelaram sua catadura antimarxista e contra-revolucionária. Os povos viram que a União Soviética havia se transformado numa superpotência imperialista, que rivalizava com os Estados Unidos pelo domínio mundial, havia se tornado, ao lado do imperialismo norte-americano, outro grande inimigo da revolução, do socialismo e dos povos.

Por outro lado, a grave crise econômica, financeira, ideológica e política que alastrou-se por todo o mundo capitalista e revisionista mostrava claramente não só a putrefação sempre maior do sistema capitalista, a sua imutável natureza opressora e exploradora mas também a demagogia, a hipocrisia de todos os revisionistas contemporâneos, que embelezavam esse sistema.

Mas no momento em que o movimento revolucionário crescia e se consolidava em todo o planeta, em que as tenazes da crise se cerravam cada vez mais em torno do capitalismo, e o revisionismo kruschovista, juntamente com as demais correntes do revisionismo contemporâneo, desmascarava-se aos olhos do proletariado e dos povos, o revisionismo chinês apareceu às claras no cenário mundial; tornou-se o íntimo aliado do imperialismo norte-americano e da grande burguesia

internacional no esmagamento e sabotagem das lutas revolucionárias do proletariado e dos povos.

Criou-se atualmente no mundo uma situação bastante complexa. Diferentes forças imperialistas e social-imperialistas atuam na arena internacional. De um lado, elas combatem conjuntamente a revolução e a libertação dos povos, de outro confrontam-se e engalfinham-se por mercados, por zonas de influência, pela hegemonia. À rivalidade soviético-americana pelo domínio do mundo, somaram-se agora as pretensões expansionistas do social-imperialismo chinês, as ambições rapaces do militarismo nipônico, os esforços do imperialismo alemão-ocidental para ocupar novos espaços, a selvagem concorrência do Mercado Comun Europeu, que voltou os olhos para as antigas colônias.

Tudo isso aguçou ainda mais as muitas contradições do mundo capitalista e revisionista. Ao mesmo tempo, a perspectiva da revolução e da libertação dos povos não foi eliminada pela traição dos revisionistas titistas, soviéticos, chineses e outros; pelo contrário, após um recuo temporário a revolução encontra-se agora diante de um novo salto. Ela seguramente avançará no caminho que a história lhe reservou e triunfará em escala mundial.

Nada poderá salvar o imperialismo, o capitalismo e o revisionismo da vingança implacável do proletariado e dos povos, nada poderá livrá-los de suas profundas contradições antagônicas e constantes crises, das revoluções, da morte inevitável.

É precisamente esta situação que faz com que o imperialismo busque novos caminhos e veredas, ar-

quitete novas estratégias e táticas para salvar-se da catástrofe que o espera.

### **A Estratégia do Imperialismo Mundial**

O imperialismo norte-americano e outros Estados capitalistas vêm combatendo para manter a hegemonia mundial, defender o sistema capitalista e neocolonialista e safar-se com um mínimo de perdas da grande crise em que estão mergulhados. Vêm se esforçando para impedir que os povos e o proletariado realizem as aspirações revolucionárias, libertadoras. O imperialismo norte-americano, que domina política, econômica e militarmente seus parceiros, tem o papel principal na luta por esses objetivos.

Os inimigos da revolução e dos povos desejam dar a impressão de que as modificações ocorridas no mundo e as perdas sofridas pelo socialismo criaram circunstâncias absolutamente distintas das anteriores. Por isso, apesar de possuírem acirradas contradições entre si, o imperialismo norte-americano e a burguesia capitalista mundial, o social-imperialismo soviético e o social-imperialismo chinês, o revisionismo contemporâneo e a social-democracia puseram-se em busca de um *modus vivendi*, de uma «nova sociedade» híbrida para manter de pé o sistema burguês-capitalista, para eludir as revoluções e prosseguir por novos meios e formas a opressão e exploração dos povos.

O imperialismo e o capitalismo conseguiram perceber que já não podem explorar os povos do mundo

pelos métodos de outrora; portanto, desde que seu sistema não esteja ameaçado, devem fazer concessões de pouca monta para manter as massas sob seu jugo. De-sejam fazê-lo com investimentos e créditos que dividem entre os Estados e camarilhas onde estenderam sua influência ou por meio das armas, ou seja, através de guerras locais, seja participando diretamente nelas, seja instigando um Estado contra outro. As guerras locais servem para submeter melhor à hegemonia do capital mundial os países que caem em sua armadilha.

Todos os "teóricos" a serviço do capital mundial, no Ocidente e no Oriente, procuram encontrar denominações para essa «nova sociedade». Atualmente eles encontraram essa forma «nova» na sociedade capitalista-revisionista da União Soviética, que não passa de uma sociedade degenerada; no sistema capitalista iugoslavo da «autogestão» e em alguns regimes do «terceiro mundo» de orientação dita socialista. Procuram uma «nova sociedade» capitalista desse tipo inclusive na variante chinesa que está se cristalizando agora.

As declarações programáticas do presidente Carter em 22 de maio de 1977, que apresentaram a linha de uma política supostamente nova para os Estados Unidos, mostram claramente que a característica geral e fundamental dessa «nova política», nas condições atuais, é a pugna daquela superpotência para enfrentar a revolução proletária e as lutas de libertação nacional dos povos que aspiram a livrar-se do jugo do grande capital mundial, especialmente do imperialismo norte-americano e do social-imperialismo soviético.

Conforme apontamos acima, o mundo capitalista

busca encontrar, mesmo que seja temporariamente, uma saída para a situação catastrófica em que se encontra. Naturalmente, o imperialismo norte-americano procura encontrar essa saída na medida do possível em coordenação com o social-imperialismo soviético, com seus aliados da OTAN, com a China e com os demais países capitalistas industrializados. Carter apelou aos países do Oriente, do Ocidente e aos países da OPEP, pedindo-lhes que trabalhem juntos e «ajudem efetivamente os países mais pobres». O imperialismo norte-americano qualifica essa colaboração de única alternativa e único caminho para prevenir as guerras.

O presidente norte-americano disse em seu discurso: «Livramo-nos daquele medo permanente do comunismo, que outrora nos levava a abraçar qualquer ditador que tivesse o mesmo medo».

Naturalmente, ao falar em «livrar-se do medo do comunismo», Carter, esse fiel representante do imperialismo mais sanguinário da atualidade, tem em mente o comunismo à iugoslava, à Kruschov, à chinesa, que de comunista só tem a máscara. Mas a burguesia capitalista não se libertou nem jamais se libertará do medo do verdadeiro comunismo. Pelo contrário, o autêntico comunismo sempre aterrorizou e vai aterrorizar ainda mais o imperialismo e o social-imperialismo. Esse pânico obriga os imperialistas e revisionistas a por-se de acordo, a coordenar planos e a buscar formas mais adequadas para prolongar a vida do seu domínio opressor e explorador.

Neste momento de profunda crise econômica, política e militar, os imperialistas dos Estados Unidos pro-



curam consolidar as vitórias do imperialismo, alcançadas com a traição revisionista contemporânea na União Soviética, nos antigos países de democracia popular e na China e empregá-las como uma barreira para conter a revolução e a luta revolucionária emancipadora do proletariado e dos povos.

O presidente norte-americano reconhece igualmente que, por medo do comunismo, os capitalistas e imperialistas abraçaram e apoiaram no passado ditadores fascistas, como Mussolini, Hitler, Hiroito, Franco e outros. Em seus respectivos países, as ditaduras fascistas foram as últimas armas da burguesia capitalista e do imperialismo mundial contra a União Soviética do tempo de Lênin e Stálin e contra a revolução proletária mundial.

Com certa segurança, o presidente norte-americano declara que os Estados comunistas (leia-se revisionistas) mudaram de fisionomia — e aqui ele não se engana. Diz que «esse sistema não pode prolongar-se por toda a vida, sem mudar». Naturalmente, ele confunde a traição revisionista com o verdadeiro sistema socialista, com o comunismo. O imperialismo norte-americano considera o sistema soviético kruschovista como uma vitória do capitalismo mundial e deduz daí que a ameaça de conflito com a União Soviética tornou-se menos intensa, embora não negue as contradições com ela, não negue a rivalidade pela hegemonia.

Segundo Carter, o governo norte-americano fará todos os esforços para manter o status quo. Em outras palavras, isso quer dizer que tanto o imperialismo norte-americano como os demais Estados imperialistas

procurarão manter e fortalecer suas posições no mundo, enquanto esperam resolver conjuntamente, dentro desse mesmo status quo, as desavenças que possam existir e que de fato existem com os países amigos e com seus aliados.

À guisa de conclusão, Carter diz que «a política norte-americana deve basear-se num mosaico novo e mais amplo de interesses globais, regionais e bilaterais». Depois de detalhar esse novo e mais amplo «mosaico» de interesses globais, regionais e bilaterais, ele reafirma que «manter-se-ão todos os compromissos que os Estados Unidos da América assumiram para com a OTAN, que deve ser uma organização forte, que a aliança dos Estados Unidos da América com as grandes democracias industrializadas é indispensável, pois ela defende os mesmos valores, e por isso todos nós devemos lutar por uma vida melhor».

Como se vê, os Estados Unidos também se unem aos esforços dos revisionistas contemporâneos soviéticos, chineses e das «grandes democracias industrializadas» em prol da criação de uma «nova realidade», de um «mundo novo». Em outras palavras, a política dos Estados Unidos faz demagogia e trata de adaptar-se à situação. Para manter o status quo, para conter o ímpeto do hegemonismo soviético, para debilitar o social-imperialismo soviético e ganhar a China de forma que ela se integre cada vez mais a fundo no campo imperialista, para sufocar as lutas revolucionárias do proletariado e dos povos, os Estados Unidos precisam fazer algumas concessões políticas fraudulentas. Mas não fazem uma só concessão militar, uma só concessão na política de

manutenção do jugo e do controle sobre Estados e povos, na política de exploração dos recursos nacionais dos outros países em proveito próprio e dos países industrializados.

Eis o que é a «nova política» dos Estados Unidos da América. Está claro para nós que ela não tem nada de novo. É uma política velha, imperialista, rapace, neo-colonialista, escravizante, de brutal exploração dos povos e de seus recursos, uma política de sufocamento das revoluções e das lutas de libertação nacional. O imperialismo norte-americano procura agora dar uma nova tintura, cores supostamente mais frescas a essa velha e imutável política, busca armar os elementos contra-revolucionários, no poder ou não, para que combatam o comunismo, que ergue os povos e o proletariado nas lutas libertadoras e na revolução.

O imperialismo norte-americano continua na ofensiva, contrariamente ao que diz a teoria chinesa dos «três mundos», que é uma teoria de embuste capitalista e revisionista. Procura manter as velhas alianças e criar outras novas, em seu próprio favor e em desfavor do social-imperialismo soviético ou de quem quer que possa ameaçar o potencial imperialista estadunidense. Procura fortalecer sobretudo a OTAN, que foi e é uma organização política e militar agressiva.

Em todo o seu jogo estratégico, os Estados Unidos tratam de não acirrar além do limite as relações com a União Soviética, continuam com ela as confabulações SALT, embora Carter tenha declarado que vai produzir as bombas de nêutrons. Apesar de tudo, verifica-se nos

Estados Unidos e na União Soviética uma tendência para a manutenção do status quo.

Evidentemente, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos e a OTAN procuram manter esse status quo com a União Soviética, têm também contradições com ela, mas essas contradições ainda não alcançaram um ponto que justifique a pregação chinesa de que a guerra na Europa é iminente.

O imperialismo norte-americano apóia atualmente a China para que ela se fortaleça militar e economicamente. Capitais norte-americanos invadem a China, onde fazem-se grandes investimentos financiados pelos principais bancos estadunidenses e também pelo Estado norte-americano.

Os Estados Unidos estão apostando forte na cartada da China, mas com cuidado. Ao mesmo tempo, eles continuam a apostar na cartada do Japão. Procuram ter relações tranquilas com o Japão, de ajuda mútua, para que, segundo os norte-americanos, o Japão se fortaleça e se transforme num Israel do Extremo Oriente, do Pacífico, do Sudeste Asiático e, por que não, até contra a China, quando fôr a caso e quando chegar a hora.

Nesta situação, a China assinou o tratado de amizade e colaboração com o Japão. Mas esse tratado tem e continuará assumindo grandes proporções, multifacéticas, monstruosas e perigosas para os destinos do mundo, pois estabelecerá uma estreita colaboração econômico-militar entre o Japão e a China, destinada à criação de esferas de influência em particular e em comum, sobretudo na Ásia, na Austrália e em toda a área do Pacífico. Naturalmente, essa colaboração começará a

constituir-se à sombra da aliança com os Estados Unidos e da propaganda da guerra contra o social-imperialismo soviético. O objetivo principal dessa aliança sino-japonesa é conter e debilitar a União Soviética, afastá-la da Sibéria, da Mongólia e de outras áreas, suprimir sua influência em toda a Ásia e na Oceânia, em todos os países da ASEAN.

Esta é a estratégia do imperialismo norte-americano, mas ao mesmo tempo do imperialismo chinês e do militarismo japonês. Os Estados Unidos procurarão ajudar a China e o Japão, mantê-los sob sua guia, fortalecer a aliança com eles e lançá-los contra a União Soviética. Mas é possível que um belo dia a política satânica, hipócrita, imperial, sem princípios e no espírito imperialista-militarista da China e do Japão se contraponha à superpotência que os ajudou a levantar-se, assim como fez outrora a Alemanha do tempo de Hitler, que tornou-se uma terrível potência fascista, atacou os aliados dos Estados Unidos e entrou em guerra com a própria América do Norte.

Os Estados Unidos procurarão manter em equilíbrio a balança da potência chinesa e japonesa em ascensão. Mas virá o dia em que essa balança escapará de suas mãos e a aliança imperialista e militarista sino-nipônica tornar-se-á perigosa não só para a União Soviética mas simultaneamente para os próprios Estados Unidos, pois os interesses da China e do Japão — esses dois grandes países imperialistas asiáticos — coincidem nas pretensões de dominar na Ásia e em outras áreas, de debilitar o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo soviético.

Na OTAN os Estados Unidos possuem uma posição dominante e uma grande influência militar, política e econômica. Apesar disso, em que pese sua unidade interna, a Aliança Atlântica começou a diferenciar-se do ponto de vista da influência de seus membros, com a predominância de um Estado sobre os outros.

A República Federal alemã se fortalece a cada ano dentro dessa organização. Seu poderio econômico e político e seu tráfico de armas ultrapassam as fronteiras do Mercado Comum Europeu. Podemos dizer que a política da Alemanha Ocidental já adquire os traços de um revanchismo totalitário fascista, que procura criar suas próprias zonas de influência. Isso, evidentemente, não agrada nem a Inglaterra nem a França, os dois outros principais parceiros dos Estados Unidos na OTAN.

A Alemanha Ocidental busca a unificação dos dois Estados alemães para criar um possante Estado, dotado de um grande potencial militar, que seria uma ameaça ao social-imperialismo soviético e, no caso de uma conflagração geral, poderia tornar-se, em aliança com o Japão e a China, um perigo para todo o mundo. Ela desenvolve relações especialmente estreitas com a China. Dos Estados europeus, é quem tem o intercâmbio comercial mais intenso com os chineses. A Alemanha Ocidental é a maior e mais poderosa fornecedora europeia de créditos, de tecnologia e também de modernos armamentos para a China.

A Inglaterra e a França também têm grande interesse na China e por isso desenvolvem suas relações com ela. Mas a China tem maior interesse em Bonn. Isso inquieta a Inglaterra e a França, já que, ao se for-

talescer ainda mais, a República Federal alemã pode reforçar seu domínio sobre os demais parceiros da Aliança Atlântica e do Mercado Comum Europeu. Por isso constatamos que tanto o governo inglês como o francês falam de amizade e relações com a China, mas não se esquecem de acentuar que também desejam desenvolver as relações econômicas e de amizade com a União Soviética. Bonn também o diz, porém desenvolve rapidamente as relações com a China, que se apresenta como inimigo principal da União Soviética. O grupo fascista de Strauss, os generais hitleristas, os verdadeiros e poderosos revanchistas de Bonn proclamam-se abertamente os mais próximos aliados da China. Por isso a China não encara a França e a Inglaterra no mesmo nível em que encara a Alemanha Federal.

### **A Estratégia do Social-Imperialismo Soviético**

Assim que usurparam o poder na União Soviética, os kruschovistas colocaram-se como objetivo principal a destruição da ditadura do proletariado, a restauração do capitalismo e a transformação do país numa superpotência imperialista.

Depois de consolidarem posições, após a morte de Stálin, Kruschov e seu grupo investiram em primeiro lugar contra a ideologia marxista-leninista e empreenderam a luta para destronar o leninismo, atacando Stálin e fazendo recair sobre ele todas as calúnias fabricadas há tempos pela propaganda imunda da burguesia capitalista mundial. Dessa forma, os kruschovistas converteram-se em porta-vozes e executores dos desejos do

capital, contra a ideologia marxista-leninista e a revolução na União Soviética. Empreenderam a liquidação sistemática de toda a estrutura socialista da União Soviética, lutaram pela liberalização do sistema soviético, pela conversão do Estado de ditadura do proletariado num Estado burguês, pela transformação capitalista da economia e da cultura socialistas.

Transformada num país revisionista, num Estado social-imperialista, a União Soviética construiu uma estratégia e uma tática próprias. Os kruschovistas elaboraram uma política que lhes permitisse escamotear com fraseologia leninista toda a sua atividade. Edificaram sua ideologia revisionista de forma a fazê-la passar perante o proletariado e os povos por um «marxismo-leninismo do novo período», de forma a dizer aos comunistas, dentro e fora do país, que «a revolução continua na União Soviética, nas novas condições políticas, ideológicas e econômicas da evolução mundial» e que, além da revolução prosseguir, o país havia passado à fase da construção de uma sociedade comunista sem classes, onde o Partido e o Estado se extinguiriam.

O Partido foi privado de suas atribuições enquanto vanguarda da classe operária, única força política dirigente do Estado e da sociedade, transformou-se num partido dominado pelos *aparatchikes* e agentes da KGB. Os revisionistas soviéticos denominaram seu partido de «partido de todo o povo» e o reduziram a um tal estado que ele deixou de pertencer à classe operária, passou a ser da nova burguesia soviética.

Por outro lado, os revisionistas soviéticos pregaram a coexistência pacífica kruschovista como linha



geral do movimento comunista internacional e proclamaram a «competição pacífica com o imperialismo norte-americano» como o caminho para a vitória do socialismo na União Soviética e nos demais países. Declararam também que a revolução proletária ingressara numa nova fase, podia triunfar também por outras vias que não a da tomada violenta do poder por parte do proletariado. Segundo eles, poder-se-ia tomar o poder pelo caminho pacífico, parlamentar e democrático, através de reformas.

Especulando com o nome de Lênin e do Partido Bolchevique, os revisionistas kruschovianos esforçaram-se ao máximo para impor a todos os partidos comunistas do mundo essa sua linha antimarxista, essa revisão da teoria marxista-leninista em todos os campos. Desejavam que os partidos comunistas e operários do mundo se enquadrassem nessa linha revisionista e se transformassem em partidos contra-revolucionários, em cegos instrumentos da ditadura burguesa, a serviço do capitalismo.

Mas isso não foi plenamente alcançado, conforme seus desejos, em primeiro lugar porque o Partido do Trabalho da Albânia permaneceu inabalável na aplicação consequente do marxismo-leninismo e na salvaguarda de sua pureza. Naquele momento houve também partidos que, por motivos não propriamente marxistas-leninistas, oscilaram, não aceitaram plenamente as orientações kruschovistas; alguns as aceitaram a meias, mas em seguida se submeteram. O Partido Comunista da China também contestou os kruschovistas naquele momento, mas, como mostram os fatos, tinha objetivos

totalmente opostos aos que impulsionavam o Partido do Trabalho da Albânia no combate ao revisionismo kruschovista.

Com sua chegada ao poder, os kruschovistas prepararam também a plataforma de sua política externa. Assim como o imperialismo norte-americano, o social-imperialismo soviético baseou sua política externa na expansão e no hegemonismo, através da corrida armamentista, das pressões e chantagens, da agressão militar, econômica e ideológica. O objetivo dessa política era instaurar o domínio social-imperialista em todo o mundo.

A União Soviética aplica uma política tipicamente neocolonialista nos países do Comecon. A economia desses países transformou-se em apêndice da economia soviética. Para mantê-los subjugados, a União Soviética se serve do Tratado de Varsóvia, que lhe permite acantonar ali grandes contingentes militares, que em nada se distinguem dos exércitos de ocupação. O Tratado de Varsóvia é um pacto militar agressivo a serviço da política de pressões, chantagens e das intervenções armadas do social-imperialismo soviético. As «teorias» revisionistas e imperialistas da «comunidade socialista», da «divisão socialista do trabalho», da «soberania limitada», da «integração econômica socialista» e outras servem igualmente a essa política neocolonialista.

Mas o social-imperialismo soviético não se contenta com o domínio de seus Estados satélites. Tal como os demais Estados imperialistas, a União Soviética combate agora por novos mercados, por esferas de influência, para investir seus capitais em diferentes países, açam-

barcar as fontes de matérias primas, estender seu neocolonialismo na África, na Ásia, na América Latina e em outras áreas.

O social-imperialismo soviético possui todo um plano estratégico para expandir-se e ampliar seu hegemomismo, que inclui uma série de ações econômicas, políticas, ideológicas e militares.

Ao mesmo tempo, os revisionistas soviéticos atuam no sentido de minar as revoluções e as lutas de libertação dos povos com os mesmos meios e métodos dos imperialistas norte-americanos. Usualmente os social-imperialistas atuam por meio dos partidos revisionistas, seus instrumentos, mas de acordo com as ocasiões e circunstâncias procuram também corromper e comprar as camarilhas dominantes em países não desenvolvidos, oferecem «ajuda» econômica escravizante para depois introduzir-se nesses países, instigam conflitos armados entre distintas camarilhas, tomando o partido de uma ou de outra, organizam complôs e putschs para levar regimes pró-soviéticos ao poder, empregam a intervenção militar direta, tal como fizeram juntamente com os cubanos em Angola, na Etiópia e em outros lugares.

Os social-imperialistas soviéticos realizam suas intervenções e atos de hegemonia e neocolonialismo sob o disfarce da ajuda e do apoio às forças revolucionárias, à revolução, à construção do socialismo. Na verdade, ajudam a contra-revolução.

A União Soviética revisionista procura abrir caminho à realização de seus planos expansionistas, neocolonialistas, apresentando-se como seguidora de uma política leninista e internacionalista, como aliada, amiga e

defensora dos jovens Estados nacionais, dos países não desenvolvidos, etc. Os revisionistas soviéticos pretendem que tais países, ao vincular-se à União Soviética e à chamada comunidade socialista, considerada como «a principal força motriz da atual evolução mundial», podem avançar com êxito no caminho da liberdade, da independência e até do socialismo. Inventaram para isso inclusive teorias sobre a «via não capitalista de desenvolvimento», de «orientação socialista», etc.

A estratégia dos social-imperialistas soviéticos nada tem em comum com o socialismo e o leninismo, ao contrário do que eles pretendem. É a estratégia de um Estado imperialista rapace, que busca alastrar sua hegemonia e seu domínio por todos os continentes e países.

Essa política hegemônica e neocolonialista da União Soviética revisionista choca-se, e não poderia ser de outra forma, com a política que os Estados Unidos seguem e que a China também começou a seguir. Trata-se de uma confrontação de interesses dos imperialistas em sua luta pela redivisão do mundo. São precisamente esses interesses e essa luta que lançam as superpotências uma contra a outra, que levam cada uma delas a empregar todas as forças e meios ao seu dispor para debilitar seu rival ou rivais, até que esses confrontos cheguem a um nível de acirramento que os transforme em choques armados.

### **A Estratégia do Social-Imperialismo Chinês**

Os fatos mostram cada vez melhor que a China afunda-se dia a dia no revisionismo, no capitalismo e no imperialismo. Nesse sentido, ela trabalha para realizar uma série de tarefas estratégicas, em escala nacional e internacional.

Em escala nacional, o social-imperialismo chinês colocou-se a tarefa de suprimir qualquer medida de caráter socialista que possa ter sido adotada após a libertação e de edificar no país um sistema capitalista na base e na superestrutura, de fazer da China uma grande potência capitalista até o fim deste século, através da aplicação das chamadas «quatro modernizações», da indústria, da agricultura, do exército e da ciência.

Ele combate para criar no interior do país uma organização capaz de assegurar o domínio da velha e nova burguesia capitalista chinesa sobre seu povo. O revisionismo chinês procura instaurar essa organização e esse domínio pela via fascista, a golpes de chibata, pela opressão. Trabalha para criar uma unidade entre o exército e a retaguarda de forma que esta sirva ao exército repressivo.

As formas e métodos titistas, sobretudo o sistema iugoslavo da «autogestão», foram os que mais atraíram a atenção da direção chinesa e podem vir a ser aplicados na China. Muitas comissões e delegações chinesas de todos os setores e especialidades receberam a incumbência de estudar *in loco* esse sistema e a experiência do «socialismo» capitalista iugoslavo em geral.

Esse sistema e essa experiência já começaram a ser levados à prática na China. Mas por outro lado os dirigentes revisionistas chineses não podem deixar de constatar os fracassos da «autogestão» stalinista, tampouco podem deixar de levar em conta que as condições de seu país são totalmente diferentes das da Iugoslávia. Além disso, também consideram indispensável tomar de empréstimo muita coisa das formas e métodos capitalistas, que, segundo eles, mostraram sua «eficácia» nos Estados Unidos, na Alemanha Ocidental, no Japão e em outros países burgueses. Ao que parece, o sistema capitalista que está sendo construído e desenvolvido na China será um cruzamento de diferentes formas e métodos revisionista-capitalistas e tradicionais chineses.

Para tornar-se uma grande potência capitalista, o revisionismo chinês precisa de um período de paz. O lema da «grande ordem», lançado pelo XI Congresso do Partido chinês vincula-se a essa necessidade. Para garantir tal «ordem» é preciso, por um lado, manter um regime capitalista de tipo ditatorial fascista e, por outro, salvaguardar a todo custo a paz e o compromisso entre os grupos rivais que sempre existiram no Partido e no Estado chineses. O tempo dirá em que medida essa ordem e essa paz serão asseguradas.

A política dos dirigentes chineses de transformar a China numa superpotência visa a fazer com que ela se beneficie econômica e militarmente tanto do imperialismo norte-americano como dos países capitalistas desenvolvidos aliados dos Estados Unidos.

Essa política da China despertou grande interesse da parte do mundo capitalista, sobretudo do imperialis-

mo norte-americano, que vê nela um forte apoio a sua estratégia de sustentação do capitalismo e do imperialismo, fortalecimento do neocolonialismo, contenção das revoluções e asfixia do socialismo, assim como de enfraquecimento de seu rival, a União Soviética.

O imperialismo norte-americano — conforme declarou Carter — deseja «colaborar estreitamente com os chineses». Carter sublinhou: «Consideramos as relações americano-chinesas como um elemento central de nossa política global e consideramos a China como uma força-chave para a paz». A China advoga uma coexistência pacífica que a aproxime ao máximo dos Estados Unidos.

Com esses pontos de vista e atitudes a China alinha-se com os Estados burguês-capitalistas que apóiam sua existência no imperialismo norte-americano. Essa viragem da China rumo ao imperialismo concretiza-se cada dia mais, tal como ocorreu anteriormente com a União Soviética e outros. Os próprios imperialistas o constatarem e, alegres com a «nova realidade», declaram que «os conflitos ideológicos que dividiram os Estados Unidos, a União Soviética e a China na década de 50 são hoje menos evidentes e há uma crescente necessidade de colaboração entre as superpotências...»

Os imperialistas norte-americanos e seu presidente Carter dispõem-se a ajudar a China a fortalecer sua economia e seu exército, naturalmente até o ponto que lhes interessar. Louvam os dirigentes revisionistas chineses porque a estratégia da China constitui uma importante ajuda aos planos hegemônistas do imperialismo estadunidense.

A China aplaude os pontos de vista e atos norte-

americanos contrários à União Soviética revisionista porque deseja fazer crer que eles servem à revolução, ao debilitamento da mais perigosa das grandes potências, o social-imperialismo soviético. Por sua vez, o imperialismo norte-americano aplaude os pontos de vista e atos da China contrários à União Soviética revisionista porque, como disse um dos mais próximos colaboradores de Carter, «o conflito sino-soviético cria um tipo de estrutura global mais pluralista», que o imperialismo norte-americano prefere, considera compatível com sua noção de «como o mundo deve organizar-se», ou seja, de como atizar os demais a se entredorarem para que a seguir os Estados Unidos dominem mais facilmente todo o mundo.

A política pragmática e confusa da China levou-a a tornar-se aliada do imperialismo norte-americano e a proclamar o social-imperialismo soviético como o inimigo e o perigo principal. Amanhã, quando a China verificar que alcançou seus objetivos de debilitar o social-imperialismo soviético, quando constatar que, segundo sua lógica, o imperialismo norte-americano estiver se fortalecendo, então, já que ela se apóia num imperialismo para combater o outro, poderá prosseguir a luta no flanco oposto. Nesse caso o imperialismo norte-americano poderá tornar-se mais perigoso e a China converterá automaticamente a atitude anterior em seu contrário.

Isso é uma possibilidade real. Em seu VIII Congresso, em 1956, os revisionistas chineses consideraram o imperialismo norte-americano como o perigo principal. Mais tarde, no IX Congresso, em abril de 1969, de-



clararam que o perigo principal era constituído pelas duas superpotências, o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo soviético. A seguir, após o X Congresso, em agosto de 1973, e no XI Congresso, apenas o social-imperialismo soviético foi proclamado como inimigo principal. Com tais oscilações, com tal política pragmática, não é impossível que o XII ou o XIII Congresso apóie o social-imperialismo soviético e declare o imperialismo norte-americano inimigo principal, isso até que a China também alcance o objetivo de tomar-se uma grande potência capitalista mundial. Nesse caso, que papel teria a China na arena internacional? Não seria jamais um papel revolucionário, mas retrógrado, contra-revolucionário.

A aliança com o Japão é um importante elemento da política externa chinesa. Essa aliança racista, recentemente selada com o tratado sino-nipônico, visa, como ressaltamos acima, realizar os planos estratégicos da China e do Japão de dominar conjuntamente a Ásia, os países da ASEAN e da Oceânia. Os revisionistas chineses necessitam desse tratado e dessa amizade com o Japão para, juntamente com os militaristas nipônicos, ameaçar o social-imperialismo soviético e, se possível, liquidar com ele e com sua influência na Ásia.

Mas a China também procura aproveitar seus laços com o Japão para conseguir créditos junto a ele, para importar tecnologia e armamentos, para realizar suas próprias ambições de grande potência. A China atribui tanta importância à sua múltipla colaboração econômica com o Japão que concentra neste país mais da metade de seu comércio externo.

Na realização de sua política expansionista, a China social-imperialista trabalha para ampliar ao máximo sua influência na Ásia. Atualmente ela não tem nenhuma influência na Índia, onde tanto os Estados Unidos como a União Soviética têm interesses em particular e em comum no quadro das modificações da situação das alianças que poderão ter lugar no futuro. A China deseja melhorar desde já as relações diplomáticas com a Índia. Mas as pretensões da Índia em relação ao Tibete são grandes. A Índia combaterá inclusive para liquidar a pouca influência que a China possa ter no Paquistão, porque o Paquistão é um país estratégico no flanco do Irã e do Afeganistão. Aqui iniciam-se as rivalidades pela grande área petrolífera do Oriente Médio, dominada pelo imperialismo norte-americano. É muito difícil para a China penetrar ali. Ela fará uma política contrária aos interesses dos povos árabes e favorável aos interesses norte-americanos, até chegar o momento em que ela própria se fortaleça. Ao mesmo tempo, ajudará os Estados Unidos a formar, juntamente com países como o Irã, a Arábia Saudita, etc., uma poderosa barreira contra uma penetração político-econômica e militar soviética nessa zona vital para o imperialismo norte-americano e o imperialismo europeu.

Os social-imperialistas chineses dedicam particular importância à Europa Ocidental na realização de seus planos. Seu objetivo é opô-la ao social-imperialismo soviético. Para tanto, apóiam por todos os meios a OTAN e a aliança dos países europeus com os Estados Unidos, o Mercado Comum Europeu e a «Europa Unida».

Em seu plano estratégico, a China social-imperialista visa estender sua influência e sua hegemonia nos países do «terceiro mundo», como ela o denomina. A teoria do «terceiro mundo» tem grande importância para a China. Mao Tsetung não a proclamou como um sonhador, mas perseguindo objetivos hegemônicos bem definidos, para que a China domine o mundo. Os sucessores de Mao Tsetung e Chu En-lai seguem a mesma estratégia.

Os objetivos estratégicos chineses também se estendem ao que se chama de «mundo não-alinhado», apregoado pelo titismo. Não há nenhuma diferença entre todos esses «mundos», um se sobrepõe ao outro. É difícil distinguir quais Estados estão no «terceiro mundo» e o que os diferencia dos «países não-alinhados», quais os Estados que fazem parte dos «não alinhados» e o que os distingue dos do «terceiro mundo». Portanto, qualquer que seja a denominação que se lhes dê, trata-se dos mesmos Estados.

Este é um dos motivos por que a direção chinesa dá tanta importância às relações estatais e partidárias muito amistosas com Tito e com a Iugoslávia em todos os campos, ideológico, político, econômico, militar.

A comunidade de pontos de vista dos revisionistas chineses e dos revisionistas iugoslavos não impede cada um deles de explorar em proveito próprio a afetuosa amizade que os une.

Tito procura aproveitar as declarações de Hua Guofeng sobre a fidelidade de sua pessoa e de seu partido ao marxismo-leninismo, sobre o caráter socialista da «autogestão», sobre a política interna e externa «mar-

xista-leninista» que os titistas seguiriam, para mostrar que o desmascaramento de seus desvios antimarxistas, de sua política chauvinista, reacionária, pró-imperialista, de seu revisionismo, não passaria de calúnia dos stalinistas, e, com base nisso, procura elevar seu renome em nível internacional.

Hua Guofeng, por sua vez, aproveita as relações com a Iugoslávia em função da chamada abertura da China para a Europa. Os revisionistas chineses também procuram aproveitar a amizade com os titistas, que se mantêm como campeões do «não-alinhamento», como um importante canal de penetração nos «países não-alinhados», para estabelecer ali seu domínio. Não por acaso, durante sua visita à Iugoslávia Hua Guofeng colocou nas nuvens o movimento dos «não-alinhados» como «uma força muito importante na luta dos povos do mundo contra o imperialismo, o colonialismo e o hegemomismo». Teceu elogios a esse movimento e a Tito porque sonha apoderar-se dele e estabelecer sua sede em Pequim.

A política do social-imperialismo chinês é, em todos os sentidos, a política de uma grande potência imperialista, é uma política contra-revolucionária e belicista e, portanto, será cada vez mais odiada, contestada e combatida pelos povos.

\* \* \*

As superpotências imperialistas de que falamos acima continuarão a ser imperialistas e belicosas e mais

cedo ou mais tarde arrastarão o mundo para uma grande guerra atômica.

O imperialismo norte-americano procura cravar cada vez mais fundo suas garras no economia dos demais povos, enquanto o social-imperialismo soviético, que vem de mostrar as unhas, procura fincá-las nos diversos países para criar e para fortalecer também ele suas posições neocolonialistas e imperialistas. Mas existe também a «Europa Unida», ligada por meio da OTAN aos Estados Unidos, que tem tendências imperialistas, não globais, mas ao nível de alguns de seus membros. Por outro lado, entraram na dança a China, que procura transformar-se em superpotência, e o militarismo japonês, que se levantou. Esses dois imperialismos vêm se aliando entre si para formar uma potência imperialista em oposição às demais. Nestas condições, aumenta o já grande perigo de uma guerra mundial. As atuais alianças existem, mas irão se deslocando, no sentido de modificar sua orientação mas não seu conteúdo.

Os belos discursos sobre o desarmamento pronunciados na ONU e em diversas conferências internacionais organizadas pelos imperialistas são demagógicos. Os imperialistas criaram e defendem o monopólio das armas estratégicas, desenvolvem um intenso tráfico de armas, não para garantir a paz e a segurança das nações mas para extrair superlucros e esmagar a revolução e os povos, para desencadear guerras de agressão. Stálin afirmou:

*«Os Estados burgueses armam-se e rearmam-se furiosamente. Por que? Seguramente não*

*para tagarelices, mas para a guerra. E os imperialistas precisam da guerra porque ela é o único meio para redividir o mundo, para redividir os mercados, as fontes de matérias primas e as esferas de aplicação de capital.»\**

Em sua rivalidade, que as conduz à guerra, as superpotências seguramente provocarão e instigarão muitas guerras locais, entre diferentes Estados do «terceiro mundo», «países não-alinhados» ou «países em desenvolvimento».

O presidente Carter emitiu a opinião de que a guerra só pode ocorrer em dois pontos do globo terrestre, no Oriente Médio ou na África. E compreende-se por que: porque é precisamente nessas duas regiões que os Estados Unidos possuem maiores interesses atualmente. No Oriente Médio está o petróleo e na rica África confrontam-se grandes interesses econômicos e estratégicos neocolonialistas de divisão de mercados e zonas de influência entre as superpotências, que buscam manter e reforçar suas posições e conquistar outras.

Mas além do Oriente Médio e da África há outras zonas onde os interesses das superpotências se confrontam, como por exemplo o Sudeste Asiático. Os Estados Unidos, a União Soviética e mais a China procuram instaurar suas zonas de influência e dividir mercados. Isso cria também conflitos, que periodicamente se convertem em guerras locais, as quais não visam em absoluto libertar os povos e sim instalar ou deslocar camarilhas do-

---

\* J. V. Stálin, Obras, ed. albanesa, vol. XII, pgs. 242-243.

minantes do capital local, que ora estão com uma superpotência e ora com outra. O social-imperialismo soviético e o imperialismo norte-americano são dois monstros. Os povos desconfiam deles; e tampouco confiam na China.

Quando as superpotências não conseguem satisfazer seus interesses rapaces por meios econômicos, ideológicos e diplomáticos, quando as contradições se aguçam ao máximo e já não podem ser resolvidas com acordos e «reformas», começa então a guerra entre elas. Portanto, os povos, que verterão seu sangue nessa guerra, devem fazer todos os esforços para não serem colhidos de surpresa, para sabotar a guerra inter-imperialista de pilhagem, para que ela não adquira proporções mundiais e, se não o conseguirem, para convertê-la em guerra de libertação e para vencê-la.

### **O Papel do Titismo e de Outras Correntes Revisionistas na Estratégia Global do Imperialismo e do Social-Imperialismo**

O imperialismo e o social-imperialismo, o capitalismo mundial e a reação contam com os revisionistas contemporâneos de todas as correntes na luta feroz que travam contra a revolução, o socialismo e os povos. Esses renegados e traidores ajudam a aplicar a estratégia global do imperialismo, solapando por dentro, dividindo e sabotando os esforços do proletariado e a luta dos povos para livrar-se do jugo social e nacional. Assumiram a tarefa de denegrir e desvirtuar o marxis-

mo-leninismo, confundir a mente das pessoas e afastá-las da luta revolucionária, de ajudar o capital a manter e eternizar seu sistema de opressão e exploração.

Ao lado dos revisionistas soviéticos e chineses, dos quais falamos acima, **os revisionistas titistas iugoslavos desempenham um papel de primeira ordem no grande e perigoso jogo contra-revolucionário.**

O titismo é uma velha agência do capital, uma arma diletta da burguesia imperialista na luta contra o socialismo e os movimentos de libertação.

Os povos da Iugoslávia lutaram com abnegação contra os ocupantes nazifascistas, pela liberdade, a democracia e o socialismo. Chegaram a libertar o país, mas não lhes permitiram prosseguir a revolução no caminho do socialismo. Preparada de há muito, clandestinamente, pelo Intelligence Service, a direção revisionista iugoslava com Tito à frente, que durante o período da luta fingia manter as características de um partido da III Internacional, na realidade tinha outros objetivos, opostos ao marxismo-leninismo e à aspiração dos povos da Iugoslávia de construir uma sociedade verdadeiramente socialista em seu país.

O Partido Comunista da Iugoslávia que chegou ao poder havia herdado muitos erros de natureza deviacionista. Após a II Guerra Mundial ele manifestou traços acentuadamente nacional-chauvinistas, que já haviam aflorado desde antes da guerra. Esses traços se manifestaram no afastamento da ideologia marxista-leninista, na atitude para com a União Soviética e Stálin, nas atitudes e ações chauvinistas contra a Albânia, etc.



O sistema de democracia popular instaurado na Iugoslávia era provisório, não se coadunava com a camarilha no poder, embora esta continuasse se auto-intitulando «marxista». Os titistas não visavam a construção do socialismo, não desejavam que o Partido Comunista da Iugoslávia se guiasse pela teoria marxista-leninista nem aceitavam a ditadura do proletariado. Aí residia a causa do conflito que eclodiu entre o Birô de Informações dos Partidos Comunistas e Operários e o Partido Comunista da Iugoslávia. Tratou-se de um conflito ideológico entre o marxismo-leninismo e o revisionismo e não de um conflito entre pessoas, por «ambições de domínio», como os revisionistas desejam apresentá-lo. Stálin defendia a pureza da teoria marxista-leninista, Tito defendia a corrente deviacionista, revisionista, antimarxista do revisionismo contemporâneo, seguindo as pegadas de Browder e dos demais oportunistas surgidos às vésperas e no decorrer da II Guerra Mundial.

Nos anos que se sucederam à libertação, a direção iugoslava fingia tomar como exemplo a construção do socialismo na União Soviética e dizia estar construindo o socialismo na Iugoslávia. Fazia-o para enganar os povos iugoslavos, que haviam derramado sangue e aspiravam ao genuíno socialismo.

Na realidade, os titistas nem eram nem podiam ser favoráveis ao sistema social socialista e à forma de organização do Estado soviético, pois Tito inclinava-se para o sistema capitalista e para um Estado essencialmente democrático-burguês, em que sua camarilha tivesse o poder. Esse Estado serviria para criar a idéia de que

o socialismo estava sendo edificado na Iugoslávia, conquanto fosse um socialismo «específico» e «de um tipo mais humano», precisamente o tal «socialismo» que serviria de quinta coluna em outros países socialistas. Tudo estava bem calculado e coordenado pelos imperialistas anglo-americanos e pelo grupo titista. Assim, fazendo o jogo do imperialismo e do capitalismo mundial, entrando em entendimento com eles, os revisionistas iugoslavos se contrapuseram à União Soviética.

Dando continuidade a velhos planos, o imperialismo inglês, e mais tarde o norte-americano, ajudaram Tito desde o tempo da luta antifascista de libertação nacional, não só para que ele se distanciasse da União Soviética mas também para que empreendesse ações de sabotagem contra ela e sobretudo trabalhasse para separar do campo socialista outros países de democracia popular, objetivando isolar a União Soviética de todos esses países e uní-los ao Ocidente. Tal era a política do capitalismo mundial e de sua agência, o titismo.

Churchill, esse anticomunista furioso, empenhou-se direta e pessoalmente em colocar Tito e seu grupo a serviço do capitalismo. Durante a Guerra enviou ao estado-maior de Tito «seus amigos de maior confiança», conforme afirmava o próprio líder britânico, e mais tarde enviou seu próprio filho. Após isso, em maio de 1944, ele encontrou-se pessoalmente com Tito em Nápoles, Itália, para assegurar-se plenamente de que não estava sendo ludibriado. Em suas memórias Churchill afirma que nas conversações Tito se prontificou a fazer mais tarde até uma declaração aberta de que «o comunismo não será instaurado na Iugoslávia após a Guerra».

Tito atuou com muita energia a serviço de seus patrões, a ponto de Churchill, que apreciava seus grandes préstimos, ter-lhe declarado: «Agora compreendo que você tinha razão, portanto estou com você e quero-lhe muito, mais do que antes». Um apaixonado não poderia fazer uma declaração mais ardente a sua amada.

Sem se haver separado por completo da União Soviética e dos países de democracia popular, a Iugoslávia recebeu considerável ajuda econômica, política, ideológica, militar dos imperialistas, em particular do imperialismo norte-americano, ajuda essa que mais tarde tornou-se mais frequente e constante.

A única condição para essa ajuda era que o país se desenvolvesse pelo caminho capitalista. A burguesia imperialista não se opunha a que a Iugoslávia resguardasse uma aparência externa socialista, pelo contrário, estava profundamente interessada na manutenção de um verniz socialista, pois assim aquela arma seria mais eficaz na luta contra o socialismo e os movimentos de libertação. Esse gênero de «socialismo» não só se distinguiria por completo, como também se contraporía ao socialismo previsto e realizado por Lênin e Stálin.

Num prazo relativamente curto, a Iugoslávia tornou-se a porta-voz «socialista» do imperialismo norte-americano, uma agência diversionista de auxílio ao capital mundial. De 1948 até hoje, o titismo se caracteriza por uma febril atividade contra o marxismo-leninismo, pela organização de uma campanha propagandística em nível mundial para apresentar o sistema iugoslavo sob a forma de um «verdadeiro socialismo», de uma «nova sociedade», um «socialismo não-alinhado», que não é

mais aquele construído na União Soviética por Lênin e Stálin, mas um sistema socialista «com face humana», testado pela primeira vez no mundo, com «brilhantes resultados». Essa propaganda sempre visou conduzir a um beco sem saída os povos e as forças progressistas que lutam pela liberdade e a independência em todo o mundo.

Os revisionistas iugoslavos adotaram em seu país as mesmas formas de governo que os trotsquistas e outros elementos anarquistas, incitados pela burguesia catalista na sabotagem à construção do socialismo, tentaram adotar na União Soviética no tempo de Lênin. Ao adotar essas formas, enquanto falava em edificar o socialismo, Tito deformou por completo os princípios marxistas-leninistas de construção da indústria, da agricultura, etc.

As Repúblicas da Iugoslávia adquiriram uma fisionomia administrativa e de direção organizativo-política em que o centralismo democrático foi liquidado, o papel do Partido Comunista da Iugoslávia se estiolou. O Partido mudou de nome, transformou-se em «Liga dos Comunistas da Iugoslávia», uma denominação marxista na aparência, mas antimarxista no conteúdo, nas normas, nas atribuições e objetivos. A Liga tomou-se uma frente sem coluna vertebral, privada dos traços que distinguem um partido marxista-leninista, manteve a antiga forma, mas já não jogava o papel de vanguarda da classe operária, não era mais a força política dirigente da República Federativa da Iugoslávia, cumpria apenas, no dizer dos revisionistas, funções «educativas» gerais.

A direção titista colocou o Partido na dependência

e sob o controle da UDB e converteu-o numa organização fascista, enquanto o Estado passava a ser uma ditadura fascista. Nós conhecemos bem o grande perigo representado por essa atuação, pois o agente dos titistas Koçi Xoxe tentou fazer o mesmo na Albânia.

Tito, Rankovich e sua agência liquidaram por completo tudo que pudesse ter as verdadeiras cores do socialismo. O titismo travou um drástico combate contra as tentativas dos elementos que no interior do país exigiam a demolição daquela rede de agentes e daquela organização capitalista-revisionista, bem como contra toda a propaganda marxista-leninista que se desenvolvia no exterior desmascarando o regime fingidamente socialista.

A direção titista abandonou rapidamente a coletivização da agricultura, que havia iniciado nos primeiros anos, criou granjas estatais capitalistas, estimulou o desenvolvimento da propriedade privada no campo, permitiu livremente a compra e venda de terras, reabilitou os kulaks, deixou campo livre para a proliferação do mercado privado nas cidades e no campo, realizou as primeiras reformas que fortaleciam a orientação capitalista da economia.

Enquanto isso, a burguesia titista estava em busca de uma forma «nova» para camuflar o sistema capitalista iugoslavo. Encontrou-a, deu-lhe o nome de «autogestão», cobriu-a com um véu «marxista-leninista» e passou a pretender que trata-se do mais autêntico dos socialismos.

A princípio a «autogestão» surgiu como um sistema econômico; depois estendeu-se ao campo da orga-

nização estatal e a todos os demais aspectos da vida iugoslava.

A teoria e a prática da «autogestão» iugoslava são uma negação aberta dos ensinamentos do marxismo-leninismo e das leis gerais da construção do socialismo. O sistema econômico e político «autogestionário» é uma forma anarco-sindicalista de ditadura burguesa, que domina na Iugoslávia dependente do capital internacional.

Todos os traços distintivos do sistema «autogestionário», como a eliminação do centralismo democrático e da direção estatal única, o federalismo anarquista e a ideologia anti-Estado em geral, criaram na Iugoslávia uma permanente confusão econômica, política e ideológica, um desenvolvimento débil e desigual de suas Repúblicas e Regiões, grandes diferenciações sociais e de classe, rinhas e opressão nacionais, degenerescência da vida espiritual. Criaram um grande retalhamento da classe operária, colocando cada um de seus destacamentos em concorrência com outros, alimentando um espírito setorial, localista e individualista-burguês. A classe operária iugoslava está longe de ter o papel hegemônico no Estado e na sociedade. O sistema da «autogestão» deixou-a em tais condições que ela não tem sequer como defender seus próprios interesses gerais, como atuar de forma unida e compacta.

O mundo capitalista, sobretudo o imperialismo norte-americano, canalizou ingentes capitais para a Iugoslávia, sob a forma de investimentos, créditos e empréstimos. São esses capitais que formam a base material do «desenvolvimento» do «socialismo autogestionário» capitalista iugoslavo. Somente a dívida externa

ultrapassa 11 bilhões de dólares. Os Estados Unidos concederam à Iugoslávia mais de 7 bilhões de dólares de créditos.

Mas, apesar dos muitos créditos que a direção titista recebe do exterior, os povos da Iugoslávia nunca provaram os «brilhantes resultados» do «socialismo» específico. Pelo contrário, há na Iugoslávia um caos político e ideológico, impera um sistema que cria grande desemprego internamente e forte migração de mão-de-obra para o exterior, o que torna a Iugoslávia completamente dependente das potências imperialistas. Os povos iugoslavos são explorados até a medula em função dos interesses da classe no poder e de todas as potências imperialistas que fizeram investimentos no país.

O Estado iugoslavo nem se incomoda quando os preços sobem a cada dia, quando a pobreza das massas aumenta sempre mais e o país está não só mergulhado em dívidas mas também profundamente afundado na grande crise do mundo capitalista. A Iugoslávia tem uma independência e uma soberania mutiladas, pois carece entre outras coisas de um potencial econômico inteiramente próprio. A parte principal de seu potencial é dividida com diferentes empresas estrangeiras e Estados capitalistas. Portanto, ela não poderia deixar de provar na própria carne os efeitos ruinosos da crise e da exploração forânea.

Não por acaso o capitalismo mundial dá tanto apoio político e financeiro à «autogestão» iugoslava e faz eco à propaganda titista que procura vender seu sistema como uma «forma nova e provada de edificação do socialismo», válida para todos os países.

Ele o faz porque a «autogestão» iugoslava é uma forma de subversão e diversionismo ideológico e político contra os movimentos revolucionários e libertadores do proletariado e dos povos, é uma maneira de abrir caminho para a penetração política e econômica do imperialismo em diferentes países. O imperialismo e a burguesia desejam manter a «autogestão» como um sistema de reserva para certas circunstâncias e em distintos países, de forma a prolongar a vida do capitalismo, que não entrega os pontos facilmente e procura encontrar variadas formas de governo às custas dos povos.

As teorias e práticas iugoslavas do «não-alinhamento» prestam um grande auxílio aos imperialistas porque ajudam a enganar os povos. Isso interessa tanto aos imperialistas quanto aos social-imperialistas, pois ajuda-os a instaurar e reforçar sua influência nos «países não-alinhados», a afastar os povos amantes da liberdade do caminho da libertação nacional e da revolução proletária. E por isso que tanto Carter como Brezhnev e também Hua Guofeng louvam a política titista dos «não-alinhados» e tratam de explorá-la em proveito próprio.

O titismo foi e é uma arma da burguesia imperialista, um bombeiro da revolução. Está no mesmo campo, tem os mesmos objetivos e possui unidade ideológica com o revisionismo contemporâneo em geral e com suas diferentes variantes. Os caminhos, as formas, as táticas que emprega na luta contra o marxismo-leninismo, a revolução e o socialismo podem diferir, mas os fins contra-revolucionários são os mesmos.



**Os partidos revisionistas, em primeiro lugar da Europa e também dos demais países de todos os Continentes, dão uma grande ajuda à burguesia e à reação** no esforço para sufocar a luta revolucionária do proletariado e dos povos.

Os partidos revisionistas da Europa Ocidental estão se esforçando para edificar uma teoria em torno de uma «nova sociedade», dita socialista, a ser alcançada por meio de «reformas estruturais» e em estreita coalisão com os partidos social-democratas e até com os partidos de direita. Segundo dizem, tal sociedade constituir-se-ia em novas bases, com «reformas sociais», com «paz social», pela «via parlamentar», pelo «compromisso histórico» com os partidos burgueses.

Os partidos revisionistas da Europa, como os da Itália, da França e da Espanha, e atrás deles todos os demais partidos revisionistas do Ocidente, negam o leninismo, a luta de classes, a revolução e a ditadura do proletariado. Todos meteram-se no caminho do compromisso com a burguesia capitalista. E denominaram essa linha antimarxista de «eurocomunismo». O «eurocomunismo» é uma nova corrente pseudocomunista que está e ao mesmo tempo não está em contraposição com o bloco revisionista soviético. Essa atitude oscilante deve-se ao objetivo de estabelecer uma coexistência de idéias com a social-democracia européia, com todos os diferentes pontos de vista que fervem na caldeira da Europa. Os «eurocomunistas» podem unir-se com quem quer que seja, exceção feita aos que combatem pelo triunfo da revolução e pela pureza da ideologia marxista-leninista.

Todas as correntes revisionistas, oportunistas, social-democratas trabalham como podem para ajudar as superpotências na diabólica atuação visando esmagar a revolução e os povos. Seu apoio a correntes e organismos supostamente novos da burguesia tem por único objetivo sufocar a revolução, impondo-lhe mil e um obstáculos materiais, políticos, ideológicos. Trabalham para confundir e dividir o proletariado e seus aliados, pois sabem que divididos em lutas de frações eles não podem criar nem dentro de um país nem no plano internacional a unidade ideológica, política e de combate indispensável para enfrentar as investidas do capitalismo mundial em putrefação.

A coalisão do revisionismo contemporâneo com a social-democracia teme a chegada do fascismo, sobretudo em certos países ameaçados pela extrema direita. Para evitar a ditadura fascista, os revisionistas e social-democratas tratam de «amainar» as contradições e a luta de classes entre as massas do povo e o proletariado, de um lado, e a burguesia capitalista, de outro. Portanto, para assegurar uma «paz social» os membros dessa coalisão devem fazer concessões mútuas e entrar em compromisso com a burguesia capitalista, entender-se com ela quanto a um regime que convenha às duas partes. Assim, enquanto a burguesia capitalista e seus partidos prosseguem abertamente sua guerra ao comunismo, os partidos revisionistas tratam de desvirtuar o marxismo-leninismo, a ideologia dirigente da revolução.

Os sindicatos reformistas, educados e adestrados expressamente para o compromisso com o patronato e

apenas para solicitar esmolas econômicas e não para greves envolvendo exigências políticas e tendo em vista a tomada do poder pelo proletariado, converteram-se no apoio dos partidos revisionistas da Europa. Naturalmente, a barganha orienta-se ao sabor da oferta e da procura. Uma parte pede esmola e a outra define as dimensões da esmola a ser dada. Ambas, tanto os sindicatos reformistas e partidos revisionistas como o patronato com seus partidos, seus poder e seus sindicatos, estão ameaçadas pela revolução, pelo proletariado, por seus partidos autenticamente marxistas-leninistas. Portanto ambas buscam um compromisso reacionário, uma solução que não pode ser idêntica em todos os países capitalistas devido às diferenças quanto à força do capital, às proporções do aprofundamento da crise e à amplitude das contradições internas que os corroem.

### **A Revolução — Única Arma para Destruir a Estratégia dos Inimigos do Proletariado e dos Povos**

Todos os inimigos, os imperialistas, os social-imperialistas e os diversos revisionistas, combatem em conjunto ou em separado para ludibriar a humanidade progressista, para desmoralizar o marxismo-leninismo e especialmente para distorcer a teoria leninista da revolução, para esmagar a revolução, qualquer sorte de resistência popular ou luta de libertação nacional.

O arsenal dos inimigos do marxismo-leninismo é vasto, mas as forças da revolução também são colossais. São precisamente essas forças que efervescem, que se

batem e que lutam, que tiram o sono dos inimigos, que tornam impossível a vida do mundo capitalista e da reação mundial.

*«Um fantasma ronda a Europa — o fantasma do comunismo. Todas as forças da velha Europa... uniram-se na santa cruzada para acossar este fantasma.»\**

Esta constatação de Marx e Engels mantém sua atualidade em nossos dias. O imperialismo, o social-imperialismo e o revisionismo contemporâneo julgam que o perigo do comunismo já não existe para eles porque, considerando irrecuperável o duro golpe que a revolução sofreu com a traição revisionista, subestimam a força do marxismo-leninismo, superestimam a força material, militar, repressiva e econômica que têm à sua disposição. Isso é apenas uma ilusão.

O proletariado mundial está acumulando forças. Ele e os povos amantes da liberdade compreendem cada dia melhor, por sua própria experiência, a traição dos revisionistas contemporâneos, titistas, kruschovistas, chineses, «eurocomunistas», etc. O tempo trabalha para a revolução, para o socialismo e não para a burguesia e o imperialismo, não para o revisionismo contemporâneo e a reação mundial. As chamas da revolução ardem em toda parte, no coração dos povos oprimidos que desejam conquistar a liberdade, a democracia, a so-

---

\* K. Marx e F. Engels, «Manifesto do Partido Comunista», pg. 13, Tirana, 1974.

berania verdadeira, tomar o poder em suas mãos e seguir pelo caminho do socialismo, destruindo o imperialismo e seus lacaios.

Ocorre atualmente o mesmo fenômeno do período de Lênin, quando a divisão da II Internacional deu lugar à criação de novos partidos, marxistas-leninistas. A traição revisionista levou e levaria necessariamente, em toda parte, à criação e fortalecimento de verdadeiros partidos comunistas, que tomaram em suas mãos e ergueram bem alto a bandeira do marxismo-leninismo e da revolução, arriada e pisoteada pelos revisionistas. Cabe a esses partidos o encargo de responder à estratégia global do imperialismo mundial e do revisionismo com a gloriosa estratégia leninista da revolução, com a grande teoria do marxismo-leninismo. Cabe-lhes o encargo de tornar as massas plenamente conscientes dos objetivos e do correto caminho da luta, da necessidade de sacrifícios, a tarefa de uní-las, organizá-las, dirigi-las e conduzi-las à vitória.

Nós, marxistas-leninistas, que estamos à frente da luta titânica em curso entre o proletariado e os povos oprimidos que aspiram à liberdade, de um lado, e os imperialistas selvagens e rapaces de outro, devemos compreender bem os fins, as táticas, os métodos e as formas de luta dos inimigos comuns e dos inimigos particulares em cada país. E não podemos encará-los devidamente caso não nos apoiemos com firmeza na teoria marxista-leninista da revolução, caso não enxerguemos na situação atual e nas que virão a existência de uma série de elos débeis da cadeia do capitalismo mundial, em que os revolucionários e os povos

devem desenvolver uma atividade ininterrupta, uma luta organizada, indômita e ousada, de forma que esses elos se rompam, um após outro. Isso naturalmente exige trabalho, exige luta, sacrifícios e abnegação. Os povos e homens audaciosos, guiados pelos interesses da revolução, podem enfrentar e enfrentarão as grandes forças do imperialismo, do social-imperialismo e da reação, que se vinculam entre si, criam novas alianças e buscam saídas para a difícil situação que se lhes cria. Quem cria essas situações difíceis para as forças retrógradas são os revolucionários, os marxistas-leninistas, a luta dos povos em todos os Continentes, em todos os países.

Os comunistas de todo o mundo não têm por que temer os falsos mitos que predominaram no pensamento revolucionário por certo tempo. Os comunistas devem lutar para ganhar os que se equivocam, com o objetivo de corrigí-los, fazendo grandes esforços para isso, naturalmente sem cair no oportunismo. No processo da luta de princípios, haverá inicialmente algumas vacilações que repercutirão, mas as vacilações vão se manifestar nos vacilantes. Enquanto os que são firmes e aplicam corretamente a teoria marxista-leninista, que olham com justeza os interesses do proletariado em seus países, do proletariado mundial e da revolução, não vacilarão. E quando os vacilantes virem que seus camaradas permanecem inabaláveis em suas idéias revolucionárias, marxistas-leninistas, redobrarão sua luta.

Caso os marxistas-leninistas apliquem correta e decididamente a teoria marxista-leninista, com base nas atuais condições internacionais e nas condições nacionais de cada país, caso fortaleçam sem descanso a uni-

dade internacionalista proletária, no combate implacável ao imperialismo e ao revisionismo contemporâneo em todas as suas correntes, seguramente ultrapassarão todas as dificuldades que surgirem em seu caminho, mesmo que sejam muito grandes. Devidamente aplicados, o marxismo-leninismo e seus princípios imortais conduzirão inevitavelmente à destruição do capitalismo mundial e à vitória da ditadura do proletariado, por meio da qual a classe operária edificará o socialismo e avançará rumo ao comunismo.

## II

### **A TEORIA LENINISTA SOBRE O IMPERIALISMO MANTÉM TODA ATUALIDADE**

Nas condições atuais, em que os revisionistas kruschovianos, titistas, «eurocomunistas», chineses e outras correntes antimarxistas atacam a causa da revolução e da libertação dos povos a pretexto de que a situação mudou, adquire uma importância de primeira ordem aprofundar o estudo das obras de Lênin sobre o imperialismo.

Devemos retornar a essas obras, estudá-las em profundidade e em detalhe, especialmente a genial obra de Lênin «O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo». Ao estudá-la com atenção, veremos também como os revisionistas, entre os quais os dirigentes chineses, distorcem o pensamento leninista sobre o imperialismo, como concebem seus objetivos, sua estratégia e táticas. Seus escritos, declarações, atitudes e gestos mostram que eles encaram de forma absolutamente errônea a natureza do imperialismo, partindo de posições contra-revolucionárias e antimarxistas, tal como faziam todos os partidos da II Internacional e seus ideólogos, Kautsky e companhia, impiedosamente desmascarados por Lênin.



Caso estudemos com atenção essa obra de Lênin e nos atenhamos fielmente às suas geniais análises e conclusões, constataremos que o imperialismo de nossos dias conserva integralmente as mesmas características dadas por Lênin, que permanece imutável a definição leninista de nossa época como a época do imperialismo e das revoluções proletárias, que a vitória da revolução é inevitável.

Como se sabe, Lênin inicia sua análise sobre o imperialismo pela **concentração da produção, do capital e dos monopólios**. Até hoje só se pode analisar correta e cientificamente os fenômenos da concentração e centralização da produção e do capital com base na análise leninista do imperialismo.

O capitalismo atual caracteriza-se pela crescente concentração da produção e do capital, que conduziu à união ou absorção das pequenas empresas pelas empresas poderosas. Isso acarretou também a acumulação maciça da força de trabalho em grandes trustes e consórcios. Tais empresas concentraram igualmente em suas mãos uma grande capacidade produtiva, recursos energéticos e matérias primas em proporções incalculáveis. Nos dias que correm as grandes empresas capitalistas exploram inclusive a energia nuclear e a mais nova tecnologia, que dominam em caráter exclusivo.

Esses gigantes organismos têm caráter nacional e internacional. Dentro de seu país, eles arruinaram a maioria dos pequenos proprietários e industriais, enquanto no plano internacional erigiram-se em consórcios colossais, que compreendem ramos inteiros da indústria,

da agricultura, da construção, dos transportes, etc. de muitos países. Em toda parte onde os consórcios cravaram suas garras, onde um punhado de miliardários capitalistas concentrou a produção, amplia-se e aprofunda-se a tendência à liquidação dos pequenos proprietários e industriais. Esse processo conduz ao fortalecimento ainda maior dos monopólios.

*«Essa transformação da concorrência em monopólio — disse Lênin — constitui um dos fenômenos mais importantes — para não dizer o mais importante — da economia do capitalismo moderno...»\**

Referindo-se a esse traço do imperialismo ele agrega que

*«...o surgimento dos monopólios devido à concentração da produção é uma lei geral e fundamental da atual fase de desenvolvimento do capitalismo».\*\**

O desenvolvimento do capitalismo na atualidade comprova cabalmente esta conclusão de Lênin. Em nossos dias os monopólios tornaram-se o fenômeno mais típico e mais usual, que determina a fisionomia, a essência econômica do imperialismo. Em países imperialistas como os Estados Unidos da América, a República

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXII, pg. 237.

\*\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXII, pg. 241.

Federal alemã, a Inglaterra, o Japão, a França, etc., a concentração da produção assumiu proporções nunca vistas.

Em 1976, por exemplo, as 500 maiores corporações norte-americanas empregavam cerca de 17 milhões de pessoas, correspondendo a mais de 20% da mão-de-obra ativa. Respondiam por 66% das mercadorias vendidas. Quando Lênin escreveu «O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo», havia no mundo capitalista apenas uma grande empresa norte-americana, a «United States Steel Corporation», que dispunha de um ativo superior a um bilhão de dólares, enquanto em 1976 o número de empresas bilionárias era de cerca de 350. O truste automobilístico «General Motors Corporation», esse supermonopólio, tinha em 1975 um capital global que passava dos 22 bilhões de dólares e explorava um exército de cerca de 800.000 operários. Depois dele vinha o monopólio «Standard Oil of New Jersey», que domina a indústria petrolífera dos Estados Unidos e outros países e explora mais de 700 000 operários. Na indústria automobilística três grandes monopólios concorrem com mais de 90% da produção do setor; na indústria aeronáutica e na siderurgia quatro enormes companhias concorrem respectivamente com 65 e 47% da produção.

O mesmo processo vem ocorrendo nos demais países imperialistas. Na República Federal alemã 13% do total das empresas concentraram cerca de 50% da produção e 40% da mão-de-obra. Na Inglaterra dominam 50 grandes monopólios. A corporação britânica do aço concorre com mais de 90% da produção siderúrgica do país. Na França duas empresas concentraram em suas mãos

três quartos da produção de aço, quatro monopólios dominam toda a produção automobilística e quatro outros o conjunto da produção de derivados de petróleo. No Japão dez grandes companhias siderúrgicas produzem todo o ferro-gusa e mais de três quartos do aço, enquanto na metalurgia não ferrosa atuam oito companhias. O mesmo ocorre em outros ramos e sectores<sup>1</sup>.

As pequenas e médias empresas que subsistem nesses países estão na dependência direta dos monopólios. Recebem encomendas deles, trabalham para eles, contraem créditos, compram matérias primas, tecnologia, etc. Transformaram-se praticamente em seus apêndices.

Ao criar monopólios-gigantes que não possuem uma unidade tecnológica, a concentração e centralização da produção e do capital difundiram-se grandemente na atualidade. Dentro desses monopólios-gigantes, «conglomerados», operam empresas e ramos inteiros da produção industrial, da construção, dos transportes, do comércio, dos serviços, de infra-estrutura, etc. Eles produzem desde brinquedos para crianças até mísseis intercontinentais.

A força econômica dos monopólios e a crescente concentração de capitais fazem com que as vítimas da concorrência não sejam apenas as «crianças de colo», quer dizer, as empresas não monopolizadas típicas do passado, mas também grandes empresas e grupos financeiros. Devido à insaciável sede de altos lucros mo-

---

1 Dados extraídos do «Monthly Bulletin of Statistics», ONU, 1977; do «Statistikal Yearbook», 1976; da revista norte-americana «Fortune», 1976, etc.

nopolistas dos consórcios e ao máximo aguçamento da concorrência, este processo adquiriu proporções colossais nas últimas décadas. Hoje, as fusões e incorporações no mundo capitalista são de 7 a 10 vezes maiores do que nos anos que precederam a II Guerra Mundial.

A fusão e união de empresas industriais, comerciais, agrícolas e bancárias levaram à criação de novas formas de monopólio, de grandes complexos industrial-comerciais ou industrial-agrícolas, formas amplamente encontradas não só nos países capitalistas do Ocidente mas também na União Soviética, na Checoslováquia, na Iugoslávia e outros países revisionistas. No passado, as uniões monopolistas realizavam o transporte e venda de mercadorias com a ajuda de outras firmas, independentes; hoje os monopólios têm em suas mãos tanto a produção como o transporte e o mercado.

Além de procurar evitar a concorrência entre as empresas que englobam, os monopólios tratam de açambarcar todas as fontes de matérias primas, todas as áreas ricas em minérios essenciais, como o ferro, o carvão, o cobre, o urânio, etc. Este processo verifica-se em plano nacional e internacional.

A concentração da produção e do capital assumiu dimensões colossais, sobretudo após a II Guerra Mundial, com a ampliação e desenvolvimento do capitalismo monopolista estatal.

O capitalismo monopolista de Estado representa a submissão do aparelho estatal aos monopólios, seu pleno domínio sobre a vida econômica, política e social do país. Através dele, o Estado interfere diretamente na economia, no interesse da oligarquia financeira, para

garantir o máximo de lucro para a classe no poder por meio da exploração de todos os trabalhadores e também para sufocar a revolução e as lutas de libertação dos povos.

A propriedade monopolista estatal, enquanto elemento básico mais característico do capitalismo monopolista de Estado, não representa a propriedade de um capitalista ou grupo de capitalistas particulares, mas a propriedade do Estado capitalista, a propriedade da classe burguesa no poder. Em diversos países imperialistas, o setor capitalista monopolista de Estado domina de 20 a 30% da produção global.

O capitalismo monopolista de Estado, que representa a escala mais elevada da concentração da produção e do capital, é a principal forma de propriedade que domina atualmente na União Soviética e nos demais países revisionistas. Esse capitalismo monopolista de Estado encontra-se a serviço da nova classe burguesa no poder.

Também na China a economia vem adquirindo formas típicas do capitalismo monopolista de Estado, através de uma série de reformas que incluem a colocação do lucro como objetivo principal da atividade das empresas, a aplicação de práticas capitalistas de organização, direção e remuneração, a criação de regiões econômicas, de trustes e complexos muito semelhantes aos soviéticos, iugoslavos e japoneses, a abertura das portas do país ao capital estrangeiro, o estabelecimento de vínculos diretos entre empresas chinesas e monopólios forâneos, etc.

A concentração e centralização da produção e do

capital atingiram atualmente o nível interestatal no mundo capitalista e revisionista. Trata-se de uma tendência estimulada e levada à prática inclusive pelo Mercado Comum Europeu, o Comecon, etc., que representam a união dos monopólios de diferentes potências imperialistas.

Ao analisar as formas dos monopólios internacionais, Lênin referiu-se em seu tempo aos cartéis e sindicatos. Nas condições atuais, em que a concentração da produção e do capital alcançou enormes dimensões, a burguesia monopolista encontrou novas formas de exploração dos trabalhadores. É o caso das empresas multinacionais.

Na aparência, essas empresas desejam dar a impressão de serem propriedade conjunta de capitalistas de muitos países. Na realidade, as multinacionais pertencem principalmente a um país no que se refere ao capital e ao controle, enquanto sua atividade estende-se por muitos países. Elas se expandem cada vez mais através da absorção de pequenas e grandes sociedades e firmas locais, que não conseguem fazer frente à selvagem concorrência.

As multinacionais abrem filiais e empresas nos países onde a perspectiva de obter o máximo de lucro é mais segura. A multinacional norte-americana «Ford», por exemplo, instalou em outros países 20 grandes fábricas onde trabalham 100 000 operários de diferentes nacionalidades.

Existem entre as multinacionais e o Estado burguês vínculos estreitos e uma dependência recíproca com base em seu caráter de classe e explorador. Essas

empresas utilizam o Estado capitalista como um instrumento a seu serviço, com fins de domínio e expansão tanto no plano nacional como no internacional.

Por seu grande papel econômico e pelo importante peso que têm em toda a vida do país, certas multinacionais, tomadas em particular, constituem uma força enorme que em muitos casos iguala ou ultrapassa o orçamento ou a produção de vários países capitalistas desenvolvidos tomados em conjunto. Uma das poderosas empresas multinacionais dos Estados Unidos, a «General Motors Corporation», ultrapassa a produção industrial conjunta da Holanda, da Bélgica e da Suíça. Essas empresas interferem nos países onde atuam para garantir favores e privilégios especiais. Os proprietários da indústria eletrônica dos Estados Unidos, por exemplo, pediram em 1975 ao governo mexicano que modificasse o código de trabalho, que previa certas medidas de defesa, dizendo que do contrário eles transfeririam suas indústrias para a Costa Rica e, para fazer pressão, fecharam várias fábricas onde trabalhavam cerca de 12 000 operários mexicanos.

As multinacionais são alavancas do imperialismo e uma das suas principais formas de expansão. São estes do neocolonialismo e afetam a soberania nacional e a independência dos países onde atuam. Para abrir caminho ao seu domínio, elas não se detêm diante de nenhum crime, desde a organização de complôs, a desestabilização da economia, até a simples compra de altos funcionários, de dirigentes políticos e sindicais, etc. O escândalo Lockheed foi a melhor prova disso.

Muitas multinacionais também se instalaram e



atuam nos países revisionistas<sup>1</sup>. Já começaram igualmente a se introduzir na China.

A concentração e centralização da produção e do capital, que caracterizam o mundo capitalista atual e levaram a uma grande socialização da produção, não modificaram em nada a natureza espoliadora do imperialismo. Pelo contrário, aumentaram e intensificaram a opressão e o empobrecimento dos trabalhadores. Esses fenômenos comprovam cabalmente a tese de Lênin de que, nas condições de concentração da produção e do capital, no imperialismo,

*«verifica-se um gigantesco progresso da socialização da produção», mas apesar disso «...a apropriação permanece privada. Os meios sociais de produção continuam sendo propriedade privada de um reduzido número de indivíduos.»\**

Os monopólios e as multinacionais se mantêm enquanto grandes inimigos do proletariado e dos povos.

A intensificação do processo de concentração da

---

1. 17 multinacionais norte-americanas, 18 japonesas, 13 alemãs ocidentais, 20 francesas, 7 italianas, etc., se instalaram ou possuem escritórios na União Soviética. Mais de 30 multinacionais se instalaram na Polônia, das quais 10 norte-americanas, 6 alemãs-ocidentais, 6 inglesas, 3 japonesas, etc. Na Romênia são 32, na Hungria 31, na Checoslováquia 30 e o mesmo ocorre nos demais países revisionistas. (Dados extraídos do livro ««Vodka-Cola», de Carl Levinson, 1977, pgs. 79-82).

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXII, pg. 247.

produção e do capital que se desenvolve em nossos dias acirrou ainda mais a contradição fundamental do capitalismo, entre o caráter social da produção e a apropriação privada, bem como todas as demais contradições. Hoje, como ontem, as colossais rendas e superlucros provenientes da feroz exploração dos trabalhadores são apropriados por um punhado de magnatas capitalistas. Os meios de produção que equipam os setores industriais são igualmente propriedade privada dos capitalistas, enquanto a classe operária continua escrava dos donos dos meios de produção, e a força de seus braços continua sendo uma mercadoria. As grandes empresas capitalistas já não exploram algumas dezenas ou centenas de operários, mas centenas de milhares. A mais-valia usurpada pelas corporações norte-americanas com a selvagem exploração capitalista desse grande exército de operários foi de mais de 100 bilhões de dólares somente em 1976, contra 44 bilhões em 1960.

Lênin desmascarou os oportunistas da II Internacional que pregavam a possibilidade da liquidação das contradições antagônicas do capitalismo devido ao surgimento e desenvolvimento dos monopólios. Demonstrou cientificamente que os monopólios, que trazem consigo a opressão, a exploração e a apropriação privada dos frutos do trabalho, acirram ainda mais as contradições do capitalismo. A superestrutura do sistema capitalista ergue-se com base no domínio dos monopólios. Ela defende e representa tanto no plano nacional como no internacional os interesses rapaces dos monopólios. São os monopólios que ditam a política interna e externa, a política econômica, social, militar, etc.

A realidade atual da concentração da produção e do capital também desmascara a prédica dos chefes reacionários da social-democracia, dos revisionistas contemporâneos e oportunistas de toda laia, de que os trustes, a propriedade do capitalismo monopolista de Estado, etc., poderiam «transformar-se» pacificamente em economia socialista, de que o atual capitalismo monopolista «integrar-se-ia» pouco a pouco no socialismo.

**Lênin ensina que a concentração da produção e do capital serve de base para a crescente concentração do capital monetário, para sua acumulação nas mãos dos grandes bancos, para o surgimento e desenvolvimento do capital financeiro.** No processo de desenvolvimento do capitalismo, juntamente com os monopólios também os bancos cobram grande desenvolvimento, absorvendo capital monetário dos monopólios e consórcios, bem como dos pequenos produtores ou das poupanças pessoais. Os bancos, em mãos e a serviço dos capitalistas, tornam-se assim os detentores dos principais meios financeiros.

O mesmo processo ocorrido para a eliminação das pequenas empresas pelas grandes, pelos cartéis e monopólios, verificou-se também para a liquidação sucessiva dos pequenos bancos. Dessa forma, assim como as grandes empresas criaram os monopólios, os grandes bancos formaram seus consórcios bancários. Esse fenômeno adquiriu proporções colossais nestas duas últimas décadas e prossegue, ainda hoje, em ritmo extremamente acelerado. A característica que distingue as fusões e absorções atualmente é que elas atingem não só os bancos

pequenos, mas também os médios e os relativamente grandes. Esse fenômeno deve-se ao acirramento das contradições da reprodução capitalista, à ampliação da concorrência e à grave crise do sistema financeiro e monetário do mundo capitalista.

Nos Estados Unidos da América, reinam 26 grandes grupos financeiros. O maior deles, o grupo Morgan, possui 20 grandes bancos, companhias de seguros, etc., com um ativo que alcança a soma de 90 bilhões de dólares.

A taxa de concentração e centralização do capital bancário também é muito elevada nos outros principais países capitalistas. Na Alemanha Ocidental, três dos 70 grandes bancos dominam mais de 58% da soma dos ativos bancários. Na Inglaterra, toda a atividade dos bancos é controlada por quatro estabelecimentos conhecidos como o «Big Four». Também no Japão e na França há um nível elevado de concentração do capital bancário.

Lênin demonstrou que o capital bancário se entrelaça com o capital industrial. A princípio os bancos se interessam pelo destino dos créditos que concedem aos industriais. Servem de mediadores entre os industriais que tomam créditos, para que se entendam entre si, não concorram uns com os outros, pois os próprios bancos sofreriam com isso. Este é o primeiro passo do entrelaçamento dos bancos com o capital industrial. Com o desenvolvimento e concentração da produção e do capital monetário, os bancos convertem-se em investidores diretos nas empresas produtivas, promovendo sociedades anônimas conjuntas. Dessa forma o capital

bancário penetra na indústria, na construção, na agricultura, nos transportes, na esfera da circulação e em toda parte. Por seu lado, as empresas adquirem maciçamente ações dos bancos e tomam-se participantes destes. Atualmente, os diretores dos bancos e os das empresas monopolistas participam dos conselhos administrativos uns dos outros, criando aquilo que Lênin denominou «união pessoal». O capital financeiro surgido desse processo compreende em si mesmo todas as formas de capital: o capital industrial, o capital monetário e o capital mercantil. Caracterizando esse processo, Lênin disse:

*«Concentração da produção; monopólios derivados dela; fusão ou entrelaçamento dos bancos com a indústria—eis a história do aparecimento do capital financeiro e o conteúdo deste conceito.»\**

Embora o capital financeiro tenha crescido e sofrido transformações estruturais após a II Guerra Mundial, persegue os mesmos fins de sempre: assegurar o máximo de lucro através da exploração das amplas massas trabalhadoras, dentro e fora de seu país. É este também o papel das empresas de seguros, que cresceram bastante nos principais países capitalistas durante estes últimos anos e tornaram-se sérias concorrentes dos bancos. Nos Estados Unidos, por exemplo, o ativo dos bancos cresceu três vezes e meia entre 1950 e 1970, enquanto

---

\* V. I. Lênin. Obras, ed. albanesa, vol. XXII, pg. 273

o ativo das companhias de seguros crescia seis vezes e meia.

Com os capitais que acumulam graças à pilhagem do povo, essas companhias chegam a conceder créditos enormes aos monopólios, que ascendem a centenas de milhões de dólares. Desta forma, as seguradoras se fundem e se entrelaçam com os monopólios industriais e bancários, tornando-se parte orgânica do capital financeiro.

Movida por uma sede insaciável de lucro, a burguesia monopolista transforma em capital qualquer fonte de recursos monetários temporariamente disponíveis, como as cotas depositadas pelos trabalhadores para aposentadoria, as poupanças da população, etc.

O capital financeiro concentrado auferir benefícios extraordinários não só do lucro oriundo da absorção do dinheiro dos consórcios, dos pequenos industriais, etc., etc., mas também da emissão de letras de câmbio e dos depósitos que movimenta. Tanto nesses casos como nos depósitos de poupança oferece-se uma pequena taxa de juros ao depositante, mas o banco auferir com eles lucros colossais, com os quais incrementa seu capital e aumenta os investimentos que, naturalmente, trazem novos e constantes lucros para o capital financeiro. O capital financeiro investe mais na indústria, porém estendeu sua rede de especulações a outros recursos, a terra, as ferrovias e outros ramos e setores.

Os bancos têm as condições reais de fornecer as consideráveis somas de créditos exigidas pelo alto grau de concentração e de domínio dos monopólios. Dessa forma, criam-se condições mais favoráveis para as grandes

uniões monopolistas explorarem mais selvagemmente as massas trabalhadoras dentro e fora de seu país, para conseguir o máximo de lucro.

Com a restauração do capitalismo na União Soviética e outros países revisionistas, os bancos adquiriram todos os traços característicos do monopólio. Nesses países, assim como em todo o mundo capitalista, eles servem à exploração das amplas massas trabalhadoras tanto internamente como no exterior.

O sistema de crédito ao consumidor para a compra de bens de consumo e sobretudo de bens de consumo durável difundiu-se rapidamente nos países capitalistas e revisionistas durante os últimos anos. Com esse tipo de crédito a burguesia garante mercado para colocar suas mercadorias, os capitalistas garantem lucros fabulosos através das altas taxas de juros, os credores e firmas capitalistas amarram os devedores de pés e mãos.

As dívidas e outras obrigações dos trabalhadores para com os bancos e instituições de crédito cresceram muito em nossos dias. Somente nos Estados Unidos os compromissos da população com esse gênero de créditos somavam 167 bilhões de dólares em 1967, contra 6 bilhões em 1945; enquanto na República Federal alemã atingiam uma soma superior a 46 bilhões de marcos.

A crescente concentração e centralização do capital bancário levaram a um aumento do domínio econômico e político por parte da oligarquia financeira e ao emprego de uma série de formas e meios para aumentar o jugo econômico, o empobrecimento e a miséria das amplas massas trabalhadoras.

O desenvolvimento do capital financeiro possibilitou concentrar nas mãos de um punhado de poderosos capitalistas industriais e banqueiros não só uma grande riqueza mas também um verdadeiro poder econômico e político, que atua em toda a vida do país. É essa gente todo-poderosa que encontra-se à frente dos monopólios e bancos e constitui o que se chama oligarquia financeira. Invocando o fato de que as grandes companhias converteram-se agora em sociedades anônimas em que um ou outro operário pode dispor de um número simbólico de ações, os apologistas do capitalismo procuram demonstrar que o capital teria perdido o caráter privado que tinha no tempo em que Marx escreveu «O Capital», ou quando Lênin analisou o imperialismo; que o capital estaria se tornando popular. Isso é uma quimera. Hoje, como antes, quem domina nos países imperialistas são os poderosos grupos industrial-financeiros privados: os Rockefeller, os Morgan, os Dupont, os Mellon, os Ford, os grupos de Chicago, Texas, Califórnia e alguns outros nos Estados Unidos da América; os grupos financeiros dos Rotschild, dos Behring, dos Samuel e outros na Inglaterra; dos Krupp, Siemens, Mannesmann, Thyssen, Gerling etc. na Alemanha Ocidental; a Fiat, a Alfa-Romeo, a Montedison, a Olivetti, etc. na Itália; as grandes famílias na França e assim por diante.

Como possuidora do capital industrial e financeiro, a oligarquia financeira assegurou seu domínio econômico e político sobre toda a vida do país. Submeteu também aos seus interesses o aparelho estatal, que transformou-se num instrumento nas mãos da plutocracia financeira. A oligarquia financeira destituiu e nomeia



governos, dita a política interna e externa. Internamente ela se vincula às forças reacionárias, a todas as instituições políticas, ideológicas, educacionais, culturais que defendem seu poder político e econômico. Na política externa ela defende e apóia todas as forças conservadoras e reacionárias que sustentam e abrem caminho para a expansão monopolista, que lutam para salvar e consolidar o capitalismo.

A oligarquia financeira não recua diante de nada para garantir seu domínio, instaurando a reação política em todos os campos.

*«...O capital financeiro — dizia Lênin — persegue o domínio e não a liberdade».\**

A situação atual prova que a burguesia monopolista intensificou a opressão em toda parte. Com base nela aprofunda-se a contradição entre o proletariado e a burguesia. Ao mesmo tempo a expansão econômica e financeira, acompanhada da expansão política e militar, acirrou ainda mais a contradição entre os povos e o imperialismo, bem como as contradições entre as próprias potências imperialistas. A propaganda atual dos revisionistas chineses ignora esta realidade objetiva incontestável.

A concentração e centralização de capitais bancários verificam-se agora não só dentro de cada país mas também entre vários países capitalistas ou capitalistas

---

\* V. I. Lênin. Obras, ed. albanesa, vol. XXIII, pg. 124.

e revisionistas. É este o caráter dos bancos conjuntos do Mercado Comum Europeu ou do «Banco Internacional para a Cooperação Econômica», bem como do «Banco de Investimentos» do Comecon. Também são uniões bancárias de tipo capitalista as dos bancos germano-ocidental-poloneses ou dos bancos anglo-romenos, franco-romenos, anglo-húngaros, ou as corporações bancárias norte-americano-iugoslavas, anglo-iugoslavas, etc. A União Soviética abriu em vários países capitalistas muitos bancos, que se tomaram concorrentes e parceiros dos bancos capitalistas, onde quer que estejam, seja em Zurique, Londres ou Paris, na África, na América Latina ou outro lugar.

A China também se engaja cada vez mais na voregem desse processo de integração capitalista dos bancos. Além dos bancos que possui em Hong-Kong, Macau e Singapura, ela também criará amanhã bancos no Japão, igualmente na América, etc. Ao mesmo tempo, a China está permitindo a penetração de bancos das potências imperialistas em seu território.

**Lênin acentuava que o capitalismo atual caracteriza-se pela exportação de capitais.** Esse traço econômico do imperialismo desenvolveu-se e fortaleceu-se ainda mais em nossos dias. Os maiores exportadores de capitais do mundo de hoje são os Estados Unidos, o Japão, a União Soviética, a República Federal alemã, a Inglaterra e a França.

Em certo período, a exportações de capitais vinham dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França e da

Alemanha, onde havia uma indústria desenvolvida, que absorvia os recursos do solo e do subsolo das colônias. Mais tarde, a guerra, as crises, fizeram com que algumas potências imperialistas, como a Inglaterra, a França, a Alemanha, se debilitassem economicamente e o imperialismo norte-americano se enriquecesse, tornando-se uma superpotência. Na situação criada após a II Guerra Mundial, as exportações de capital norte-americano avançaram muito em detrimento das demais potências capitalistas.

Hoje o capital norte-americano é exportado para todos os países, mesmo os industrializados, sob a forma de investimentos, créditos, empréstimos, sob a forma de participação em empresas mistas ou através da criação de grandes companhias industriais. O imperialismo norte-americano investe o capital monopolista nos países não desenvolvidos e pobres, pois ali os custos de produção são reduzidos, enquanto a taxa de exploração dos trabalhadores é elevada. Investe para garantir matérias primas, para açambarcar mercados, para vender produtos industrializados.

É fato sabido que o desenvolvimento dos países capitalistas se processa de maneira desigual; por isso os monopólios e grandes empresas dos Estados Unidos e outros países exportam capitais precisamente para os países onde o desenvolvimento econômico exige inversões e tecnologia.

Os capitais investidos produzem lucros fabulosos para os consórcios e monopólios financeiros, pois nos países pobres, não desenvolvidos, a terra é muito barata e com pouco dinheiro pode-se comprar grandes

extensões, adquirindo-se junto com a terra as suas riquezas. A mão-de-obra também é barata, pois as pessoas que passam fome são obrigadas a trabalhar por salários muito baixos. Calcula-se que as potências imperialistas auferem lucros de cinco dólares por cada dólar investido nesses países.

Segundo fontes oficiais norte-americanas, somente entre 1971 e 1975 a soma global dos investimentos diretos dos Estados Unidos nos jovens Estados foi de 6 bilhões e meio de dólares, enquanto que os lucros auferidos no mesmo período e nos mesmos países chegaram a cerca de 30 bilhões de dólares.<sup>1</sup>

Para disfarçar a exportação de capitais, as potências imperialistas praticam também a concessão de créditos. Através desses ditos créditos ou ajuda, os grandes consórcios capitalistas e os Estados aos quais pertencem exercem grande pressão e mantêm sob seu guante os Estados e povos que os aceitam. A «ajuda» ou os créditos aos países não desenvolvidos provém da pilhagem dos recursos desses mesmos países e da exploração das massas trabalhadoras dos países desenvolvidos; e vão para os ricos dos países não desenvolvidos. Em outras palavras, isso significa que os grandes monopólios norte-americanos, por exemplo, sugam o suor do povo norte-americano e de outros povos e, quando exportam capital e concedem créditos, trata-se precisamente do suor e do sangue desses povos. Por outro lado, os créditos que os grandes monopólios concedem aos

---

1 Revista norte-americana «Survey of Business», agosto de 1976, pg. 44.

países do chamado terceiro mundo servem na prática às classes feudal-burguesas que ali dominam.

Os créditos contraídos pelos jovens Estados servem como elos da cadeia imperialista que acorrenta seus povos. Conforme indicam as estatísticas, a dívida desses países duplica a cada cinco anos. De oito bilhões e meio de dólares em 1955, as dívidas dos países não desenvolvidos para com as potências imperialistas cresceram para mais de 150 bilhões de dólares em 1977.

O capitalismo mundial desenvolveu a técnica e a tecnologia em seu próprio interesse, para multiplicar os lucros através da descoberta dos recursos do subsolo, da criação de uma agricultura intensiva, etc. Toda essa tecnologia, a própria revolução técnico-científica e os novos meios de exploração econômica servem ao imperialismo, aos monopólios capitalistas e não aos povos. O capitalismo jamais pode investir no exterior, fornecer empréstimos, exportar capitais sem calcular antecipadamente os lucros que lhe advirão.

Se não se apresenta aos grandes monopólios e bancos, que se estenderam como uma teia de aranha pelo mundo capitalista e revisionista, dados concretos sobre a renda obtida da exploração de uma mina, de terras, da extração de petróleo ou de água num deserto, etc., eles não concedem créditos.

Há também outras formas de concessão de créditos, praticadas em relação aos Estados pseudo-socialistas que procuram disfarçar a via capitalista que vêm trilhando. Esses créditos são fornecidos em grandes proporções, sob a forma de créditos comerciais, e naturalmente retomam dentro de um curto período. São oferecidos con-

juntamente por vários Estados capitalistas, que calcularam de antemão os benefícios econômicos e também políticos que arrancarão do Estado tomador, levando em conta tanto seu potencial econômico como sua solvência. Os capitalistas nunca oferecem tais créditos para construir mais sim para destruir o socialismo. Portanto, um país verdadeiramente socialista jamais aceita créditos, sob qualquer forma, de um país capitalista, burguês ou revisionista.

A exemplo dos revisionistas soviéticos, kruschovistas, os revisionistas chineses também empregam muitos slogans, muitas citações, constroem muitas frases que soam «leninistas», «revolucionárias», mas sua verdadeira atividade é reacionária, contra-revolucionária. Os dirigentes chineses procuram apresentar suas atitudes oportunistas e relações com os países imperialistas como se elas interessassem ao socialismo. Esses revisionistas praticam tal impostura intencionalmente, para manter as massas do proletariado e do povo nas trevas, de forma que não possam converter sua insatisfação em força para fazer a revolução.

Tomemos, por exemplo, o problema da construção econômica do país, do desenvolvimento da economia socialista com as próprias forças. Trata-se de um princípio justo. Qualquer Estado independente, soberano, socialista deve mobilizar todo o povo e definir com justiça a política econômica, adotar todas as providências para explorar devidamente e da forma mais racional todos os recursos que possui, para administrá-los com parcimônia e fazê-los crescer no interesse de seu próprio povo e para impedir que sejam saqueados por terceiros.

Esta é a orientação principal, básica, para qualquer país socialista, enquanto que a ajuda externa, a ajuda vinda de outros países socialistas, é suplementar.

Os créditos acordados entre dois países socialistas possuem caráter completamente distinto dos demais. Representam uma ajuda internacionalista, desinteressada. A ajuda internacionalista jamais produz capitalismo, não empobrece as massas populares, ao contrário, desenvolve a indústria e a agricultura, serve a sua harmonização, conduz à elevação do nível de bem-estar das massas trabalhadoras, ao fortalecimento do socialismo.

Os Estados socialistas economicamente desenvolvidos devem ajudar em primeiro lugar os demais países socialistas. Isso não quer dizer que um país socialista não deva desenvolver relações com outros países, não socialistas. Mas devem ser relações econômicas com base no interesse mútuo e não devem de forma alguma colocar a economia de um país socialista ou não socialista na dependência de países mais poderosos. Caso essas relações inter-estatais se apoiem na exploração dos Estados pequenos e economicamente débeis pelos Estados grandes e poderosos, tal «ajuda» deve ser rejeitada, pois tem caráter escravizante.

Lênin disse que o capital financeiro lançou, na verdadeira acepção da palavra, suas malhas por todos os países do mundo. Os monopólios, cartéis e sindicatos dos capitalistas trabalham de forma sistemática, se apropriam primeiro do mercado interno de seu país, se adonam da indústria, da agricultura, escravizam a classe operária e os demais trabalhadores, arrancam superlucros e em seguida criam vastas possibilidades para também

açambarcar mercados em todo o mundo. O capital financeiro desempenha um papel direto nesse sentido.

Também atualmente observamos, em plena concordância com os ensinamentos de Lênin sobre o imperialismo como última fase do capitalismo, que as duas superpotências, o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo soviético, lutam pela divisão do mundo, pela ocupação de mercados. O petróleo, por exemplo, que tornou-se um problema agudo em todo o planeta, é em primeiro lugar domínio das grandes empresas monopolistas norte-americanas, mas com a participação de empresas petrolíferas da Inglaterra, da Holanda, etc. Os norte-americanos manobram na questão do petróleo para que ele seja seu monopólio. Investiram grandes capitais e empregaram técnicas avançadas na Arábia Saudita, Irã e outros países petrolíferos, acorrentaram as camarilhas dominantes desses países, comprometeram reis, sheiks e imames com grandes somas de dólares. Os governantes dos países petrolíferos recebem permissão da plutocracia financeira para investir nos Estados Unidos, na Inglaterra e em outros países, inclusive comprando ações de diferentes companhias monopolistas, bem como luxuosos hotéis, fábricas, etc.

A Arábia Saudita, por exemplo, é um país semifeudal, onde reinam a pobreza e o obscurantismo, embora extraia 420 milhões de toneladas de petróleo por ano. Enquanto as massas trabalhadoras vivem na pobreza, o rei e a classe dos grandes senhores de terras depositaram mais de 40 bilhões de dólares somente nos bancos da Wall Street. A situação é a mesma no Kuwait, nos Emiratos Árabes Unidos, etc. Essas camarilhas



fazem todas as concessões para que as potências imperialistas saqueiem as riquezas dos povos dos países que dominam, objetivando participar dos lucros.

Os investimentos dos países produtores de petróleo, que são propriedade das camarilhas dominantes, representam uma união, naturalmente em escala muito reduzida, do capital dessas camarilhas com o norte-americano ou inglês. À primeira vista, parece que as camarilhas dominantes dos países que têm petróleo teriam estabelecido uma certa sociedade de investimentos com o imperialismo norte-americano, inglês ou francês e influiriam em sua economia. Na verdade, ocorre o oposto. Os lucros do imperialismo norte-americano e dos demais imperialistas são tremendamente maiores do que os proventos dados a tais camarilhas. Esta é uma característica do neo-colonialismo atual, que para poder explorar ao máximo os recursos de certos países faz algumas concessões comedidas em favor de grupos dominantes burguês-capitalistas, feudais, mas seguramente não em prejuízo próprio. Esse exemplo comprova a justiça da tese de Lênin de que podem entrelaçar-se muito facilmente os interesses das burguesias de diferentes países, assim como dos monopólios privados com os estatais. Os grandes monopólios também podem se conjugar com monopólios menos possantes mas que detêm o domínio de grandes riquezas, sobretudo do subsolo, como jazidas de ferro, cromo, cobre, urânio, etc.

Os empréstimos, créditos e ajudas governamentais tornaram-se atualmente uma das formas mais difundidas de exportação de capitais, praticada em especial pela União Soviética e demais países revisionistas.

Além de produzir lucros capitalistas, esses créditos, «ajuda» e empréstimos perseguem também objetivos políticos. Os Estados que os concedem visam apoiar e consolidar o poder político e econômico de determinadas camarilhas, que defendem os interesses econômicos, políticos, militares do país credor. Como os acordos quanto a esses tipos de créditos são concluídos entre governos, reforçam ainda mais a dependência econômica e política do devedor em relação ao credor. O «Plano Marshall» constitui um exemplo clássico dessa forma de exportação de capital. Após a II Guerra Mundial, ele tornou-se a base econômica da expansão política e militar dos Estados Unidos nos países da Europa Ocidental. É esse também o sentido da chamada ajuda que os revisionistas soviéticos concedem pretensamente em favor do desenvolvimento da economia e da criação do setor estatal da indústria em países como a Índia, o Iraque e outros.

O imperialismo norte-americano, o social-imperialismo soviético e o capitalismo nos países industrializados alcançaram atualmente um tal nível de desenvolvimento que o lucro obtido com a acumulação de capitais cresceu extraordinariamente. A acumulação de capitais cria grandes lucros, que vão para o bolso dos monopolistas, da oligarquia financeira, os quais não colocam esses recursos a serviço do povo trabalhador, pobre, miserável, mas exportam-nos para os países onde podem auferir lucros ainda maiores. São estes países que a China chama de «terceiro mundo». Mas os monopolistas também fazem investimentos do mesmo gênero nos países capitalistas desenvolvidos.

Muitos livros foram escritos sobre o processo de penetração de capitais norte-americanos na Europa, sobre seus objetivos políticos e econômicos. O livro do autor norte-americano Geoffrey Owen traça um quadro nítido desse processo. No início do capítulo «As Empresas Internacionais», ele diz que o aumento dos investimentos norte-americanos no exterior obedeceu à concepção de que os norte-americanos não representam uma sociedade com interesses no além-mar, mas uma sociedade internacional. O quartel-general dessa sociedade encontra-se nos Estados Unidos da América. Isso significa que as diversas grandes firmas norte-americanas não pensam apenas em se estender por todo o país e atender às necessidades da indústria e dos clientes dentro dos Estados Unidos, mas também em lançar suas malhas sobre outros países. Essas empresas investem o «capital excedente» em outros países para extrair lucros ainda maiores. Gigantescas corporações como a «Socony Mobil», a «Standard Oil of New Jersey» e outras arrancam quase a metade de seus lucros do saque e exploração de outros países. Cerca de 500 companhias auferem lucros da ordem de 10 bilhões de dólares anuais no exterior. O número de empresas que fizeram inversões fora dos Estados Unidos ultrapassa 3 000. Foi assim que fórmulas e termos como «empresas multinacionais» ou «capitalismo internacional», entre outros, tornaram-se usuais, entraram na linguagem jornalística e nas operações bancárias.

Geoffrey Owen informa que em 1929 mais de 1 300 empresas européias eram propriedade ou estavam sob controle de firmas norte-americanas. Essa foi a primeira

etapa da ofensiva norte-americana rumo à indústria europeia. A pressão da II Guerra Mundial que então se preparava deteve temporariamente a invasão dos capitais norte-americanos. De 1929 a 1946, o valor das inversões diretas de empresas norte-americanas no exterior reduziu-se de 7,5 para 7,2 bilhões de dólares. Mas após a II Guerra, em 1950, o montante de investimentos norte-americanos no exterior subira para 11 bilhões e 200 milhões, dos quais a metade concentrava-se na América Latina e no Canadá. Os investimentos na América Latina visavam explorar matérias primas: petróleo, cobre, minério de ferro, bauxita, bem como bananas e outros produtos agrícolas. No Canadá, eles se dirigiam mais para as minas e o petróleo e desenvolviam-se em ampla escala devido à proximidade do país e outras condições que facilitavam essa penetração.

A Europa também tomou-se importante alvo das inversões norte-americanas na década de 50. Neste continente, os investimentos se alastraram rapidamente às comunicações, à grande produção em série, aos equipamentos complexos. Junto com eles veio a avalanche de produtos norte-americanos.

O autor em questão ressalta que a situação criada após a II Guerra Mundial no mercado capitalista impulsionou ainda mais os investimentos norte-americanos. Eis os dados referentes ao aumento desses investimentos externos: Seu total em 1946 era de 7,2 bilhões de dólares; logo após começou a crescer e em 1950 já era de 11,2 bilhões; em 1964 chegou a 44,3 bilhões e em 1977 ultrapassava os 60 bilhões de dólares.

Ao ampliar constantemente suas operações em es-

cala mundial, as empresas norte-americanas acirraram a concorrência com as firmas de cada país e aumentaram o medo do domínio por parte dos gigantes norte-americanos. Esse problema torna-se ainda mais agudo nos países não desenvolvidos, onde as firmas estadunidenses se especializaram nos setores-chave da indústria e possuem uma influência preponderante na economia nacional. Em outras palavras, essas gigantescas empresas norte-americanas têm nas mãos e dirigem na prática a economia e os governos locais.

É conhecida a prolongada luta travada entre as empresas petrolíferas estadunidenses e o governo mexicano, que concluiu-se em 1938 com a falência da política de oposição seguida por este governo. Idêntico foi o desfecho da luta entre o monopólio inglês do petróleo e o governo iraniano, que terminou com a destituição de Mosadegh. Tais contendas são constantes, danosas e encerram-se com a vitória dos grandes trustes norte-americanos.

As grandes companhias petrolíferas atuam em escala mundial. Para elas, é usual e necessário controlar plenamente todos os capitais e a produção deste ramo nos países onde investiram, controlar os governos, etc. E se não dispõem dessa possibilidade, criam-se dificuldades para a coordenação mundial de sua atividade. É por isso que as grandes companhias estrangeiras combatem os esforços dos capitalistas nacionais visando participar dos lucros em nível superior ao que é dado pelos investidores dos Estados Unidos ou de outros países imperialistas.

Na Europa, no Canadá, na Ásia, na África, etc., as empresas norte-americanas criaram uma situação em que praticamente controlam a economia de muitos países. Os governos desses países têm muito medo dos Estados Unidos, que tomaram-se a liderança da economia europeia assim como fizeram no terreno militar. Por isso os países capitalistas industrializados da Europa procuram entrar a enxurrada de capitais norte-americanos que se precipita em nível crescente sobre eles.

A direção chinesa pretende que os Estados europeus, industrializados desde o século XIX, estão fazendo mais investimentos nos Estados Unidos. Mas sabe-se que, enquanto os investimentos de capitais europeus nos Estados Unidos assumem sobretudo a forma de letras de câmbio, ações, obrigações, depósitos, etc., os investimentos norte-americanos na Europa detêm posições de domínio nos mais importantes setores da economia local.

Procurando justificar o aumento das inversões norte-americanas, Geoffrey Owen pretende que os países europeus desejam e procuram desenvolver sua indústria, como por exemplo a eletrônica e a de computadores, sobre bases científicas. Essas indústrias contribuem em certa medida para o progresso técnico, para o aumento das exportações e para o crescimento geral da economia desses países. Mas as companhias norte-americanas estão mais avançadas nesse campo do que suas rivais européias e controlam esse progresso técnico segundo seus interesses.

No que diz respeito aos computadores, por exem-

plo, as empresas europeias do ramo uniram-se estreitamente para defender-se da concorrência da corporação estadunidense «International Business Machine» (IBM), que responde por mais de 70% do mercado norte-americano e por uma parcela ainda maior do mercado mundial.

Outra tendência das grandes empresas norte-americanas é a associação com firmas locais. Para disfarçar a exploração, muitas empresas evitam possuir filiais 100% suas e criam companhias com investimentos conjuntos na proporção de 49 para 51% ou de 50 para 50%. Assim atuaram os norte-americanos no Japão e também na Iugoslávia — que procura dar a impressão de que constrói o socialismo com as próprias forças, quando na realidade os titistas partilharam-na economicamente com os Estados Unidos e com grandes firmas de outros países industriais desenvolvidos. Dessa forma, os titistas empenharam igualmente a liberdade e a independência da Iugoslávia.

A tendência de muitas dessas grandes empresas norte-americanas, como a «General Motors», a «Ford», a «Crysler», «General Electric» e outras é apoderar-se de fato de 100% de suas filiais no exterior. Mesmo assim, essas filiais — segundo Owen — não esquecem o problema da nacionalização; sua resposta é: «Não se trata de formarmos associações com investidores locais, mas de encorajarmos a internacionalização da propriedade das ações das empresas mães». É esta a concepção da «internacional» do capitalismo, que tem especialmente na «General Motors» uma fervorosa defensora.

Essas orientações do capital imperialista norte-ame-

ricano ou do poder da indústria estadunidense, que investe fora dos Estados Unidos para criar suas colônias e seu império, são alguns dos fatos que ilustram claramente a tese de que o imperialismo norte-americano absolutamente não se debilitou. Ao contrário do que pretendem os revisionistas chineses, ele se fortaleceu, conquistou grandes concessões no exterior, dirige muitos e importantes ramos da economia de outros países. Ele também colocou os governos desses países em incontáveis dificuldades, muitas vezes é ele próprio quem faz a lei, tem muitos governos sob sua direção e controle. Evidentemente, esse processo também tem seus altos e baixos, mas seu sentido geral não indica um debilitamento do imperialismo norte-americano.

Vivemos atualmente um período em que outra superpotência, o social-imperialismo soviético, exporta seus capitais e trata de explorar diferentes povos. Os capitais exportados por essa superpotência emanam da mais-valia realizada na União Soviética, que transformou-se num país capitalista.

A restauração do capitalismo conduziu a uma polarização da sociedade soviética contemporânea, em que uma pequena parcela domina e explora a esmagadora maioria do povo. Atualmente, uma classe à parte, burguesa, exploradora, criou-se e tomou forma, é a camada composta pelos burocratas, os tecnocratas, a intelectualidade criadora e superior, que se apropria e partilha entre si a mais-valia arrancada com a selvagem exploração da classe operária e das amplas massas trabalhadoras. Distintamente dos países de capitalismo clássico, onde



essa mais-valia é apropriada na proporção do capital de cada capitalista, na União Soviética e demais países revisionistas ela é distribuída de acordo com o posto ocupado pelos elementos da camada superior burguesa na hierarquia estatal, econômica, científica, cultural, etc. Os altos vencimentos, as gratificações usuais e especiais, os prêmios e estímulos, os favoritismos, etc., transformaram-se em toda uma instituição para a apropriação da mais-valia extraída às custas do suor dos trabalhadores. A camada que representa o «capitalista coletivo» salvaguarda essa pilhagem através de uma infinidade de leis e normas que garantem a opressão e a exploração capitalistas.

A economia soviética já se integrou no sistema do capitalismo mundial. Enquanto os capitais norte-americanos, alemães, japoneses, etc. penetraram profundamente na União Soviética, capitais soviéticos são exportados para outros países e se fundem sob diversas formas com os capitais locais.

É fato sabido que a União Soviética explora economicamente em primeiro lugar os países satélites. Mas agora ela concorre e luta com outros Estados capitalistas por mercados, por esferas de investimentos, pela pilhagem de matérias primas, pela manutenção das leis neocolonialistas no comércio mundial, etc.

A nova burguesia soviética exporta capitais para estender sua hegemonia, mas ao fazê-lo defronta-se com a concorrência, não só do imperialismo norte-americano, que é muito poderoso, mas também dos outros Estados capitalistas desenvolvidos, como o Japão, a Inglaterra,

a Alemanha Ocidental, a França, etc. Para auferir superlucros, esses Estados exportam capitais tanto para a Ásia, África e América Latina como também para os países da Europa Oriental, que estão sob a tutela da União Soviética revisionista. Exportam capitais inclusive para a própria União Soviética.

As camarilhas dominantes dos países ditos socialistas, União Soviética, Checoslováquia, Polônia, etc., e agora também a China, permitem o afluxo de capitais estrangeiros em seus países pois esses capitais servem a elas, enquanto pesam sobre as costas dos povos. Os países do Comecon estão mergulhados em grandes dívidas. Possuem uma dívida de 50 bilhões de dólares junto aos países ocidentais.

A Iugoslávia foi um dos primeiros países revisionistas a permitir a penetração de capitais estrangeiros em sua economia. No início ela contraiu créditos, depois comprou patentes e a seguir passou à constituição de empresas mistas. Em 1967 aprovou-se na Iugoslávia uma lei permitindo a criação de empresas mistas com 49% de capital de companhias estrangeiras. Em 1977 havia no país 170 dessas empresas. A Iugoslávia assegurou as condições mais favoráveis para as empresas capitalistas desenvolverem sua atividade e garantirem o máximo de lucro.

O fenômeno ocorrido na Iugoslávia comprova que os capitais estrangeiros ali investidos constituem um dos fatores decisivos de sua transformação num país capitalista. Os Estados Unidos e outros ricos países capitalistas não perderam com esses investimentos, pelo con-

trário, auferiram grandes lucros, aumentando a miséria da classe operária e do campesinato da Iugoslávia. Lênin disse que a exportação de capitais é uma sólida base para a exploração da maioria das nações e países do mundo, para o parasitismo capitalista de um punhado de Estados riquíssimos.

Os Estados capitalistas também auferirão grandes lucros na China. Estamos vendo como os capitais norte-americanos, japoneses, alemães ocidentais, etc. precipitam-se para a China aos bilhões de dólares. Assinou-se com os japoneses acordos para exploração conjunta das jazidas petrolíferas e do potencial energético do rio Yangtsé. Assinou-se com os alemães um acordo para a construção de minas de carvão e assim por diante. Os investimentos que são e serão feitos na China trarão seguramente lucros satisfatórios para os capitalistas estrangeiros, mas ao mesmo tempo fortalecerão as bases do capitalismo na China.

A exportação de capitais de um país capitalista para outro, capitalista ou revisionista, seja grande ou pequeno o Estado que exporta ou importa, é sempre uma das formas de exploração dos povos pelo capital. Essa exploração traz consigo a dependência econômica e política do país que recebe esses capitais.

Lênin acentuou que, **depois de apoderar-se do mercado interno, os monopólios lutam para redividir e conquistar economicamente o mercado mundial de produtos industrializados e matérias primas.** A concorrência e a sede de lucros levam os monopolistas dos diferentes paí-

ses a concluir acordos temporários, entrar em alianças e uniões para dividir os mercados no plano internacional, vender manufaturados e comprar matérias primas. Mesmo quando possuem reservas de matérias primas e energéticas, os Estados capitalistas desenvolvidos precipitam-se sobre os demais países, pois os custos de produção nestes últimos são mais reduzidos e acima de tudo o salário dos operários é várias vezes mais baixo.

É conhecida a luta que vem se travando pela conquista das jazidas e dos mercados de petróleo. Em decorrência dela, dezenas, centenas de empresas e associações privadas foram destruídas e chegou-se a uma situação em que o cartel internacional do petróleo, que une sete grandes monopólios (cinco norte-americanos, um inglês e um anglo-holandês, as famosas Esso, Texaco, Shell, etc.), controla mais de 60% da extração e comercialização do petróleo nos países capitalistas do mundo ocidental e refina cerca de 54% desse óleo.

Essa divisão das fontes de produção e dos mercados consumidores também se estende atualmente aos minérios de cobre e estanho, ao urânio e outros minerais preciosos e estratégicos.

Muitos dos antigos países colonialistas, como a Inglaterra e a França, concluíram com as ex-colônias acordos especiais, ditos preferenciais, de colaboração, etc., que lhes asseguram privilégios econômicos e comerciais quase exclusivos. As chamadas zonas do dólar, da libra, do franco, do rublo, mostram uma divisão econômica do mundo entre os diversos monopólios e Estados imperialistas.

O imperialismo norte-americano, o social-imperialismo soviético e as demais potências imperialistas garantem o lucro máximo por diversos meios, através do comércio discriminatório e desigual com as antigas colônias. Somente os países «em desenvolvimento», excluindo os da OPEP, possuem hoje um saldo comercial passivo de quase 34 bilhões de dólares.

Sobretudo nas atuais condições de crise econômica, os monopólios concluem acordos diretos com os governos dos países capitalistas, quanto às cotas de produção, aos preços, ao escoamento dos produtos, etc. A existência de organismos como o Mercado Comum Europeu, o Comecon, etc., também evidencia a divisão econômica existente hoje no mundo.

Essa divisão econômica do mundo, o domínio dos monopólios, sua tutela sobre a vida e o desenvolvimento econômico de outros países, acirram ainda mais não só a contradição entre o trabalho e o capital como as contradições entre os povos e o imperialismo e as contradições inter-imperialistas.

A teoria chinesa dos «três mundos», que procura conciliar o «terceiro» com o «segundo» mundo e com o imperialismo norte-americano, desconhece essa realidade. Não deseja enxergar que a ofensiva irrefreável dos monopólios norte-americanos, ingleses, alemães, japoneses, franceses, etc., rumo ao que a China chama de «terceiro mundo», aumenta a resistência dos povos a todas as potências imperialistas e hegemônicas e amplia as condições objetivas para a luta irreconciliável entre eles. Por outro lado, o desenvolvimento desigual das potências imperialistas, que é uma lei objetiva do de-

envolvimento do capitalismo, leva a uma concorrência e a atritos irreduzíveis na luta pela expansão econômica em todo o mundo.

Ao procurar conciliar essas contradições e repetir a mesma velha pregação da social-democracia e dos revisionistas de todos os matizes, a teoria chinesa dos «três mundos» entra em contradição flagrante com a estratégia leninista, que visa não negar mas sim aprofundar essas contradições de forma a preparar o proletariado para a revolução e os povos para a libertação.

Em sua análise do imperialismo, Lênin pôs em evidência que, com a passagem do capitalismo pré-monopolista à sua fase superior e final, **ao imperialismo, conclui-se a divisão territorial do mundo entre as grandes potências imperialistas.**

*«...o traço característico do período que nos ocupa é a repartição definitiva da Terra, definitiva não no sentido de que seja impossível **redividí-la** — pelo contrário, novas divisões são possíveis e inevitáveis —, mas no sentido de que a política colonial dos países capitalistas **já terminou** a conquista de todas as terras não ocupadas que havia em nosso planeta. Pela primeira vez, o mundo já se encontra repartido, de modo que daqui por diante poderá haver **unicamente** redivisões, ou seja, a passagem de territórios de um 'proprietário' para outro...».\**

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXII, pgs. 308-309.

O velho colonialismo clássico, que explorava física, econômica, política e ideologicamente a maioria dos povos do mundo, transformou-se depois da II Guerra Mundial num novo colonialismo. Esse novo colonialismo compreende todo um sistema de medidas econômicas, políticas, militares e ideológicas, que o imperialismo erigiu objetivando manter seu domínio, garantir o controle político e a exploração econômica das ex-colônias e de muitos outros países, adequando-se às novas condições criadas no após-guerra.

Quais são essas novas condições?

Os países imperialistas — França, Inglaterra, Itália, Alemanha, Japão e América do Norte — não tinham condições de manter pela força, no após-guerra, a situação que existia anteriormente. A França, por exemplo, não podia mais manter como colônias, como antes, o Marrocos, a Argélia, a Tunísia e outros países da África. Podemos dizer o mesmo do imperialismo inglês, do italiano e outros.

A II Guerra Mundial provocou uma mudança radical na correlação de forças no mundo. Levou à destruição das grandes potências fascistas, mas também abalou desde os alicerces e debilitou muito as velhas potências colonialistas. A guerra antifascista despertou em toda parte, mesmo nos países que não foram incluídos na sua voragem, o problema da libertação nacional. Os povos das ex-colônias que participaram da guerra juntamente com os países da coalisão antifascista para escapar do jugo do fascismo não podiam retroceder e tolerar por mais tempo o jugo colonial. A vitória da União Soviética sobre o nazismo, a criação

do campo socialista, a libertação da China, deram um impulso poderosíssimo ao despertar da consciência nacional e da luta de libertação dos povos. As amplas massas dos povos colonizados conseguiram compreender que a situação anterior tinha de mudar. eclodiram lutas de libertação na Indochina, no Norte da África, etc.

Forçados por essa situação, muitos países colonialistas compreenderam que o velho modo de exploração e administração das colônias, sem qualquer liberdade ou independência, estava ultrapassado. As potências imperialistas, colonialistas, chegaram a essa conclusão não movidas por sentimentos democráticos ou pelo desejo de dar liberdade aos povos, mas empurradas pelos povos colonizados e por sua debilidade militar, econômica, política, ideológica para manter o velho colonialismo. Mas o imperialismo francês, inglês, italiano, norte-americano, etc. não queria renunciar à exploração desses povos e países. As circunstâncias obrigaram cada uma das potências imperialistas a conceder autonomia ou prometer liberdade e independência a esses povos após certo tempo. Nesse período, que diziam fixar para que se criasse uma consciência de autodeterminação e se preparasse quadros nativos, elas visavam na verdade urdir novas formas de exploração imperialista, o novo colonialismo, dando a países e povos a falsa impressão de terem conquistado a liberdade.

Essa foi uma fase do pós-guerra em que o imperialismo mundial sofreu uma grande derrota, em que a crise do sistema colonial do imperialismo se acentuou ainda mais. Nesse período de putrefação do capitalismo



devido ao enfraquecimento do imperialismo na II Guerra Mundial, os Estados Unidos aproveitaram e criaram uma nova e profunda forma de exploração dos povos coloniais supostamente livres e independentes. Alastraram seu poderio imperialista em países que eram colônias de outras potências imperialistas, então debilitadas de uma ou de outra maneira.

Embora tivessem conseguido essa «independência» e essa «liberdade», dadas à sua maneira pelas antigas potências colonialistas, vários povos de ex-colônias foram obrigados a empunhar armas, pois os imperialistas não se dispunham a conceder imediatamente tal «liberdade» e «independência». Os imperialistas franceses, sobretudo, procuravam manter no após-guerra a força ou «grandeza» da França. Dessa forma, os povos da Argélia, do Vietnã e muitos outros iniciaram a prolongada luta de libertação que finalmente coroaram com a vitória. Não entraremos aqui em detalhes sobre como alcançaram essa vitória, quais foram as forças sociais que combateram, etc. O fato é que o velho imperialismo francês e inglês debilitou-se. Comprovou-se assim a tese de Lênin de que o imperialismo está em decomposição, de que a velha sociedade capitalista-imperialista está sendo minada pelos movimentos revolucionários e pelas aspirações de liberdade dos povos oprimidos e escravizados.

Durante esse período o imperialismo norte-americano empanturrou-se, ampliou a zona do dólar, colocou sob seu controle territórios da zona do franco, da libra esterlina e, para manter seu poderio hegemônico imperialista, que consistia na máxima exploração dos povos,

criou muitas bases militares e instalou camarilhas políticas pró-americanas em muitos países que haviam supostamente conquistado a liberdade e a independência. Essa exploração naturalmente era acompanhada de uma série de mudanças de estrutura e de superestrutura.

O capital financeiro criou também uma ideologia própria, que o guia na exploração do proletariado e na conquista do mundo. Completa a dominação dos povos e a legitimação desse domínio com formas variadas e adocicadas, advogando e concedendo uma certa liberdade, uma certa independência, criando também uns tantos partidos ditos democráticos, etc.

Juntamente com as inversões de capitais norte-americanos, com a criação de bancos e das chamadas multinacionais, exporta-se também o modo de vida norte-americano, com a degenerescência que lhe é própria.

A exportação de capitais pelas grandes potências imperialistas cria colônias, que hoje são os países onde reina o neocolonialismo. Esses países têm uma independência meramente formal. Em outras palavras, hoje como antes desenvolve-se o mesmo processo de exportação de capitais, mas de formas distintas, com explicações e propaganda «adocicada». A exploração do povos desses países até a medula permanece sempre a mesma e mais selvagem ainda; prossegue igualmente a pilhagem dos recursos naturais.

A maior potência neocolonialista de nosso tempo são os Estados Unidos da América. Os investimentos de capitais governamentais e privados dos Estados Unidos nas ex-colônias, países dependentes e semi-dependentes

no triênio 1973/75 representavam cerca de 36% de todos os investimentos dos países capitalistas e revisionistas mais desenvolvidos nas mesmas áreas<sup>1</sup>.

Os tratados e acordos econômicos, políticos e militares entre as potências imperialistas e as ex-colônias são escravizantes, são armas nas mãos do imperialismo para manter esses países avassalados. Hoje, como ontem, soam muito atuais as palavras de Lênin, que acentuava que

*«...é indispensável explicar e desmascarar incansavelmente perante as amplas massas trabalhadoras de todos os países, sobretudo dos países atrasados, o engodo sistematicamente empregado pelas potências imperialistas, que, fingindo criar Estados politicamente independentes, criam na verdade Estados sob sua completa dependência dos pontos de vista econômico, financeiro e militar...»\**

Para manter os povos dominados, o imperialismo norte-americano, o social-imperialismo soviético e as demais potências imperialistas velhas e novas instigam, onde quer que possam, rixas entre Estados vizinhos ou entre distintos grupos sociais dentro de um país; e depois interferem nos assuntos internos dos outros, no papel de árbitros ou de defensores de uma das partes, justificam sua presença econômica, política e militar. Os fatos mostram que sempre que as superpotências se

---

1 Anuário Estatístico da RFA, 1977.

\*. V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXXI, pg. 159.

intrrometeram nos assuntos internos dos povos, os problemas ficaram por solucionar, ou desembocaram na consolidação das posições do imperialismo e do social-imperialismo nos países em questão. Os acontecimentos no Oriente Médio, o conflito entre a Somália e a Etiópia, a guerra entre o Camboja e o Vietnã, etc. atestam esta verdade.

Os Estados Unidos, a União Soviética e todos os demais países capitalistas consolidam, juntamente com seus investimentos, as posições que possuem nos países que os aceitam, lutam por mercados e zonas de influência. Isso cria atritos entre diversos Estados capitalistas, entre grandes consórcios que não são ligados entre si nem interdependentes. Esses atritos instigam guerras locais e podem levar a uma conflagração geral. Segundo ensina o leninismo, a guerra deflagrada por tais motivos, seja ela local ou geral, tem caráter rapace e não libertador. Somente quando os povos se erguem contra invasores estrangeiros, quando se levantam contra a burguesia capitalista nativa que se encontra estreitamente ligada ao imperialismo, ao social-imperialismo e ao capital mundial, essa guerra é justa, é libertadora.

Os representantes do grande capital internacional falam muito na suposta necessidade de modificar o atual sistema de relações econômicas internacionais e de criar uma «nova ordem econômica mundial», apoiada também pelos dirigentes chineses. Segundo eles, essa «nova ordem econômica» servirá de «base para a estabilidade global». Os revisionistas soviéticos por seu turno falam na criação da chamada nova estrutura das relações econômicas internacionais.

São estes os esforços e planos das potências imperialistas e neocolonialistas, desejosas de dar alento e prolongar a vida do neocolonialismo, de manter a opressão e a pilhagem dos povos. Mas as leis do desenvolvimento do capitalismo e do imperialismo não se submetem aos desejos nem às invenções teóricas da burguesia e dos revisionistas. Como disse Lênin, a saída dessas contradições é a luta conseqüente contra o colonialismo e o neocolonialismo, a revolução.

Ao analisar os traços econômicos fundamentais do imperialismo, Lênin definiu também seu lugar histórico. Acentou que o **imperialismo é não só a fase superior mas também a última fase do capitalismo**, é a ante-sala da revolução prolétaria. Lênin disse que:

*«O imperialismo é uma fase histórica específica do capitalismo... é (1) capitalismo monopolista; (2) capitalismo parasitário ou em decomposição; (3) capitalismo agonizante.»\**

A realidade do mundo capitalista atual confirma plenamente esta conclusão.

Conforme demonstrou Lênin, o monopólio é a base econômica de todas as mazelas econômico-sociais do imperialismo. Os monopólios são impotentes para superar as contradições da economia capitalista. Lênin vinculava organicamente o parasitismo e a decomposição do imperialismo com a tendência do monopólio para frear em geral o desenvolvimento das forças produtivas,

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXIII, pg. 122.

para aprofundar o desenvolvimento desproporcional dos ramos econômicos e ao nível de toda a economia nacional, para não explorar capacidades produtivas humanas e materiais, com a tendência a entravar a aplicação das novidades da ciência e da técnica em favor das massas e do progresso de toda a sociedade.

A ambição do lucro, a concorrência, obrigam os monopólios a investir na introdução de técnicas avançadas no processo produtivo. Mas em todo o processo histórico do desenvolvimento do imperialismo o que domina é a tendência ao desenvolvimento desproporcional e contido.

Os gastos na pesquisa e desenvolvimento da ciência no campo industrial, especialmente na indústria bélica, nos Estados Unidos, por exemplo, passaram de 2 bilhões de dólares em 1950 para cerca de 11 bilhões em 1965 e por volta de 30 bilhões em 1972. Muitas vezes as grandes firmas também encontram dificuldades na pesquisa científica, mas assim que fazem uma descoberta compram a patente, contratam operários qualificados e, unicamente onde seus interesses o ditam, colocam-na em prática.

Naturalmente, os setores principais e que apresentam mais interesse para os investimentos destinados ao desenvolvimento e à revolução da técnica têm prioridade, pois asseguram maiores lucros. O primeiro lugar fica com a indústria bélica, pois também é ela que apresenta a taxa de lucro mais elevada. Nos Estados Unidos, por exemplo, em 1964 investiu-se 3 bilhões e 565 milhões de dólares em pesquisa científica no setor de aeronáutica e mísseis. No mesmo ano investia-se 1

bilhão e 537 mil dólares na indústria elétrica e de telecomunicações, 196 milhões na indústria química, 136 milhões na de máquinas, 174 milhões na automobilística, 172 milhões na de instrumentos científicos, 38 milhões na de produtos de borracha, 8 milhões na de querosene, 9 milhões na de metano, etc.

Como expressão da decomposição do imperialismo, a militarização da economia tornou-se, nas atuais condições, um traço característico de todos os países capitalistas e revisionistas. Mas o processo de militarização da economia assumiu dimensões nunca vistas particularmente nos Estados Unidos e na União Soviética. Os gastos militares diretos das duas partes cobraram proporções astronômicas, compreendendo conjuntamente uma soma de mais de 240 bilhões de dólares anuais.

Em sua política de hegemonia e domínio mundial, os Estados Unidos e a União Soviética também empregam em ampla escala o tráfico de armas, que é outra expressão clara da putrefação do imperialismo. Eles vendem a cada ano armas num valor de mais de 20 bilhões de dólares. A Inglaterra, a Alemanha Ocidental, a França, a Itália e outros Estados imperialistas também vendem armamentos. Os clientes ordinários desse comércio imperialista são camarilhas reacionárias e fascistas como as do Chile, Brasil, Argentina, Israel, Espanha, Coréia do Sul, Rodésia, República da África do Sul, etc. Também são clientes os países ricos em matérias primas estratégicas ou petróleo, que os imperialistas tentam seduzir com armas, a troco da pilhagem de seus recursos.

A eclosão cada vez mais amiudada das crises econômicas de superprodução testemunha claramente a

decomposição e o parasitismo do capitalismo monopolista atual. A eclosão das crises, que agora tornaram-se muito profundas, comprova a justeza da teoria marxista sobre o caráter anárquico, espontâneo e desproporcional da produção e do consumo; e desmente as «teorias» burguesas do desenvolvimento do capitalismo «sem crises», ou da transformação do capitalismo num «capitalismo dirigido».

A lei geral da acumulação capitalista, descoberta por Marx, atua com força ainda maior na sociedade capitalista atual: enquanto de um lado aumenta a pobreza dos trabalhadores, do outro crescem os lucros dos capitalistas. Aprofunda-se o processo de polarização da sociedade em proletários e burgueses, estes últimos representando um número limitado de pessoas.

Possuindo maiores condições econômicas para corromper as camadas superiores do proletariado, a aristocracia operária, o sistema imperialista atual incrementou-as em proporções muito vastas.

Hoje em dia a oligarquia financeira emprega amplamente essa aristocracia para enganar e confundir o proletariado, para extinguir seu ímpeto revolucionário. Aqueles que Lênin chamava socialistas de palavras mas imperialistas de fato saem ordinariamente da aristocracia operária. Esta caracterização de Lênin inclui a social-democracia, os «partidos operários burgueses», os dirigentes oportunistas dos sindicatos, os revisionistas contemporâneos, etc. Lênin acentua que o imperialismo liga-se com o oportunismo, que os oportunistas ajudam a manter e reforçar o imperialismo. Dizia ele que



*\*...os mais perigosos são aqueles que não desejam compreender que a luta contra o imperialismo é uma frase vazia e falsa se não se encontra indissolivelmente ligada à luta contra o oportunismo».\**

Também se observa claramente a decomposição do imperialismo no aumento e aprofundamento da reação em todos os campos e sobretudo no político e social. Como confirma a prática, a burguesia monopolista, ao ver que a luta de classes se acirra, arranca a máscara, negando às massas trabalhadoras até os poucos direitos que elas conquistaram a preço de sangue. Prova disso são os regimes e ditaduras fascistas instaurados em numerosos países.

Todo esse sistema apodrecido, que encontra-se numa situação caótica, é sustentado por um grande exército pretoriano, por uma polícia numerosíssima, fortemente mobilizada a armada até os dentes. Todas essas forças militar-policiais entram em ação para evitar ou esmagar qualquer resistência que ultrapasse os quadros definidos por um emaranhado de leis feitas pela burguesia no poder. Os quadros do exército e das demais armas repressivas vivem à farta e recebem polpudos soldos. Na Itália, por exemplo, só se ouve falar no exército, na polícia, nos carabinieri, nos agentes de segurança, que são condecorados, mas também mortos.

Nessa situação tão confusa reinante nos Estados burgueses, desenvolveu-se e espalhou-se o banditismo,

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXII, pg. 367.

que é engendro do próprio sistema capitalista, expressão de sua degenerescência, espelho do desespero e da desorientação provocados pelo sistema burguês de opressão e exploração. A burguesia procura conter as manifestações de banditismo que lhe causam problemas e que criam inquietude para o Estado burguês. Mas incita e emprega o banditismo para aterrorizar as amplas massas trabalhadoras, que vivem na miséria. Em muitos países capitalistas o banditismo converteu-se numa indústria e difundiu-se desde os assaltos a bancos, a lojas, até os sequestros de pessoas, exigindo-se grandes resgates para libertá-las. Em alguns países, o banditismo está organizado em diferentes agrupamentos. Tais agrupamentos possuem alguns nomes que soam «revolucionários», «comunistas», etc. A burguesia deixa-lhes campo livre para atuarem a fim de preparar a situação e justificar a consumação de um golpe de Estado fascista. Para desmoralizar a revolução e o socialismo, apresenta-se essa atividade bandidesca como se fosse desenvolvida por «grupos comunistas» que supostamente atuariam contra o sistema burguês.

Podemos dizer à guisa de conclusão que na situação atual do imperialismo em seu conjunto, do imperialismo norte-americano, do social-imperialismo soviético e também dos demais imperialismos, o imperialismo, seja qual fôr, está na fase do debilitamento e da putrefação. E que, através da revolução, a velha sociedade será destruída pelos alicerces e substituída por uma nova sociedade, pela sociedade socialista. Esta nova sociedade socialista existe e ampliar-se-á, desenvolver-se-á, conquistará terreno, independente dos revisionistas so-

viéticos terem traído o socialismo na União Soviética, independente de que na China domina o oportunismo e está se erguendo um novo social-imperialismo, independente de que o capitalismo tenha sido restaurado nos antigos países de democracia popular. O socialismo seguirá seu caminho e triunfará por meio de luta e de esforços contra o imperialismo e o capitalismo mundial, mas jamais e de forma alguma por meio de reformas, pela via parlamentar e pacífica, como pregava Kruschov e como pregam todos os revisionistas. Triunfará permanecendo fiel à teoria leninista sobre o imperialismo e a revolução proletária e jamais segundo as atuais teorias revisionistas que proclamam o capitalismo monopolista de Estado como uma fase nova e específica do capitalismo, como o «surgimento de elementos socialistas no seio do capitalismo».

Partindo-se da conclusão de Lênin sobre a natureza e o lugar histórico do imperialismo, todo o imperialismo mundial, enquanto sistema social, não tem mais aquele poder dominante exclusivo de antes, em consequência das contradições que o corroem por dentro e das lutas libertadoras e revolucionárias dos povos. É essa a dialética da história e ela comprova e tese marxista-leninista de que o imperialismo está em declínio, está em decadência, está em decomposição.

O enfraquecimento do capitalismo e do imperialismo é hoje a tendência principal da história mundial. Marx e Lênin o demonstraram, baseando-se em dados concretos, nos acontecimentos da história, na dialética materialista. A tendência à união dos esforços dos Estados que se opõem ao imperialismo também conduz

ao debilitamento deste. Mas esta segunda tendência, absolutizada como é pela China, sem se fazer as necessárias diferenciações, sem se estudar as situações específicas, não conduz a um caminho correto. Ao pretender que o imperialismo norte-americano está em declínio e é menos poderoso do que o social-imperialismo soviético, ao proclamar o «terceiro mundo» como principal força motriz de nossa época, os dirigentes chineses incitam na prática à capitulação e à submissão perante a burguesia.

É verdade que os povos exigem a libertação, mas devem conquistá-la unicamente com luta, com esforços e tendo à frente uma direção combativa. Marx, Engels, Lênin e Stálin nos ensinam que esta direção é o proletariado de cada país. Mas o proletariado e seus partidos marxistas-leninistas devem fazer bem as análises políticas, econômicas e militares, colocar todas elas na balança, adotar decisões e definir uma estratégia e uma tática adequadas, tendo sempre em vista a preparação e a realização da revolução. Se não se tem em vista a revolução, como fazem os chineses, nem as análises, nem as ações, nem a estratégia e nem as táticas podem ser marxistas-leninistas, revolucionárias.

Não podemos ter nenhuma ilusão quanto a qualquer tipo de imperialismo, seja ele forte ou menos forte. A natureza do imperialismo cria as condições para a expansão econômica e política, para a deflagração de guerras, pois seu caráter intrínseco é explorador, agressivo. Portanto, enganar as amplas massas dos povos que exigem a libertação, dizendo-lhes que a alcançarão sob a guia de teorias revisionistas como a dos

«três mundos», é cometer um crime contra os povos e a revolução.

Nossa época, como nos ensina Lênin, é a época do imperialismo e das revoluções proletárias. Nós, marxistas-leninistas, devemos deduzir disso que precisamos combater com o máximo desabrimento o imperialismo mundial, qualquer imperialismo, qualquer potência capitalista que explora o proletariado e os povos. Acentuamos a tese leninista de que a revolução encontra-se hoje na ordem do dia. O mundo avançará rumo a uma nova sociedade, que será a sociedade socialista. O capitalismo mundial, o imperialismo e o social-imperialismo apodrecerão ainda mais e sucumbirão através da revolução.

Lênin nos ensina **a combater até o fim o imperialismo, a criticá-lo na ampla acepção do termo e a levantar as classes oprimidas contra a política imperialista, contra a burguesia.** A análise marxista-leninista do atual desenvolvimento do imperialismo mostra claramente que não há nada a mudar na análise e nas conclusões de Lênin sobre o imperialismo, sobre sua natureza e características, sobre a revolução. Os esforços de todos os oportunistas, desde os social-democratas até os revisionistas kruschovianos e chineses, para desvirtuar as teses leninistas sobre o imperialismo são contra-revolucionários. Seu objetivo é negar a revolução, embelezar o imperialismo, prolongar a vida do capitalismo.

Quando Lênin desmascara o imperialismo e seus apologistas do tipo de Bernstein, Kautsky, Hilferding

e todos os demais oportunistas da II Internacional, observa que:

*«A ideologia imperialista penetra, inclusive, no seio da classe operária. Não há uma muralha da China entre esta e as demais classes.»\**

Mas, desgraçadamente, até a «muralha chinesa» agora foi demolida e a propaganda e a ideologia imperialistas penetraram na China. Os oportunistas chineses não são nada originais. Ao trilhar o caminho de Kautsky e companhia, também eles embelezam o imperialismo em geral e o norte-americano em particular, apresentando este último como um imperialismo que se encontra em retirada e no qual os povos devem se apoiar para defender-se dos social-imperialistas soviéticos.

A semelhança entre as «teorias» dos revisionistas chineses e as de Kautsky é por demais evidente. Em seu tempo, este último tentava defender a política colonial do imperialismo, ocultar sua atividade de exploração e expansão, deformando a teoria marxista sobre o desenvolvimento do capitalismo. Atualmente os dirigentes chineses estão fazendo o mesmo. Desejosos de apoiar o imperialismo norte-americano e sua política neocolonialista, promulgam teorias absurdas, supostamente apoiadas em Marx ou em Lênin. Mas, para se usar a linguagem de Lênin, a «teoria» chinesa é uma chafurdice no lodaçal do revisionismo e do oportunismo.

A teoria de Kautsky difundia a ilusão de que nas

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXII, pg. 347.

condições do capitalismo monopolista existiria a possibilidade de outra política, não anexionista. Lênin acentuava a esse respeito:

*«O essencial consiste em que Kautsky separa a política do imperialismo de sua economia, interpretando as anexações como uma política 'preferida' pelo capital financeiro e opondo a ela outra política burguesa, possível, segundo ele, sobre a mesma base do capital financeiro. Resulta daí que os monopólios na economia são compatíveis com a atuação não monopolista, não violenta, não anexionista em política. Resulta que a repartição territorial do mundo, concluída precisamente na época do capital financeiro e que constitui a base da peculiaridade das formas atuais da rivalidade entre os maiores Estados capitalistas, é compatível com uma política não imperialista. Isso leva a se dissimular, a se atenuar as contradições mais importantes da fase atual do capitalismo ao invés de pô-las a descoberto em toda a sua profundidade; chega-se assim a um reformismo burguês em lugar do marxismo.»\**

Ignorando o fato de que os monopólios, o capital financeiro, dominam o campo econômico nos Estados Unidos e de que são precisamente eles que ditam a política interna e externa, os revisionistas chineses falam

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXII, pg. 328.

de um imperialismo pacífico, que não exige mais a expansão e inclusive está em retirada. Os dirigentes chineses «esquecem» o que disse Stálin, que os traços e exigências principais da lei econômica fundamental do capitalismo atual são

*«...assegurar o máximo de lucro capitalista explorando, arruinando e empobrecendo a maioria da população de determinado país, escravizando e despojando sistematicamente os povos de outros países, sobretudo dos países atrasados, enfim, desencadeando guerras e militarizando a economia nacional, com vistas a assegurar o máximo de lucros».\**

Assim, as «novas» teorias dos dirigentes chineses testemunham que eles entoam a velha cantilena de Kautsky com um novo refrão.

Ao desmascarar os chefes da II Internacional, que desejavam fazer uma distinção entre as potências imperialistas, dividindo-as em mais e menos agressivas, Lênin acentuava que tratava-se de uma postura antimarxista. Essa atitude levou os partidos da II internacional às posições do chauvinismo, à traição aberta à causa do proletariado e da revolução. Em nossa época — dizia Lênin — não se pode colocar o problema de qual dos Estados imperialistas envolvidos na I Guerra Mundial, num ou noutro campo, é o «mal maior».

---

\* J. V. Stálin, «Problemas Econômicos do Socialismo na URSS», pg. 45, Tirana, 1974.



*«A democracia moderna — diz ele — só será fiel a si mesma se não se aliar a nenhuma burguesia imperialista, se declarar que 'as duas são piores', se buscar em cada país a derrota da burguesia imperialista. Qualquer outra solução será, de fato, nacional-liberal, que nada tem em comum com o verdadeiro internacionalismo.»\**

Nas condições atuais, caso se aceitasse a tese chinesa segundo a qual o social-imperialismo soviético é mais agressivo do que o imperialismo norte-americano, passar-se-ia à traição aberta à revolução, à missão histórica da classe operária, passar-se-ia às posições da II Internacional. As duas superpotências imperialistas representam no mesmo grau o inimigo e o perigo principal para o socialismo, para a liberdade e independência dos povos, para a soberania das nações. Elas são os principais defensores do capitalismo mundial.

Para ocultar sua traição aos povos, os dirigentes chineses dizem que as relações entre os grandes monopólios e alguns países que têm grandes riquezas criam uma situação que pode evitar inclusive os conflitos entre as potências monopolistas e os povos. Trata-se de um grande absurdo, uma tentativa de fazer passar por mansa a fera imperialista, de criar um clima de falsa euforia, como se o investimento de capital criasse bem-estar para o povo do país onde ele é realizado e assim não mais existissem contradições antagônicas entre os imperialistas e os povos desses países. Essa teoria fal-

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXI, pgs. 145-146.

sificada pregada atualmente pelos dirigentes chineses foi concebida pelo imperialismo para estender seu domínio por todo o mundo, para ajudar as camarilhas reacionárias dominantes em diversos países a oprimir seu povo e a leiloar o país aos estrangeiros.

Essas «teorias» são a repetição, sob novas e refinadas vestes, das teorias reacionárias dos oportunistas da II Internacional. Na época da I Guerra Mundial, Lênin desmascarou a teoria antimarxista do «ultra-imperialismo», de Kautsky. Este dizia que, nas condições do imperialismo, as guerras poderiam ser evitadas através de um acordo entre os capitalistas de diversos países.

Na polêmica com Kautsky, Lênin dizia que

*«...as alianças 'inter-imperialistas' ou 'ultra-imperialistas' na realidade capitalista, e não na vulgar fantasia pequeno-burguesa dos curas ingleses ou do 'marxista' alemão Kautsky — seja qual for a forma que assumam: de uma coalisão imperialista contra outra coalisão imperialista ou a de uma aliança geral de **todas** as potências imperialistas —, não passam, inevitavelmente, de 'tréguas' entre as guerras».\**

Estes ensinamentos de Lênin são muito atuais nas condições de hoje, em que os revisionistas chineses falam e esforçam-se febrilmente para criar uma aliança e uma grande frente mundial com todos os Estados e

---

\* V. I. Lênin. Obras, ed. albanesa, vol. XXII, pgs. 359-360.

regimes fascistas e feudais, capitalistas e imperialistas, inclusive os Estados Unidos, contra o social-imperialismo soviético.

As alianças entre os países imperialistas — ressaltava Lênin — podem ser criadas, mas com o único objetivo de esmagar conjuntamente a revolução, o socialismo, de saquear conjuntamente as colônias e países dependentes e semidependentes.

A exemplo dos chefes da II Internacional, os revisionistas chineses substituíram a palavra de ordem do Manifesto Comunista «Proletários de todos os países, uní-vos!» pela palavra de ordem pragmática de «Unamo-nos a todos os susceptíveis de serem unidos», contra o social-imperialismo soviético.

A teoria dos «três mundos», inventada pelos dirigentes chineses, não analisa o desenvolvimento histórico do imperialismo sob o prisma marxista-leninista. Analisa-o sob um prisma genérico, ignorando as contradições de nossa época, tão claramente definidas por Marx e Lênin. Seguindo essa «teoria», a China «socialista» une-se com o imperialismo norte-americano e com o «segundo mundo», ou seja, com os demais imperialistas, que exploram os povos, e conclama o «terceiro mundo», os povos que aspiram combater o imperialismo e o capitalismo mundial, seja ele o norte-americano ou o social-imperialismo soviético, a unirem-se apenas contra o social-imperialismo soviético.

A teoria titista dos países «não-alinhados» é tão antimarxista quanto a teoria dos «três mundos».

Essas duas «teorias» são os trilhos de uma mesma ferrovia, sobre a qual passa o trem do imperialismo

norte-americano e do social-imperialismo soviético, cuja carga são as riquezas saqueadas aos povos do mundo. Os titistas e os revisionistas chineses procuram abrir un tantos furos nos vagões desse trem imperialista e social-imperialista, para deixar cair um pouco de óleo, um pouco de açúcar, algum dólar, alguma libra, algum franco ou algum rublo. Esses trilhos, que se assentam sobre o dorso dos povos oprimidos e procuram mantê-los constantemente subjugados, são duas teorias tão reacionárias quanto todas as demais teorias antimarxistas dos trotsquistas, anarquistas, bukarinistas, kruschovianos, togliattistas, carrillistas, marchaistas, etc.

A vida comprova continuamente as geniais teses de Lênin sobre o imperialismo. O capitalismo ingressou em sua fase de decomposição. Essa situação suscita a revolta dos povos e empurra-os para a revolução. A luta dos povos contra o imperialismo e contra as camarilhas capitalistas burguesas cresce sob formas diferentes e com intensidade diferente. A quantidade transformar-se-á indubitavelmente em qualidade. Isso ocorrerá primeiro nos países que constituem os elos mais débeis da cadeia capitalista, onde a consciência e a organização da classe operária alcançaram um nível elevado, onde a compreensão política e ideológica do problema aprofundou-se.

O imperialismo intensificou a bárbara opressão e exploração dos povos. Mas ao mesmo tempo os povos do mundo também tornam-se cada vez mais conscientes de que não se pode mais viver na sociedade capitalista

de hoje, onde as massas trabalhadoras não são menos oprimidas e exploradas do que no período anterior à Guerra.

Apesar de seus esforços e dos de seus adeptos, o imperialismo não poderá nem agora e nem tampouco mais tarde encontrar estabilidade na tentativa de instaurar a hegemonia sobre os povos. Não poderá encontrá-la devido ao despertar da consciência da classe operária e das massas trabalhadoras oprimidas, que querem a libertação, e também devido às inevitáveis contradições inter-imperialistas.

Os povos estão vendo e mais tarde verão ainda melhor que o imperialismo e o capitalismo mundial não se apóiam apenas na força econômica, militar, política, ideológica das duas superpotências, mas também nas classes ricas que mantêm os povos de seus países subjugados, explorados, amedrontados, para que não se ponham de pé pela conquista da verdadeira liberdade e independência.

As amplas massas dos diferentes povos do mundo começaram a compreender igualmente que deve-se derrubar a atual sociedade burguês-capitalista, o sistema explorador do imperialismo mundial. Para os povos isso não é apenas uma aspiração, em muitos países eles inclusive pegaram em armas.

Portanto, não há necessidade de se teorizar dividindo o mundo em três ou quatro partes, em «alinhados» e «não-alinhados», mas de encarar e interpretar corretamente o grande processo histórico objetivo seguindo os ensinamentos do marxismo-leninismo. O mun-

do está dividido em dois, o mundo do capitalismo e o novo mundo do socialismo, que estão em guerra sem quartel entre si. Nesta luta triunfará o novo, o mundo socialista, enquanto a velha sociedade capitalista, a sociedade burguesa e imperialista, será destruída.

### III

## A REVOLUÇÃO E OS POVOS

Marx demonstrou cientificamente a necessidade inelutável de destruir a sociedade capitalista e construir uma sociedade mais avançada, o socialismo e a seguir o comunismo. Desenvolvendo o pensamento de Marx, Lênin mostrou na obra «O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo» que a época atual é a época do imperialismo e das revoluções prolétarias. É a época da destruição da velha ordem capitalista, do colonialismo e do imperialismo, da tomada do poder pelo proletariado e da libertação dos povos oprimidos, o período da vitória do socialismo em escala mundial.

Isso quer dizer que vivemos hoje a época da substituição da velha sociedade exploradora, insuportável para a maioria da humanidade, para os oprimidos e explorados, por uma nova sociedade, onde a exploração do homem pelo homem desaparece de uma vez por todas. Nosso Partido partiu precisamente desses ensinamentos fundamentais e da análise marxista-leninista do atual desenvolvimento da situação mundial, quando, em seu VII Congresso, expôs a tese de que o mundo encontra-se numa fase em que a causa da revolução e

da libertação dos povos é um problema candente que exige solução.

A luta do proletariado contra a burguesia é dura, implacável e desenvolve-se continuamente. Duas grandes forças sociais se defrontam: De um lado está a burguesia capitalista-imperialista, que é a classe mais selvagem, mais falaz e mais sanguinária que a história já conheceu. De outro está o proletariado, a classe completamente privada dos meios de produção, impiedosamente oprimida e explorada pela burguesia, ao mesmo tempo a classe mais avançada da sociedade, que pensa, cria, trabalha e produz mas não goza dos frutos de seu suor.

Cada uma destas duas classes procura aglutinar forças em tomo de si e prepará-las em função de seus objetivos: o proletariado, para alcançar a libertação social e nacional, para fazer a revolução; a burguesia para manter seu domínio e esmagar a revolução. A burguesia agrupa em tomo de si as forças mais negras, mais retrógradas e criminosas, enquanto o proletariado procura ganhar todas as forças revolucionárias, progressistas, para sua causa.

O marxismo-leninismo nos ensina que a luta entre o proletariado e a burguesia cresce continuamente e com certeza será coroada com a vitória do proletariado e de seus aliados. Mas para que esta luta tenha sucesso é preciso que o proletariado esteja organizado, tenha seu partido de vanguarda, tome as amplas massas do povo conscientes da necessidade da revolução e dirija-as na luta pela tomada do poder, pela instauração de sua dita-



dura, pela construção do socialismo e do comunismo, a sociedade sem classes.

Existem no mundo muitos elementos exaltados, bem ou mal intencionados, que julgam que pode-se fazer a revolução a qualquer hora, em qualquer momento, em toda parte. Mais tais pessoas se enganam. A revolução não pode realizar-se a qualquer hora, em qualquer parte, a seu bel-prazer. A revolução eclode e realiza-se nos elos mais débeis da cadeia capitalista. Para sua eclosão e vitória devem existir condições adequadas, objetivas e subjetivas, e deve-se encontrar o momento favorável para lançar-se a ela. O principal é que as amplas massas do povo, com o proletariado à frente, estejam decididas e preparadas para levar a revolução até o fim quando esta fôr deflagrada.

Lênin acentua que a revolução é obra do povo de cada país, que ela não se exporta. Isso não significa que os marxistas-leninistas, onde quer que militem, não se sintam solidários, mutuamente ligados pelos sentimentos do mais puro internacionalismo proletário e não ajudem a luta do proletariado e dos povos dos demais países por sua libertação. Pelo contrário, todos os comunistas, todos os proletários, todas as forças revolucionárias dos diferentes países têm o dever de auxiliar a revolução em cada país em particular e em todo o mundo, com propaganda, com agitação, com ajuda material, com seu exemplo de decisão e abnegação e seguindo fielmente o marxismo-leninismo. Evidentemente, o aproveitamento exitoso desta ajuda depende antes de mais nada da preparação do proletariado e de seu par-

tido, do desenvolvimento da luta revolucionária neste ou naquele país.

Marx e Engels mostraram no «Manifesto do Partido Comunista» que os interesses do proletariado e do povo de um país são inseparáveis dos interesses do proletariado e dos povos de todo o mundo.

Conforme ensina Lênin e como a vida comprovou, a revolução triunfa em cada país em particular. Portanto, essa vitória depende acima de tudo da classe operária e de seu partido revolucionário em cada país, de sua capacidade de aplicar às condições concretas os ensinamentos de Marx, de Engels, de Lênin e de Stálin sobre a revolução.

Mas os revisionistas contemporâneos, titistas, soviéticos, «eurocomunistas», chineses, etc. — que assumiram o encargo de confundir as pessoas a respeito da causa da revolução e de impedir seu desencadeamento — criaram muita confusão, instalaram muitas minas em tomo destes ensinamentos e sobretudo em tomo da teoria leninista da revolução.

Hoje, quando este problema candente exige solução, é um dever imperativo dissipar a neblina espalhada pelos revisionistas quanto à revolução, desmascarar suas manobras e especulações em tomo desta questão, revelar seus fins contra-revolucionários, chauvinistas, hegemomistas, compreender e aplicar corretamente os ensinamentos do marxismo-leninismo sobre a revolução.

### **Defender e Aplicar os Ensinamentos Marxistas-Leninistas Sobre a Revolução**

O marxismo-leninismo nos ensina e a experiência de todas as revoluções comprovou que para que a revolução se desencadeie e triunfe é preciso que existam fatores objetivos e subjetivos.

Lênin formulou este ensinamento na obra «A Bancarrota da II Internacional» e desenvolveu-o ainda mais na obra «A Doença Infantil do 'Esquerdismo' no Comunismo» e em outros de seus escritos.

Detendo-se na situação revolucionária enquanto fator objetivo da revolução, Lênin a caracteriza da seguinte forma:

*«1) Impossibilidade para as classes dominantes manterem inalterado seu domínio»\** devido à grave crise que as abarcou, crise que provoca o descontentamento e a indignação das classes oprimidas. *«Para o desencadeamento da revolução — diz ele — geralmente não basta que 'os de baixo já não queiram', mas é preciso também que 'os de cima já não possam' viver como antes. 2) Agravamento... da pobreza e da miséria das classes oprimidas. 3) Grande intensificação, devido às razões supracitadas, da atividade das*

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXI, pg. 223.

*massas... as quais... são atraídas... para ações históricas independentes.»\**

*«Em outras palavras, esta verdade pode expressar-se assim: a revolução é impossível sem uma crise geral nacional (que envolva explorados e exploradores).»\*\**

*«Sem tais mudanças objetivas — acentua ele —, que independem não só da vontade de tais ou quais grupos e partidos, mas também da vontade dessas ou daquelas classes, a revolução — segundo a regra geral — é impossível.»\*\*\**

Mas nem toda situação revolucionária gera a revolução, diz Lênin. Em muitos casos, agrega ele, situações revolucionárias como as de 1860-1870 na Alemanha, de 1859-1861 e de 1879-1880 na Rússia não se transformaram em revoluções, pois faltou o fator subjetivo, ou seja, a elevada consciência e disposição das massas para a revolução,

*«...a capacidade da classe revolucionária — conforme expressava-se Lênin — para ações revolucionárias de massas, fortes o bastante para destroçar (ou quebrantar) o velho governo, que jamais, nem em tempos de crise, 'cairá' caso não o 'derrubem'»\*\*\*\**

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXI, pg. 223.

\*\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXXI, pg. 83.

\*\*\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXI, pg. 223.

\*\*\*\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXI, pg. 223.

Conforme afirmou Lênin desde suas primeiras obras, o partido revolucionário da classe operária, sua função de direção, educação e mobilização das massas revolucionárias, têm um papel decisivo para a preparação do fator subjetivo. O partido consegue isso tanto por meio da elaboração de uma justa linha política, que corresponda às condições concretas e aos desejos e exigências revolucionárias das massas, como também através de um enorme trabalho, de ações revolucionárias intensas e politicamente estudadas em profundidade, que tomem o proletariado e as massas trabalhadoras conscientes da situação em que vivem, da opressão, da exploração, das bárbaras leis da burguesia, da necessidade imperiosa da revolução enquanto meio para derrubar a ordem escravizante.

Dessa forma, as camadas pobres reagirão com uma intensidade que fará com que os ricos, a burguesia no poder, abalados igualmente por outras contradições internas e externas, tenham dificuldade para continuar a dominar como antes. Quando essas condições se completam, quando existem os fatores objetivos e subjetivos, os quais estão vinculados entre si, a revolução pode não só eclodir mas também triunfar.

Os revolucionários sempre refletem profundamente sobre essas geniais teses de Lênin. E não só refletem, mas também analisam cada situação de maneira concreta e mutilateral. Atuam de forma a não serem jamais colhidos de surpresa pelas situações revolucionárias, a não se encontrarem desarmados nestes momentos decisivos, a saberem aproveitá-los para preparar e deflagrar a revolução.

O que mostra a análise da situação atual do mundo? Partindo da teoria leninista da revolução, o Partido do Trabalho da Albânia extrai a conclusão de que a situação no mundo de hoje é em geral revolucionária, de que em muitos países essa situação está madura ou amadurece rapidamente, enquanto em outros esse processo encontra-se em desenvolvimento.

Quando dizemos que a situação hoje é revolucionária, temos em mente que o mundo de hoje está se movimentando rumo a grandes conflagrações. Em geral a situação existente assemelha-se à de um vulcão em erupção, de um incêndio abrasador, cujas chamas consumirão precisamente as altas classes dominantes, opressoras e exploradoras.

O mundo capitalista e revisionista está envolvido numa grave crise econômica e política, financeira e militar, ideológica e moral. Tendo abalado todas as estruturas e superestruturas do sistema burguês e revisionista, a crise atual aguçou e aprofundou ainda mais a crise geral do sistema capitalista.

As consequências da crise manifestam-se de forma muito grave e arrasadora sobretudo no campo da economia. A partir de 1974 a mais grave crise econômica desde a II Guerra Mundial começou a aprofundar-se. Isso trouxe uma queda de proporções consideráveis na produção industrial: no Japão 20%, na Grã-Bretanha 15%, nos Estados Unidos 14%, na França e na Itália 13%, na República Federal alemã 10%, etc. A crise provocou uma depressão muito profunda. Em vários países capitalistas, a capacidade produtiva ociosa em alguns setores-chave da economia alcançou de 25 a 40%,

e essa situação se prolonga há anos. Devido a isso, a produção industrial continua estagnada. Quantidades colossais de mercadorias «excedentes» encontram-se estocadas sem vendagem.

Mas apesar desses estoques e mesmo que não se aproveite muito a capacidade produtiva, os lucros dos monopólios continuam crescendo, devido ao aumento dos preços. Os preços sobem dia a dia, enquanto a inflação atingiu em certos países cifras muito elevadas.

O aumento dos preços e sobretudo a inflação tornaram-se um meio muito conveniente para os monopólios e o Estado capitalista ou revisionista lançarem o pesado fardo da crise sobre os ombros da classe operária e dos demais trabalhadores.

Sob o pretexto de conter a inflação, os Estados capitalistas e burguês-revisionistas aumentam os impostos sobre a renda das massas trabalhadoras, congelam seus salários e, ao mesmo tempo, reduzem os impostos sobre os lucros dos monopólios, desvalorizam as moedas, etc. Essas medidas dirigem-se contra a classe operária e todos os trabalhadores, aumentam sua exploração e rebaixam seu nível de vida.

O prolongamento da crise econômica piorou e agravou grandemente as condições de vida da classe operária e das massas camponesas. O desemprego aumentou como raras vezes já ocorrera e agora tomou-se crônico, uma grande mazela da sociedade burguesa e revisionista. No mundo capitalista-revisionista 110 milhões de pessoas foram postas na rua. Somente nos Estados Unidos existem não menos de 7-8 milhões de desempregados. Centenas de milhões de pessoas vivem hoje no limiar

da fome ou passam fome efetivamente. Centenas de milhões de pessoas são torturadas pela angústia do que ocorrerá no dia de amanhã.

A privação e a insegurança para as amplas massas trabalhadoras, bem como a política interna e externa reacionária, antipopular seguida pelos regimes capitalistas e burguês-revisionistas vêm aumentando constantemente o descontentamento de vastas camadas da população. Essa grave situação despertou em tais camadas a indignação incontida que se expressa através das greves, protestos, manifestações, choques com os órgãos repressivos do sistema burguês e revisionista, em muitos casos também em verdadeiras rebeliões. As massas populares hostilizam cada vez mais os regimes que as subjugam.

Os governos dos países imperialistas, capitalistas e revisionistas fazem toda sorte de promessas e propostas enganosas, procurando manter para si o máximo de lucro, mesmo nessa situação de crise, amainar o descontentamento e a indignação das massas e fazer com que elas não pensem na revolução.

Enquanto isso, os pobres tomam-se ainda mais pobres, os ricos ainda mais ricos, o abismo entre as camadas sociais pobres e ricas, entre os países capitalistas desenvolvidos e os não desenvolvidos aprofunda-se sem cessar.

A crise atual também se estendeu à vida política, avivando as contradições nos círculos dirigentes dos Estados capitalistas e revisionistas. O grande amedanhamento das crises governamentais e as mudanças das equipes no poder são uma clara prova disso.



A burguesia e as camarilhas dominantes são obrigadas a trocar cada vez mais frequentemente os cavalos da carruagem governamental, com o objetivo de enganar os trabalhadores e de mantê-los na esperança de que os novos serão melhores do que os velhos, de que os predecessores são os culpados pela crise e por sua não superação, enquanto seus sucessores melhorarão as coisas e assim por diante. Toda essa fraude que se desenvolve em amplas proporções, sobretudo durante as campanhas eleitorais, é encoberta com os falsos slogans da liberdade, da democracia, etc. Ao mesmo tempo, a burguesia dos países capitalistas e revisionistas reforça suas selvagens armas de violência, o exército, a polícia, os serviços secretos, os órgãos judiciários, o controle de sua ditadura sobre qualquer movimento ou tentativa de luta do proletariado. A tendência que transparece claramente hoje nos países capitalistas e revisionistas é de intensificação da violência burguesa e limitação dos direitos democráticos. Verifica-se cada vez mais a propensão à fascistização da vida do país e à preparação da instauração do fascismo, no momento em que a burguesia constatar ser impossível dominar por meios e métodos «democráticos».

A crise econômico-financeira e política envolveu não só os monopólios, governos, partidos e forças políticas dentro de cada país, mas também as alianças internacionais, os blocos econômicos, políticos e militares, como é o caso do Mercado Comum Europeu e do Comecon, da Comunidade Européia, da OTAN e do Tratado de Varsóvia. As contradições, atritos, contestações, rixas

entre os parceiros dessas alianças e blocos manifestam-se mais aberta e asperamente.

Outra expressão da crise e dos esforços para sair dela são a corrida aos armamentos, a preparação geral da guerra e a incitação de guerras locais por parte das superpotências e outras potências imperialistas, como nos casos do Oriente Médio, do Chifre da África, do Saara Ocidental, da Indochina e outros. Esse processo serve aos planos hegemônistas e expansionistas de uma ou de outra potência imperialista. Mantém vivos e desenvolve a indústria bélica e o tráfico da armas, que adquiriram hoje dimensões nunca vistas.

Mas todos esses meios políticos e militares não passam de paliativos que não curam nem poderiam curar o sistema capitalista-revisionista gravemente enfermo.

À atual crise econômica e política do mundo capitalista e revisionista deve-se agregar a crise ideológica e moral sem precedentes. Jamais existiu uma confusão ideológica e moral como a que observa-se no período atual. Jamais houve tantas variantes de teorias burguesas, de direita, de centro e de «esquerda», encobertas com toda sorte de mantos, laicos e religiosos, clássicos e modernos, abertamente anticomunistas e pretensamente comunistas e marxistas. Jamais se viu uma tamanha devassidão moral, um modo de vida tão degenerado, uma depressão espiritual tão grande. Teorias burguesas e revisionistas edificadas com tanto esforço e tão ruidosamente alardeadas como «guias salvadores para os males da velha sociedade», como é o caso das teorias da «estabilização definitiva do capitalismo», do «capitalismo popular», da «sociedade de consumo», da

«sociedade pós-industrial», da «prevenção das crises», da «revolução técnico-científica», da «coexistência pacífica» kruschovista, do «mundo sem exércitos, sem armas nem guerras», do «socialismo com face humana», etc., etc., já se encontram abaladas desde os alicerces.

Todos esses aspectos da crise geral encontram-se não só na Iugoslávia, onde as consequências da crise são mais visíveis, mas também na União Soviética social-imperialista e nos demais países revisionistas. Em todos esses países aumentaram a opressão e a exploração, todos sofrem com as moléstias do capitalismo, com as rixas e conflitos pelo poder e por privilégios nas fileiras dos dirigentes e das camadas superiores, em toda parte o descontentamento e a indignação das massas populares estão em efervescência. Portanto, também nesses países existem grandes possibilidades para a revolução. A lei da revolução é tão atuante ali como em qualquer outro país burguês.

É precisamente este estágio da atual crise geral do capitalismo, que tende a aprofundar-se continuamente, que nos faz extrair a conclusão de que a situação revolucionária envolveu ou está envolvendo a maioria dos países capitalistas e revisionistas e de que em consequência dela a revolução entrou na ordem do dia.

Sob a crescente pressão da crise e das derrotas de suas profecias e manobras para sufocar a revolução, a burguesia e os revisionistas tentam encontrar novos expedientes e fabricar outras teorias fraudulentas.

Os revisionistas contemporâneos hastearam na atualidade a bandeira da defesa do sistema capitalista, da opressão e exploração dos povos, da divisão do movi-

mento revolucionário e libertador, e em geral da mistificação das massas. Mas eles terão a mesma sorte que tiveram os social-democratas e todos os demais oportunistas do passado, que se transformaram em meros lacaios da burguesia.

Na atual situação de suas graves crises econômica, política e ideológica, a burguesia exige que seus lacaios revisionistas assumam mais abertamente sua defesa. Isso os obriga a arrancar cada vez mais as máscaras, mas também a se desmoralizar crescentemente. Lênin disse:

*«Os oportunistas são inimigos burgueses da revolução proletária, que em tempos de paz realizam furtivamente seu trabalho burguês, incrustrando-se nos partidos operários, enquanto em tempos de crise revelam-se em seguida como francos aliados de toda a burguesia unida, desde a conservadora até a mais radical e democrática, desde os livres-pensadores burgueses até os elementos religiosos e clericais.»\**

Os serviços que os revisionistas contemporâneos prestam hoje ao sistema capitalista em crise confirmam cabalmente esta conclusão científica de Lênin.

Tomemos por exemplo a Itália, que é o país típico onde se espelha a decomposição do capitalismo, em sua base e superestrutura. Os democratas-cristãos, o partido da grande burguesia, o partido do Vaticano, que aglutinou em tomo de si toda a burguesia religioso-reacionária e os elementos de direita, estão no poder na

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXI, pg. 106.

Itália desde o fim da II Guerra Mundial até agora. Seu governo domina um país em situação de falência. As camadas da alta burguesia entraram numa crise tão grave a partir de 1945 que desde então já trocaram cerca de 40 governos, governo «monocolor» democrata-cristão, governo democrata-cristão-socialista, governo tripartite democrata-cristão-socialista-social-democrata, governo de «centro-sinistra», governo de «centro-destra», etc.

A profunda crise governamental na Itália patenteia uma situação de crise interna geral, que não encontra qualquer saída. Suas conseqüências são rixas, conflitos, assassinatos e escândalos políticos que tornam-se mais frequentes, a exemplo da destituição do presidente Leone, do assassinato do presidente do Partido Democrata-Cristão, Moro, etc.

A Itália tornou-se uma praça de guerra dos Estados Unidos. Sua economia falida debate-se nas garras do imperialismo norte-americano e também está comprometida com o Mercado Comum Europeu, onde ela é o último parceiro.

Essa situação vem levando ao empobrecimento das amplas massas trabalhadoras da Itália. Existe ali um desemprego maior do que em todos os demais países do Mercado Comum Europeu. A Itália tem a maior emigração de mão-de-obra e a balança comercial é deficitária. Ao limitar a compra de produtos alimentares na Itália, os países do Mercado Comum Europeu, especialmente a Alemanha Ocidental e a França, criaram uma situação difícil na agricultura italiana. Os preços de exportação da manteiga, leite e frutas italianas caíram

muito, enquanto a vida no país encarecia enormemente. A Itália tomou-se o país das grandes greves, em que participam desde os operários da indústria pesada e leve, dos transportes, até os carteiros, os aviadores, inclusive o pessoal da polícia.

Nessa situação efervescente, em que os interesses das massas e da revolução exigem que se canalize toda essa grande insatisfação do proletariado e de todo o povo para a luta contra a burguesia reacionária, contra os preparativos do ataque fascista que ela procura deflagrar, os revisionistas italianos e os sindicatos reformistas, toda a aristocracia operária, bem como os partidários da teoria chinesa dos «três mundos», atuam como bombeiros da revolução e defensores da ordem burguesa.

Todos os partidos apóiam essa ordem apodrecida, desde o partido fascista até o partido revisionista de Berlinguer. O partido revisionista italiano une-se à burguesia precisamente para manter no poder esse sistema burguês abalado desde os alicerces. Procura entorpecer e fazer murchar o ímpeto revolucionário do proletariado italiano, tentando enganá-lo com a suposta aplicação de um marxismo adequado às condições de seu país.

Berlinguer entrou há tempos não só em conciliábulos mas também em entendimentos com os democratas-cristãos. Quanto a muitas questões ele governa juntamente com estes, sem participar oficialmente do governo. O governo apóia esse partido e, ao mesmo tempo, para guardar as aparências, dá a entender que não concordaria com ele. E o partido revisionista italiano faz o mesmo jogo.

Os revisionistas italianos fazem grande alarido em

torno de um programa governamental concluído entre os cinco partidos da maioria parlamentar italiana, que eles proclamam como uma «importante vitória», como «uma nova fase política» em seu país. Mas a fase política de que fala Berlinguer é o enquadramento do partido revisionista nos planos do capital italiano. Berlinguer qualifica isso de um acordo sério realista e não dogmático. Pretende que esse acordo provocará uma mudança real, não só das relações políticas entre os partidos mas de toda a vida econômica, social e estatal do país.

Desta forma, os revisionistas italianos colocam-se precisamente no caminho previsto por Lênin para os diversos oportunistas, que procuram a unidade com o capital para entrar o ímpeto revolucionário das massas. Com tal unidade eles pensam que conseguirão em certa medida seu objetivo de chegar ao socialismo através do pluralismo. Compreende-se que isso é um sonho e o presidente do Senado italiano, Amintore Fanfani, não se equivoca nem um pouco quando qualifica o acordo dos cinco partidos de uma coleção de sonhos. Trata-se de uma coleção de sonhos da parte dos revisionistas italianos, enquanto da parte das forças do capital não tem nada de sonho, é um trabalho bem pensado para liquidar as idéias do comunismo na Itália, para rejeitar as reivindicações do povo e do proletariado italianos, esmagar sua luta revolucionária pela construção de uma nova sociedade. Agora, os revisionistas italianos estão recebendo algumas migalhas, mas, pretendendo que o governo tem necessidade de participação de seu partido, solicitam que ele seja enquadrado

inteiramente no governo, que mergulhe nele como um peixe n'água. Numa palavra, o partido revisionista italiano procura engolfar-se por inteiro no turbilhão reacionário do capital monopolista italiano.

O partido de Berlinguer é um partido totalmente degenerado do ponto de vista ideológico, com um programa social-democrata inteiramente reformista e parlamentarista. Ele apóia a ordem instituída pela Constituição pseudodemocrática, em cuja formulação participaram os próprios «comunistas» italianos com Togliatti à frente. Precisamente em nome dessa Constituição, a burguesia reacionária e clerical faz a lei na Itália há três décadas, oprime o proletariado e as amplas massas do povo. Os chamados comunistas italianos consideram essa opressão justa e conforme a constituição.

O partido revisionista italiano, juntamente com os demais partidos da burguesia com o democrata-cristão à frente, desenvolve dentro ou fora do parlamento italiano, nos órgãos de imprensa, através da televisão e do rádio uma política e uma demagogia desenfreada, que desconcertam, desorientam e confundem a cada dia a opinião pública italiana, para enfraquecer a vontade revolucionária do proletariado e a consciência política das massas trabalhadoras.

Toda essa atividade é muito necessária à reação italiana e ao Vaticano. O partido revisionista italiano procura esmagar o movimento revolucionário das massas populares, com o proletariado à frente, para entrar a revolução, para ajudar a burguesia a sair da situação em que se encontra e evitar a derrubada do sistema existente.



Tomemos outro exemplo, a Espanha. Com a morte de Franco subiu ao poder o rei Juan Carlos. Ele é o representante da grande burguesia espanhola que, vendo que o longo domínio do regime fascista havia mergulhado o país numa grave crise, chegou à conclusão de que a Espanha não pode mais ser governada como no período de Franco. Era portanto necessário realizar algumas mudanças na forma de governo e fazer com que a Falange comprometida com Franco não permanecesse mais no poder. Após as peripécias de uma mudança de chefes de governo, o poder ficou com elementos da maior confiança do novo rei, do continuador do franquismo reformado.

As manifestações e greves eclodiram como nunca antes na Espanha. Através delas, o povo exigia mudanças, naturalmente não a «mudança» alcançada, mas mudanças profundas e radicais. As greves, manifestações e choques não cessaram até agora. As massas exigem liberdade e direitos, as diversas nacionalidades, autonomia. Nessa situação, o governo de Juan Carlos legalizou também o partido revisionista de Carrillo-Ibarruri para ludibriar as massas revoltadas. Os chefes desse partido tomaram-se fiéis servidores do regime monárquico espanhol, transformaram-se em fura-greves visando rebaixar o grande ímpeto revolucionário que cresceu na situação criada, para reprimir, juntamente com a burguesia, todos os elementos imbuídos das idéias revolucionárias da Guerra da Espanha e simpatizantes da República.

Constatamos também aqui o papel de bombeiro do partido revisionista espanhol, idêntico, embora menos

eficaz, ao desempenhado pelo partido revisionista italiano.

Os partidos revisionistas desempenham o mesmo papel na França, no Japão, nos Estados Unidos, na Inglaterra, em Portugal e em todos os demais países capitalistas, visando defender a ordem burguesa, superar as crises e as situações revolucionárias, entorpecer e paralisar o proletariado e as demais massas oprimidas e exploradas, que compreendem cada vez melhor a impossibilidade de continuarem a viver na «sociedade de consumo» e outras sociedade espoliadoras, e que estão se erguendo contra o sistema político e econômico capitalista.

Os partidos revisionistas são inimigos especialmente do leninismo. Isso significa que são inimigos da revolução, pois foi Lênin que elaborou de maneira acabada a teoria da revolução proletária e levou-a à prática na Rússia. A revolução socialista triunfou na Albânia e em outros países com base nesta teoria. A teoria leninista, que aponta o caminho para o triunfo da revolução em toda parte, arranca os disfarces das teorias contra-revolucionárias revisionistas da passagem pacífica ao socialismo pela via parlamentar, sem destruição do aparelho estatal burguês e inclusive, segundo seus defensores, empregando-o para as transformações socialistas pacíficas, sem necessidade da direção do proletariado e de seu partido de vanguarda, nem da ditadura do proletariado.

Precisamente nestes momentos tão revolucionários, em que há grandes possibilidades de desencadeamento da revolução nos elos mais débeis da cadeia capitalista,

em que sente-se a necessidade imperiosa de elevar a consciência de classe do proletariado, de preparar o fator subjetivo, de reforçar a confiança na justeza e no caráter universal da teoria marxista-leninista, que mostra o verdadeiro caminho da tomada do poder pelo proletariado e as massas oprimidas, os revisionistas prestam um inestimável serviço para que a burguesia enfrente e conjure a revolução. Por isso, a burguesia procura por todos os meios enquadrar os partidos revisionistas e os sindicatos sob sua influência na luta contra a revolução e o comunismo. Toda a linha do imperialismo norte-americano, do capitalismo mundial e da burguesia de cada país tem precisamente esse objetivo. A burguesia exige que os partidos revisionistas coloquem-se aberta e plenamente a serviço do capital, disfarçando-se de «comunistas» e combatendo por uma suposta mudança da situação, pela criação de uma sociedade nova, híbrida, onde não só o patronato e as classes ricas teriam direito à palavra, mas supostamente também as classes pobres, cujos representantes e defensores seriam os partidos «comunistas» revisionistas e os partidos socialistas.

Sobretudo os revisionistas que se encontram no poder, iugoslavos, soviéticos e chineses, prestam um enorme auxílio ao capitalismo mundial na luta para frear e extinguir as revoluções.

Os revisionistas iugoslavos são inimigos declarados do leninismo, são os mais ardorosos propagandistas da negação do caráter universal das leis da revolução socialista, encarnadas na Revolução de Outubro e refletidas na teoria leninista da revolução. Pregam que

o mundo atual caminharia espontaneamente rumo ao socialismo e portanto não haveria necessidade da revolução, da luta de classes, etc. Os revisionistas iugoslavos apresentam como modelo do verdadeiro socialismo seu sistema capitalista da «autogestão», que, segundo eles, seria uma panacéia contra os «males» do socialismo «stalinista», assim como contra os males do capitalismo. A instauração desse sistema, segundo eles, não exige nem a revolução violenta, nem a ditadura do proletariado, nem a propriedade estatal socialista, nem o centralismo democrático. A «autogestão» pode instalar-se comportada e suavemente, através do acordo e da colaboração entre os círculos dominantes, entre empregadores e operários, entre governo e patrões! Precisamente porque o revisionismo iugoslavo é inimigo do leninismo e sabota a revolução, o capitalismo internacional, sobretudo o imperialismo norte-americano, mostra-se tão «generoso» na ajuda financeira, material, política, ideológica à Iugoslávia titista.

Os revisionistas soviéticos em palavras não rejeitam o leninismo e a teoria leninista da revolução, mas na prática combatem-nos com suas atitudes e atividades contra-revolucionárias. Eles não têm menos medo da revolução proletária do que os imperialistas norte-americanos e a burguesia desse ou daquele país, pois a revolução na União Soviética os derruba, priva-os do poder e dos privilégios de classe, enquanto que em outros países frustra seus planos estratégicos de domínio mundial.

Eles procuram apresentar-se como continuadores da Revolução de Outubro, seguidores do leninismo, para

enganar o proletariado e as massas trabalhadoras tanto na União Soviética como nos demais países. Se eles falam do «socialismo desenvolvido», da «passagem ao comunismo», é para suprimir qualquer descontentamento, revolta ou movimento revolucionário das massas trabalhadoras de seu país contra o domínio revisionista e esmagá-los como atos «contra-revolucionários», «antisocialistas». Externamente empregam a máscara do «leninismo» para encobrir suas teorias e práticas antimarxistas, antileninistas, para abrir caminho aos planos expansionistas e hegemônistas do social-imperialismo.

Os revisionistas soviéticos apresentam a revolução violenta nos países capitalistas desenvolvidos como algo perigosíssimo na atualidade, quando, segundo eles, qualquer explosão revolucionária pode transformar-se numa guerra mundial e termonuclear que aniquilará a humanidade. Por isso eles recomendam como caminho mais adequado atualmente a revolução pela via pacífica, a transformação do parlamento, «de um órgão de democracia burguesa num órgão de democracia para os trabalhadores». Também apresentam a *détente*, a chamada distensão, que serve aos fins da política externa soviética, como «a tendência geral da atual evolução mundial», que pretensamente levaria ao triunfo pacífico da revolução em escala mundial.

Com objetivos demagógicos, eles não negam a ditadura do proletariado e inclusive defendem-na teoricamente, afirmando que, em casos particulares, pode-se empregar mesmo a revolução violenta. Mas necessitam dessas declarações sobretudo para legitimar complôs e

«putschs» armados que promovem nesse ou naquele país visando implantar regimes e camarilhas reacionários pró-soviéticos, afastar do justo caminho e colocar sob sua hegemonia os movimentos de libertação nacional, etc.

A China revisionista também tornou-se agora zeloso bombeiro da revolução.

Toda a política interna e externa dos revisionistas chineses dirige-se contra a revolução, pois ela derruba sua estratégia de fazer da China uma superpotência imperialista.

No interior da China a direção revisionista reprime selvagemmente qualquer explosão revolucionária da classe operária e das massas trabalhadoras contra suas atitudes e atividades burguesas contra-revolucionárias. Procura encobrir por todos os meios as contradições da época atual, sobretudo a contradição entre o trabalho e o capital, entre o proletariado e a burguesia. Os revisionistas chineses dizem que o mundo possui hoje apenas uma contradição, a contradição entre as duas superpotências, que eles apresentam como sendo uma contradição dos Estados Unidos e todos os demais países do mundo com o social-imperialismo soviético. Apoian-do-se nessa tese inventada, eles conclamam o proletariado e o povo de cada país a unir-se com sua própria burguesia para «defender a pátria e a independência nacional» do perigo que emanaria unicamente do social-imperialismo soviético. Com isso os revisionistas chineses pregam às massas a idéia da renúncia à revolução e à luta de libertação.

Para os revisionistas chineses a questão da revolu-

ção proletária e de libertação nacional absolutamente não se coloca no período atual, mesmo porque, segundo eles, não haveria em parte alguma do mundo uma situação revolucionária. Por isso eles aconselham o proletariado a fechar-se nas bibliotecas e estudar a «teoria», já que não chegou a hora das ações revolucionárias. Nesse quadro fica claro como é hostil e contra-revolucionária a política dos revisionistas chineses, que dividem o movimento marxista-leninista e emperram a união da classe operária na luta contra o capital.

A imprensa e a propaganda chinesas, assim como os discursos dos dirigentes chineses, silenciam por completo sobre as grandes manifestações e greves realizadas atualmente por todo o proletariado dos diversos países capitalistas. Fazem-no porque não querem encorajar a revolta das massas, porque não querem que o proletariado explore essa situação para combater a opressão e a exploração. Como soa hipócrita seu slogan bombástico e vazio de que «os países querem a independência, as nações querem a libertação e os povos querem a revolução»!

Ao pretender que não existe situação revolucionária no mundo de hoje, os revisionistas chineses não só entram em contradição com a realidade, como solicitam que o proletariado e seu partido marxista-leninista permaneçam de braços cruzados, não empreendam qualquer ação revolucionária, não trabalhem para preparar a revolução. Há muito tempo, já no II Congresso da Internacional Comunista, Lênin criticava pontos de vista capitulacionistas desse gênero, expressos pelo italiano Serratti, segundo o qual não se deve desenvolver

ações revolucionárias quando não há situação revolucionária.

*«A diferença entre os socialistas e os comunistas — dizia Lênin — reside precisamente em que os socialistas recusam-se a atuar como nós procedemos em qualquer situação, realizando justamente a atividade revolucionária.»\**

Essa crítica de Lênin é também um forte golpe nos revisionistas contemporâneos chineses e em todos os demais revisionistas que, tal qual os social-democratas, opõem-se às ações revolucionárias do proletariado e das massas trabalhadoras.

Lênin qualificava Kautsky de renegado porque

*«...ele desnaturou de fio a pavio a doutrina de Marx, adequou-a ao oportunismo, 'renegou de fato a revolução enquanto a aceitava em palavras'».\*\**

Os dirigentes revisionistas chineses vão ainda mais longe do que Kautsky. Não admitem nem em palavras a necessidade da revolução.

Essa linha reacionária explica a política e as atitudes profundamente contra-revolucionárias da direção revisionista chinesa, que procura por todos os meios aliar-se e colaborar com o imperialismo norte-ameri-

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXXI, pg. 277.

\*\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXVIII, pg. 257.



cano e outros países capitalistas desenvolvidos, apóia o Mercado Comum Europeu e a OTAN.

Ao aliar-se e buscar a unidade com os imperialistas norte-americanos, que, ao lado dos social-imperialistas soviéticos, são os mais ferozes opressores e exploradores, os maiores inimigos do proletariado e dos povos, assim como com os demais dominadores imperialistas, com a mais negra reação mundial, ao solicitar que o proletariado dos países europeus e dos outros países capitalistas desenvolvidos curve a espinha e aceite a opressão burguesa, os revisionistas chineses participam eles próprios da opressão e juntam-se ao capitalismo mundial na luta contra a revolução, contra o socialismo, contra a libertação dos povos.

Como se vê, o capitalismo mundial desenvolve juntamente com o revisionismo contemporâneo e todos os seus demais instrumentos uma luta frontal, áspera e multifacética para impedir a eclosão de revoluções.

Eles procuram com todas as forças superar as crises, atenuar ou debelar as situações revolucionárias, para que elas não se transformem em revolução. Mas as crises e situações revolucionárias são fenômenos objetivos, que não dependem da vontade ou dos desejos dos capitalistas, nem dos revisionistas, nem de quem quer que seja. Só poderão ser conjuradas quando desaparecer o sistema capitalista de opressão e exploração, que as engendra inevitavelmente.

Os imperialistas, os demais capitalistas e os revisionistas sabem muito bem que a revolução não eclode por si só nos períodos de crise e situação revolucionária. Por isso dirigem sua atenção e seus golpes principais sobre

o fator subjetivo. Por um lado, tentam entorpecer e ludibriar o proletariado, as demais massas trabalhadoras, os povos, impedir que eles tomem consciência da necessidade imperiosa da revolução, que se unam e se organizem. Por outro lado, lutam para destruir o movimento marxista-leninista internacional, para que ele não se erga, não se reforce, não se torne uma grande força política dirigente da revolução, para que os autênticos partidos marxistas-leninistas de cada país não adquiram aptidões políticas e ideológicas que os capacitem a unir, organizar, mobilizar, dirigir as massas na revolução e na vitória.

Porém por mais que se esforcem e combatam, os imperialistas, capitalistas, revisionistas e reacionários não podem deter o avanço da roda da história. Seus esforços e sua luta defrontar-se-ão com os esforços e a luta revolucionária do proletariado e dos povos amantes da liberdade, enquanto os revisionistas contemporâneos terão o mesmo destino dos social-democratas e de todos os oportunistas do passado, de todos os servidores da burguesia e do imperialismo.

### **A Luta de Libertação dos Povos, Parte Integrante da Revolução Mundial**

Quando falamos da revolução não subentendemos apenas a revolução socialista. Como explicaram Lênin e Stálin, na atual época de passagem revolucionária do capitalismo ao socialismo as lutas de libertação dos povos, as revoluções nacional-democráticas, antiimperia-

listas, os movimentos nacional-libertadores também são parte integrante de um único processo revolucionário, da revolução proletária mundial.

*«O leninismo — dizia Stálin — provou... que a questão nacional só pode ser resolvida vinculada d revolução proletária e com base nela, que o caminho da vitória da revolução no Ocidente passa pela aliança revolucionária com o movimento libertador das colônias e países dependentes contra o imperialismo. A questão nacional é uma parte da questão global da revolução proletária, uma parte da questão da ditadura do proletariado.»\**

Atualmente esse vínculo tornou-se ainda mais claro, mais natural, pois com a derrocada do velho sistema colonial os povos, em sua maioria, deram um grande passo adiante rumo à independência, criando seus Estados nacionais, e, após dar tal passo, aspiram seguir adiante. Esses povos querem a abolição do sistema neo-colonialista, de toda dependência imperialista, de toda exploração pelo capital estrangeiro, querem plena soberania e independência, econômica e política. Já está comprovado que tais aspirações só podem ser atendidas, tais objetivos só podem ser alcançados com a supressão de todo domínio e dependência estrangeira, bem como com a eliminação da opressão e exploração dos burgueses e latifundiários dominantes em seus países.

---

\* J. V. Stálin, Obras, ed. albanesa, vol. VI, pg. 144,

Deriva daí a ligação e o entrelaçamento da revolução nacional-democrática, antiimperialista, de libertação nacional com a revolução socialista, pois a primeira, ao golpear o imperialismo e a reação, que são inimigos comuns do proletariado e dos povos, também abre caminho para grandes transformações sociais, ajuda a vitória da revolução socialista. Em contrapartida, a revolução socialista, ao golpear a burguesia imperialista, ao destruir suas posições econômicas e políticas, cria condições propícias e favorece o triunfo dos movimentos de libertação.

É assim que o Partido do Trabalho da Albânia encara a questão da revolução. Encara-a a partir de posições marxistas-leninistas e por isso apóia e sustenta com todas as forças as justas lutas dos povos amantes da liberdade contra o imperialismo norte-americano, o social-imperialismo soviético e as demais potências imperialistas, contra o neocolonialismo, já que elas ajudam a causa comum da destruição do imperialismo, do sistema capitalista, e a vitória do socialismo em cada país e em escala mundial.

Portanto, quando extraímos a conclusão de que a revolução é um problema candente que exige solução, que está na ordem do dia, temos em mente não só a revolução socialista mas também a revolução democrática antiimperialista.

O grau de maturação da situação revolucionária, o caráter e o desenvolvimento da revolução não podem ser idênticos em todos os países. Dependem das condições históricas concretas de cada país em particular, do seu grau de desenvolvimento econômico e social, da correla-

ção de classes, da situação e do nível de organização do proletariado e das massas oprimidas, do nível de ingerência de potências estrangeiras nos diversos países, etc. Cada país e cada povo tem muitos problemas específicos da revolução, sumamente complexos.

Fala-se muito atualmente da situação e da ocorrência da revolução na África, Ásia, América Latina, etc. Os dirigentes chineses consideram a questão da revolução, da independência e da libertação nacional desses países de maneira uniforme, como se fosse possível solucioná-la através da união de todo o «terceiro mundo», ou seja, de seus Estados, classes, governos, etc., ignorando a situação e os problemas concretos de cada país e região. Essa visão metafísica mostra que na realidade os dirigentes chineses opõem-se à revolução e à libertação dos povos da África, Ásia, América Latina, advogam a manutenção do status quo, a salvaguarda do domínio imperialista e neocolonialista nessas regiões.

Também nós falamos sobre a questão da libertação dos povos africanos, latino-americanos, asiáticos, árabes, etc. Esses povos têm muitos problemas comuns a resolver. Mas cada um tem também problemas específicos e muito intrincados.

A aspiração geral e comum a esses povos é a supressão de todo o jugo estrangeiro e imperialista, colonial e neocolonial, e da opressão por parte da burguesia local. Os povos da África, da América Latina, da Ásia e outras áreas fervem de indignação e ódio contra o jugo estrangeiro, assim como contra as camarilhas dominantes burguesas ou latifundiário-burguesas internas, vendidas aos imperialistas norte-americanos, aos social-im-

perialistas soviéticos ou a outros imperialistas. Agora eles despertaram e já não suportam mais a pilhagem de suas riquezas, dos frutos de seu suor e sangue, não podem mais conformar-se com o atraso econômico, social e cultural em que se encontram.

A luta contra o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo soviético, os principais inimigos da revolução, da libertação nacional e social dos povos, o combate à burguesia e à reação fazem com que os povos tenham muitos interesses e muitos problemas em comum e se unam entre si com base neles.

**A luta contra Israel, o mais sanguinário instrumento do imperialismo norte-americano, que tornou-se um grande obstáculo ao avanço dos povos árabes, é um problema comum a todos esses povos.** Contudo, na prática os Estados árabes não têm todos a mesma opinião quanto à luta que devem travar conjuntamente contra Israel e o caráter que deve ter esse combate a esse inimigo comum. Frequentemente essa luta é encarada por alguns deles num prisma estreito, nacionalista. Não podemos concordar com tal atitude. Somos favoráveis a que se acue Israel em seu covil e se suprima suas atitudes e ações chauvinistas, provocadoras, ofensivas e agressivas em relação aos Estados árabes. Exigimos que Israel devolva aos árabes os territórios que lhes arrebatou, que os palestinos conquistem todos os seus direitos nacionais, mas não somos de forma alguma pela supressão do povo israelense.

Também são comuns aos povos dos países árabes os esforços para libertar-se plenamente das garras do im-

perialismo e do social-imperialismo, para fortalecer sua liberdade e soberania.

Contudo, cada povo árabe em particular tem suas características próprias, seus problemas específicos, distintos dos demais, derivados de seu desenvolvimento econômico-social, nível cultural, organização estatal, grau de liberdade e soberania, de unificação dos clãs e tribos em muitos deles, etc. É impossível confundir todos esses elementos específicos e exigir uma solução idêntica e simultânea do problema da liberdade, da independência, da democracia e do socialismo em todos esses países.

Nos países árabes onde os interesses da burguesia são maiores, diferentes imperialistas investiram somas consideráveis na exploração dos recursos naturais e dos povos. Para isso foi preciso criar certas condições de trabalho, tanto para os colonos como para os colonizados. Onde as riquezas naturais eram mais abundantes e maior o interesse dos colonialistas, também a exploração dos povos e de seus recursos foi mais intensa. Evidentemente, a exploração dos recursos trouxe um certo desenvolvimento, porém este não pode ser considerado como um desenvolvimento geral e harmônico da economia desse ou daquele país. Os colonialistas financiaram e ajudaram os chefes das principais tribos, que haviam vendido a própria alma e as riquezas dos povos aos invasores imperialistas, e a quem tocava apenas uma pequena porcentagem dos colossais lucros auferidos pelos primeiros.

Com esses lucros e a ajuda de seus patrões de fora, os chefes de tribo criaram, de acordo com a ocasião e

com a potência do Estado que os escravizara, um certo Estado, pretensamente independente, sob a proteção e o controle do país colonizador. Dessa forma, os chefes de tribo se transformaram, com a ajuda dos colonialistas, na rica camada burguesa dos sheiks, que venderam suas terras por uns poucos tostões e junto com elas venderam também os povos, submetendo-os a um duplo jugo, dos colonialistas estrangeiros e deles próprios. Surgiram e defrontavam-se nos países árabes a camada da grande burguesia, dos grandes senhores feudais de terras, dos reis medievais e os escravos, o proletariado que trabalhava nas concessões estrangeiras. Com os grandes proventos e lucros que os exploradores estrangeiros lhes concediam, as camadas altas adotaram o modo de vida da burguesia européia e norte-americana. Seus filhos frequentavam inclusive as escolas dos colonialistas, onde adquiriam uma certa cultura ocidental. Eles posavam de representantes da cultura de seu povo, mas na verdade foram preparados para manter as massas trabalhadoras subjugadas e permitir que os colonialistas as explorassem implacável e constantemente.

Algum Estado árabe que tinha maiores recursos teve um desenvolvimento mais rápido, outro menos rico desenvolveu-se mais devagar, e outro ainda, que era pobre, ficou num estágio muito inferior de desenvolvimento.

Possuindo uma organização adequada e uma repressão radical e tendo sempre forças armadas em suas mãos, o colonialismo, o poder dos monarcas feudais e da grande burguesia latifundiária esmagavam no em-



brão qualquer tentativa de revolta, qualquer reivindicação, mesmo por uns poucos direitos econômicos muito limitados, para não se falar de reivindicações políticas e da revolução.

O desenvolvimento dos Estados árabes em nossos dias não lhes coloca os mesmos problemas por resolver. O rei da Arábia Saudita, por exemplo, tem seus problemas e encara de determinada forma as questões econômicas, políticas, organizativas, militares, enquanto os emires do Golfo Pérsico vêem essas questões com outros olhos e num diapasão bastante distinto. O Iraque, a Síria, o Egito, a Líbia, a Tunísia, a Argélia, o Marrocos, a Mauritânia, etc. também encaram seus problemas com outros olhos.

Portanto, quando falamos dos povos árabes chegamos à conclusão de que, apesar deles possuírem muitos interesses comuns, seus problemas não são idênticos nem podem ser resolvidos da mesma forma nesse e naquele país. Tampouco podemos dizer que existe entre esses países uma aliança e um julgamento idêntico quanto à solução dos problemas comuns. Os problemas mudam de feição para cada Estado árabe, não só devido às diferentes atitudes dos governos de um ou de outro, mas também em função das posturas dos Estados colonialistas ou neocolonialistas que continuam a fazer a lei na maioria deles.

**O que se disse dos povos árabes pode aplicar-se também aos povos de Continente Africano. A África é um mosaico de povos dotados de uma antiga cultura. Cada um deles tem sua cultura, hábitos, modo de vida**

próprios, que encontram-se, aqui menos e ali mais, num estádio bastante atrasado, por razões que já se conhecem. Não faz muito tempo que iniciou-se o despertar da maior parte desses povos. *De jure*, os povos africanos em geral conquistaram a liberdade e a independência. Mas não se pode falar em liberdade e independência autênticas, pois a maioria encontra-se ainda nas condições de um estado colonial ou neocolonial. Muitos desses países são governados pelos dirigentes das velhas tribos, que tomaram o poder e se apóiam nos antigos colonialistas ou nos imperialistas norte-americanos e social-imperialistas soviéticos. No estádio atual, os métodos de governo nesses Estados não são nem poderiam ser mais do que uma acentuada reminiscência do colonialismo. Os imperialistas dominam novamente a maior parte dos países africanos, através dos consórcios, dos capitais industriais investidos, através dos bancos, etc. A esmagadora maioria dos recursos desses países continua seguindo para as metrópoles.

Alguns países africanos asseguraram com luta a liberdade e independência que desfrutaram, enquanto outros as ganharam sem lutar. Durante seu período de domínio colonial na África, os colonialistas ingleses, franceses, etc., oprimiram os povos, mas também criaram uma burguesia nativa mais ou menos educada à moda ocidental. Dessa burguesia surgiram também as personalidades. Entre elas há um bom número de elementos antiimperialistas, de combatentes pela independência de seu país, mas a maioria ou permanece fiel aos velhos colonialistas, para manter estreitas relações com eles mesmo após o desaparecimento formal do co-

lonialismo, ou colocou-se na dependência econômica e política dos imperialistas norte-americanos ou dos social-imperialistas soviéticos.

Os colonialistas não fizeram grandes investimentos no passado. Foi o que ocorreu, por exemplo, na Líbia, na Tunísia, no Egito e assim por diante. Apesar disso, em todos esses países os colonialistas extorquiram recursos, deitaram a mão em amplas superfícies de terra e desenvolveram um proletariado não pouco numeroso em determinados ramos industriais, como o da extração e elaboração de matérias primas. Também atraíram uma grande quantidade de mão-de-obra barata que trabalhava nas minas e fábricas dos colonialistas para as metrópoles, a França, por exemplo, e também a Inglaterra.

Em outras partes da África, sobretudo da África Negra, o desenvolvimento industrial atrasou-se mais. Todos os países dessa área estiveram divididos principalmente entre a França, a Inglaterra, a Bélgica e Portugal. Há tempos descobriu-se em seu subsolo grandes riquezas, como diamantes, ferro, cobre, ouro, estanho, etc. e criou-se uma indústria de extração e elaboração mineral.

Em muitos países da África construiu-se grandes cidades, tipicamente coloniais, onde os colonialistas levavam uma vida faustosa. Agora, de um lado cresce e desenvolve-se a grande burguesia local com sua riqueza, enquanto de outro aumenta ainda mais a pobreza das amplas massas trabalhadoras. Criou-se até certo ponto nesses países um determinado desenvolvimento cultural, que no entanto possui mais um caráter europeu. A cultura local não se desenvolveu. Ficou em geral no ní-

vel alcançado pelas tribos e não se faz representar fora delas, nos centros onde se erguem os arranha-céus. Isso ocorreu porque fora dos grandes centros onde viviam os colonialistas existia a mais negra miséria, a mais completa privação, reinavam a fome, as doenças, a ignorância e uma exploração até a medula, na mais completa aceção do termo.

A população africana permaneceu subdesenvolvida sob o prisma cultural e econômico e reduziu-se continuamente devido às guerras coloniais, à feroz perseguição racial, ao tráfico de negros africanos enviados para as metrópoles, para os Estados Unidos e outros países, para trabalhar como bestas nas plantações de algodão e outros cultivos, bem como nas tarefas mais pesadas da indústria e da construção.

Por essas razões, os povos africanos têm ainda uma grande luta por travar. Já é e será uma luta muito complexa, distinta em cada país, devido às condições de desenvolvimento econômico, cultural e educacional, ao grau de seu despertar político, à grande influência que diversas religiões, como a cristã, a muçulmana, as velhas crenças pagãs, etc., exercem sobre as massas desses povos. Tal combate toma-se ainda mais difícil porque em muitos desses países mantém-se atualmente o domínio neocolonialista unido ao de camarilhas nativas burgues-capitalistas. Quem faz a lei são os poderosos Estados capitalistas e imperialistas que subvencionam ou têm sob sua dependência as camarilhas dominantes, que as instalam e retiram ao sabor dos interesses dos neocolonialistas ou quando há rupturas no equilíbrio entre esses interesses.

A política dos latifundiários, da burguesia reacionária, dos imperialistas e neocolonialistas visa manter os povos africanos permanentemente subjugados, na obscuridade, entravar seu desenvolvimento social, político e ideológico, conter sua luta para conquistar tais direitos. Constatamos atualmente que os mesmos imperialistas que dominaram esses povos no passado, bem como novos imperialistas, procuram penetrar no continente africano, imiscuindo-se de todas as formas nos assuntos internos dos povos. Isso acirra dia a dia as contradições entre os imperialistas, entre os povos e as direções burgues-capitalistas da maioria de tais países, entre os povos e os novos colonialistas.

É preciso que os povos aproveitem essas contradições, para aprofundá-las e igualmente para beneficiar-se delas. Mais isso só pode ocorrer por meio de uma luta decidida do proletariado, do campesinato pobre, de todos os oprimidos e escravos, contra o imperialismo e o neocolonialismo, contra a grande burguesia nativa, os latifundiários, contra todos os organismos que estes criaram. Cabe um papel especial nessa luta às pessoas progressistas e democratas, aos jovens revolucionários e intelectuais patriotas, que aspiram ver seus países marchando livres e independentes pelo caminho do desenvolvimento e do progresso. Somente a luta constante e organizada dificultará a vida e tomará impossível o governo dos opressores e exploradores locais e estrangeiros. Tal situação preparar-se-á nas circunstâncias particulares de cada Estado africano.

O imperialismo inglês e o imperialismo norteamericano não concederam qualquer liberdade aos povos da

África. Todos vemos, por exemplo, o que ocorre na África do Sul. Quem domina são os racistas brancos, os capitalistas ingleses, dominam os exploradores, que oprimem selvagemmente os povos de côm desse Estado onde impera a lei da selva. Em muitos outros países da África dominam consórcios e capitais dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França, da Bélgica, de outros velhos colonialistas e imperialistas, que encontram-se debilitados em certa medida, mas ainda conservam em suas mãos as chaves da economia.

**Os povos da Ásia também trilharam um caminho cheio de padecimentos e vicissitudes, de impiedosa opressão e exploração imperialistas.** Às véperas da II Guerra Mundial, nove décimos da população do Continente, excetuando-se a Ásia Soviética, viviam sob a opressão e exploração colonial e semicolonial das potências imperialistas, da Europa, do Japão e dos Estados Unidos. Somente a Grã-Bretanha possuía na Ásia colônias com 5 milhões e 635 mil km<sup>2</sup> e mais de 420 milhões de habitantes. A opressão e exploração colonial da esmagadora maioria dos países da Ásia deixara-os num acentuado atraso econômico-social e cultural e numa profunda miséria. Sua única serventia era fornecer às metrópoles imperialistas matérias primas como petróleo, carvão, cromo, manganês, magnesita, estanho, borracha, etc.

Após a Guerra a ordem colonial também foi destruída na Ásia. Ergueram-se nas antigas colônias Estados nacionais distintos. Na maioria desses países tais vitórias foram fruto de uma luta encarniçada das mas-

sas populares contra os colonialistas e os ocupantes japoneses.

Teve particular importância na derrocada do colonialismo na Ásia a luta de libertação do povo chinês, que levou à libertação da China do domínio imperialista japonês, ao desbaratamento das forças reacionárias de Chiang Kai-chek e à vitória da revolução democrática. Essa vitória num grande país como a China exerceu por certo tempo uma grande influência na luta de libertação dos povos asiáticos e de outros países dominados ou reduzidos à dependência pelas potências imperialistas. Mas essa influência foi decrescendo cada vez mais, devido à linha seguida pela direção chinesa após a criação da República Popular da China.

A direção chinesa proclamou que seu país ingressara no caminho do desenvolvimento socialista. Os revolucionários e povos amantes da liberdade saudaram calorosamente essa proclamação, desejando e esperando que a China se tomasse uma poderosa fortaleza do socialismo e da revolução mundial. Mas seus desejos e esperanças não se concretizavam. As pessoas não queriam acreditar, mas os fatos e a situação extremamente enredada e conturbada reinante na China mostravam que ela não trilhava a via do socialismo.

Entretentes, a luta dos povos asiáticos não terminara com a destruição do colonialismo. Os colonialistas ingleses, franceses, holandeses e outros, obrigados a reconhecer a independência das ex-colônias, desejavam manter suas posições econômicas e políticas em tais países para prosseguir a dominação e a exploração sob novas formas, neo-colonialistas. A penetração dos Estados Unidos

na Ásia, sobretudo no Extremo Oriente, no Sudeste Asiático e nas ilhas do Pacífico, agravou particularmente a situação. Aquela zona sempre teve grande importância econômica e militar-estratégica para o imperialismo norte-americano. Este instalou ali grandes bases e frotas militares. Paralelamente, o capital estadunidense cravou suas garras ensanguentadas na economia dessas regiões. Ao mesmo tempo, os imperialistas norte-americanos empreenderam operações militares e atos subversivos em grande escala para esmagar os movimentos de libertação nacional nos países asiáticos. Chegaram a dividir em dois a Coreia e o Vietnã, instalando regimes reacionários fantoches na parte sul desses países. Em muitas outras ex-colônias e semicolônias da Ásia foram instaurados regimes latifundiário-burgueses pró-imperialistas. Resguardou-se dessa forma a escravidão medieval, o selvagem domínio dos marajás, monarcas, sheiks, samurais, dos senhores capitalistas «modernizados». Tais regimes voltaram a vender seus países aos imperialistas, sobretudo ao imperialismo norte-americano, contendo em grande medida seu desenvolvimento econômico-social e cultural.

Nessas condições os povos da Ásia, que voltaram a arcar com o penoso jugo imperialista e latifundiário-burguês, foram obrigados a não abandonar as armas, a prosseguir sua luta libertadora para liquidar esse jugo. Em geral a luta era dirigida pelos partidos comunistas. Onde tais partidos haviam podido estabelecer sólidos vínculos com as massas, torná-las conscientes dos objetivos emancipadores da luta, mobilizá-las e organizá-las no



combate armado revolucionário, este deu resultados positivos. A histórica vitória dos povos da Indochina e especialmente do povo vietnamita sobre os imperialistas norte-americanos e seus lacaios latifundiário-burgueses mostrou a todo o mundo que o imperialismo, mesmo no caso de uma superpotência como os Estados Unidos, com todo o seu grande potencial econômico e militar, com todos os modernos meios de guerra de que dispõe e que emprega para esmagar os movimentos de libertação, não tem condições de submeter os povos e países, grandes ou pequenos, quando estes estão resolvidos a fazer qualquer sacrifício e a lutar abnegadamente até o fim pela sua liberdade e independência.

Lutas armadas de libertação continuam se desenvolvendo em muitos outros países da Ásia, como a Birmânia, Malásia, Filipinas, Indonésia. Elas seguramente teriam colhido maiores êxitos e vitórias se não tivessem sido entravadas pela intervenção, pelas atitudes antimarxistas e chauvinistas da direção chinesa, que provocaram divisão e confusão nas forças revolucionárias e nos partidos comunistas dirigentes destas forças. Por um lado, os dirigentes chineses proclamavam seu apoio às lutas de libertação em tais países; por outro, apoiavam os regimes reacionários, acolhiam seus representantes com mil honrarias e glorificações. Eles sempre seguiram uma estratégia e tática de subordinação dos movimentos emancipadores nos países asiáticos à sua política pragmática e aos seus interesses hegemônicos. Sempre pressionaram as forças revolucionárias e sua direção no sentido de impor-lhes essa política. O que os preocupava na realidade não era a causa da libertação

dos povos e da revolução nos países da Ásia, mas a realização de seus próprios intentos chauvinistas. Não ajudaram esses povos, só fizeram entravá-los.

O problema da revolução e da luta emancipadora na Ásia jamais colocou-se com tanta força e de forma tão imperativa como agora, jamais foi tão complicado e difícil de solucionar.

Essa complicação e essas dificuldades derivam principalmente dos intentos e da atividade dos imperialistas norte-americanos, bem como dos desígnios e da atuação antimarxista, antipopular, hegemônica e expansionista dos revisionistas e dos social-imperialistas soviéticos e chineses.

Os Estados Unidos objetivam e procuram por todos os meios e com todas as forças manter e fortalecer suas posições estratégicas, econômicas e militares na Ásia, pois consideram-nas vitais aos seus interesses imperialistas.

A União Soviética também objetiva e procura com todas as forças e por todos os meios ampliar as posições que já ocupou na Ásia.

A China, por sua vez, manifestou abertamente a pretensão de dominar os países asiáticos, aliando-se para isso com os Estados Unidos, sobretudo com o Japão e contrapondo-se diretamente à União Soviética.

Também o Japão tem pretensões de domínio na Ásia; este é um velho intento do imperialismo nipônico.

É por isso que a União Soviética teme tanto e combate tão fortemente a aliança sino-japonesa. Mas tampouco o imperialismo norte-americano deseja que essa

aliança ganhe vulto e ultrapasse os limites a ponto de afetar seus próprios interesses, embora a tenha encorajado e tenha dado seu «aval» à assinatura do tratado entre a China e o Japão, considerando que este poderá conter a expansão soviética que se faz às custas do domínio norte-americano.

A Índia, que é um grande país, também tem a ambição de converter-se numa grande potência dotada de bombas atômicas e de peso na Ásia, de desempenhar um papel especial, sobretudo na posição estratégica que ocupa na encruzilhada dos interesses expansionistas das duas superpotências imperialistas, a norte-americana e a soviética, no Oceano Índico, no Golfo Pérsico e em suas fronteiras norte e leste.

Tampouco o imperialismo inglês renunciou a seus intentos de domínio nos países asiáticos. E alguns outros Estados capitalista-imperialistas possuem intenções semelhantes.

Por esses motivos a Ásia tornou-se atualmente uma das zonas de mais acirradas rivalidades interimperialistas. Consequentemente seu território encheu-se de perigosos focos de conflagrações mundiais, cuja conta os povos teriam de pagar.

Concorrendo febrilmente entre si para sufocar as revoluções e a luta de libertação nos países da Ásia, para abrir caminho a seus planos hegemônicos e expansionistas, os revisionistas soviéticos e chineses vêm fazendo um repugnante trabalho de divisão e destruição no seio dos partidos comunistas e das forças revolucionárias e amantes da liberdade nesses países. Tal trabalho foi uma das causas principais da catástrofe sofrida pelo Partido

Comunista da Indonésia, da divisão e desmantelamento do Partido Comunista da Índia, etc. Eles advogam a aliança e a unidade do proletariado e das amplas massas populares com a burguesia reacionária local, cada qual procurando por conta própria conquistar a amizade da burguesia dominante.

A ingerência dos social-imperialistas soviéticos e chineses nos diferentes países da Ásia a partir de posições e perseguindo fins hegemônicas e expansionistas colocou os movimentos de libertação dos povos desses países diante de grandes perigos, passou a ameaçar diretamente inclusive as vitórias da luta emancipadora no Vietnã, no Camboja e no Laos.

As forças asiáticas revolucionárias e amantes da liberdade, dirigidas pelos partidos comunistas, marxistas-leninistas, têm de enfrentar e destruir tanto o perigo originário da reação interna, armada por seus patrões imperialistas, como os perigos derivados da atividade fracionista e solapadora, dos planos hegemônicos e expansionistas dos revisionistas soviéticos e chineses. Têm de livrar-se igualmente de uma série de velhas idéias e conceitos reacionários, religiosos, místicos, budistas, bramânistas, etc. que entravam o movimento de libertação. Precisam ainda impedir que se enraizem «novas» idéias e concepções reacionárias, tais como as dos revisionistas kruschovianos, maoistas e outras teorias igualmente reacionárias, que confundem, enganam as massas, privam-nas do espírito combativo de classe, desviam-nas para caminhos tortuosos e sem saída.

A luta emancipadora que os povos da Ásia têm pela

frente é realmente difícil, existem de fato muitos obstáculos. Mas nunca houve nem poderá haver luta de libertação ou revolução fácil, sem grandes dificuldades e obstáculos a superar, sem muito sangue e sacrifícios para alcançar a vitória final.

**Os países da América Latina têm em geral um desenvolvimento capitalista superior ao dos da África e da Ásia.** Mas seu grau de dependência ao capital estrangeiro não é menor do que o da esmagadora maioria dos países africanos e asiáticos.

Distintamente dos países africanos e asiáticos, os países da América Latina em sua maior parte proclamaram a independência estatal muito mais cedo, a partir da primeira metade do século XIX, em decorrência das guerras de libertação dos povos do Continente contra os colonizadores espanhóis e portugueses. Esses países teriam avançado muito mais se não tivessem caído, logo após a supressão do jugo colonial espanhol e português, sob um outro jugo, semicolonial, do capital estrangeiro, inglês, francês, alemão, norte-americano, etc. Até o início deste século os colonialistas ingleses dominavam o Continente. Pilhavam ali quantidades colossais de matérias primas, construíam portos, ferrovias, centrais elétricas exclusivamente a serviço de suas empresas concessionárias e comerciavam com artigos industriais produzidos na Grã Bretanha.

Com a penetração dos Estados Unidos, então em sua fase de desenvolvimento imperialista, essa situação mudou, mas não em favor dos povos latino-americanos. O imperialismo dos Estados Unidos empregou o slogan

«A América para os americanos», encarnado na «Doutrina Monroe», para instaurar seu domínio exclusivo em todo o hemisfério ocidental. A penetração econômica dos Estados Unidos no hemisfério processou-se tanto através da força militar e da chantagem política como também da diplomacia do dólar, por meio do porrete e do engano. Dessa forma, os investimentos de capitais norte-americanos e ingleses se igualaram em 1930, enquanto após a II Guerra Mundial os Estados Unidos tornaram-se os verdadeiros donos da economia dessa parte do globo terrestre. Seus grandes monopólios se apoderaram dos setores-chave da economia latino-americana. Os países do Continente se integraram no império «invisível» do imperialismo norte-americano, que começou a fazer a lei em todos eles, a instalar e destituir chefes de Estado e de governo, a ditar-lhes sua política econômica e militar, interna e externa.

As empresas monopolistas dos Estados Unidos arrancavam lucros fabulosos da exploração dos ricos recursos naturais e do trabalho, do suor e do sangue dos povos latino-americanos: recebiam de 4 a 5 dólares por cada dólar investido nos diversos países do Continente. Essa situação prossegue em nossos dias.

Embora as inversões de capitais dos Estados imperialistas na América Latina tenham levado à implantação de uma certa indústria moderna, especialmente a de extração e também a indústria leve e alimentícia, emperaram enormemente o desenvolvimento econômico global desses países. Os monopólios estrangeiros e a política neocolonialista dos Estados imperialistas imprimitam ao desenvolvimento econômico dos países latino-

americanos uma forma mostruosa, unilateral, um caráter monoprodutor, convertendo-os em simples fornecedores especializados de matérias primas: a Venezuela de petróleo, a Bolívia de estanho, o Chile de cobre, o Brasil e a Colômbia de café, Cuba, Haiti e República Dominicana de açúcar, o Uruguai e a Argentina de produtos pecuários, o Equador de bananas e assim por diante.

O caráter unilateral tornava a economia desses países totalmente instável, absolutamente incapaz de um desenvolvimento rápido e geral, colocava-a na dependência total das conjunturas e das oscilações de preços no mercado capitalista mundial. Qualquer queda na produção e qualquer manifestação de crise econômica nos Estados Unidos e nos demais países capitalistas refletia-se necessariamente, de maneira negativa e inclusive em maior escala, na economia dos países latino-americanos.

Após a II Guerra Mundial, as metrópoles imperialistas começaram a fazer grandes investimentos diretos em diferentes ramos da indústria, da mineração, da agricultura, a comprar empresas nacionais, etc. Dominaram setores inteiros da produção e aprofundaram ao máximo a pilhagem da América Latina. Ao mesmo tempo, incrementaram a concessão de empréstimos e financiamentos gravados por altas taxas de juros, ligando ainda mais esses países ao domínio estrangeiro e em primeiro lugar ao dos Estados Unidos. Somente o Brasil tem uma dívida de quase 40 bilhões de dólares junto aos bancos estrangeiros. A dívida do México é de quase 30 bilhões.

O desenvolvimento capitalista da América Latina

atrasou-se de uma maneira geral porque ainda existem ali muitos resquícios do latifúndio que não perderam por completo seu caráter feudal. Em consequência, alguns países latino-americanos têm um atraso muito acentuado, análogo ao dos asiáticos e africanos. Na dependência da política econômica e da interferência direta do imperialismo, criou-se na América Latina uma oligarquia, uma grande burguesia monopolista, bastante poderosa, que controla o poder juntamente com os grandes senhores de terra e, sempre com o apoio do imperialismo norte-americano e juntamente com ele, oprime e explora impiedosamente a classe operária, o campesinato e as demais camadas trabalhadoras, que vivem na miséria.

Esse desenvolvimento também criou um proletariado industrial bastante numeroso, que juntamente com o proletariado rural, com os operários da construção e dos serviços representa cerca da metade da população, distintamente da maioria dos países da África e da Ásia, onde a classe operária é muito reduzida.

Além disso, na América Latina o campesinato e a classe operária surgida das fileiras deste têm ricas tradições de combate revolucionário, conquistadas em lutas incessantes pela liberdade, pela terra, por trabalho e pão, tradições que se desenvolveram ainda mais nas batalhas contra a oligarquia interna e contra os monopólios estrangeiros, contra o imperialismo norte-americano. Os povos da América Latina encontram-se entre os que mais se lançaram em sangrentos confrontos com os opressores e exploradores internos e externos. Suas vitórias nesses embates não foram poucas nem peque-



nas, mas o completo triunfo das liberdades democráticas, a eliminação da exploração, a conquista da independência e da soberania nacional ainda não foram alcançados em nenhum país. Os povos latino-americanos alimentaram muitas esperanças, tiveram muitas ilusões na vitória do povo cubano, que tomou-se um alento e um encorajamento na luta para sacudir o jugo dos capitalistas e latifundiários dominantes e dos imperialistas norte-americanos. Mas essas esperanças e esse encorajamento se desvaneceram rapidamente, quando eles viram que a Cuba castrista não se desenvolveu no caminho do socialismo, mas no do capitalismo de tipo revisionista, e, mais ainda, quando esse país tomou-se vassalo e mercenário do social-imperialismo soviético.

Como em todos os Continentes, também na América Latina a situação atual é complexa.

Na maioria dos países existe uma situação revolucionária que coloca na ordem do dia revoluções para derrubar o sistema burguês-latifundiário e liquidar a dependência imperialista. Naturalmente, tais revoluções não podem ter em toda parte o mesmo caráter, o mesmo processo e o mesmo desfecho, devido a razões conhecidas, às condições e problemas particulares de cada país ou grupo de países, aos diferentes níveis de desenvolvimento econômico-social, de dependência ao imperialismo e ao social-imperialismo, à existência de regimes burgueses mais ou menos moderados, mais ou menos fascistas, etc. Uma única coisa mostra-se indispensável: o entrelaçamento, maior do que em muitos países da Ásia e da África, das tarefas antiimperialistas, democráticas e socialistas da revolução.

A América Latina também apresenta muitas vantagens para a preparação do fator subjetivo da revolução, devido a uma consciência bastante elevada e à disposição das amplas massas populares de lutar contra a opressão e a exploração internas e externas, pela liberdade, a democracia e o socialismo. Mas a plena preparação desse fator é obstruída, dificultada e combatida com todas as forças, não só pelos imperialistas, sobretudo norte-americanos, juntamente com a reação interna, mas também pelos revisionistas crioulos e outros servidores oportunistas do capitalismo, assim como pelos revisionistas soviéticos e chineses.

Fiel como sempre à política de ter a América Latina como seu feudo, do qual extrai colossais superlucros, o imperialismo norte-americano manobra por todos os meios, militares, subversivos, demagógicos, fraudulentos para impedir o predomínio de qualquer outro imperialismo, para assegurar que a revolução não se desencadeie nem triunfe em país algum. Deseja dessa forma manter nos países latino-americanos tanto a completa dependência aos Estados Unidos como também o sistema burguês-latifundiário.

A chamada Organização dos Estados Americanos, comandada pelo presidente norte-americano, pelo Pentágono e pelo Departamento de Estado, é uma importante arma nas mãos dos Estados Unidos. Os estatutos dessa organização permitem-lhes intervir por qualquer meio, inclusive militarmente, para manter o status quo, tanto interno quanto externo, dos países da América Latina.

Ao mesmo tempo, os grandes monopólios norte-ame-

ricanos aperfeiçoaram a forma de exploração desses países, organizando empresas monopolistas multinacionais, com sede e centro de comando nos Estados Unidos, e empregando em ampla escala o capitalismo estatal, através do qual asseguram também o comando dos governos e do aparelho estatal local no seu conjunto.

Mas nem estes nem os muitos outros meios empregados pelos Estados Unidos resolvem os problemas da grave crise econômica e política que também envolveu os países latino-americanos.

Enquanto os capitalistas e latifundiários crioulos não conseguem viver sem a tutela e o apoio do imperialismo norte-americano, a idéia da revolução, como único meio, indispensável à garantia da libertação nacional e social, penetra cada vez mais profunda e amplamente na consciência do proletariado, do campesinato trabalhador, da intelectualidade progressista, das massas da juventude desses países.

Os imperialistas norte-americanos, juntamente com os capitalistas crioulos, empregam duas vias principais para prevenir as revoluções. Uma é a via da instauração de regimes militar-fascistas por meio de um «*pronunciamento militar*», quando vêm suas posições sob ameaça iminente. Fizeram assim no Brasil, no Chile, no Uruguai, na Bolívia e outros países. A outra via é a organização de regimes democrático-burgueses, com acentuadas limitações e grandes lacunas nas liberdades fundamentais, como na Venezuela, México, ou como estão fazendo agora no Brasil, procurando assim atenuar as tensões revolucionárias e dar a impressão de que a burguesia desses países e mais ainda a administração

e o presidente dos Estados Unidos preocupam-se com os «direitos humanos».

Porém tais meios e manobras não solucionam os problemas da crise, não evitam as situações revolucionárias, não retiram a revolução da ordem do dia.

O proletariado juntamente com todas as forças revolucionárias encontram-se diante de importantíssimas tarefas revolucionárias nos países latino-americanos. Para cumprir tais tarefas, fazer a revolução, conquistar a plena independência nacional, instaurar as liberdades democráticas e o socialismo, devem lutar em muitas direções, contra a oligarquia burguesa e latifundiária, contra o imperialismo norte-americano, também contra os diversos lacaios do capital, do imperialismo e do social-imperialismo, como os revisionistas pró-soviéticos e castristas, os revisionistas pró-chineses, os trotsquistas, etc. Precisam não só enfrentar a atividade diversionista e fracionista dos oportunistas e revisionistas de diferentes matizes, mas também livrar-se de influências pequeno burguesas, como certas concepções e práticas putschistas, foquistas, aventureiras, que tomaram-se de certa forma tradição, mas nada têm em comum com a verdadeira revolução, pelo contrário, prejudicam-na grandemente. Apenas, tal questão exige um tratamento cuidadoso.

No que toca às tradições combativas dos povos da América Latina, predomina o aspecto positivo, revolucionário, que constitui um fator importantíssimo e precisa ser empregado da forma melhor e mais ampla na preparação e desenvolvimento da revolução, dando à

tradição um conteúdo novo, despido dos elementos negativos próprios dos bandoleiros e foquistas.

Os partidos marxistas-leninistas da classe operária terão o papel principal no cumprimento dessas grandes tarefas. Atualmente, não só criaram-se tais partidos em quase todos os países latino-americanos, como a maioria deles deu importantes passos adiante no trabalho de preparação do proletariado e das massas populares para a revolução. Na luta inconciliável com os revisionistas e demais oportunistas, com todos os servidores da burguesia e do imperialismo, com as concepções e práticas castristas, kruschovianas, trotsquistas, trimundistas, etc., eles elaboraram uma linha política correta e acumularam uma experiência bastante grande de combate para levá-la à prática, tornando-se portadores de toda a tradição revolucionária anterior para empregá-la e desenvolvê-la ainda mais em prol do movimento operário e emancipador, a fim de preparar e lançar as massas na revolução.

As atuais situações revolucionárias impõem a esses partidos a necessidade de manter os mais estreitos vínculos e consultar-se o mais frequentemente possível entre si, para poder aproveitar ao máximo a experiência uns dos outros e para coordenar suas atitudes e ações quanto às questões comuns da luta contra a burguesia reacionária e o imperialismo, contra o revisionismo contemporâneo soviético, chinês, etc., quanto a todos os problemas da revolução.

Agora que os povos despertaram e não aceitam mais viver sob o jugo imperialista e colonial, que exigem a liberdade, a independência, o desenvolvimento e o pro-

gresso, que fervem de indignação frente aos opressores estrangeiros e internos, agora que a África, a América Latina, a Ásia converteram-se numa caldeira em efervescência, fica difícil, senão impossível para os velhos e novos colonialistas dominar e explorar os povos desses países pelos métodos e formas anteriores. Eles não podem deixar de pilhar e explorar as riquezas, o suor e o sangue de tais povos.

Por isso se assiste a tantos esforços para encontrar novos métodos e formas de engodo, saque e espoliação, para distribuir esmolas que mais uma vez beneficiam não as massas, mas as classes dominantes burguês-latifundiárias.

Entrementes, o problema complicou-se ainda mais porque o social-imperialismo soviético começou de há muito a penetrar e introduzir-se cada vez mais profundamente nas ex-colônias e semicolônias, porque também a China social-imperialista passou a envidar esforços febris para introduzir-se ali.

A União Soviética revisionista empreende a intervenção expansionista sob o disfarce da política pretensamente leninista de ajuda à luta libertadora dos povos, posando de aliada natural desses países e povos. Os revisionistas soviéticos empregam e difundem slogans de colorido socialista como meio para penetrar na África e outras áreas, para ludibriar os povos que aspiram libertar-se, que desejam suprimir a opressão e a exploração e que sabem que o socialismo é o único caminho da plena emancipação nacional e social.

Em sua intervenção a União Soviética arrasta também seus aliados, ou melhor, seus satélites. Nós o cons-

tatamos concretamente na África, onde os social-imperialistas soviéticos e seus mercenários cubanos interferem a pretexto de ajudar a revolução. Trata-se de uma mentira. Sua intervenção não passa de uma ação colonialista objetivando ocupar mercados e submeter povos.

É o caso da intervenção da União Soviética e dos mercenários cubanos em Angola. Eles absolutamente não tinham nem têm em vista ajudar a revolução angolana, mas sim cravar suas unhas nesse país africano que havia conquistado uma certa independência após expulsar os colonialistas portugueses. Os mercenários cubanos são o exército colonial que a União Soviética enviou para conquistar mercados e posições estratégicas nos países da África Negra, para passar de Angola a outros Estados, para que os social-imperialistas soviéticos também possam criar um império colonial moderno.

Sob a máscara da ajuda à libertação dos povos, a União Soviética e seu mercenário, Cuba, intervêm em outros países com exércitos equipados com canhões e metralhadoras, supostamente para construir o socialismo, que não existe nem na própria União Soviética nem em Cuba. Esses dois Estados burguês-revisionistas entraram em Angola para ajudar uma camarilha capitalista a tomar o poder, contrariamente aos objetivos do povo angolano, que lutou para libertar-se dos colonialistas portugueses. Agostinho Neto faz o jogo dos soviéticos. Na luta contra a outra facção, no esforço para ficar com o poder, ele pediu ajuda aos soviéticos. A confrontação entre os dois clãs angolanos em luta pelo poder não tinha em absoluto caráter revolucionário popular. O choque entre eles era uma luta de camarilhas pelo

poder. Cada qual era apoiado por diferentes Estados imperialistas. Agostinho Neto venceu o confronto, mas em Angola, longe de triunfar o socialismo, instaurou-se o neocolonialismo soviético após a intervenção externa.

A China social-imperialista também faz grandes esforços para penetrar nas ex-colônias e semicolônias.

Um exemplo de como a China intervém é o Zaire, onde domina a camarilha mais sanguinária e mais abastada do Continente africano, encabeçada por Mobutu. Nos últimos combates ocorridos no Zaire, Mobutu, o assassino de Patrice Lumumba, contou com a pronta ajuda da monarquia cherifiana do Marrocos, da aviação francesa e também da China. A ajuda dada pelos franceses é compreensível, pois com sua intervenção eles defendem suas concessões e consórcios em Catanga, defendiam ao mesmo tempo seu pessoal, além de Mobutu e sua camarilha. Mas os revisionistas chineses, o que querem em Catanga? Quem ajudam ali? Acaso ajudariam o povo do Zaire, oprimido por Mobutu, por sua camarilha e pelos concessionários franceses, belgas, norte-americanos, etc.? Não ajudam também eles a sanguinária camarilha de Mobutu? O fato é que a direção revisionista chinesa ajuda essa camarilha e não indiretamente, mas da forma mais aberta. Para tornar a ajuda mais concreta e ostensiva, enviou ao Zaire o ministro das Relações Exteriores, Huang Hua, enviou conselheiros militares, ajuda militar e econômica. Atuou de maneira antimarxista, anti-revolucionária. Sua intervenção tem as mesmas características das do rei Hassan, do Marrocos, e da França.

Os social-imperialistas chineses estão se imiscuindo



não só nesse mas também em outros problemas dos povos e países da África e outros continentes, sobretudo nos países onde procuram por todas as formas penetrar para criar bases econômicas, políticas e estratégicas.

Nem os Estados Unidos saíram tão abertamente como a China em ajuda a Pinochet, o carrasco fascista do Chile. Nem os norte-americanos ajudam a tal ponto os governantes reacionários de outros países, onde têm grandes interesses. Isso não significa que os imperialistas norte-americanos estão renunciando a seus interesses. Eles os defendem e inclusive energicamente, mas de forma refinada.

Com sua atitude, a China dita socialista marcha contra os interesses e aspirações dos povos, dos comunistas, dos elementos revolucionários, contra as aspirações de todas as pessoas progressistas da América Latina.

A China toma a defesa dos diferentes ditadores que dominam seus povos e esmagam pelo terror e por todos os meios os esforços dos revolucionários, do proletariado e dos partidos marxistas-leninistas, que combatem pela libertação nacional e social. Com tal atitude ela enveredou pela senda da contra-revolução. Procura mostrar, com o disfarce do marxismo-leninismo, que exporta para os diferentes países a idéia da revolução, mas na realidade exporta a idéia da contra-revolução. E ajuda com isso o imperialismo norte-americano e as camarilhas fascistas no poder.

As potências imperialistas ou social-imperialistas procuram igualmente impedir que os povos africanos, asiáticos, latino-americanos desenvolvam sua luta revolucionária, etapa após etapa, contra a opressão, contra

a selvagem exploração por parte de seus governantes e dos imperialistas que dominam em acordo mútuo e que sugam seu sangue.

O dever dos elementos revolucionários, progressistas, patriotas dos países de baixo desenvolvimento econômico-social e dependentes das potências imperialistas e social-imperialistas é tomar os povos conscientes dessa opressão e exploração, educá-los, mobilizá-los, organizá-los, lançá-los à luta emancipadora, tendo sempre em mente que a revolução é obra das amplas massas, dos povos. Para isso é preciso analisar bem a situação interna e externa de cada país, seu desenvolvimento econômico-social, a correlação das forças de classe, os antagonismos entre as classes, bem como os antagonismos entre o povo e as camarilhas reacionárias no poder e ainda entre o povo e os Estados imperialistas. Com base nisso pode-se extrair conclusões justas quanto aos passos que devem ser dados e às táticas a empregar. Exige-se das forças revolucionárias trabalho concentrado, resolução e argúcia, exige-se antes de mais nada profunda compreensão de que a luta de libertação só poderá alcançar a verdadeira vitória em seus países vinculando-se à causa do proletariado, à causa do socialismo.

Portanto o proletariado de cada país deve criar seu partido revolucionário, apto a aplicar fielmente os ensinamentos de Marx, Engels, Lênin e Stálin, em estreita ligação com as condições de seu país, com a situação de cada povo em particular. É indispensável que esses partidos conheçam bem a mentalidade das massas, o desenvolvimento econômico, político, ideológico e cultural de cada país e não atuem de forma fantasista e aven-

tureira, de forma blanquista, mas combatam firmemente para agrupar em torno de si os aliados do proletariado, as amplas massas do povo.

Os revolucionários e as massas populares precisam preparar-se tenazmente, levar em conta a atuação da burguesia reacionária e dos grandes latifundiários no poder, dos opressores estrangeiros, bem como as intrigas dos neocolonialistas. Trata-se de fatores importantes que os elementos revolucionários e os povos devem enfrentar com maturidade, com uma sólida organização e com táticas revolucionárias.

Naturalmente, não se exclui e é mesmo indispensável que se estabeleça vínculos de colaboração, coordenação e intercâmbio de experiências entre as forças e elementos revolucionários dos diversos países. Isso é facilitado pela identidade quanto a muitas condições, como a opressão e a exploração do neocolonialismo e da burguesia reacionária, a cultura comum e o objetivo conjunto de libertar-se dessa opressão e exploração. As condições e interesses em comum estimulam os elementos revolucionários e progressistas de todos esses países a desenvolver consultas, colaborar e coordenar suas ações, que se contrapõem às dos inimigos que os oprimem.

Vista a partir de posições marxistas-leninistas, a situação dos povos que se encontram sob domínio neocolonialista coloca para todos os verdadeiros revolucionários a tarefa de apoiar e sustentar sem reservas a luta revolucionária de libertação desses povos, para que ela avance constantemente, para que a revolução ascenda sempre mais, até sua completa vitória.

## **Os Verdadeiros Revolucionários Chamaram os Proletários e os Povos a Erguerem-se por um Novo Mundo, pelo Mundo Socialista**

Conforme explicamos acima, a crise geral do capitalismo acentua-se sempre mais. Isso faz com que o proletariado, as classes e povos oprimidos não suportem a exploração, exijam a mudança de sua vida, a derrubada do sistema burguês, a supressão do neocolonialismo, do imperialismo. Mas tais desejos só podem ser realizados por meio da revolução. Não se pode alcançar vitória alguma sem enfrentar e golpear os inimigos de classe, internos e externos.

Os verdadeiros partidos marxistas-leninistas da classe operária, enquanto dirigentes da revolução, tornam conscientes o proletariado, as massas trabalhadoras, os povos e preparam-nos política, ideológica e militarmente para esses confrontamentos. Os partidos marxistas-leninistas, todos os revolucionários, mesmo que sejam pouco numerosos, integram-se ao povo, organizam as massas sistemática, cuidadosa e pacientemente, convencem-nas de sua grande força, de que elas estão em condições de derrubar o capital, de tomar o poder em suas mãos e empregá-lo no interesse do proletariado e do povo. Tais partidos não julgam que, por serem pequenos, não poderiam fazer frente à coalisão dos partidos da burguesia e à opinião pública formada por eles. A tarefa dos revolucionários é demonstrar às amplas massas do povo que essa opinião, criada pela burguesia, é equivocada, deve ser rechaçada, e que é pre-

ciso formar a verdadeira opinião revolucionária, que representa uma grande força transformadora.

Os partidos marxistas-leninistas têm em conta que, para cumprir com êxito sua missão, devem ter antes de mais nada uma estratégia e uma tática revolucionárias, uma correta linha política que corresponda aos interesses e aspirações das amplas massas populares, à solução revolucionária dos problemas e tarefas da luta pela destruição do sistema burguês e do domínio imperialista estrangeiro.

**O marxismo-leninismo é a única ciência que permite ao partido revolucionário da classe operária elaborar uma justa linha política, definir claramente seu objetivo e tarefas estratégicas, aplicar táticas e métodos revolucionários para realizá-los.**

Iluminado pelo marxismo-leninismo e em consonância com as condições econômico-sociais e políticas concretas de seu país, assim como com as circunstâncias internacionais, o partido marxista-leninista sabe orientar-se e permanecer à frente das massas a qualquer momento e em qualquer etapa da revolução, seja ela democrática, nacional-libertadora ou socialista. Uma estratégia revolucionária e uma linha política correta, baseadas no marxismo-leninismo, na prática revolucionária do proletariado mundial e das lutas de classe em seu país, possibilitam definir claramente o objetivo estratégico da etapa dada, determinar quais são os principais inimigos internos e externos contra os quais deve concentrar-se o golpe principal, quais são os aliados internos e externos do proletariado, etc.

Os partidos-marxistas-leninistas têm como objetivo derrubar o sistema capitalista e fazer triunfar o socialismo, mas quando tarefas de caráter democrático e antiimperialista colocam-se diante da revolução em seus países eles visam desenvolvê-la ininterruptamente, elevá-la à revolução socialista, fazê-la passar o quanto antes à solução das tarefas socialistas.

Tanto o objetivo estratégico dos partidos marxistas-leninistas como as vias para alcançá-lo são totalmente diferentes dos defendidos pelos falsos partidos comunistas e operários. Os primeiros não podem conceber a consecução desses objetivos senão pela destruição das relações capitalistas de produção e pela demolição a partir dos alicerces do velho aparelho estatal, de toda a superestrutura burguesa. Atêm-se aos ensinamentos de Lênin, que diz:

*«A essência da revolução consiste em que o proletariado **destrói** o 'aparelho administrativo' e **todo** o aparelho estatal, substituindo-o por outro novo, formado pelos operários armados.»\**

Os últimos pregam a manutenção do velho aparelho estatal, embora em palavras declarem-se favoráveis ao socialismo. Segundo eles pode-se instaurar o socialismo com reformas, pela via parlamentar, inclusive empregando a velha máquina estatal.

Uma série de partidos ditos comunistas mostram-se

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXV, pg. 577.

atualmente ainda mais zelosos do que os partidos declaradamente burgueses na defesa do sistema capitalista existente. O partido revisionista de Carrillo-Ibarruri, por exemplo, defende sem um pinga sequer de composição o regime monárquico de Juan Carlos, enquanto alguns partidos burgueses espanhóis exigem sua substituição por um regime republicano. O partido revisionista de Berlinguer também posa de ardoroso defensor das leis repressivas do Estado capitalista italiano dirigidas contra as liberdades democráticas, quando diversos partidos burgueses não o fazem abertamente. Por sua vez, os revisionistas chineses orientam os partidos que seguem a linha chinesa nos países capitalistas a combater juntamente com os círculos mais militaristas pelo fortalecimento dos exércitos e do aparelho burguês de violência, supostamente para defender a pátria, mas na verdade para esmagar a revolução, caso esta se deflagre.

Em seus intentos de minar o movimento revolucionário e libertador, para eternizar o capitalismo e a dominação imperialista, a burguesia e seus adeptos, em particular os revisionistas contemporâneos, procuram de todas as formas desorientar e dividir as forças revolucionárias apagando a diferença entre os amigos e os inimigos da revolução. A prédica dos revisionistas chineses é típica. Eles apresentam como aliados do proletariado e dos povos oprimidos a grande burguesia monopolista, os regimes reacionários e fascistas, a OTAN, o Mercado Comum Europeu e até o imperialismo norte-americano.

No que lhes diz respeito, os partidos marxistas-

leninistas consideram indispensável à elaboração de uma estratégia genuinamente revolucionária estabelecer uma nítida fronteira entre as forças motrizes e os inimigos da revolução, assim como definir claramente qual o principal inimigo interno e externo contra o qual, como dizia Stálin, deve-se dirigir o golpe principal, sem subestimar ou esquecer a luta contra os demais inimigos.

Em nossa época, nas condições do imperialismo, a grande burguesia local é o principal inimigo interno da revolução não só nos países capitalistas desenvolvidos mas também nos países oprimidos e dependentes. Ela permanece à frente do sistema capitalista e luta por todos os meios, com a violência, a opressão e também com a demagogia, o engôdo, para salvaguardar seu domínio e seus privilégios, sufocar e extinguir qualquer movimento dos trabalhadores que ameace por pouco que seja seu poder e seus interesses de classe. Enquanto que o principal inimigo externo da revolução e dos povos, nas condições atuais, é o imperialismo mundial, sobretudo as superpotências imperialistas. Aconselhar e conclamar o proletariado e os povos oprimidos a apoiar-se numa superpotência para combater a outra ou a entrar em aliança com as potências imperialistas em nome de uma pretensa defesa da liberdade e da independência nacional, como pregam os revisionistas chineses, não passa de traição à causa da revolução.

Os revisionistas atacam em especial **o papel hegemônico da classe operária na revolução, que constitui**



**uma das questões fundamentais da estratégia revolucionária.**

*«O principal na doutrina de Marx — afirmou Lênin — é o esclarecimento do papel histórico mundial do proletariado enquanto criador da sociedade socialista.»\**

Lênin qualificava a negação da idéia da hegemonia do proletariado no movimento revolucionário de aspecto mais vulgar do reformismo.

Entre os revisionistas contemporâneos, uma ala procura provar que a classe operária estaria se desproletarizando e transformando-se em «co-administradora» das empresas, não havendo mais lugar portanto para a revolução proletária, não havendo necessidade de um sistema social distinto do existente. Outros pretendem que agora não só os operários, mas todos os trabalhadores da produção e da cultura, todos os assalariados seriam prolétarios e que não só a classe operária mas também outras classes e camadas da sociedade estão interessadas no socialismo. Portanto, concluem eles, o papel hegemônico da classe operária no atual movimento revolucionário perdeu o sentido. Em palavras, os revisionistas soviéticos não negam o papel dirigente da classe operária, mas na prática liquidaram-no, já que privaram esta classe de toda possibilidade de direção. Eliminaram-no também teoricamente, ao defender a nefasta

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, val. XVIII, pg. 631.

teoria do partido e do Estado «de todo o povo». Os revisionistas chineses, como pragmáticos que são, colocam à frente da «revolução», conforme o caso, ora o campesinato, ora o exército, ora os estudantes, etc.

O Partido do Trabalho da Albânia defende decididamente a tese marxista-leninista de que a classe operária constitui a força decisiva do desenvolvimento da sociedade, a força dirigente da transformação revolucionária do mundo, da construção da sociedade socialista e comunista.

A classe operária continua a ser a principal força produtiva da sociedade, a classe mais avançada e a mais interessada de todas na libertação nacional e social, no socialismo, a portadora das melhores tradições de organização e de luta revolucionárias. Ela possui a única teoria científica de transformação revolucionária da sociedade e seu combativo partido marxista-leninista que a dirige rumo a esta meta. A história encarregou-a objetivamente da missão de dirigir toda a luta pela passagem do capitalismo ao comunismo.

A hegemonia do proletariado na revolução é decisiva para solucionar em seu favor e em favor das massas populares a questão fundamental da revolução, a questão do poder político.

O novo poder pode atravessar diversas fases e tomar diversos nomes, de acordo com as condições concretas em que se desenvolva a revolução e com as diversas etapas que ela possa atravessar, mas não pode haver desenvolvimento da revolução rumo ao triunfo do socialismo sem a instauração da ditadura do proletariado. É o que nos ensina o marxismo-leninismo, é o que nos

ensina a experiência de todas as revoluções socialistas vitoriosas. Portanto, quaisquer que sejam as circunstâncias em que se desenvolva a revolução, o partido marxista-leninista não renuncia jamais ao objetivo de instaurar a ditadura do proletariado.

Os revisionistas de diversos matizes e correntes, todos, sem exceção, negam de uma forma ou de outra a necessidade do estabelecimento da ditadura do proletariado porque são contra a revolução, porque são pela defesa e perpetuação da ordem capitalista.

**O proletariado e seu partido marxista-leninista vão para a luta juntamente com seus aliados. Esta também é uma das questões mais importantes da estratégia revolucionária.**

O campesinato pobre é o aliado natural e íntimo do proletariado, pois liga-se a ele pelo objetivo estratégico não só imediato mas também mediato e definitivo. As camadas pobres dos trabalhadores urbanos são aliados do mesmo tipo. O proletariado juntamente com o campesinato pobre e com os demais trabalhadores oprimidos e explorados constituem as principais forças motoras da revolução.

Também pode e deve ser aliada a pequena burguesia urbana, que encontra-se permanentemente nas garras do grande capital e sob ameaça de total expropriação.

O proletariado esforça-se e luta para que aliem-se a ele outras camadas da população, como a parcela progressista da intelectualidade, explorada pelo capital interno e externo. O peso da intelectualidade cresceu nos países capitalistas e revisionistas. Mas apesar das trans-

formações ocorridas em sua posição, no caráter e no papel de seu trabalho, ela não é nem jamais poderá ser uma classe à parte, não se fundiu nem poderá fundir-se com a classe operária, ao contrário do que pretendem diversos revisionistas. Portanto, conforme mostrou Lênin e a história comprovou, a intelectualidade não pode ser uma força social e política independente. Seu papel e seu lugar na sociedade são determinados por sua situação econômico-social e por suas convicções ideológicas e políticas. Por mais que essa situação e essas convicções se modifiquem, a intelectualidade não pode jamais assumir o papel dirigente da classe operária na revolução. É dever do proletariado ganhar sua parcela progressista, convencê-la da inevitabilidade da derrocada do sistema capitalista e da vitória do socialismo, torná-la sua aliada na revolução.

Nos países da África, América Latina, Ásia, etc., de reduzido desenvolvimento econômico-social e mais dependentes do capital estrangeiro, onde as tarefas democráticas e antiimperialistas da revolução têm particular importância, o campesinato médio e a parte da burguesia não ligada ao capital estrangeiro e que aspira a um desenvolvimento independente de seu país também podem ser aliados do proletariado.

A ligação dessa parcela da burguesia com a revolução democrática e antiimperialista depende da estratégia e da tática corretas do proletariado, das manobras ágeis e hábeis do partido revolucionário da classe operária. O proletariado com seu partido pode assim persuadir não só a pequena burguesia mas inclusive essa parte da burguesia a colocar-se sob sua direção e

levantar a cabeça para eliminar o domínio estrangeiro e a feroz grande burguesia capitalista, instrumento do imperialismo, que oprime e explora, que desmoraliza e abastarda os puros sentimentos e a cultura secular do povo.

Para ganhar como aliados as demais classes e camadas interessadas na realização do objetivo estratégico de uma determinada etapa da revolução, o proletariado precisa, como em todas as questões, enfrentar-se com a grande burguesia e com os demais reacionários.

Previendo sua derrota, a burguesia reacionária e os latifundiários fazem mil e um esforços e manobram para atrair para seu campo a pequena burguesia, o campesinato e a intelectualidade progressista, para impedi-los de se tornarem aliados do proletariado. Procuram enganar inclusive a classe operária, para que a revolução não se deflagre e, no caso de eclodir, não vá até o fim, marque passo ou retroceda.

Por sua vez, o proletariado e seu partido marxista-leninista trabalham e têm todas as condições para unir em torno de si seus aliados contra os inimigos comuns, como a grande burguesia, os latifundiários, os imperialistas e social-imperialistas, bem como para impedir que camadas do campesinato e da pequena burguesia se tornem reservas do grande capital ou da ditadura fascista, como ocorreu no tempo de Hitler na Alemanha, de Mussolini na Itália e de Franco durante a Guerra da Espanha.

O partido marxista-leninista adota uma atitude cuidadosa e flexível em especial no que respeita aos possíveis aliados vacilantes ou temporários, inclusive

diferentes camadas da média burguesia, que estão atados por inúmeros fios e diversos interesses, tradições e preconceitos ao mundo do capital e ao imperialismo. Sem se demoverem por um momento sequer das posições de princípios, o proletariado e sua vanguarda, o partido marxista-leninista, têm interesse em atrair tais forças para o campo da revolução ou da luta de libertação, apesar de suas oscilações e instabilidade, ou pelo menos em neutralizá-las, para que não se tornem reservas do inimigo.

As leis da revolução atuam em toda parte, inclusive nos países onde os revisionistas estão no poder. Qual é a posição da nova burguesia que se desenvolve nos países revisionistas da Europa? Ela aspira libertar-se da múltipla e feroz opressão da burguesia soviética, do social-imperialismo soviético, mas os interesses básicos dessas duas partes são comuns. A burguesia de tais países não consegue viver divorciada da burguesia soviética. Mesmo que se distanciasse dessa grande e selvagem burguesia social-imperialista, não há dúvida de que se colocaria rapidamente sob o domínio da burguesia dos Estados capitalistas desenvolvidos da Europa Ocidental e do imperialismo norte-americano.

Mas também nos países revisionistas, que vêm se integrando econômica, política e militarmente no grande Estado soviético social-imperialista, existem, além proletariado, outras camadas da população descontentes com a exploração promovida pela nova burguesia e com o domínio do social-imperialismo soviético. Por esse motivo elas odeiam tanto sua própria burguesia dominante como o hegemonismo

e o neocolonialismo russos. O proletariado desses países precisa despertar e tomar-se consciente da necessidade histórica de voltar a descer ao campo de batalha, lançar-se à luta para derrubar e desbaratar os traidores, para fazer mais uma vez a revolução proletária, para restaurar a ditadura do proletariado. Ele deve criar seus novos partidos marxistas-leninistas e unir em torno de si todas as massas populares.

Atendo-se conseqüentemente ao princípio de que o fator decisivo na vitória da revolução é interno, é a luta revolucionária do próprio proletariado e do povo de cada país, enquanto o fator externo é auxiliar e secundário, os partidos marxistas-leninistas não negam nem subestimam em absoluto os aliados externos da revolução. Mantêm uma atitude ao mesmo tempo de princípios e elástica tanto para com os aliados internos como também em relação aos aliados externos.

Em concordância com os ensinamentos de Lênin e Stálin e em harmonia com as condições atuais, eles consideram que os aliados externos naturais e mais seguros do movimento revolucionário em cada país são o proletariado e seu movimento revolucionário nos demais países, o movimento revolucionário antiimperialista dos povos oprimidos do mundo e os países verdadeiramente socialistas.

Em casos particulares podem se criar circunstâncias em que um país socialista ou um povo em luta contra a agressão imperialista ou social-imperialista encontre-se numa frente comum inclusive com diferentes países do mundo capitalista que combatem o mesmo inimigo, tal como ocorreu no período da II Guerra Mundial.

Nesses casos, tem importância de primeira ordem considerar sempre os interesses da revolução, não esquecer-los, obscurecê-los ou sacrificá-los em função da frente unida ou da aliança com esses aliados temporários, não transformar essa frente ou essa aliança num objetivo em si. Importa sobretudo não permitir a interferência de tais aliados visando sabotar a revolução e arrebatá-la a vitória. A experiência do Partido Comunista da Albânia no que diz respeito à atitude para com os aliados norte-americanos e ingleses nos anos da Luta Antifascista de Libertação Nacional é significativa. Essa atitude foi a salvação dos destinos da causa da revolução na Albânia.

**A estratégia revolucionária é inseparável das táticas revolucionárias que os partidos marxistas-leninistas empregam para realizar o objetivo e as tarefas da revolução.** Como parte da estratégia e estando a seu serviço, as táticas podem mudar de acordo com os fluxos e refluxos da revolução, com as circunstâncias e condições concretas, mas sempre dentro do quadro da estratégia revolucionária e dos princípios marxistas-leninistas.

*«A tarefa da direção tática — diz Stálin — é dominar todas as formas de luta e de organização do proletariado e garantir seu correto aproveitamento, para conseguir o máximo de resultados numa correlação de forças dada, o*



*que é uma necessidade imperativa para preparar o êxito estratégico.»\**

Ao adotar táticas e formas de luta ágeis para levar adiante a causa da revolução, os autênticos partidos marxistas-leninistas atêm-se sempre com fidelidade aos princípios revolucionários. Rejeitam e combatem qualquer propensão ao abandono dos princípios em função das táticas, são os mais resolutos adversários de qualquer política sem princípios, de conjuntura e pragmática, característica de toda a atividade dos revisionistas de todas as correntes.

A revolução é sempre obra das massas, dirigidas pela vanguarda revolucionária. Portanto, o partido marxista-leninista não pode deixar de dedicar grande atenção à organização revolucionária das massas sob formas apropriadas, partindo das condições e circunstâncias concretas, das tradições existentes em cada país, etc. Sem laços organizados do partido com as massas nem se pode falar em levantá-las, prepará-las e mobilizá-las na luta revolucionária.

Precisamente por isso o partido marxista-leninista dá grande importância à criação de organizações de massas dirigidas por ele. Seguramente este não é um problema de fácil solução, sobretudo hoje que existem tantos tipos de organizações sindicais, cooperativistas, culturais, científicas, juvenis, femininas, etc. em todos os países capitalistas e revisionistas. A maioria dessas

---

\* J. V. Stalin, Obras, ed. albanesa, vol. VI, pg. 164.

organizações encontra-se sob a direção e influência da burguesia, dos revisionistas e da Igreja.

Porém, como nos ensina Lênin, os comunistas devem penetrar e trabalhar em toda parte onde estejam as massas. Portanto, também não podem deixar de trabalhar nas diferentes organizações de massas dirigidas ou influenciadas pela burguesia, pela social-democracia, pelos revisionistas e assim por diante. Os marxistas-leninistas trabalham nelas para minar a influência e a direção dos partidos burgueses e reformistas, para difundir entre as massas a influência do partido revolucionário da classe operária, para desmascarar o caráter mistificador dos programas e das atividades dos chefes dessas organizações, para dar à ação das massas caráter político, anticapitalista, antiimperialista, anti-revisionista. Por meio do trabalho revolucionário desenvolvido entre as massas, pode-se formar frações revolucionárias dentro dessas organizações, pode-se inclusive criar condições para tomar em mãos a própria direção dessas organizações e orientá-las pelo caminho correto.

Mas em qualquer caso o partido marxista-leninista jamais se esquece da meta de erguer organizações revolucionárias de massas sob sua direção.

**Os sindicatos ou trade-unions são as mais importantes organizações de massas.** Nos países capitalistas e revisionistas, essas organizações hoje em dia servem geralmente à burguesia, ao revisionismo, para manter subjugados o proletariado e todas as massas trabalhadoras. Em seu tempo Engels já dizia que as trade-unions na

Inglaterra haviam se transformado de organizações que aterrorizavam a burguesia em organizações a serviço do capital. As organizações sindicais amarraram o trabalhador com mil e um fios, com mil e um elos de uma cadeia escravizante, de forma que o operário isolado seja esmagado mais facilmente quando se revolta. Os dirigentes oportunistas dos sindicatos trabalham para que as revoltas dos operários de uma ou mais empresas que se lançam em greves e manifestações permaneçam sob controle e assumam um caráter apenas econômico. A aristocracia operária desenvolve um vasto labor de manipulação nesse sentido. Desempenha um importante papel corrosivo, repressivo, ludibriador e transformou-se de há muito em bombeiro da revolução nos países capitalistas.

Os principais partidos burgueses e revisionistas possuem agora seus sindicatos em todos os países capitalistas. Esses sindicatos atuam hoje em unidade e estabeleceram uma estreita colaboração para conter o movimento revolucionário do proletariado, para desorientar política e moralmente a classe operária.

Na França e na Itália, por exemplo, os sindicatos dos partidos revisionistas são grandes e poderosos. Mas o que fazem eles? Procuram manter o proletariado subjugado, adormecê-lo e, quando ele se revolta e se enfurece, enveredá-lo pela via das conversações com o patronato e tapar-lhe a boca com alguma pequeníssima migalha dos superlucros capitalistas. E o que é dado volta a ser tomado através da alta dos preços.

Portanto, para o proletariado libertar-se do capitalismo em cada país precisa necessariamente escapar ao

jugo dos sindicatos dominados pela burguesia e pelos oportunistas, bem como de toda sorte de organizações ou partidos social-democratas e revisionistas. Todos esses organismos apóiam o patronato de diferentes formas e procuram criar a ilusão de serem «uma grande força», «um freio», de que «podem se impor aos grandes capitalistas» supostamente em favor do proletariado. Isso não passa de uma grande mentira. O proletariado deve destroçar tais organismos. Mas como destroçá-los? destroçá-los combatendo a direção desses sindicatos, erguendo-se contra suas traiçoeiras ligações com a burguesia, rompendo a «tranquilidade», a «paz social» que eles buscam instituir, uma «paz» que se disfarça com pseudo-revoltas periódicas dos sindicatos contra o patronato.

Também se pode atuar visando destroçar esses sindicatos penetrando neles, para combatê-los e corroê-los por dentro, para contestar suas decisões e ações injustas. Essa atividade deve compreender nas fábricas grupos de operários tão grandes e poderosos quanto for possível. É preciso objetivar em cada caso a conquista de uma férrea unidade do proletariado na luta não só contra o patronato mas também contra seus agentes, os pelegos sindicais. O enérgico desmascaramento de todos os elementos traidores à frente dos sindicatos, do aburguesamento das direções sindicais e dos sindicatos reformistas em geral liberta os operários de muitas ilusões que eles ainda alimentam quanto a essa liderança e a esses sindicatos.

Ao penetrar nos sindicatos existentes, os marxistas-leninistas nunca caem em posições trade-unionistas,

reformistas, anarco-sindicalistas, revisionistas, características das direções dessas entidades. Nunca se tomam sócios dos revisionistas e outros partidos oportunistas e burgueses na direção dos sindicatos. Seu fito é desmascarar o caráter burguês e o papel reacionário que os sindicatos atuais possuem em geral nos países capitalistas e revisionistas, minar essas organizações e abrir caminho para a criação de sindicatos verdadeiramente proletários.

**A organização das massas juvenis tem particular importância para os partidos marxistas-leninistas.** A juventude sempre teve um grande papel nos movimentos revolucionários. Inclina-se por natureza a favor do novo, contra o velho, mostra-se disposta a combater pelo triunfo de tudo que é progressista, revolucionário. Mas não tem condições de encontrar sozinha o caminho correto. Somente o partido da classe operária pode indicar-lhe esta via. Quando as inesgotáveis energias revolucionárias da juventude se unem às energias da classe operária e das demais massas trabalhadoras pela supressão da opressão e da exploração, pela libertação nacional e social, não há força capaz de conter o triunfo da revolução.

Porém atualmente a maior parte da juventude dos países capitalistas e revisionistas dispense suas energias em caminhos equivocados, é ludibriada pela burguesia e o revisionismo, frequentemente passa ao aventureirismo e ao anarquismo ou cai na utopia e no desespero, por ser confundida e aturdida, encarando com pessimismo

a perspectiva de atendimento de suas exigências políticas, materiais e espirituais.

Os marxistas-leninistas sempre dedicam grande atenção à juventude, procuram esclarecê-la e persuadi-la de que só poderá realizar suas aspirações e desejos na via indicada pelo marxismo-leninismo e sob a direção da classe operária e de seu partido. Trabalham para afastar a juventude da influência da burguesia e dos revisionistas, dos movimentos «esquerdistas», trotsquistas, anarquistas, o mobilizá-la em organizações revolucionárias, atraí-la para o caminho da revolução.

O verdadeiro partido marxista-leninista e os comunistas revolucionários participam ativamente nas greves e manifestações operárias e lutam para convertê-las em greves e ações políticas, de forma a tornar impossível a vida do capitalismo, do patronato, dos cartéis, monopólios e chefes sindicais. No processo dessa grande atividade, o proletariado confrontar-se-á mais frequente e abertamente com as forças armadas do sistema burguês, mas através dos confrontamentos aprenderá a combater melhor. Na decurso da luta ele encontra também as formas viáveis, justas e adequadas de organização e de luta revolucionária. «Aprende-se a nadar nadando», diz o ditado popular. Sem combater em greves, em manifestações, sem mobilizar-se em ações contra o capitalismo em geral, não se pode organizar e intensificar a luta pela vitória definitiva, não se pode derubar o sistema burguês.

A revolução não se prepara com falatório, como fazem os diferentes revisionistas, nem com teorizações sobre os «três mundos», como fazem os revisionistas

chineses. Não pode triunfar pela via pacífica. Lênin também referiu-se a tal possibilidade em casos especiais, mas sempre colocou o acento principal na violência revolucionária, pois a burguesia jamais entrega voluntariamente o poder. **A história do movimento comunista e operário internacional, do desenvolvimento das revoluções e das vitórias da classe operária numa série de países antes socialistas e em nosso país socialista mostra que até hoje as revoluções só triunfaram através da insurreição armada.**

A insurreição revolucionária armada nada tem em comum com os putschs militares. A primeira objetiva a derrubada política radical, a destruição da velha ordem desde os alicerces. Os últimos não levam nem podem levar à derrubada do sistema de opressão e exploração ou à liquidação do domínio imperialista. A insurreição armada baseia-se no apoio das amplas massas populares, enquanto o putsch é expressão de desconfiança nas massas, de ruptura com elas. As tendências putschistas na política e na atividade de um partido que se considera o partido da classe operária são um desvio do marxismo-leninismo.

De acordo com as condições concretas de um país e com a situação geral, a insurreição armada pode ser uma explosão repentina ou um processo revolucionário mais longo, porém não ilimitado e sem perspectiva, como prega a «teoria da guerra popular prolongada» de Mao Tsetung. Quando se confronta os ensinamentos de Marx, de Engels, de Lênin e de Stálin sobre a insurreição revolucionária armada com a teoria de Mao sobre a «guerra popular»,

fica claro o caráter antimarxista, antileninista, anticientífico dessa teoria. Os ensinamentos marxistas-leninistas sobre a insurreição armada se baseiam na estreita ligação entre a luta nas cidades e no campo sob a direção da classe operária e de seu partido revolucionário.

A teoria maoista, sendo contra o papel dirigente do proletariado na revolução, considera o campo como única base da insurreição armada e negligencia a luta armada das massas trabalhadoras nas cidades. Precisa que o campo deve cercar as cidades, consideradas fortalezas da burguesia contra-revolucionária. Expressa-se nela a desconfiança na classe operária, a negação de seu papel hegemônico.

Atendo-se sem vacilações aos ensinamentos do marxismo-leninismo sobre a revolução violenta enquanto lei geral, o partido revolucionário da classe operária é um firme adversário do aventureirismo e jamais brinca com a insurreição armada. Desenvolve incessantemente a luta e a atividade revolucionárias sob diversas formas, em todas as condições e circunstâncias, para preparar a si e às massas para as batalhas decisivas da revolução, para a derrubada do domínio da burguesia por meio da violência revolucionária. Mas só quando a situação revolucionária está completamente madura ele coloca a insurreição armada diretamente na ordem do dia e adota todas as providências políticas, ideológicas, organizativas e militares para conduzi-la à vitória.

**A propaganda é um poderoso meio nas mãos do partido marxista-leninista para preparar as massas para a revolução, um meio que deve ser ardoroso, claro e**



convincente. A propaganda revolucionária não tem valor se ficar apenas em palavras. Somente uma propaganda incisiva, bem vinculada aos problemas da vida, aos problemas gerais e às questões locais, que suscite e encoraje a iniciativa das amplas massas, pode educar política e ideologicamente o proletariado e as demais massas trabalhadoras, lançá-las à ação, prepará-las para a revolução.

A burguesia capitalista de todos os países, além de manejar uma grande força como o exército, a polícia, etc., possui também uma vasta experiência de luta contra o proletariado e sua atividade. Tem igualmente toda uma rede de propaganda, imprensa, rádio, televisão, cinemas, teatros, música, etc. Toda essa propaganda é tão corruptora que permite confundir, viciar e debilitar por certo tempo os esforços e o combate do proletariado pela libertação.

Nos chamados Estados de democracia burguesa, onde existe uma certa «liberdade democrática» não basta desenvolver uma propaganda jornalística rotineira contra o capitalismo em geral. Os jornais dos diversos partidos burgueses e revisionistas falam a torto e a direito, naturalmente não contra o sistema burguês, mas contra determinados elementos, contra os que querem abocanhar o quinhão dos outros no grande banquete onde todos têm assento e se fartam às custas do povo.

A propaganda e sobretudo a imprensa dos novos partidos marxistas-leninistas têm uma enorme tarefa: desmascarar a falsidade da «democracia» burguesa, arrancar os disfarces de todas as suas manobras, da

demagogia dos revisionistas e demais servidores do capital. A propaganda e a imprensa marxistas-leninistas mostram a verdade tal qual ela é, mostram o caminho da libertação social e nacional através da revolução, enquanto que a propaganda e a imprensa burguesas e revisionistas mentem, tagarelam, confundem as pessoas para afastar as massas da revolução, conduzi-las a becos sem saída, mantê-las na escravidão.

Mas a propaganda por si só não basta para esclarecer as massas, convencê-las da justeza da linha política do partido da classe operária, prepará-las para a revolução. Lênin diz que para preparar a revolução

*«...é necessário a experiência política das próprias massas»\**.

**A própria propaganda torna-se eficaz e se afirma quando se desenvolve juntamente com a ação revolucionária.** Sem a ação, o pensamento murcha. Essa atividade não é nem deve ser uma aventura, mas uma luta enérgica, um duro confronto com os inimigos de classe, que passa das formas mais simples às mais elevadas, que supera muitas dificuldades e aceita todos os sacrifícios que a revolução exige.

Os verdadeiros partidos marxistas-leninistas encontram-se na vanguarda e não na traseira da ação revolucionária. Não se desencorajam com as possibilidades temporariamente pequenas da luta e dos esforços com que se contrapõem e devem se contrapor à grande força

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXXI, pg. 92.

da reação capitalista. Ensinam seus militantes a serem ousados e a terem em vista que sua ação justa, ponderada, madura e decidida tem profunda repercussão entre as massas que os vêem atuar e os ouvem. Quando se age assim, as massas compreendem que os objetivos dessa ou daquela ação revolucionária favorecem os interesses do proletariado e dos explorados. A ousadia e a maturidade na ação têm grande importância porque dessa forma conquista-se terreno palmo a palmo e avança-se no soerguimento da onda da revolução. A ação revolucionária liga os partidos da classe operária às massas, coloca-os à frente destas, permite-lhes triunfar sobre os partidos reformistas, revisionistas.

*«Cada passo do movimento real — dizia Marx — vale mais do que uma dúzia de programas.»\**

Além das forças revolucionárias dirigidas pelo partido marxista-leninista, há nos países capitalistas outras forças que combatem e enfrentam a polícia, a gendarmaria, etc. Muitas ações e golpes dessas forças têm caráter terrorista, aventureiro, anarquista, se apresentam sob todo tipo de cores e rótulos, guiam-se por diferentes ideologias. Tais ações frequentemente são organizadas com o estímulo e financiamento dos serviços secretos dos países capitalistas, que visam entre outras coisas desmoralizar os partidos marxistas-leninistas, impu-

---

\* K. Marx, F. Engels, Obras Escolhidas, vol. II, pg. 8, Tirana, 1975.

tando-as a esses partidos. Os elementos fascistas ou agentes secretos da burguesia que frequentemente promovem e dirigem tais ações procuram se aproveitar da insatisfação, da cólera e da audácia do proletariado, dos secundaristas, universitários e da juventude em geral, para lançar os diferentes grupos o movimentos surgidos dessas massas em atos que, longe de ter qualquer coisa em comum com os verdadeiros movimentos revolucionários, criam sérios perigos para estes, dão a impressão de que o proletariado estaria se degradando, teria se convertido em lumpenproletariado.

É preciso que, dando a devida atenção a esse problema, os partidos marxistas-leninistas por um lado façam com que as massas se convençam por sua própria experiência de que as ações revolucionárias têm caráter totalmente distinto das ações terroristas e anarquistas e, por outro lado, combatam visando afastar os elementos revolucionários que caíram na armadilha, das fileiras dos grupos terroristas e anarquistas, dos elementos fascistas e agentes secretos da burguesia dentro desses mesmos grupos.

Os partidos marxistas-leninistas são partidos da revolução. Contrariando as teorias e práticas dos partidos revisionistas, que estão mergulhados dos pés à cabeça no legalismo burguês e no «cretinismo parlamentar», eles não reduzem sua luta ao trabalho meramente legal nem o encaram como sua principal atividade. No quadro dos esforços para dominar todas as formas de luta, dedicam especial importância à **combinação do trabalho legal e ilegal, dando prioridade a este último**, enquanto fator decisivo para a derrubada da

burguesia e a verdadeira garantia da vitória. Educam e instruem seus quadros, militantes e simpatizantes de forma que estes saibam atuar com argúcia, agilidade e bravura tanto nas condições de legalidade como na ilegalidade. Mas mesmo quando atuam em condições de profunda clandestinidade, procurando não expor suas forças ao inimigo e salvaguardar as organizações revolucionárias dos golpes deste último, os partidos marxistas-leninistas não se encerram em si mesmos, não debilitam nem rompem os vínculos com as massas, não interrompem por um momento sequer a atividade palpitante entre as massas nem deixam de empregar em prol da causa da revolução todas as possibilidades legais que as condições e circunstâncias permitem.

Livre de qualquer ilusão quanto à tomada do poder pela via parlamentar, o partido marxista-leninista pode julgar conveniente, em ocasiões particulares e favoráveis, participar também de atividades legais como eleições municipais, parlamentares, etc., com o único objetivo de propagar sua linha entre as massas e desmascarar o sistema político burguês. Mas o partido não converte esta participação na linha geral de seu combate, como fazem os revisionistas, não faz dessas formas as principais, ou, pior ainda, as únicas formas de luta.

Ao explorar as possibilidades legais, o partido, sem poupar sacrifícios, busca, encontra e emprega formas e métodos de caráter revolucionário, desde os mais simples até os mais complexos, procurando torná-los os mais populares, os mais acessíveis às massas. Os mar-

xistas-leninistas não se importam se sua atuação revolucionária viola ou ameaça a constituição, as leis, regras, normas da ordem burguesa. Lutam para minar essa ordem, para preparar a revolução. Portanto, o partido marxista-leninista prepara a si mesmo e às massas para fazer frente aos contra-golpes que a burguesia pode vibrar em resposta às ações revolucionárias do proletariado e das massas populares.

Nas atuais condições de desenvolvimento do movimento revolucionário e de libertação, um processo complexo e de ampla base social, em que participam muitas forças sociais e políticas, o partido revolucionário do proletariado defronta-se não raras vezes com o problema da colaboração e das frentes unidas com outros partidos e organizações políticas nesta ou naquela fase da revolução, em torno destas ou daquelas questões de interesse comum. A atitude justa, de princípios e ao mesmo tempo ágil, alheia a qualquer oportunismo ou sectarismo, tem grande importância nessa questão para atrair, preparar e mobilizar as massas na revolução e na luta libertadora. O partido marxista-leninista não é nem poderia ser contrário em princípio à colaboração ou às frentes unidas com outros partidos e forças políticas, quando os interesses da causa da revolução o exigem e a situação o impõe. Contudo, nunca as encara como uma coalisão de cúpula e um objetivo em si, mas como um meio para unir e levantar as massas na luta. É importante que em tais frentes unidas o partido proletário não perca por um só momento o ponto de referência dos interesses de classe do proletariado, o objetivo final de sua luta, não se dissolva na

frente, que mantenha sua individualidade ideológica e sua independência política, organizativa e militar, combata para assegurar a direção da frente e para aplicar em seu interior uma política revolucionária.

Para que o partido marxista-leninista possa elaborar e aplicar uma estratégia e uma tática revolucionárias, uma linha política acertada, saiba orientar-se corretamente em situações difíceis, seja capaz de enfrentar os inimigos e superar os obstáculos, **é indispensável desenvolver um grande e amplo trabalho de estudo e assimilação da teoria marxista-leninista.**

Um dos motivos da transformação dos antigos partidos comunistas dos países capitalistas em partidos revisionistas foi precisamente terem descuidado por completo do estudo e assimilação do marxismo-leninismo. A doutrina marxista-leninista era empregada apenas como um verniz, havia se transformado em palavras vazias, em slogans, não havia penetrado profundamente na consciência dos militantes, não havia se tornado sangue de seu sangue, não havia se convertido num guia para a ação. Alguma pequena atividade de estudo do marxismo-leninismo que se fazia visava apenas transmitir ao militante umas tantas fórmulas secas, unicamente para que ele pudesse chamar-se comunista, estimasse o comunismo no plano sentimental; mas o militante nada sabia sobre como chegar a ele, pois não lhe haviam ensinado.

Os dirigentes daqueles partidos, que só tinham palavreado e nada mais, viviam num ambiente burguês e contagiavam o proletariado de seus países com idéias liberais e reformistas.

Dessa forma, a viragem dos partidos revisionistas em direção à burguesia foi uma evolução social-democrata oportunista preparada de há muito por líderes social-democratas de fato, pela aristocracia operária que dirigia aqueles partidos ditos comunistas.

Os partidos marxistas-leninistas não podem deixar de levar em conta essa experiência negativa para extrair dela lições no sentido de organizar o estudo e a assimilação do marxismo-leninismo em bases sólidas, sempre vinculando o estudo com a ação revolucionária.

**A unidade e colaboração entre os partidos marxistas-leninistas dos diferentes países com base nos princípios do internacionalismo proletário tem especial importância nos preparativos para a revolução.**

Esta unidade se fortalecerá e esta colaboração se ampliará na luta contra o imperialismo e o social-imperialismo, contra a burguesia e o revisionismo contemporâneo de toda laia, kruschoviano, titista, «eurocomunista», chinês, etc.

Como inimigos da revolução, os revisionistas combatem com todas as forças e meios o internacionalismo proletário para arrancar das mãos do proletariado mundial e do proletariado de cada país essa poderosa arma na luta contra a burguesia e o imperialismo.

Os partidos marxistas-leninistas têm a tarefa de desmascarar as manobras tanto dos revisionistas titistas e «eurocomunistas», que hoje consideram o internacionalismo proletário caduco e ultrapassado, como dos revisionistas soviéticos e dos revisionistas chineses, que



o deformaram e procuram empregá-lo como uma arma para seus fins hegemônicos, social-imperialistas.

O Partido Comunista da China, que não segue os princípios do internacionalismo proletário e não apóia as lutas revolucionárias e de libertação dos povos, ingressou no caminho da aproximação e da amizade com os partidos social-democratas e burgueses, inclusive os mais direitistas e mais reacionários. Ao mesmo tempo, procura criar diversos grupos sob sua dependência e direção. Ele necessita desses agrupamentos para sabotar precisamente os autênticos partidos marxistas-leninistas e os elementos progresistas, que se lançam ao trabalho para despertar o povo, para erguê-lo na revolução contra as camarilhas dominantes que estão ligadas às superpotências.

Os pequenos grupos que se dizem partidos e que seguem a linha chinesa, como oportunistas que são, não fazem mais do que defender e propagandar as teorias revisionistas do grupo de Hua Guofeng e Deng Xiaoping, bem como seus atos contra-revolucionários. Esses grupos não têm nenhuma personalidade nem firmeza para lutar segundo a teoria marxista-leninista.

O principal lema desses partidos, que é também o slogan básico da política chinesa, é de que na atual situação o proletariado tem como tarefa fundamental e única defender a independência nacional, que estaria ameaçada apenas pelo social-imperialismo soviético. Eles repetem quase ao pé da letra os lemas dos chefes da II Internacional, que abandonaram a causa da revolução e substituíram-na pela tese da defesa da pátria capitalista. Lênin desmascarou esse lema falso e antimarxista

que não serve à defesa da verdadeira independência mas sim ao incitamento de guerras interimperialistas. Ele definiu claramente qual deve ser a atitude do verdadeiro revolucionário nos conflitos entre agrupamentos imperialistas. Afirmou:

*«Quando se trata de uma guerra imperialista e reacionária, ou seja, de uma guerra entre dois grupos mundiais da burguesia reacionária imperialista, despótica e espoliadora, qualquer burguesia (mesmo a de um país pequeno) torna-se cúmplice da rapina, e eu, representante do proletariado revolucionário, tenho o dever de preparar a **revolução proletária mundial**, a única salvação dos horrores de uma carnificina mundial...*

*Isto é internacionalismo, é o dever internacionalista do operário revolucionário, do verdadeiro socialista.»\**

Os partidos de linha chinesa transformaram-se em apologistas do crescimento e fortalecimento dos exércitos burgueses, a pretexto de que isso seria necessário para defender a independência. Conclamam os trabalhadores a se tornarem dóceis soldados, e, juntamente com a burguesia, lançam-se contra todos os que lutam para enfraquecer esta arma principal do domínio e exploração capitalistas. Em resumo, desejam que o proletariado e as massas trabalhadoras se transformem

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXVIII, pgs. 324-325.

em carne de canhão nas guerras de rapina que o imperialismo e o social-imperialismo preparam.

Ao mesmo tempo, esses apêndices chineses tornaram-se ardentes defensores das instituições estatais capitalistas burguesas, sobretudo a OTAN, o Mercado Comum Europeu, etc., que consideram como os principais fatores da «defesa da independência». A exemplo dos dirigentes chineses, eles enaltecem e abrilhantam esses pilares do domínio e expansão capitalistas. Ajudam precisamente os organismos que na realidade ameaçaram seriamente a independência e a soberania de seus países.

A aliança com a grande burguesia, a defesa do exército burguês, o apoio à OTAN, ao Mercado Comum Europeu, etc., tudo isso representa para esses pseudo-marxistas um caminho sem problemas, que além de não levar a confrontos com a burguesia assegura seus favores.

Semelhantes posições levam tais elementos grupistas sem futuro rumo à unificação com os partidos do «eurocomunismo» e da burguesia; e isso ocorrerá, pois a própria China conclama o proletariado a unir-se à burguesia. Já não existe nenhuma diferença entre esses pseudo-marxistas-leninistas e Marchais.

Os marxistas-leninistas devem precaver-se muito das frases empregadas pelos revisionistas contemporâneos, social-democratas e pseudo-marxistas-leninistas sobre o internacionalismo proletário, a união do proletariado para defender a paz e outras asneiras do gênero. O internacionalismo proletário é verdadeiro quando as pessoas trabalham com abnegação para ajudar e desen-

volver as ações revolucionárias, para criar uma verdadeira situação de luta revolucionária, em primeiro lugar em seu próprio país. Ao mesmo tempo, como diz Lênin, devem apoiar, com propaganda, com simpatia e com ajuda material essa luta, essa linha em todos os países, sem exceção. Qualquer outra coisa, como ele nos ensina, não passa de mentira e *manilovismo*.

Portanto, devemos ter muito cuidado com tais elementos pseudo-marxistas, pseudo-revolucionários, pseudo-internacionalistas, sejam eles indivíduos particulares ou pequenos grupos de pessoas, ou mesmo partidos que se autodenominam marxistas-leninistas mas que na realidade não o são, são social-chauvinistas, centristas, pequeno burgueses. Todos esses partidos que juram ser pelo internacionalismo proletário, pela defesa da paz, das reformas, etc. servem ao capital.

Os revisionistas chineses também se referem às vezes ao internacionalismo proletário, mas a partir de posições nacionalistas e chauvinistas. Os dirigentes chineses são daqueles que batem no peito e juram por deus sua fidelidade ao internacionalismo proletário, à paz, às lutas e reivindicações do proletariado, mas na prática cruzam os braços e só fazem pronunciar frases enganosas para provocar a divisão das forças revolucionárias.

O fortalecimento do internacionalismo proletário é uma importante tarefa que se coloca para os partidos marxistas-leninistas, que deve se desenvolver entre todos os partidos, sejam eles grandes ou pequenos, antigos ou jovens. Todos devem fortalecer a unidade entre si e coordenar ações políticas, ideológicas e de combate.

Eles criarão um poderoso front que se tornará cada dia mais inquebrantável, acentuando esta importante linha, que é uma das tarefas primordiais dos partidos marxistas-leninistas para golpear frontalmente o capitalismo mundial, sua política escravizante, bem como suas intrigas, perfídias e alianças com o revisionismo contemporâneo soviético, titista, chinês, italiano, francês, espanhol e outros. Caso os partidos atuem em unidade e golpeiem todos juntos as forças da reação, caso desmascarem todas as intrigas que o capitalismo e o revisionismo contemporâneo tecem de diversas maneiras para sufocar a revolução, para asfixiar a luta de classes, sua vitória é certa.

Nós, marxistas-leninistas, devemos combater e chamar os operários, onde quer que estejam, a pôr-se de pé contra seus inimigos seculares e a romper os grilhões, a fazer a revolução e a não se submeter aos monopólios e capitalistas, rejeitando a prédica dos revisionistas contemporâneos. É dever dos marxistas-leninistas e revolucionários autênticos conclamar os proletários e povos a levantar-se pelo mundo novo, pelo seu mundo, pelo mundo socialista.

## SEGUNDA PARTE

### I

#### **A TEORIA DOS «TRÊS MUNDOS», TEORIA CONTRA-REVOLUCIONÁRIA E CHAUVINISTA**

Agora os revisionistas chineses também se levantaram às claras e lutam num amplo front contra a teoria e a estratégia leninistas da revolução e do combate libertador dos povos. Procuram contrapor a esta teoria e estratégia gloriosas e científicas sua teoria dos «três mundos», que é falsa, contra-revolucionária e chauvinista.

A teoria dos «três mundos» contraria, ou, mais exatamente, é uma negação da teoria de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Não importa saber quem foi o primeiro a inventar o termo «terceiro mundo», quem dividiu pela primeira vez o mundo em três, mas é seguro que Lênin não o fez, enquanto o Partido Comunista da China reclama a paternidade da teoria dos «três mundos» e diz que foi Mao Tsetung que a inventou. Caso

tenha sido esse autor o primeiro a formular essa chamada teoria, trata-se de outro testemunho de que Mao Tsetung não é marxista. Mas mesmo que ele tivesse adotado tal teoria de outros, isso bastaria para que não seja marxista.

### **A Concepção dos «Três Mundos», Negação do Marxismo-Leninismo**

A noção da existência de três mundos ou da divisão do mundo em três baseia-se numa concepção racista e metafísica, que é engendro do capitalismo mundial e da reação.

Mas a tese racista que classifica os países em três categorias ou «mundos» não se baseia simplesmente na cor da pele. Faz sua classificação tendo como fundamento o nível de desenvolvimento econômico dos países e visa definir a «raça dos grandes senhores» de um lado e a «raça dos párias e da plebe» de outro, criar uma divisão imutável e metafísica, conforme o interesse da burguesia capitalista. Considera as diferentes nações e povos do mundo como um rebanho de carneiros, como um todo amorfo.

Os revisionistas chineses aceitam e recomendam que se preserve a «raça dos senhores» e que a «raça dos párias e da plebe» sirva-a comportada e devotadamente.

A dialética marxista-leninista nos ensina que o

desenvolvimento não conhece fronteiras, que nada cessa de modificar-se. Neste processo ininterrupto de desenvolvimento rumo ao futuro verificam-se mudanças de quantidade e de qualidade. Nossa época, como qualquer outra, caracteriza-se por profundas contradições, que Marx, Engels, Lênin e Stálin definiram tão claramente. É a época do imperialismo e das revoluções proletárias e, portanto, a época das grandes transformações quantitativas e qualitativas que conduzem à revolução e à tomada do poder pela classe operária, para construir a nova sociedade socialista.

Toda a teoria de Marx baseia-se na luta de classes e no materialismo dialético e histórico. Marx demonstrou que a sociedade capitalista é uma sociedade de classes exploradoras e exploradas, que as classes só desaparecerão quando se chegar à sociedade sem classes, ao comunismo.

Vivemos atualmente a fase da derrocada do imperialismo e da vitória das revoluções proletárias. Isto significa que existem na sociedade capitalista atual duas classes **principais**, o proletariado e a burguesia, em luta inconciliável, de vida ou morte entre si. Qual delas vencerá? Marx e Lênin, a ciência marxista-leninista, a teoria e a prática da revolução nos demonstram e nos convencem de que, em última instância, triunfará o proletariado, que destruirá, derrubará o poder da burguesia, o imperialismo, todos os exploradores e edificará uma sociedade nova, a sociedade socialista. Ensinamos igualmente que, mesmo nesta nova sociedade, du-



rante um período muito prolongado existirão classes: a classe operária e o campesinato trabalhador, que encontram-se em estreita aliança; mas subsistirão também resíduos das classes derrubadas e expropriadas. Durante todo este período, tais resíduos, bem como os elementos que degeneram e se contrapõem à construção socialista, procurarão retomar o poder perdido. Portanto, também, existirá uma acirrada luta de classes no socialismo.

Os marxistas-leninistas têm sempre em mente que as classes pobres, com o proletariado à frente, e as classes ricas, tendo à frente a burguesia, existem em todos os países, exceto naqueles onde a revolução triunfou e instaurou-se o sistema socialista.

Em qualquer Estado capitalista, esteja onde estiver, mesmo que seja democrático ou progressista, existem oprimidos e opressores, explorados e exploradores, antagonismos, implacável luta de classes. A diferenciação na intensidade da luta não modifica essa realidade. Essa luta atravessa ziguezagues, mas existe e não pode ser extinta. Ela existe em toda parte, existe nos Estados Unidos, entre o proletariado e a burguesia imperialista, existe igualmente na União Soviética, onde o marxismo-leninismo foi traído e criou-se uma nova classe burguês-capitalista que oprime os trabalhadores do país. Também existem classes e luta de classes no «segundo mundo», como na França, na Inglaterra, na Itália, na Alemanha Ocidental, no Japão. Existe da mesma forma no «terceiro mundo», na Índia, no Zaire, no Burundi, no Paquistão, nas Filipinas, etc.

Somente a teoria dos «três mundos» de Mao Tse-tung pretende que não existem classes e luta de classes em país algum. Ela não as enxerga porque julga os países e povos segundo conceitos geopolíticos burgueses e de acordo com o nível de seu desenvolvimento econômico.

Ver o mundo dividido em três, em «primeiro mundo», «segundo mundo» e «terceiro mundo», à margem do prisma de classe, como fazem os revisionistas chineses, significa desviar-se da teoria marxista-leninista da luta de classes, significa negar a luta do proletariado contra a burguesia para passar de uma sociedade atrasada a uma nova sociedade, socialista, e mais tarde à sociedade sem classes, comunista. Dividir o mundo em três significa desconhecer as características da época atual, emperrar o avanço do proletariado e dos povos rumo à revolução e à libertação nacional, obstaculizar sua luta contra o imperialismo norte-americano, contra o social-imperialismo soviético, contra o capital e a reação, em cada país e em toda parte. A teoria dos «três mundos» prega a paz social, a conciliação de classe, procura estabelecer alianças entre inimigos inconciliáveis, entre o proletariado e a burguesia, entre os oprimidos e os opressores, entre os povos e o imperialismo. Procura prolongar a existência do velho mundo, do mundo capitalista, mantê-lo vivo precisamente buscando a extinção da luta de classes.

Mas a luta de classes, a luta do proletariado e seus aliados para tomar o poder e a luta da burguesia

para mantê-lo não podem jamais ser negadas. Pode-se mover céus e terras, mas não esta verdade; ela não pode tampouco ser mudada pelas teorizações vazias sobre «mundos»: «primeiro mundo», «segundo mundo», «terceiro mundo», «mundo não-alinhado» ou «vigésimo mundo». Aceitar tal divisão é deixar de lado, abandonar a teoria de Marx, Engels, Lênin e Stálin sobre as classes e a luta de classes.

**Lênin e Stálin disseram após a vitória da Revolução de Outubro que existem dois mundos em nossos dias**, o mundo socialista e o mundo capitalista, embora na época o socialismo tivesse sido instaurado apenas num país.

*«...atualmente — dizia Lênin em 1921 — há dois mundos: o velho, o capitalismo, que se enredou, que nunca retrocederá, e o novo mundo em ascenso, que é ainda muito débil mas que crescerá, pois é invencível».\**

Este critério de classe na divisão do mundo vale igualmente para a atualidade, em que pese o socialismo não ter triunfado em muitos países e a nova sociedade não ter substituído a velha sociedade burguês-capitalista. Amanhá isso sem dúvida ocorrerá.

O fato do socialismo ter sido traído na União Soviética e outros países antes socialistas não modifica uma vírgula sequer no critério leninista sobre a divi-

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXXIII, pgs. 153-154.

são do mundo. Hoje, como antes, existem apenas dois mundos e a luta entre eles, entre as duas classes antagônicas, entre o socialismo e o capitalismo verifica-se não só em escala nacional, mas também internacional.

Os revisionistas chineses, que não aceitam a existência do mundo socialista a pretexto de que não existe mais o campo socialista, devido à traição da União Soviética e de outros antigos países socialistas, ignoram premeditadamente uma coisa: que o aparecimento do revisionismo contemporâneo não modifica em absoluto a tendência geral da história no sentido da revolução, da derrocada do imperialismo, independente do capitalismo ainda existir. Eles ignoram ao mesmo tempo que as idéias imortais do marxismo-leninismo existem, desenvolvem-se e triunfam, que existem os partidos marxistas-leninistas, existe a Albânia socialista, existem os povos que combatem por sua liberdade, independência e soberania nacional, que o proletariado mundial existe e luta.

A Comuna de Paris não triunfou, foi esmagada, mas deu um grande exemplo ao proletariado mundial. Marx disse que a experiência da Comuna demonstrou a debilidade momentânea do proletariado francês mas preparou o proletariado de todos os países para a revolução mundial e deu uma grande lição quanto às condições necessárias para se alcançar a vitória. Marx erigiu em teoria a grande experiência dos *comunards*, que «tomaram o céu de assalto» e ensinou ao proletariado que ele deve romper pela violência revolucionária o aparelho de Estado burguês e sua ditadura.

Os revisionistas contemporâneos são covardes. Pen-

sam que as forças contra-revolucionárias são muito poderosas atualmente. Mas isso não tem nada de verdade. Elas são mais débeis. Os povos, com o proletariado à frente, são mais fortes. Esmagarão as forças contra-revolucionárias, as forças da reação, do imperialismo e do social-imperialismo. Esta é uma concepção fundada na análise do mundo sob uma ótica de classe. Qualquer outro ponto de vista é errôneo, mesmo que a atividade e o medo dos revisionistas se mascarem com frases revolucionárias.

Quando nós, marxistas-leninistas, dizemos que existem dois mundos e não três ou cinco, estamos no caminho correto e devemos edificar com base no marxismo-leninismo nossa luta contra a burguesia capitalista, contra o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo soviético, contra os demais imperialismos. Esta luta deve conduzir à destruição do velho mundo burguês-capitalista e à instauração do novo sistema socialista.

**A força social motriz de nossa época é o proletariado.** Lênin acentuou que a força motriz que impulsiona a história é constituída pela classe que encontra-se

*«...no centro desta ou daquela época e determina seu conteúdo fundamental, a tendência principal de seu desenvolvimento, as particularidades essenciais de sua situação histórica, etc».\**

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXI, pg. 147.

Já os revisionistas chineses, contrariamente e esta tese de Lênin, procuram considerar o «terceiro mundo» como «a grande força motriz que faz avançar a roda da história». Fazer semelhante declaração significa dar uma definição teórica e praticamente errônea da força motriz. Como é possível, na época atual da evolução social, que tem no centro a classe mais revolucionária — o proletariado — qualificar como força motriz um agrupamento de Estados cuja esmagadora maioria é dominada pela burguesia e os senhores feudais, inclusive por reacionários e fascistas declarados? Trata-se de uma grosseira deformação da teoria de Marx.

A direção chinesa não leva em conta que existem no «terceiro mundo» oprimidos e opressores, que há de um lado o proletariado e o campesinato escravizado, pobre e miserável, e de outro os capitalistas e latifundiários, que exploram e despojam o povo. Não ressaltar essa situação de classe do chamado terceiro mundo, não assinalar os antagonismos existentes significa revisar o marxismo-leninismo e defender o capitalismo. Em geral a burguesia capitalista está no poder nos países do dito terceiro mundo. Essa burguesia espolia o país, explora e oprime o povo pobre no interesse de sua classe, para auferir o máximo de lucros para si e para manter o povo sempre na escravidão e na miséria.

Em muitos países do «terceiro mundo» os governos no poder são burgueses, capitalistas, naturalmente com diferentes nuances políticas, são governos da classe inimiga do proletariado e do campesinato pobre e oprimido, inimiga da revolução e das lutas de libertação. A burguesia que detém o poder em tais países conserva

precisamente a sociedade capitalista que o proletariado procura derrubar em aliança com as camadas pobres do campo e da cidade. Constitui a classe alta que, partindo de seus interesses mesquinhos, dispõe-se a qualquer momento, em qualquer viragem, a vender os recursos do solo e do subsolo do país ao capitalismo estrangeiro, a traficar com a liberdade, a independência e a soberania da pátria. Onde quer que esteja no poder, essa classe contraria a luta e as aspirações do proletariado e de seus aliados, das classes e camadas oprimidas.

Muitos dos Estados que a direção chinesa engloba no «terceiro mundo» não são contrários ao imperialismo norte-americano e ao social-imperialismo soviético. Qualificar tais Estados de «principal força motriz da revolução e da luta contra o imperialismo», como preconiza Mao Tsetung, é um erro tão grande como a cordilheira do Himalaia. Existem outros pseudo-marxistas, mas estes pelo menos sabem ocultar-se e disfarçar-se atrás de suas teorias burguesas.

Os revisionistas chineses possuem a mesma visão antimarxista não só do «terceiro mundo» mas também do que chamam «segundo mundo», onde domina a grande burguesia capitalista, onde dominam os grandes imperialistas de ontem, que continuam igualmente imperialistas. Nos países desse chamado segundo mundo existe um proletariado grande e poderoso, explorado até a medula, esmagado por leis opressivas, pelo exército, pela polícia, pelos sindicatos, por todas essas armas da ditadura da burguesia. Tanto nos países do «terceiro mundo» como nos do «segundo mundo», é a classe

burguesa capitalista, são as mesmas forças sociais que dominam o proletariado e os povos e que devem ser destruídas. Também ali o proletariado é a principal força motriz.

Mas tanto no «terceiro mundo» como no «segundo mundo» e também nos Estados Unidos da América e na União Soviética, os revisionistas chineses ignoram precisamente o proletariado, que representa o grande exército da revolução, negam exatamente a principal força motriz da sociedade, a força que deve golpear a burguesia monopolista, sua inimiga de classe e inimiga de toda a revolução mundial.

A teoria dos «três mundos» de Mao Tsetung nega essa grande realidade e desconsidera o proletariado da Europa e dos demais países desenvolvidos. É verdade que também existe degenerescência nas fileiras do proletariado, seja no chamado terceiro mundo, seja nos denominados segundo e primeiro, pois a burguesia não cruza os braços, combate seu inimigo não só com armas e repressão mas também política e ideologicamente, com o modo de vida que institui, etc. Mas a degenerescência de alguma camada do proletariado, como a aristocracia operária, não pode fazer com que se renuncie ao marxismo-leninismo e se negue o papel decisivo da classe operária no processo revolucionário mundial. Com uma correta educação marxista-leninista, com atividade revolucionária cotidiana, os verdadeiros comunistas resguardam o proletariado de qualquer país ou «mundo» da degenerescência e mobilizam-no na luta contra seus opressores, sejam eles ingleses ou franceses, italianos ou



alemães, portugueses ou espanhóis, norte-americanos ou japoneses.

Também existe um grande proletariado nos Estados Unidos, que são a cabeça do imperialismo mundial. Os Estados Unidos são ao mesmo tempo um dos países mais industrializados e o mais rico do mundo, de forma que as migalhas que o capital emprega para enganar o proletariado são um pouco maiores do que em outros países burgueses. O modo de vida exerce ali uma maior influência sobre o proletariado. Mas não podemos ignorar, por pouco que seja, o papel e a contribuição do proletariado norte-americano para a revolução em seu país. A realidade é que também nos Estados Unidos existe uma opinião pública contrária ao imperialismo, contrária às guerras de rapina, contrária à opressão por parte dos capitalistas, dos trustes, dos bancos, etc. Existe inclusive em camadas da pequena burguesia do país uma resistência à opressão do grande capital.

**Ao negar a luta de classes, a teoria chinesa dos «três mundos» nega também a luta dos povos para livrar-se do domínio estrangeiro, para conquistar direitos e liberdades democráticos, nega sua luta pelo socialismo.** Essa teoria contra-revolucionária e anticientífica risca do mapa a luta dos povos contra seus inimigos, que são o imperialismo, o social-imperialismo, toda a grande burguesia internacional.

Alinhar os povos em três categorias e apregoar que somente o «terceiro mundo» aspira a libertar-se do imperialismo, que somente ele seria «a principal força motriz contra o imperialismo», é uma fraude e um flagrante desvio do marxismo-leninismo. Caso se coloque

no «primeiro mundo» e no «segundo mundo» os imperialistas e capitalistas, surge a pergunta: onde colocar os povos destes dois «mundos», que também combatem por sua emancipação contra os mesmos opressores que tiranizam o «terceiro mundo»? Os inventores e partidários da divisão do mundo em três são incapazes de responder a esta indagação porque, segundo sua concepção antimarxista e antileninista, fundiram num só corpo os imperialistas, os governantes e os povos.

Os marxistas-leninistas não podem identificar os povos soviéticos com os escroques antimarxistas, social-imperialistas e novos capitalistas que os dominam. Também não podem misturar e confundir o povo norte-americano com o imperialismo norte-americano. Caso atuassem como os revisionistas chineses, os revolucionários cometeriam um grande erro teórico e colocar-se-iam contra a revolução, apoiariam precisamente o imperialismo e social-imperialismo, as forças do capital, combatidas inclusive pelo proletariado e o povo dentro dos covis de seus inimigos.

Qual o sentido do apelo chinês para que o «terceiro mundo» se una em aliança com o «segundo mundo» a fim de combater a metade do «primeiro mundo», quando tal divisão confunde a personalidade, as aspirações e o nível de desenvolvimento distintos dos povos, que combatem a oligarquia que os oprime? O grau da resistência e da luta revolucionária dos povos é igualmente distinto, mas seu objetivo final, o comunismo, é o mesmo. Nestas condições nós, marxistas-leninistas, devemos fazer propaganda e mobilizar-nos para alcançar o objetivo final através de constantes lutas de

classe contra o imperialismo, o social-imperialismo, o capitalismo e suas ideologias enganosas.

Os revisionistas chineses não só fundem num único corpo os povos e seus governantes nos países capitalistas, como também querem liquidar a personalidade dos países socialistas, pregando que mesmo eles podem ser incluídos no «terceiro mundo».

Como se pode identificar um país socialista com o «terceiro mundo», onde existem classes antagônicas, opressão e exploração, e alinhá-lo com «reis e príncipes», como fazem os dirigentes da China? Os revisionistas chineses, que chamam seu país de socialista, dizem que se integram no «terceiro mundo» para ajudar os povos desse «mundo». Trata-se de um engodo, com o qual desejam ocultar seu objetivo expansionista. Um país verdadeiramente socialista não precisa dividir o mundo em três nem incluir-se no «terceiro mundo» para ajudar e apoiar a luta dos povos.

Com nossas atitudes, guiando-nos por critérios de classe, nós, marxistas-leninistas, ajudamos os povos, o proletariado, a democracia, a soberania e a liberdade verdadeiras e não os Estados dominados por monarcas, xás e camarilhas reacionárias. Ajudamos os povos e os Estados democráticos que desejam libertar-se do jugo das superpotências, mas acentuamos que não se pode fazê-lo devidamente, pela via justa e segundo critérios de classe, sem combater também os monarcas, também os monopólios internacionais, que estão interligados com as superpotências. Os dirigentes chineses pretendem haver solucionado este complexo problema de classe ao «fundir-se» nesse imaginário «terceiro

mundo». Mas trata-se de uma solução antimarxista. Na maioria das vezes, os Estados e governos do «terceiro mundo», contrariamente ao que pretendem os dirigentes chineses, não são partidários da luta contra o «primeiro mundo», o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo soviético, nem do combate ao «segundo mundo».

A corrente dos povos do mundo marcha rumo à luta pela libertação, pela revolução, pelo socialismo, mas não inclui os governos dos monarcas, dos emires e camarilhas reacionárias do tipo das de Mobutu e Pinochet, do «terceiro mundo» onde a China se inclui.

A direção chinesa não faz uma distinção de classe quanto aos Estados do chamado terceiro mundo, segundo os princípios do internacionalismo proletário e os interesses da revolução mundial. Não leva em conta que tais Estados nacionais, na sua maioria dirigidos por camadas da alta burguesia, são influenciados e fortemente amarrados com mil fios não só pelo imperialismo norte-americano mas também pelo social-imperialismo soviético.

Existem nesses Estados profundas contradições internas que opõem o proletariado e o campesinato pobre e oprimido à burguesia e a todos os escravizadores. A ajuda de um país socialista aos povos desses Estados deve ser um grande estímulo ao seu avanço, à criação de um Estado verdadeiramente democrático, sem obscurecer a perspectiva, a causa da vitória da revolução proletária e da tomada do poder pelo proletariado. A revolução não se importa, será obra do proletariado e do povo de cada país. Naturalmente, a tomada do

poder não se processará hoje ou amanhã, mas, como nos ensina Lênin, devemos criar as condições para que, em cada viragem da história, o proletariado encontre-se à frente da luta para derrubar o poder degenerado dos ditadores e da burguesia reacionária, para instaurar o domínio do povo.

A divisão que nós, comunistas, fazemos do mundo atual com base no critério de classe leninista, não nos impede de combater as superpotências e apoiar todos os povos e Estados que exigem a emancipação e têm contradições com elas. A Albânia socialista tem apoiado de todo coração e vigorosamente a luta dos povos da Ásia, África e América Latina, pois ela corresponde aos interesses deles próprios e volta-se contra o imperialismo e domínio colonial estrangeiro. Mas ocultar os princípios e distorcer o marxismo-leninismo, a ideologia e a política do partido do proletariado, como fazem os dirigentes chineses, é antimarxista, é um blefe, uma fraude. O Partido do Trabalho da Albânia nunca fez nem fará tal coisa, pois seria um crime imperdoável para com seu povo, para com os demais povos, para com o proletariado internacional e a revolução mundial.

**Ao dividir o mundo em três, o Partido Comunista da China prega de fato a conciliação de classe.**

Os autênticos marxistas-leninistas nunca esquecem as ensinamentos de Lênin, indicando que os oportunistas e revisionistas procuram a todo custo amainar a luta de classes, enganar a classe operária e os oprimidos com fórmulas «revolucionárias», esvaziando a doutrina mar-

xista-leninista de seu conteúdo revolucionário. É o que faz a direção revisionista chinesa ao pregar a conciliação e a coexistência pacífica da classe operária com a burguesia.

Como nos ensinam Engels e Lênin, as contradições entre as classes ou forças sociais com interesses fundamentais opostos, longe de se conciliarem acirram-se continuamente e desembocam em conflitos político-sociais. A própria existência do Estado prova que os antagonismos de classe são inconciliáveis. Portanto, tentar atenuar esses antagonismos de classe, que se verificam nos diferentes países burgueses e revisionistas do «terceiro», do «segundo» ou do «primeiro mundo», pregando uma união sem princípios, significa negar o caráter objetivo da existência das contradições, tratar esse problema de maneira antimarxista.

Os «teóricos» chineses procuram conciliar classes que jamais poderão ser conciliadas, ou seja, adotam posições revisionistas, oportunistas. A deformação da teoria de Marx pelos revisionistas chineses se evidencia quando eles consideram os países que incluem no «terceiro mundo» como áreas onde reina a paz social e seu Estado como organismo de conciliação de classe.

Aceitar a noção de «terceiro mundo», tal como a proclamam os dirigentes chineses, significa trabalhar para criar uma opinião pública a serviço da defesa dos organismos estatais necessários à burguesia para oprimir a classe operária e as massas do povo. Como dizia Lênin ao atacar os revisionistas, a tese do amainamento da luta de classes legítima e afirma a opressão. Buscar a unidade dentro do «terceiro mundo» quer dizer na

prática buscar a unidade da classe oprimida com a opressora, ou seja, tentar «suavizar» os antagonismos entre as massas trabalhadoras e a burguesia, entre o povo e os opressores estrangeiros. Essa prédica dos revisionistas chineses contraria os interesses da libertação nacional e social dos povos, suas aspirações à liberdade, independência e justiça social.

A maioria dos Estados tidos como componentes do «terceiro mundo» ou «mundo não-alinhado» depende do capital financeiro forâneo, que é tão forte, tão vasto, que tem um peso decisivo em toda a sua vida. Tais Estados não gozam de plena independência, ao contrário, são dependentes do grande capital financeiro, que faz uma política e difunde uma ideologia de justificação da exploração dos povos.

A burguesia e o imperialismo fazem grandes esforços para encobrir essa realidade e, quando se vêem desmascarados, criam diferentes «teorias» contrárias à independência e soberania dos Estados. Para abafar as aspirações dos povos à liberdade, independência e soberania, os teóricos burgueses e revisionistas qualificam tais anseios de «anacrônicos», atribuem-lhes diferentes interpretações metafísicas e contrapõem a eles o lema da «interdependência mundial», pretendendo que ele expressa a tendência do atual desenvolvimento da sociedade humana, ou o slogan da «soberania limitada», que supostamente expressa os interesses supremos da chamada comunidade socialista, etc.

A realidade burguês-revisionista, de violação da liberdade, independência e soberania de nações e Estados sob todas as formas e em todos os sentidos, mostra

a decomposição do sistema capitalista. Vivemos uma época em que a burguesia enquanto classe dominante está perdendo terreno, enquanto que o proletariado mundial tornou-se uma força colossal e encetou um combate ininterrupto, implacável para livrar-se da classe que o explora. Sob os golpes dos povos e da luta de classe do proletariado, a burguesia foi obrigada a renunciar *de jure* ao colonialismo e a reconhecer formalmente a liberdade, a independência e a soberania de muitos países que haviam sido ocupados e espoliados até a medula por um longo período.

Mas a liberdade, independência e soberania juridicamente reconhecidas pelos Estados capitalistas às suas ex-colônias até hoje permanecem formais em muitos países que voltaram a ser dominados pelos capitalistas e imperialistas sob novas formas. A fim de prolongar seu domínio nas ex-colônias, essas forças retrógradas de nossa época praticam em ampla escala os complôs e intrigas, para dividir e dominar nesses países onde ainda encontram terreno, explorando o atraso econômico, político e ideológico dos povos e a falta de organização das forças revolucionárias.

No tratamento desse problema não se deve julgar que, já que as ex-colônias ainda não conquistaram a plena independência e soberania, sua luta foi inútil. De forma alguma. O combate dos povos pela emancipação de seus pequenos países do ditame e da tutela dos grandes, do imperialismo e do social-imperialismo, não deve ser subestimado. Ao contrário, o Partido do Trabalho da Albânia e o Estado albanês sempre apoiaram e apoiarão sem reservas essa justa luta revolucionária e liberta-



dora, considerando-a como uma vitória dos povos no fortalecimento da independência política, no rompimento com o domínio colonial e neocolonial. Mas contestamos os teóricos revisionistas que afirmam que agora toda luta revolucionária deveria ser reduzida ao combate pela independência nacional, para conquistá-la e defendê-la da agressão das potências imperialistas, negando a luta pela libertação social. Somente a vitória desta última garante a liberdade, a independência e a soberania plenas e verdadeiras de uma nação. Esses advogados do sistema espoliador «esquecem» que a luta de classes entre o proletariado e seus aliados, de um lado, e a burguesia de cada país e seus aliados externos, de outro, prossegue sempre acirrada e conduzirá um dia ac momento, às situações revolucionárias, como dizia Lênin, em que a revolução estala. Deve-se aproveitar as condições cada vez mais favoráveis que estão se criando no mundo para o amplo desenvolvimento das revoluções antiimperialistas e democráticas e para sua direção pelo proletariado, de forma a passar da luta pela independência nacional a outra fase mais avançada, à luta pelo socialismo, Lênin nos ensina que a revolução deve ser levada até o fim, liquidando a burguesia e seu poder. Unicamente sobre essa base pode-se falar em liberdade, independência e soberania verdadeiras.

Segundo nossa concepção marxista-leninista, o povo não pode ter liberdade e soberania numa sociedade dividida em classes antagônicas onde domina a classe feudal ou burguesa. A liberdade, a independência e a soberania têm um conteúdo político-social concreto. Ga-

rante-se a autêntica liberdade e soberania nas condições da ditadura do proletariado. Onde o Estado encontra-se nas mãos da classe exploradora, as relações econômicas e políticas desiguais entre exploradores e explorados e entre países conduzem à perda ou à restrição da liberdade e da soberania do povo. Consequentemente, não se pode falar em verdadeira liberdade e soberania nacional, nem muito menos em soberania do povo nos países enquadrados no «mundo não-alinhado» ou no «terceiro mundo». Só se pode definir corretamente qual o povo que é livre de verdade e qual vive avassalado, qual Estado é independente e soberano e qual dependente e oprimido, com base numa análise científica apoiada na teoria marxista-leninista. A teoria marxista-leninista explica claramente quem são os opressores e exploradores dos povos e qual o caminho para os povos se tornarem livres, independentes e soberanos. Nós, comunistas albaneses, só compreendemos a liberdade, a independência e soberania dos países e povos desta forma, à luz do marxismo-leninismo.

### **A Atitude dos Revisionistas Chineses em Relação às Contradições é Idealista, Revisionista e Capituladora**

A aplicação de uma justa estratégia revolucionária, baseada nos ensinamentos do marxismo-leninismo, requer não só uma análise e apreciação multilaterais e dialéticas das forças motrizes da corrente mundial revolucionária e libertadora, uma correta avaliação das

forças do inimigo, de seus aspectos fortes e debilidades, mas também uma compreensão acertada e científica das contradições que caracterizam nossa época.

Não nos equivocaremos sempre que interpretarmos as contradições segundo os ensinamentos da teoria marxista-leninista, vinculados aos fatos concretos e à evolução real da situação.

No que diz respeito às contradições, os dirigentes chineses «teorizam», «interpretam», «filosofam», parafraseiam e embaralham muito as teses tão claramente formuladas pelos clássicos do marxismo-leninismo. Interpretando as contradições distintamente de sua verdadeira concepção, entram em acordos e fazem compromissos não em favor da luta libertadora, dos povos, da revolução, da construção do socialismo, mas em favor da burguesia e do imperialismo. Eles, que posam de filósofos marxistas-leninistas, possuem duas máscaras: uma para aparentar que são fiéis à teoria marxista-leninista e outra para deformá-la na prática.

Sua atitude no que toca às contradições, às alianças e compromissos deriva de sua análise deturpada e pragmática da situação internacional, das contradições existentes no mundo, das contradições entre as potências imperialistas, entre os diferentes Estados capitalistas, entre o proletariado e a burguesia, etc. As raízes dessa atitude encontram-se em sua concepção de mundo idealista e revisionista.

Mas não é por acaso que os dirigentes chineses colocam na pauta de discussões precisamente o problema das contradições, alianças e compromissos. A direção revisionista chinesa agora arrancou a máscara e saiu aber-

tamente contra a revolução, tornou-se porta-bandeira do oportunismo de direita, do revisionismo. Como todos os revisionistas, os dirigentes do Partido Comunista da China também buscam «justificar» seu afastamento da teoria marxista-leninista, sua orientação revisionista, recorrendo a citações de Marx, de Engels, de Lênin e de Stálin. Naturalmente eles mutilam, fragmentam, retiram do contexto essas citações, e empregam-nas, assim estropiadas, para fazer passar suas posições e teses reacionárias por marxistas-leninistas. Mas os revisionistas chineses não são os primeiros nem os últimos a praticar essas distorções, essas mutilações tendenciosas de nossa justa teoria. Muito antes deles, os chefes da social-democracia, os titistas, os revisionistas soviéticos, italianos, franceses e outros já atuavam dessa maneira; e continuam a fazê-lo.

**Ao fazer malabarismos com as contradições, os dirigentes chineses tentam, em primeiro lugar, justificar sua atitude frente ao imperialismo norte-americano, aplainar o caminho da aproximação e colaboração com ele.**

Os revisionistas chineses pretendem que no mundo de hoje existe uma única contradição, que opõe o «terceiro mundo», o «segundo mundo» e a metade do «primeiro mundo» à União Soviética. Partindo dessa tese que une os povos a um grupo de imperialistas, eles propugnam que se deixe de lado todas as contradições de classe e se combata apenas o social-imperialismo soviético.

Mas analisemos como se coloca o problema das con-

tradições entre os povos e as superpotências e das contradições entre as próprias superpotências.

Nas condições atuais, assume uma importância primordial na definição de uma estratégia e de uma tática revolucionárias consequentes adotar uma atitude de princípios diante das duas superpotências imperialistas, os Estados Unidos e a União Soviética, que constituem a maior força de defesa do sistema capitalista de opressão e exploração, as principais fortalezas da reação mundial. Elas são os mais perigosos inimigos jurados da revolução, do socialismo e dos povos, assumiram o odioso papel de gendarme internacional contra qualquer movimento revolucionário e de libertação e são as potências mais agressivas e belicistas, cuja atuação empurra o mundo para uma guerra devastadora.

Ninguém, menos ainda o Partido do Trabalho da Albânia, pode negar a existência de profundas contradições entre as duas maiores potências imperialistas de nosso tempo — o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo soviético. Temos acentuado continuamente que as contradições entre as duas superpotências não só existem como estão se agravando. Ao lado disso, cada superpotência tenta entrar em acordo com a outra quanto a certas questões. Lênin explicava tais fenômenos com as duas tendências do capital. Dizia ele que

*«...existem duas tendências, uma que torna inevitável a aliança de todos os imperialistas,*

*outra que coloca uns imperialistas contra os outros».\**

Mas por que existem contradições e antagonismos inconciliáveis entre as duas superpotências? Porque cada uma delas, como grande potência imperialista que é, luta pela hegemonia mundial, para criar novas esferas de influência, para escravizar e explorar os povos. O apetite e a ambição de cada uma faz com que ambas se agastem e inclusive se atritem seriamente. Esses atritos podem levar à guerra entre elas e a uma sangrenta guerra mundial.

Nós, marxistas-leninistas, devemos explorar as contradições existentes entre as superpotências no interesse da revolução e das lutas de libertação dos povos.

Explorar as contradições no campo do inimigo é parte integrante da estratégia e tática revolucionárias. Stálin considerava o aproveitamento das contradições e conflitos nas fileiras dos inimigos da classe operária, dentro do país ou entre Estados imperialistas na arena internacional, como uma reserva indireta da revolução proletária. São fatos históricos conhecidos que o Estado socialista soviético, sob a direção de Lênin e Stálin, levou em conta e aproveitou as contradições interimperialistas no período posterior à Revolução de Outubro ou durante a II Guerra Mundial.

Mas em qualquer caso a apreciação e aproveitamento das contradições entre os inimigos por parte das

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXVII, pg. 418.

forças revolucionárias e dos países socialistas resultam de uma análise concreta marxista-leninista dessas contradições e de seu grau de acirramento, da correlação de forças num período ou momento dado, para determinar por que via, de que formas e com que meios explorá-las. O que constitui questão de princípios é aproveitar tais contradições sempre em prol da revolução, em favor dos povos e de sua liberdade, em função da causa do socialismo. O aproveitamento das contradições nas fileiras inimigas deve conduzir ao crescimento e reforço e não ao enfraquecimento e atenuação do movimento revolucionário e emancipador, deve levar a uma mobilização sempre mais ativa das forças revolucionárias no combate aos inimigos, sobretudo os principais, sem permitir que se crie entre os povos qualquer ilusão quanto a eles.

O primeiro ponto do programa das duas superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética revisionista, é o esmagamento da revolução e do socialismo. Os dirigentes chineses, longe de destacar, praticamente negam esse fato, que expressa a contradição inconciliável entre o socialismo e o capitalismo. Evidentemente não se permite aos marxistas-leninistas esquecer que, apesar da luta que travam entre si pela hegemonia e das contradições que possuem, as superpotências absolutamente não afastam a atenção do objetivo comum de reprimir os povos que exigem liberdade, de sabotar a revolução, o que conduz igualmente a guerras gerais ou locais. Quanto a esta questão os revisionistas chineses insistem em suas conhecidas posições de combater apenas o social-imperialismo soviético, que, segundo eles,

é o mais perigoso, o mais agressivo e o mais belicoso. Eles colocam o imperialismo norte-americano em segundo plano e acentuam que os Estados Unidos «desejam o status quo», «estão em declínio». A partir daí, os revisionistas chineses chegam à conclusão de que pode-se e deve-se fazer aliança com o imperialismo norte-americano contra o social-imperialismo soviético.

O imperialismo norte-americano nada tem de fraco e dócil. Ao contrário do que pretendem os dirigentes chineses, é agressivo, selvagem e poderoso, tal qual o social-imperialismo soviético. O fato do imperialismo norte-americano não deter mais a posição dominante de outrora não muda nada. Tal é a dialética do desenvolvimento do capitalismo, que comprova a tese de Lênin de que o imperialismo é o capitalismo em declínio, em decadência. Mas é inadmissível que, partindo-se disso, se chegue à subestimação da atual força econômica, militar e agressiva de uma ou outra superpotência. É igualmente inadmissível deduzir, a partir de um debilitamento e declínio reais do poderio dos imperialistas, que um imperialismo tornou-se menos perigoso e outro mais perigoso. Ambas as superpotências imperialistas são perigosas, pois nenhuma das duas esquece a luta contra os que procuram sepultá-las, e são os povos que procuram sepultar as superpotências.

Pregar a luta apenas contra o social-imperialismo soviético e cessar, na prática, o combate ao imperialismo norte-americano, como fazem os dirigentes chineses, significa não se ater às teses fundamentais do marxismo-leninismo. Que é preciso combater até o fim o social-imperialismo soviético é coisa que não se discute.



Mas não se combater com a mesma energia o imperialismo norte-americano é algo inaceitável, é uma traição à revolução. Caso se seguisse o caminho chinês, não ficaria claro quem é o imperialismo norte-americano e quem o social-imperialismo soviético, por que as duas superpotências têm contradições e em que consistem estas, onde reside a luta entre as superpotências, que nós devemos aprofundar, o que devemos fazer para que esses dois Estados imperialistas não deflagrem uma guerra mundial, etc.

Caso tenhamos uma justa compreensão teórica dessas questões e atuemos corretamente com base na teoria marxista-leninista, fica claro que é indispensável apoiar e sustentar os povos em luta contra as duas superpotências e as camarilhas burguesas capitalistas que os dominam. O mundo capitalista está atravessando uma séria crise. Essa crise deve ser apreciada em toda a sua dimensão e as contradições existentes no mundo capitalista também devem ser julgadas em toda a sua profundidade.

A lógica pragmática e antimarxista leva os revisionistas chineses a apresentarem a União Soviética como um país que se desenvolve sem contradições, como um imperialismo que domina sem problemas os demais países revisionistas, tal como a Polônia, a Alemanha Oriental, a Hungria, a Checoslováquia, a Romênia e a Bulgária. Eles apresentam o bloco soviético como um bloco em ascensão e a União Soviética como o único imperialismo que restou no mundo e que busca instaurar sua hegemonia em toda parte.

Se nos referimos à hegemonia da União Soviética

sobre os países revisionistas da Europa Oriental, ela se expressa em primeiro lugar na ocupação militar desses países pelas Forças Armadas soviéticas, na impiedosa e inescrupulosa pilhagem de seus recursos pelo social-imperialismo soviético, que inclusive procura integrá-los por completo ao sistema das Repúblicas soviéticas. Naturalmente a União Soviética revisionista encontra oposição nesses esforços. Chegará o dia em que essas resistências e contradições, que existem em estado latente no redil revisionista, se acirrarão ainda mais e explodirão.

Qualificamos o social-imperialismo soviético de agressivo porque ele invadiu e ocupou a Checoslováquia, porque ele interveio na África e em outras áreas, tem planos e prepara-se para outras agressões. Mas teria o imperialismo norte-americano realizado menos agressões ou seria ele menos agressivo do que o social-imperialismo soviético?

A direção chinesa esqueceu a agressão dos Estados Unidos à Coréia, esqueceu sua longa e bárbara guerra contra o Vietnã, o Camboja e o Laos, esqueceu sua guerra no Oriente Médio, a intervenção nas Repúblicas da América Central, etc. Apagou a lembrança de tudo isso e aparece-nos com a conclusão de que o imperialismo norte-americano teria se abrandado! Ela esquece que o imperialismo norte-americano cravou as garras em toda parte, em todo o mundo, estabeleceu a torto e a direito bases militares, que está desenvolvendo e reforçando. É isso que Mao Tsetung e Chu Enlai esqueceram, que a direção chinesa esquece ao nos dizer que o imperialismo norte-americano teria se debilitado e abrandado e

que portanto poder-se-ia fazer aliança com ele! Atuar dessa forma significa tentar sufocar a luta contra o imperialismo em geral, contra o imperialismo norte-americano em particular e inclusive contra o social-imperialismo soviético, que a China diz combater com tanta ênfase.

É verdade que o social-imperialismo soviético está ávido de expansão. Sua interferência em Angola e na Etiópia, seus esforços atuais para criar bases no Mar Mediterrâneo e em alguns países árabes, para ocupar os estreitos do Mar Vermelho ou criar bases militares no Oceano Indico, tudo isso são ações abertamente imperialistas. Mas ele não consolidou posições na mesma medida em que o imperialismo norte-americano consolidou suas posições econômicas neocolonialistas estratégico-militares em outros países. E precisamente essa situação que a direção chinesa aparentemente subestima, mas na realidade reconhece e apóia.

Ao mesmo tempo, os revisionistas chineses não podem deixar de considerar que, apesar das contradições existentes em seu seio, os Estados capitalistas da Europa Ocidental e o imperialismo norte-americano estão estreitamente ligados, vinculados por alianças políticas, militares e econômicas, tais como a OTAN, o Mercado Comum Europeu, etc. É impossível que a direção chinesa desconheça que o capital norte-americano penetrou profundamente na economia dos países europeus ocidentais e não só ali, mas também na Europa Oriental e na União Soviética. A direção chinesa sabe perfeitamente que os Estados Unidos vêm investindo dezenas de bilhões de dólares em diferentes países. Então, o que

ela espera? Esperaria que os países capitalistas ocidentais — com todas as contradições que possuem com os Estados Unidos — afastar-se-iam deles para debilitar seu próprio campo, para renunciar ao poderio armado, aos vínculos econômicos, sociais e culturais com a América do Norte e, em função dos interesses da China, se desprotegeriam em relação ao social-imperialismo soviético? Isso é um absurdo da política externa chinesa.

Conforme já assinalamos, não há nenhuma dúvida de que as forças revolucionárias e de libertação devem explorar as contradições existentes entre as duas superpotências e os demais países imperialistas e capitalista-revisionistas. O importante é que isso seja corretamente compreendido e encarado sempre sob a ótica e na dependência dos interesses da revolução. O aproveitamento das contradições entre potências e grupos imperialistas, Estados capitalista-revisionistas, etc. não pode jamais ser um objetivo em si mesmo para a classe operária e os revolucionários marxistas-leninistas.

Explorar as contradições entre os países imperialistas e as duas superpotências significa aprofundar as brechas entre eles, encorajar as forças revolucionárias e patrióticas desses países a resistir ao imperialismo norte-americano e ao social-imperialismo soviético, os quais desejam submetê-los econômica, política e militarmente, explorá-los, negar sua personalidade nacional, etc.

Mas como atua a China?

**A política chinesa prega a «Santa Aliança» dos países capitalistas ocidentais com os Estados Unidos. Vai inclusive mais longe: prega a aliança do proletariado dos países da Europa Ocidental com sua burguesia rea-**

**cionária.** Onde se encontra aqui a linha marxista-leninista revolucionária? Onde a linha de aproveitar as contradições? Pensariam os dirigentes chineses que com tal política fortalecerão esse bloco, segundo seus desejos e contra os soviéticos? Eles sonham com essa utopia, mas trata-se de uma concepção metafísica.

Os Estados Unidos, os países capitalistas ocidentais e juntamente com eles o Japão e o Canadá não são tão loucos como pensam os dirigentes chineses, não fazem uma política tão ingênua como a dos chineses. De sua parte, sabem muito bem explorar as contradições existentes entre a China e União Soviética. Sabem atuar e atuam para debilitar a grande potência agressiva, a União Soviética, faz tempo que lutam neste sentido e não se pode dizer que não tenham tido resultados. Os Estados Unidos e todos os demais Estados capitalistas instigam as contradições entre os países revisionistas do Leste e o Krêmlin.

Agora a China também começou a aplicar essa velha política norte-americana. A visita de Hua Guofeng à Romênia e à Iugoslávia dirigiu-se nesse sentido. Mas não é no interesse dos povos e da revolução que a China se abre para a Europa, instiga contradições e sobretudo se esforça para criar um campo favorável para si nos Balcãs. Isso faz parte da política chinesa de estímulo da guerra, que visa fazer com que os povos da Europa se matem entre si, tornem-se carne de canhão na guerra imperialista.

O «Pravda» abriu há tempo uma polêmica, naturalmente infrutífera, com os Estados Unidos, acusando-os de armar-se rapidamente e em grande quantidade.

Sua preocupação não é criticar tal atuação dos Estados Unidos, pois os social-imperialistas soviéticos fazem o mesmo. O problema reside em que o aumento do potencial bélico norte-americano leva a um debilitamento relativo do poderio militar soviético e obriga a União Soviética a seguir passo a passo os Estados Unidos para equilibrar seu potencial de guerra e força agressiva. Todavia, seguir passo a passo o imperialismo norte-americano na corrida armamentista enfraquece a economia da União Soviética, pois canaliza da economia para o Exército grandes recursos materiais, monetários e humanos. É isso que inquieta os brezhnevianos.

Mas o mais assombroso é que os revisionistas chineses, através de seu jornal, o «Renmin Ribao», tomam sem reservas o partido dos norte-americanos, publicando artigos e mais artigos que incitam os Estados Unidos a não perder a supremacia na corrida aos armamentos, a elevar sem descanso seu potencial militar. Assim, segundo o «Renmin Ribao» parece que os Estados Unidos não estão se armando, que apenas a União Soviética se arma. Não se encontra em país algum um advogado dos norte-americanos como a direção revisionista chinesa. A burguesia ao menos procura ser ponderada nas críticas e na interpretação da realidade, balancear, naturalmente de forma tendenciosa, o desenvolvimento da situação. Mas uma atuação como a dos dirigentes chineses é coisa que nunca se viu.

Num encontro com Deng Xiaoping, o secretário do Departamento de Estado norte-americano, Cyrus Vance, explicou-lhe que «os Estados Unidos da América têm supremacia militar sobre a União Soviética». Mas

Deng Xiaoping disse a um numeroso grupo de jornalistas norte-americanos em visita à China que «Pequim não confia» na declaração de Vance e que «a União Soviética é muito superior aos Estados Unidos». É, como se diz, «ser mais realista do que o rei».

Não se pode aceitar a tese chinesa, apresentada como marxista, que questiona o fato de não uma mas as duas superpotências imperialistas buscarem redividir o mundo, criar novas colônias, oprimir os povos, expandir mercados.

**A própria colocação da questão de que um imperialismo é mais forte e outro menos forte, um agressivo e outro brando, não é marxista-leninista.** Essa maneira de colocar a questão reflete um ponto de vista reacionário que conduz os revisionistas chineses à aliança com os Estados Unidos, com a OTAN e o Mercado Comum Europeu, com o rei da Espanha, com o Xá do Irã, com Pinochet no Chile e com todos os ditadores fascistas. A política chinesa, que não afeta o imperialismo norte-americano, que não afeta o poderio dos bancos e do grande capital de nossos dias, é uma política inteiramente reformista burguesa, pacifista e sumamente obtusa.

Os dirigentes chineses não podem deixar de ver que o capital financeiro, os trustes, os monopólios norte-americanos absolutamente não reduzem seus investimentos externos, não abrem mão de seus intentos exploradores e escravizantes, ao contrário, se fortalecem e tratam de modificar a correlação de forças do mundo em proveito próprio.

Os social-imperialistas soviéticos fazem o mesmo.

Sua política econômica e os grandes trustes existentes na União Soviética também visam sugar por todos os meios o sangue de seus satélites e outros países. Revestem-se de uma nova roupagem e se apresentam sob outro nome, procuram mudar em seu favor a correlação de forças, a princípio com acordos, com conversações, mas também pela força, ou seja, pela guerra, quando chega a hora.

Com o raciocínio de que os Estados Unidos «desejam o status quo», «estão em decadência», de que o social-imperialismo soviético «é o mais perigoso, o mais agressivo, o mais belicoso», etc., os revisionistas chineses buscam provar que os Estados Unidos podem e devem tomar-se aliados da China contra a União Soviética. As relações que estão se ampliando, o apoio aberto dos chineses ao incremento dos orçamentos de guerra e ao crescente armamentismo dos Estados Unidos o comprovam.

Os revisionistas chineses propugnam que a atual situação faz com que os marxistas-leninistas, os revolucionários e os povos possam realizar um compromisso e apoiar-se no imperialismo norte-americano. Nosso Partido é contrário a qualquer compromisso com o selvagem imperialismo norte-americano, pois isso não corresponde aos interesses da revolução e da libertação dos povos. Estivemos, estamos e estaremos em luta com o imperialismo norte-americano até sua completa destruição. Estamos e estaremos igualmente até o fim em luta com o social-imperialismo soviético.

O apoio da China ao imperialismo norte-americano não favorece em absoluto a revolução e os povos, mas a contra-revolução. Com sua política e ideologia reacio-



nárias, a direção chinesa deixa os povos do mundo nas garras do imperialismo norte-americano. Deseja que os povos permaneçam bem comportados, não levantem a cabeça e inclusive se unam ao imperialismo norte-americano contra a outra superpotência, que procura arrebatando aos Estados Unidos as riquezas criadas pelo esforço e pelo suor dos povos. A direção chinesa recomenda aos países capitalistas da Europa agrupados no Mercado Comum Europeu que se unam. Enquadra também os povos na união capitalista da Europa. Essa atitude quer dizer: comportem-se bem, não falem mais em revolução, não falem mais em ditadura do proletariado, pelo contrário, coloquem-se a serviço dos trustes, dos capitalistas e, juntamente com eles, criem uma força econômica e militar ainda maior para fazer frente ao social-imperialismo soviético.

O Mercado Comum Europeu, que a China apóia e fortalece economicamente, não passa de um meio para preservar o lucro máximo dos trustes monopolistas da Europa Ocidental e para agrupar Estados industriais desenvolvidos, onde as classes ricas, como diz Lênin, cobram um colossal tributo da Ásia, África, etc. Ao apoiar esses Estados capitalistas, os dirigentes chineses apóiam na prática o parasitismo de um punhado de capitalistas às custas dos povos desses mesmos países e dos povos dos países onde eles cravaram as garras.

A teoria dos «três mundos», por meio da qual os revisionistas chineses tentam legitimar suas atitudes contra-revolucionárias, não passa de uma variante do oportunismo nas fileiras do movimento operário, que ajuda o imperialismo a criar mercados e obter lucros às custas

de outros povos, com o objetivo de ficar também com uma parte das migalhas deixadas pelos capitalistas.

É um fato inegável que a direção chinesa defende as forças e Estados capitalistas e não as forças revolucionárias e o proletariado europeu; não ajuda estas últimas a rebelar-se e a desbaratar os planos do imperialismo norte-americano, do social-imperialismo soviético, da «Europa Unida», do Mercado Comum Europeu e do Comecon, numa palavra, de todos os pilares do sistema imperialista que suga o sangue dos povos tal qual um enorme vampiro.

Embora coloque os Estados capitalistas desenvolvidos, como a Alemanha Ocidental, a Inglaterra, o Japão, a França, a Itália, no «segundo mundo», a direção revisionista chinesa não os considera como inimigos da revolução, independente do falatório no plano teórico sobre seu «duplo» caráter. Ao contrário, os chineses escolheram o caminho de fechar os olhos e entrar em compromisso aberto com esses Estados, a pretexto de utilizá-los contra o social-imperialismo soviético.

Ofuscada por sua política pragmática e antimarxista, a direção chinesa «esquece» que Estados como a Alemanha Ocidental, Inglaterra, Japão, França, Itália e outros foram e são imperialistas, que as tendências escravizantes e colonialistas que os caracterizam tradicionalmente não desapareceram nem poderiam desaparecer, enquanto eles permanecerem como tal. É verdade que após a II Guerra Mundial essas potências imperialistas se enfraqueceram, inclusive muito, e que suas posições anteriores se modificaram em favor do imperialismo norte-americano, mas apesar disso nem a Fran-

ça, nem a Inglaterra nem as demais renunciaram à luta para defender seus mercados e conquistar outros novos na África, na Ásia e nos países da América Latina.

Existem contradições entre todos esses Estados capitalistas e imperialistas não tão poderosos quanto o imperialismo norte-americano, mas ao mesmo tempo existe também a tendência a se entenderem entre si.

Após a II Guerra Mundial, o imperialismo norte-americano reergueu seus velhos ex-aliados da Europa e os monopólios estadunidenses se vincularam aos desses ex-aliados numa série de interesses comuns. Mas sempre existiram contradições entre eles no esforço de cada um para ter as mãos livres no açambarcamento de mercados, na importação de matérias primas e na exportação de produtos industriais. A realidade internacional tem comprovado também aqui a justeza da tese de Lênin sobre as duas tendências objetivas do capital.

Também é verdade que esses Estados capitalistas possuem contradições não só com o imperialismo norte-americano mas também com o social-imperialismo soviético. Coloca-se a questão: como se deve explorar tais contradições? Não se pode de forma alguma explorar as contradições interimperialistas conforme a prédica dos revisionistas chineses. Nós, marxistas-leninistas, não podemos defender os diferentes reacionários, as camarilhas alemãs de Strauss ou de Schmidt, os chefes conservadores ou trabalhistas na Inglaterra por terem contradições com o social-imperialismo soviético. Caso o fizéssemos e apoiássemos a tese dos chineses de que «os Estados capitalistas da Europa devem se unir no Mercado Comum» e a «Europa Unida» deve ser fortalecida

para fazer frente ao social-imperialismo soviético, isso significaria aceitarmos sacrificar a luta e os esforços do proletariado desses países para romper os grilhões da servidão, sabotar o futuro da revolução nesses países.

Ao fazer compromissos sem princípio com o imperialismo norte-americano, os revisionistas chineses traíram o marxismo-leninismo e a revolução. **Os marxistas-leninistas interpretam a tese de Marx, de Engels, de Lênin e de Stálin sobre as contradições e os compromissos em seu verdadeiro espírito. Os chineses interpretam-na de maneira diametralmente oposta à verdade.**

Nosso Partido, seguindo a via leninista, não se opõe a qualquer compromisso, mas opõe-se aos compromissos de traição. Quando o compromisso é indispensável, serve aos interesses da classe e da revolução, pode ser feito, mas sempre atentando para que ele não afete a estratégia, a fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo, não afete os interesses da classe e da revolução.

Em relação à atitude para com os compromissos, Lênin afirma entre outras coisas:

*«Pode um partidário da revolução proletária concluir compromissos com capitalistas ou com a classe dos capitalistas? ...Seria um visível absurdo responder negativamente a esta pergunta geral. Naturalmente o partidário da revolução proletária pode concluir compromissos ou acordos com os capitalistas. Tudo depende de que acordo e em que circunstâncias*

*ele é concluído. Ê aqui e apenas aqui que se pode e deve buscar a diferença entre o acordo legítimo do ponto de vista da revolução proletária e o acordo traidor, pérfido (deste mesmo ponto de vista).»\**

Mais adiante, Lênin agrega:

*«A conclusão é evidente: é tão absurdo negar a priori qualquer acordo ou compromisso com bandidos como justificar a cumplicidade num ato de banditismo partindo da tese abstrata de que, falando em geral, os acordos com bandidos são algumas vezes admissíveis e necessários.»\*\**

Lênin disse ainda:

*«O dever de um partido verdadeiramente revolucionário não é proclamar uma renúncia impossível a qualquer compromisso, mas saber permanecer — **através de todos esses compromissos**, — na medida em que são inevitáveis — fiel a seus princípios, a sua classe, a sua tarefa revolucionária, à obra de preparar a revolução e de educar as massas do povo para alcançar a vitória na revolução.»\*\*\**

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXX, pgs. 562-563,

\*\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXX, pg. 565.

\*\*\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXV, pgs. 359-360.

Só se pode aceitar compromissos partindo destes ensinamentos de Lênin. Mas como se pode dizer que o compromisso com o imperialismo norte-americano ou com o social-imperialismo soviético beneficia o socialismo e a revolução mundial, quando se sabe que essas duas superpotências são os mais ferozes inimigos dos povos e da revolução? Esse compromisso, longe de ser indispensável, é, ao contrário, perigoso para os interesses da revolução. Fazer compromissos ou violar os princípios quanto a problemas tão importantes significa trair o marxismo-leninismo.

Se Mao Tsetung e os demais dirigentes chineses sempre falaram tanto «teoricamente» sobre as contradições, deveriam referir-se não só ao aproveitamento das contradições interimperialistas e aos compromissos com os imperialistas, mas em primeiro lugar às contradições que encontram-se nos fundamentos da época atual, às contradições entre o proletariado e a burguesia, às contradições que opõem os povos e países oprimidos às duas superpotências e a todo o imperialismo mundial, às contradições entre o socialismo e o capitalismo. Os dirigentes chineses silenciam quanto a essas contradições que existem objetivamente e não podem ser dissimuladas. Falam unicamente numa contradição, que, segundo eles, é a que opõe todo mundo ao social-imperialismo soviético, procurando justificar com isso seus compromissos sem princípios com o imperialismo norte-americano e com todo o capitalismo mundial.

A análise de classe marxista-leninista e os fatos indicam que a existência de contradições e divisões entre as potências e agrupamentos imperialistas absolutamente

te não descarta nem relega a segundo plano as contradições entre o trabalho e o capital nos países capitalistas e imperialistas ou as contradições entre os povos oprimidos e seus opressores imperialistas. As contradições entre o proletariado e a burguesia, entre os povos oprimidos e o imperialismo, entre o socialismo e o capitalismo são precisamente as mais profundas, permanentes, inconciliáveis. Consequentemente, só tem sentido aproveitar as contradições interimperialistas ou entre Estados capitalistas e revisionistas quando isso serve para criar as condições mais favoráveis ao poderoso desenvolvimento do movimento revolucionário e libertador contra a burguesia, o imperialismo e a reação. Portanto, a utilização de tais contradições deve processar-se sem criar no proletariado e nos povos ilusões quanto ao imperialismo e à burguesia. É indispensável esclarecer os trabalhadores e os povos sobre os ensinamentos de Lênin, torná-los conscientes de que somente a atitude inconciliável para com os opressores e exploradores, somente a luta decidida contra o imperialismo e a burguesia, somente a revolução assegurarão a verdadeira libertação social e nacional.

O aproveitamento das contradições entre os inimigos não pode constituir a tarefa fundamental da revolução e contrapor-se à luta pela derrubada da burguesia, da ditadura reacionária, da ditadura fascista, dos opressores imperialistas.

A atitude dos marxistas-leninistas quanto a essa questão é clara. Eles dirigem-se aos povos, ao proletariado, conclamam as massas a pôr-se de pé para desbaratar os planos hegemônicos, opressivos, agressivos e belico-

dos imperialistas norte-americanos e dos social-imperialistas soviéticos, para derrubar a burguesia reacionária e sua ditadura, tanto no Ocidente como no Oriente.

No que concerne a nosso Estado socialista, ele sempre aproveitou as contradições no campo adversário. Neste particular, nosso Partido parte de uma justa apreciação do caráter das contradições existentes entre o país socialista e os países imperialistas e burguês-revisionistas, da correta avaliação das contradições inter-imperialistas.

O marxismo-leninismo nos ensina que as contradições entre o país socialista e os países capitalistas e revisionistas, expressão das contradições entre duas classes com interesses diametralmente opostos, a classe operária e a burguesia, são permanentes, radicais, inconciliáveis. Elas percorrem como um fio vermelho toda a época histórica da passagem do capitalismo ao socialismo em escala mundial. Já as contradições entre as potências imperialistas expressam as contradições no seio dos exploradores, de classes com interesses fundamentais comuns. Portanto, por mais acirradas que sejam as contradições e os conflitos entre as potências imperialistas, o perigo real de atos de agressão do imperialismo mundial ou de seus diferentes destacamentos contra o país socialista é permanente e sempre atual. A divisão entre os imperialistas, as rixas e conflitos inter-imperialistas podem no máximo atenuar e adiar temporariamente o perigo das ações do imperialismo contra o país socialista; por isso, interessa a este explorar tais contradições nas fileiras inimigas, mas elas não supri-



mem o perigo. Lênin acentou-o enfaticamente ao dizer que

*«...é inconcebível pensar que a República Soviética poderá existir por um longo período ao lado dos Estados imperialistas. Em última instância, um ou outro terá que vencer. E até que chegue este desfecho haverá inevitavelmente uma série dos mais terríveis choques entre a República Soviética e os Estados burgueses».\**

Estes ensinamentos de Lênin conservam plenamente sua atualidade. Foram cabalmente comprovados por uma série de acontecimentos históricos, como a agressão fascista à União Soviética durante a II Guerra Mundial, a agressão do imperialismo norte-americano à Coréia mais tarde ao Vietnã, a atividade hostil e os diferentes complôs imperialistas e social-imperialistas contra a Albânia, etc. Por isso nosso Partido sempre acentuou que qualquer subestimação das contradições do Estado socialista com as potências imperialistas e países capitalista-revisionistas, qualquer subestimação do perigo da atividade agressiva destes últimos contra a Albânia socialista, qualquer redução da vigilância, derivada da opinião de que as contradições entre as próprias potências imperialistas são muito acirradas e por isso estas não poderiam atuar contra nossa pátria, traria consigo consequências extremamente perigosas.

O Partido do Trabalho da Albânia também parte

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXIX, pg. 160.

do fato de que os aliados verdadeiros e seguros de nosso país, enquanto país socialista, só podem ser as forças revolucionárias, libertadoras, amantes da liberdade e do progresso. Nosso país mantém relações estatais com diferentes países do mundo burguês e revisionista, explora as contradições entre os Estados imperialistas, capitalistas e revisionistas e, ao mesmo tempo, apóia poderosamente a luta revolucionária e emancipadora da classe operária, das massas trabalhadoras e dos povos em qualquer país em que se desenvolva, considerando este apoio como seu elevado dever internacionalista. O Partido do Trabalho da Albânia sempre se ateu consequentemente a este ponto de vista. Em seu VII Congresso ele reafirmou que apoiaria o proletariado e os povos, os partidos marxistas-leninistas, os revolucionários e elementos progressistas que combatem as superpotências, a burguesia capitalista e revisionista e a reação mundial, pela libertação social e nacional.

A propósito das contradições, o Partido Comunista da China também citava outrora os conhecidos princípios e teses marxistas-leninistas. No famoso documento intitulado «Proposição Acerca da Linha Geral do Movimento Comunista Internacional», publicado pelo Comitê Central do Partido Comunista da China em 1963, por exemplo, os chineses afirmavam: «Os compromissos necessários entre países socialistas e imperialistas não exigem que os povos e nações oprimidos façam também compromissos com o imperialismo e com seus lacaios». E agregavam: «Ninguém pode, em momento algum, exigir a pretexto da coexistência pacífica que os povos e nações oprimidos renunciem à luta revolucionária».

ria». A direção chinesa falava assim naquela época porque então era a direção kruschovista que exigia dos povos e partidos comunistas a aceitação de que o imperialismo norte-americano e seus cabeças haviam se tomado pacíficos e a submissão à política soviética de aproximação com o imperialismo estadunidense. Agora, é a direção do Partido Comunista da China que aconselha os povos, os revolucionários, os partidos marxistas-leninistas e todo o proletariado mundial a fazer aliança com os países imperialistas ou capitalistas, a unir-se com a burguesia e com todos os reacionários contra o social-imperialismo soviético. E os chineses não expressam essas idéias nas entrelinhas, mas abertamente. Essas oscilações e viragens de 180 graus nada têm a ver com a política de princípios marxista-leninista, são características da política pragmática de todos os revisionistas, que subordinam os princípios a seus interesses burgueses e imperialistas.

Para justificar seus compromissos sem princípios com o imperialismo norte-americano e a burguesia internacional, os dirigentes chineses e todos os partidários da teoria dos «três mundos» especulam, tergiversando a verdade histórica, com o pacto de não-agressão teuto-soviético de 1939, bem como com a aliança anglo-soviético-americana durante a II Guerra Mundial.

O pacto teuto-soviético de não-agressão constituiu um hábil aproveitamento das contradições interimperialistas por parte de Stálin. Naquela época a agressão hitlerista à União Soviética era iminente. Vivia-se o período em que a Alemanha nazista havia ocupado a Áustria e a Checoslováquia, e a Itália fascista invadira

a Albânia, em que se havia concluído o Pacto de Munich e a máquina de guerra alemã avançava rapidamente rumo ao Oriente. A União Soviética concluiu com a Alemanha não uma aliança, mas um pacto de não-agressão, depois que as potências ocidentais recusaram-se a responder à conclamação de Stálin para atuar conjuntamente com o Estado soviético a fim de conter os agressores nazifascistas, quando se tornou claro que essas potências empurravam Hitler contra o país dos Soviéticos. O pacto teuto-soviético estragou-lhes os planos e deu tempo para a União Soviética preparar-se para enfrentar a agressão nazista.

Quanto à aliança anglo-soviético-americana, sabe-se que ela realizou-se quando a Alemanha hitlerista, depois de ocupar a França e estando em guerra com a Inglaterra, empreendeu sua selvagem agressão à União Soviética, quando a luta contra as potências do Eixo assumiu um claro e acentuado caráter antifascista e libertador. Deve-se acentuar que nunca e em caso algum Stálin e a União Soviética de então aconselharam ou conclamaram o proletariado e os partidos comunistas a renunciarem à revolução e a unirem-se à burguesia reacionária. Inclusive, quando Browder renunciou à luta de classes e passou a pregar a conciliação de classe, supostamente porque assim exigiam os interesses da aliança anglo-soviético-americana, foi estigmatizado por Stálin e pelo movimento comunista como revisionista e renegado da revolução.

Como se vê, nada justifica os compromissos e alianças sem princípios dos chineses com o imperialismo norte-americano e com as diferentes forças reacioná-

rias. A analogia histórica que os revisionistas chineses procuram fazer não se sustenta.

Em sua propaganda, os dirigentes chineses procuram dar a impressão de que nós, albaneses, nos opomos a qualquer compromisso e não lutamos para explorar devidamente as contradições. Evidentemente eles sabem que nossa atitude quanto a essas questões é conforme as posições do marxismo-leninismo, mas prosseguem a propaganda nessa linha distorcida para disfarçar seu afastamento da teoria científica marxista-leninista e do caminho da revolução. Atuam assim para denegrir a política e as atitudes justas do Partido e do Estado proletário. Suas acusações não têm fundamento. Vejamos os fatos:

Nosso Partido sempre defendeu e defenderá até o fim com energia a justa causa dos povos árabes, sem exceção. Defendemos a luta do povo palestino contra Israel, o qual tornou-se um cego instrumento, um gendarme do imperialismo norte-americano no Oriente Médio. Israel foi encarregado da tarefa de defender os ricos poços petrolíferos árabes em favor das grandes companhias monopolistas dos Estados Unidos e de, como dizem os revisionistas chineses, manter o status quo.

Independente do presidente Sadat e seu governo estarem anteriormente em aliança com a União Soviética, nós defendíamos a luta do povo egípcio para retomar os territórios ocupados por Israel; mas desmascarávamos os intentos da União Soviética em relação ao Egito e em geral seu jogo no Oriente Médio. Em momento algum silenciámos diante dos fins colonialistas da União Soviética em relação ao Egito. Fizemos o

mesmo ao defender com igual consequência o povo egípcio em sua luta contra o imperialismo norte-americano e Israel.

Defendendo os interesses do povo egípcio e dos demais árabes, nosso Partido e nosso povo desmascaram também as atuais manobras do imperialismo norte-americano juntamente com Israel. Não podemos aprovar qualquer via, qualquer linha de compromisso com o agressor que é Israel a pretexto de que ela favoreceria o povo egípcio.

Já a direção chinesa não desmascara o imperialismo norte-americano, aplaude os acordos egípcio-israelenses e incita os povos árabes a concluírem um entendimento, a fazerem um compromisso com o imperialismo norte-americano e com Israel, que estão entre seus principais inimigos. Tal atitude não é marxista-leninista, tal compromisso à chinesa não é de interesse dos povos. Não se pode de forma alguma aceitar o absurdo chinês de que, ao se lançar de um imperialismo para outro, «atua-se no interesse da liberdade dos povos». Não se pode qualificar essas manobras e intrigas tipicamente burguesas de atos marxistas-leninistas que ajudam a aprofundar as contradições entre as duas superpotências imperialistas.

O Partido e o povo albanês são contra as guerras imperialistas de rapina e permanecem resolutamente ao lado das guerras justas de libertação nacional, que são e devem ser sempre em favor dos povos, em prol da revolução. Não se opõem a apoiar mesmo um Estado burguês, quando observam que as pessoas que o governam são progressistas e combatem para libertar seu povo da

hegemonia imperialista. Mas nosso país não pode fazer causa comum, ou compromisso, como dizem os revisionistas chineses, com um Estado dominado por uma camarilha reacionária, que se alia com uma ou outra superpotência em função dos interesses de sua classe e em prejuízo dos interesses do povo.

A Albânia socialista também não se opõe à manutenção de relações diplomáticas normais com Estados do «terceiro mundo» ou do «segundo mundo». Só se opõe a tais relações com as duas superpotências e com os Estados fascistas. Mas também desenvolvemos as relações diplomáticas, assim como as relações comerciais, culturais, etc., dentro dos princípios, vendo em primeiro lugar os interesses de nosso país e da revolução, contra os quais jamais marchamos nem marcharemos.

Nós, marxistas-leninistas que chegamos ao poder, devemos estabelecer relações diplomáticas mesmo com Estados burgues-capitalistas, pois elas interessam tanto a eles como a nós. O interesse é recíproco.

Os marxistas-leninistas devem ter os princípios sempre em mente. Não podem violá-los em função de conjunturas que se criem neste ou naquele período. Devemos levar em conta que nos países dominados pelas camadas superiores da burguesia estas estão em guerra permanente com o povo, com o proletariado e com o campesinato pobre, com a pequena burguesia urbana. Portanto, mantendo ou não mantendo relações estatais com estes ou aqueles países burgueses, o país socialista deve dar a entender aos povos que defende sua luta, que não aprova os atos reacionários e antipopulares dos que os dominam.

Nós, marxistas-leninistas, devemos conhecer e levar em conta não só as contradições existentes entre as classes oprimidas e seus opressores, mas também as contradições que surgem entre Estados, ou seja, entre os governos desses países e o imperialismo norte-americano, o social-imperialismo soviético, outros países capitalistas, etc. Devemos aplicar sempre uma política que não leve a defender um governo reacionário a pretexto de que este, em interesse próprio e da classe no poder, rompe temporariamente com o imperialismo norte-americano para se lançar nos braços de outro imperialismo, por exemplo o inglês, o soviético ou outro. Devemos explorar as contradições existentes entre eles tendo em vista fazer com que nossa atitude sirva ao fortalecimento da luta do proletariado e das massas oprimidas daquele país contra seu governo reacionário. Caso tenham surgido contradições entre o governo capitalista reacionário e opressor de um país do «segundo mundo» ou do «terceiro mundo» e o governo de um país do «primeiro mundo», segundo a classificação dos revisionistas chineses, isso não quer dizer que tais contradições favorecem sempre a libertação do povo desse país do jugo do capital, do jugo da burguesia reacionária dominante. Trata-se aqui principalmente de interesses de classe, dos interesses de governos burgueses que representam as classes exploradoras, de um problema de saber quem dá mais e quem dá menos, quem defende melhor sua permanência no poder e quem trata de destroná-los e substituí-los por gente de sua confiança.

No tratamento da luta do proletariado não se deve confundir a atitude para com a burguesia com as rela-



ções diplomáticas, comerciais, culturais e científicas entre o país socialista e Estados com outro sistema social. Tais relações interestatais devem existir e desenvolver-se, mas o país socialista deve ter objetivos claros ao estabelecê-las. A vida ideológica, política, moral, material do país socialista deve ser um exemplo para os povos dos Estados com quem ele mantém relações, de forma que o desenvolvimento destas permita que os povos dos Estados não socialistas enxerguem os benefícios e a superioridade do sistema socialista. Marchar ou não pelo caminho socialista naturalmente é problema deles, mas o país socialista tem o dever de dar o bom exemplo.

Os dirigentes chineses, além de não terem claro e não quererem esclarecer todos esses problemas políticos, teóricos e organizativos, obscurecem-nos premeditadamente, pois segundo Mao Tsetung deve-se confundir para esclarecer. Essa tese não é justa. Pelo contrário, devemos esclarecer e convencer a fazer a revolução, pois confusão já existe. Se o problema é confundir, que o imperialismo agonizante confunda ainda mais, nós é que não vamos ajudá-lo e dar-lhe muletas que lhe prolonguem a vida. Vamos encurtar a vida do capitalismo para que os povos, o proletariado se libertem, para que a perspectiva do socialismo e do comunismo se aproxime. Esta é nossa senda revolucionária, o caminho do marxismo-leninismo. Outro caminho não há.

Os dirigentes chineses empregavam outrora a expressão «luta golpe por golpe» com o imperialismo norte-americano, mas não a aplicaram e menos ainda a aplicam. Não travam uma luta golpe por golpe porque a-

proximam-se do imperialismo norte-americano, porque estão em aliança com os Estados Unidos.

As relações diplomáticas, comerciais e culturais da China com os Estados imperialistas e os demais Estados do mundo apóiam-se em bases capitalistas. O objetivo desses laços é, através da ajuda que a China busca junto aos poderosos Estados imperialistas, fortalecer suas posições econômicas e militares para que também a China possa concorrer com as duas outras superpotências. A propaganda da China pelo rádio e por outros meios visa criar no mundo a impressão não só de que ela é um grande Estado, poderoso e dotado de antiga cultura, mas também de que a política chinesa atual é progressista e inclusive marxista-leninista. Mas essa atividade dos revisionistas chineses não serve nem pode servir de forma alguma como um exemplo a ser seguido pelos povos do mundo em sua luta pela destruição do poder capitalista e imperialista.

### **A Concepção Chinesa Sobre a Unidade do «Terceiro Mundo» é Reacionária**

A direção chinesa procura a união de todos os países do «terceiro mundo», países heterogêneos sob todos os pontos de vista, sob o prisma do desenvolvimento econômico, social e cultural, do tempo exigido e do caminho percorrido por cada um para conquistar seu nível atual de liberdade e independência, etc.

Mas como ela concebe essa união que aconselha? A direção chinesa não compreende tal união no caminho marxista-leninista, no interesse da revolução e da

libertação dos povos. Compreende-a sob a ótica burguesa, ou seja, como uma união através de tratados e acordos acertados e rompidos pelos governantes desses países, que hoje estão ligados a tal potência imperialista, mas amanhã rompem os acordos concluídos para vincular-se a outra.

A direção revisionista chinesa esquece que só se pode assegurar a unidade desses Estados nacionais através da luta do proletariado e das massas trabalhadoras de cada país em particular, em primeiro lugar contra o imperialismo que penetrou no país, mas também contra o capitalismo e a reação interna. Somente sobre esta base pode-se promover a união de tais países, somente sobre esta base pode-se efetivar a frente única contra o imperialismo estrangeiro e contra os monarcas, a burguesia reacionária, os senhores feudais e ditadores nativos.

No capitalismo a união processa-se apenas a partir de cima, na cúpula, para manter as vitórias da burguesia e defendê-la da revolução. Enquanto que a verdadeira união, a união popular, tem de ser alcançada principalmente a partir de baixo, tendo à frente o proletariado.

Naturalmente, não se pode rejeitar táticas que o proletariado de um país do chamado terceiro mundo ou o proletariado de todos esses países possa empregar para unir-se a outras forças políticas contra o imperialismo. Não se pode negligenciar a unidade das forças revolucionárias mesmo com a direção burguesa de um país quando, em determinado momento, cria-se uma profunda contradição com uma potência impe-

rialista ou com a direção reacionária de algum dos países do «terceiro mundo».

As forças revolucionárias devem examinar e aproveitar todas essas ocasiões e possibilidades. Por isso Lênin dizia que a ajuda do país socialista e do proletariado internacional deve ser matizada e condicionada.

Mas os dirigentes chineses advogam precisamente uma aliança incondicional entre governos reacionários, a pretexto de fazer frente ao imperialismo. E quando falam contra o imperialismo não têm em mente o imperialismo em geral, mas apenas o social-imperialismo soviético.

O debilitamento do imperialismo e do capitalismo constitui hoje a principal tendência da história mundial. Os esforços de diferentes Estados para libertar-se da influência do imperialismo representam outra tendência, que conduz também ao enfraquecimento deste último. Mas absolutizar incondicionalmente essa segunda tendência como faz a direção revisionista chinesa, sem promover qualquer diferenciação entre países, sem estudar e situação no geral e no particular, não conduz ao justo caminho da união dos povos na luta para libertar-se da intervenção e do domínio imperialistas. Também não pode levar ao caminho acertado o ponto de vista dos revisionistas chineses que considera a Europa como um continente de países do «segundo mundo», que eles colocam em aliança com o «terceiro mundo». Esse agrupamento de Estados capitalistas jamais poderia posicionar-se pelo enfraquecimento geral do capitalismo mundial. Dizer que poder-se-ia chegar a isso com a ajuda e colaboração da burguesia aris-

toocrática da Inglaterra, da burguesia revanchista da Alemanha Ocidental, da astuta burguesia francesa e de outros grandes agrupamentos capitalistas é uma deplorável ingenuidade.

Os partidários da teoria dos «três mundos» podem pretender que, ao preconizar a união desses países capitalistas, visam debilitar o imperialismo. Mas qual imperialismo essa união debilitaria? O imperialismo com o qual a teoria dos «três mundos» chama a criar uma frente única contra o social-imperialismo? O imperialismo com o qual os países capitalistas da Europa estão em aliança, embora tenham também contradições com ele? Está claro que o chamamento a fortalecer esse agrupamento de Estados visa reforçar as posições do imperialismo norte-americano, reforçar as posições dos Estados capitalistas da Europa Ocidental.

Por outro lado, quando a direção chinesa fala na criação da aliança entre os Estados do «segundo mundo» e do chamado terceiro mundo, subentende a aliança entre os círculos dominantes de tais países. Pretender que essas alianças ajudariam a libertar os povos é um ponto de vista idealista, metafísico, antimarxista. Portanto, enganar com tais teorias revisionistas as amplas massas dos povos que buscam libertar-se é um crime contra os povos e a revolução.

O Partido Comunista da China julga que o imperialismo não constata, não vê, não compreende nem aproveita as contradições existentes entre os países que acabam de deitar por terra o jugo do colonialismo e caíram sob o jugo do neocolonialismo. Os fatos mostram que o imperialismo se aproveita diária e permanente-

mente dessas contradições em benefício próprio. Ele estimula e incita esses países e seus povos a lutarem uns contra os outros, a se dividirem, a se engalfinharem e não alcançarem a unidade, mesmo quanto a alguns problemas particulares.

O imperialismo também trava uma luta de vida ou morte, trata de prolongar sua vida e, quando vê que não o consegue pelos meios usuais, lança-se mesmo a guerra e à agressão aberta para voltar a conquistar a supremacia e a hegemonia.

Os dirigentes chineses desejam unir os países do «terceiro mundo» não só uns aos outros mas também aos Estados Unidos, contra o social-imperialismo soviético. Em outras palavras, os revisionistas chineses dizem abertamente aos povos do «terceiro mundo» que seu inimigo principal é o social-imperialismo soviético e portanto eles não devem levantar-se atualmente nem contra o imperialismo norte-americano nem contra seu aliado, a burguesia reacionária que domina seus países. Segundo a «teoria» chinesa, os Estados do «terceiro mundo» devem lutar não para fortalecer a liberdade, a independência e soberania, não pela revolução, que derruba o domínio da burguesia, mas pelo status quo. É compreensível que, ao propugnar acordos com os Estados Unidos, contrariando os interesses da revolução e da causa da libertação nacional, os revisionistas chineses instigam esses Estados a concluir um compromisso de traição.

Os verdadeiros partidos marxistas-leninistas têm o dever internacionalista de encorajar e alentar o proletariado e os povos de todos esses países a fazer a revo-

lução, erguer-se contra a opressão e a escravidão externa e interna, seja qual fôr a forma com que se apresentem. Nosso Partido considera que somente assim pode-se criar condições para que os povos combatam tanto o imperialismo como o social-imperialismo, aos quais a burguesia capitalista da maioria desses países do «terceiro mundo» está ligada das mais diversas formas.

Mas o que faz a China? A China defende Mobutu e sua camarilha no Zaire. Em sua propaganda, procura dar a impressão de estar defendendo o povo daquele país da invasão de mercenários urdida pela União Soviética, mas na realidade defende o regime reacionário de Mobutu. A camarilha de Mobutu é uma agência a serviço do imperialismo norte-americano. Com sua propaganda e sua atitude «pró-Zaire», a China defende a aliança de Mobutu com o imperialismo norte-americano, com o neocolonialismo, e combate para que o status quo instaurado no país não se modifique. A tarefa dos verdadeiros revolucionários não é defender governantes reacionários, instrumentos dos imperialistas, mas trabalhar para exortar o povo do Zaire a lutar por sua liberdade e soberania, contra Mobutu, o capital nativo e o imperialismo norte-americano, francês, belga, etc.

Assim como somos contra Mobutu no Zaire, somos contra Agostinho Neto e seus sequazes em Angola, pois a União Soviética faz com Agostinho Neto em Angola o mesmo que os Estados Unidos fazem com Mobutu no Zaire. Quando se analisa o desenrolar da situação nos dois Estados mencionados, fica claro como se processa ali a rivalidade entre as superpotências para di-

vidir colônias, para dividir mercados. Nós não defendemos nem Agostinho Neto nem a União Soviética, mas ao combatê-los não podemos sustentar o imperialismo norte-americano e seus mercenários, inimigos do povo angolano. Devemos apoiar os povos revolucionários em qualquer situação, em qualquer circunstância e a qualquer momento e, no caso do Zaire e de Angola, devemos apoiar apenas os povos desses dois países, a fim de que sacudam o jugo que as superpotências estão lhes impondo.

O que se deve recomendar aos revolucionários do Zaire? Que façam compromissos com Mobutu, para que o povo do país seja ainda mais oprimido pelo imperialismo, como recomendam os revisionistas chineses? Não, os marxistas-leninistas não podem recomendar tal tipo de compromisso, nem ao povo do Zaire nem a qualquer outro.

Tomemos como exemplo a política da China no Paquistão. O Paquistão dos cães, onde a rica burguesia e as grandes latifundiários sempre dominaram, era tido como aliado da China. A ajuda da China àquele país não tinha um sentido revolucionário. Ajudou a fortalecer a burguesia reacionária e latifundiária do Paquistão, que oprime selvagememente o povo do país, assim como a camarilha de Nehru, Gandhi e outros magnatas reacionários oprime o povo hindu. O governo de Zulfikar Ali Bhutto era desse gênero. Primeiro, o Paquistão Oriental separou-se do Paquistão Ocidental. A Índia soube aproveitar as grandes contradições existentes entre o povo do Paquistão Oriental e a burguesia reacionária que domina no Paquistão Ocidental. Esti-



mulou essas contradições até levar o povo do Paquistão Oriental à insurreição contra o Paquistão de Ali Bhutto. Criou-se então no Paquistão Oriental, que tomou o nome de Bangla Desh, o governo de Mudjibur Rahman, que dizia lutar pela democracia e pelos interesses do povo. Mas certa manhã Mudjibur Rahman foi assassinado por elementos estreitamente ligados ao imperialismo norte-americano. Agora, Ali Bhutto também já foi derrubado. O amigo e aliado da China, o maior latifundiário e ricoço do Paquistão, foi derrubado por outros reacionários com um golpe de Estado.

Mas que oposição é essa que chegou ao poder e quem participa dela? É também uma força reacionária, dela participam militares, grandes capitalistas e latifundiários. Movidos por seus interesses de classe e pelos laços que também possuem seja com os Estados Unidos, seja com a União Soviética, seja com a China, eles procuram segurar fortemente o poder reacionário em suas mãos. Nessas circunstâncias, falar ao povo do Paquistão em estreita aliança e apoio em favor de uma ou de outra força política burguesa, para substituir uma camarilha dominante por outra, como fazem os dirigentes chineses, não é indicar-lhe o justo caminho da revolução. O caminho justo é pedir ao povo que, entre os dois fogos, de Bhutto e de seus adversários, acenda o poderoso incêndio revolucionário que encubra os primeiros, derrube as duas camarilhas paquistanezas que são farinha do mesmo saco. Nessa luta em duas frentes, o próprio povo paquistanês deve saber aproveitar as contradições.

Podemos dizer o mesmo de muitos outros países

do chamado terceiro mundo ou «mundo não alinhado».

Assim, a direção chinesa não tem sorte, nem nas alianças e na amizade com os marxistas-leninistas nem tampouco nas alianças com os Estados burguês-capitalistas. E por que não tem sorte? Não tem sorte porque sua política não é marxista-leninista, porque as análises que faz e as deduções que extrai destas são errôneas. Nessas condições, que confiança os povos do «terceiro mundo» podem ter na China, que objetiva colocar tais países sob seu protetorado?

Somente a ditadura do proletariado, somente a ideologia marxista-leninista, somente o socialismo criam amor sincero, íntima amizade e férrea unidade entre os povos, suprimindo tudo que os afasta e divide. Para se criar unidade e amizade entre os povos, para se resolver os problemas pelo caminho melhor e mais condizente com seus interesses, não se pode de forma alguma ajudar e fazer concessões a burgueses degenerados como Mobutu, Bhutto, Gandhi e outros em nome da suposta criação de um equilíbrio político, expressão da teoria anticientífica, antipopular e oportunista do «equilíbrio», que serve à manutenção do status quo e da escravidão.

Nós, marxistas-leninistas, combatemos o neocolonialismo, a burguesia capitalista opressora de cada país e, portanto, aqueles que tiranizam os povos. Esta luta pode travar-se caso os autênticos partidos comunistas alentem, organizem e dirijam o proletariado e as massas trabalhadoras. A direção do proletariado e das massas pelo partido se consagra quando inspira-se no marxismo-leninismo revolucionário e não em fontes equívoco-

cas, de cem interpretações, de cem bandeiras. O partido marxista-leninista do país genuinamente socialista não atua partindo apenas dos interesses de seu Estado, também tem sempre em mente o interesse da revolução mundial.

### **A Teoria Chinesa do «Terceiro Mundo» e a Teoria Iugoslava do «Mundo Não-Alinhado» Sabotam a Luta Revolucionária dos Povos**

Todos os renegados do marxismo-leninismo, revisionistas contemporâneos, soviéticos, titistas, chineses e outros, fazem o possível para combater esta teoria triunfante do proletariado. O desmascaramento da teoria dos «três mundos» por nosso Partido colocou os revisionistas chineses numa posição difícil, já que eles não têm condições de responder teoricamente à nossa refutação e denúncia de suas teses, não porque nos temam, mas porque temem a falta de argumentos.

Mao Tsetung e Deng Xiaoping, que enunciaram ou tornaram sua a noção de «terceiro mundo», não puderam e não quiseram demonstrá-la teoricamente e não sem um objetivo. Por que agiram dessa forma? Sua «negligência» é artilosa, objetiva enganar as pessoas, fazê-las aceitar sem discussão uma tese absurda, unicamente porque provém de Mao Tsetung. Mao Tsetung não pôde explicar onde reside a base teórica dessa noção «filosófica» ou «política» porque não há como explicá-lo. Ele e seus discípulos passaram a propagar a concepção da divisão do mundo em três apenas procla-

mando-a, sem defendê-la, porque eles próprios sabiam que essa tese é indefensável.

O «terceiro mundo» chinês e o «mundo não-alinhado» iugoslavo são quase a mesma coisa. Os dois «mundos» objetivam justificar teoricamente a cessação da luta de classes entre o proletariado e a burguesia e servir para as grandes potências imperialistas e capitalistas resguardarem e eternizarem o sistema burguês de opressão e exploração.

Por ser falsa, antimarxista, desprovida de qualquer base teórica, a teoria dos «três mundos», o mito que os revisionistas chineses criaram em torno dela, não tem qualquer efeito nem entre as amplas massas do proletariado e dos povos que sofrem nos países do «terceiro mundo» nem mesmo entre os dirigentes de tais países. Estes últimos, que a direção chinesa procura colocar sob sua tutela, têm seus próprios pontos de vista enraizados na cabeça, têm sua ideologia e orientações determinadas e portanto não engolem as estórias chinesas. Os Deng Xiaoping e companhia julgam que a China há de se impor a esses países pela magnitude de seu território e população. A teoria chinesa dos «três mundos» também beneficia o imperialismo norte-americano até certo ponto, na medida em que não atrapalha seus negócios. Ela alimenta a criação de situações confusas no mundo, das quais tanto o imperialismo norte-americano como o social-imperialismo soviético se aproveitam, cada qual para estender sua própria hegemonia, para embrulhar e entretecer ainda mais e melhor suas alianças e acordos com os expoentes capitalistas e burguês-latifundiários dos países do dito terceiro mundo.

Essa situação serve também aos fins social-imperialistas dos revisionistas chineses.

Quanto à teoria do «mundo não-alinhado», os revisionistas iugoslavos promoveram-na a teoria universal, que deve substituir a teoria marxista-leninista, a qual para eles teria «envelhecido», não seria mais «atual», pois os povos e o mundo teriam mudado. Eles não denunciam abertamente o marxismo-leninismo, como Carrillo, mas combatem-no com a defesa de sua teoria do «mundo não-alinhado». Segundo os revisionistas iugoslavos, os que defendem o marxismo-leninismo repetem sempre o mesmo «erro», não aceitam corrigir os princípios e normas desta doutrina revolucionária, sendo portanto «reincidentes». Ainda segundo eles, o Partido do Trabalho da Albânia (que é o alvo do ataque) é um partido «reincidente», pois exige que se aplique os princípios, os métodos, a doutrina científica de Marx, Engels, Lênin e Stálin «num mundo totalmente distinto do da época em que eles viveram».

Os pontos de vista titistas são completamente anti-marxistas. A análise que eles fazem do atual processo de evolução mundial também parte dessas posições. O revisionismo contemporâneo em geral, o revisionismo iugoslavo e o chinês em particular são contrários à revolução. Os revisionistas iugoslavos e chineses consideram o imperialismo norte-americano como uma poderosa força que pode enveredar por um caminho mais razoável, «ajudar» o mundo atual, que, segundo eles, está em desenvolvimento e não deseja alinhar-se. Mas a teoria iugoslava não chega sequer a definir devidamen-

te o termo «não-alinhado». Os países que ela inclui nesse seu mundo são não alinhados sob que ponto de vista, político, ideológico, econômico ou militar? A teoria pseudomarxista iugoslava não toca, não menciona esta questão, pois nenhum desses países que ela busca dirigir como se constituíssem um novo mundo consegue escapar à multifacética dependência em relação ao imperialismo norte-americano ou ao social-imperialismo soviético.

A «teoria» iugoslava especula com o fato de que atualmente o colonialismo de velho tipo em geral desapareceu, mas não diz que muitos povos caíram nas garras do novo colonialismo. Nós, marxistas-leninistas, não negamos que o colonialismo tenha desaparecido em suas velhas formas, mas frisamos que ele foi substituído pelo neocolonialismo. São os mesmos colonialistas de ontem que continuam até hoje a oprimir os povos com seu poderio econômico e militar, a confundí-los política e ideologicamente, a introduzir seu modo de vida corrompido. Os titistas chamam essa situação de grande transformação do mundo e agregam que nem Marx nem Lênin a conheceram, para não falar de Stálin, que eles absolutamente não aceitam. A seu ver os povos agora são livres, independentes, aspiram apenas a tornar-se não-alinhados e a encontrar uma divisão mais racional, mais justa dos recursos do mundo.

Para que essas «aspirações» se realizem, os «teóricos» iugoslavos solicitam que os imperialistas norte-americanos, os social-imperialistas soviéticos e também os demais Estados capitalistas desenvolvidos sejam caridosos e, através de conferências internacionais, de de-

bates, cedências e concessões entre os países, contribuam amavelmente na transformação do mundo atual, que, conforme dizem, «está consciente o bastante para avançar rumo ao socialismo».

É esse o «socialismo» que os revisionistas titistas predicam; e o fazem com insistência, para afastar o mais possível os povos da realidade. Sem serem favoráveis à revolução, os titistas são pela salvaguarda da paz social, pelo entendimento entre a burguesia e o proletariado em prol da «melhoria da vida das classes baixas». Quer dizer, solicitam servilmente das classes altas que sejam «generosas» e concedam alguma parte de seus lucros «aos miseráveis do mundo».

Tito busca converter a teoria sobre o «mundo não-alinhado» numa «doutrina universal», supostamente adequada, conforme dissemos acima, à «atual situação mundial». Os povos despertaram e desejam viver em liberdade, mas segundo a teoria de Tito essa «liberdade» não é «plena» atualmente porque existem dois blocos, o da OTAN e o de Varsóvia.

Tito posa de personalidade e de porta-bandeira da política de oposição aos blocos. É verdade que seu país não participa da OTAN nem do Tratado de Varsóvia, mas está vinculado por muitos fios a essas organizações militares. Nem a economia nem a política iugoslava são independentes, elas são condicionadas pelos créditos, pela ajuda e pelos empréstimos dos países capitalistas, em primeiro lugar do imperialismo norte-americano, por isso apóiam-se mais neste último. Mas Tito apóia-se igualmente no imperialismo soviético e

em todas as outras grandes potências capitalistas. Assim, a Iugoslávia, que posa de não alinhada, *de jacto* senão *de jure* está alinhada com as organizações agressivas das superpotências.

Em diferentes países há muitos dirigentes como Tito, que este procura agrupar no chamado mundo não-alinhado. Em geral essas personalidades são burgueses, capitalistas, não marxistas, muitas delas combatem a revolução. As denominações socialista, democrata, social-democrata, republicano, republicano independente e outras, com que algumas dessas personalidades se auto-intitulam, na maioria das vezes servem para enganar o proletariado e o povo oprimido, para mantê-los subjugados, para jogar às suas custas.

A ideologia capitalista, antimarxista, domina nos Estados «não-alinhados». Muitos deles possuem os mesmos vínculos e implicações da Iugoslávia titista com as superpotências e com todos os países capitalistas desenvolvidos. A prédica de Tito, de agrupar todos os países, sob sua direção, no «mundo não-alinhado», tem como única base a intenção e a atividade de sufocar a revolução, de impedir o proletariado e os povos de se erguerem, derrubarem a velha sociedade capitalista e instaurarem a nova sociedade, o socialismo.

Eis a idéia e eis o princípio fundamental que guiam Tito no agrupamento de tais países. Ele finge ter conseguido agrupá-los e dirigí-los, mas na realidade nada disso existe, pois ninguém dá à teoria titista sobre o «mundo não-alinhado», nem tampouco à teoria chinesa sobre os «três mundos» a importância que seus portabandeiras desejam e buscam. Cada qual segue à sua



moda o caminho que lhe traz benefícios maiores e mais imediatos.

Ao que tudo indica, o imperialismo norte-americano e o capitalismo mundial preferem o «mundo não-alinhado» de Tito ao «terceiro mundo» dos chineses. Embora apoiem a teoria chinesa dos «três mundos», os países capitalistas desenvolvidos e o imperialismo norte-americano manifestam de qualquer forma um certo constrangimento e hesitação, pois o fortalecimento da China pode conduzir a situações desagradáveis e tornar-se a seguir perigoso até para os próprios norte-americanos. Já o «mundo não-alinhado» de Tito não acarreta nenhum risco para os Estados Unidos. Por isso, durante a última visita de Tito aos Estados Unidos, Carter enalteceu grandemente o papel deste na criação do «mundo não-alinhado» e qualificou o movimento dos «países não-alinhados» como «um fator importantíssimo na solução dos grandes problemas do mundo de hoje».

Os «países não-alinhados», que na sua maioria são países capitalistas, lançaram seus dados. Sabem manobrar politicamente e estão ao lado das potências imperialistas e capitalistas que lhes dão maior ajuda. Segundo a concepção burguesa e capitalista, fazer política significa enganar, engabelar, ludibriar-se uns aos outros o quanto mais e o mais frequentemente. Trata-se de uma política de prostituição, que de acordo com a conjuntura e em momentos determinados objetiva conseguir pelo menos alguma coisa de algum Estado mais poderoso no interesse de sua classe, no interesse dos chefes dessa classe.

O titismo advoga precisamente essa política com a teoria do «mundo não-alinhado». Mas, ao contrário do que proclama Tito, tal política não tem uma mesma orientação em toda parte. Os Estados «não-alinhados» não perguntam a Tito o que devem fazer e como devem atuar. Com alguma exceção, os governantes desses Estados procuram fortalecer o poder capitalista, explorar o povo, conquistar a amizade de um grande país imperialista, impedir a explosão e sufocar qualquer revolta ou rebelião popular, qualquer revolução. Eis toda a política do «mundo não-alinhado» titista.

A teoria chinesa do «terceiro mundo» também é favorável ao status quo. O «mundo não-alinhado» titista objetiva esmolar créditos junto ao imperialismo norte-americano e aos demais países capitalistas para enriquecer e manter no poder a classe burguesa. Também a China, com o «terceiro mundo», busca enriquecer, fortalecer-se econômica e militarmente para tornar-se a superpotência que domine o mundo. Os objetivos de ambos esses «mundos» são antimarxistas, são pró-capital, pró-imperialismo norte-americano.

Como mostraram as visitas de Tito à China e de Hua Guofeng à Iugoslávia, os revisionistas iugoslavos vêm fazendo muitos elogios e astutas adulações à China, tão condizentes com o caráter dos revisionistas chineses, para aliciá-los para suas posições de forma que a teoria dos «países não-alinhados» encontre não só a compreensão mas também a plena aceitação de Pequim. Os dirigentes revisionistas chineses encabeçados por Hua Guofeng e Deng Xiaoping, embora sem renunciar à teoria dos «três mundos», manifestaram apoio aberto à

teoria titista do «mundo não-alinhado». Mostraram que desejam colaborar estreitamente numa só linha com os revisionistas iugoslavos, em dois trilhos paralelos, com um objetivo antimarxista comum, para enganar os povos do «terceiro mundo». Agora os dirigentes iugoslavos estão desenvolvendo esses pontos de vista em defesa da China. E ao fazê-lo, chegaram a levantar certos «argumentos» que são ofensivos para a China, como Estado megalômico que é. Os titistas saem em defesa da China e sustentam-na contra o desmascaramento da direção chinesa por nosso Partido dizendo que a política atual da China é realista.

A China, dizem os iugoslavos, é um grande país, que, por sua natureza, deve desenvolver-se, pois é ainda atrasado; é um país em desenvolvimento. É um erro, pretendem os titistas, que os partidos marxistas-leninistas como o Partido do Trabalho da Albânia ataquem a China devido às justas aspirações desta ao desenvolvimento e ao não alinhamento, à ajuda que concede às lutas de libertação nacional, etc., etc. A Iugoslávia tem a pretensão de colocar a China na sua órbita, como um satélite. O que importa aos revisionistas iugoslavos é que a China adote sem qualquer hesitação seus pontos de vista antimarxistas.

Com a teoria do «mundo não-alinhado», a Iugoslávia encabeçada por Tito sempre serviu fielmente ao imperialismo norte-americano. Tito e seu grupo continuam prestando esse gênero de serviço, ao procurar empurrar a China no sentido da aproximação e da aliança com os Estados Unidos, Foi esse o principal objetivo da viagem de Tito a Pequim e das suas conversações, que

resultaram no estabelecimento de uma íntima amizade, a qual com a visita de Hua Guofeng à Iugoslávia assumiu a forma de uma ampla colaboração não só entre Estados mas também ao nível de partidos. Durante a visita de Tito a Pequim, os dirigentes chineses afirmaram a meias que a Liga dos Comunistas da Iugoslávia é um partido marxista-leninista e que a Iugoslávia constrói o verdadeiro socialismo. Já quando Hua Guofeng chegou a Belgrado, afirmaram tais coisas abertamente e oficialmente.

Em outras palavras, os maoistas fizeram o mesmo trabalho executado em seu tempo por Mikoyan e Kruschov, que disseram alto e bom som que Tito é «marxista», que «na Iugoslávia constrói-se o socialismo», que «o Partido Comunista da Iugoslávia é um partido marxista-leninista».

Os Estados Unidos manejam ao seu bel-prazer tanto os cordéis de Tito como os de Hua Guofeng e Deng Xiaoping. Estes últimos são marionetes que não aparecem abertamente em cena no teatro infantil, são daqueles que se mascaram e, quando são atacados em suas teorias, quando não encontram fatos para polemizar, proclamam: «Não fazemos polêmica!» Por que não polemizam com a Albânia socialista, quando ela e o Partido do Trabalho marxista-leninista os desmascaram a fundo aos olhos da opinião pública mundial? O que esperam? Não fazem polêmica porque têm medo que se revele seu jogo de traição ao marxismo-leninismo e à revolução. É isso que os dirigentes chineses objetivam e é por isso que escamoteiam a verdade quando dizem através dos iugoslavos e outros que a China não responderá à polêmica albanesa.

Os Estados Unidos, a União Soviética e também os demais países capitalistas promovem continuamente reuniões bilaterais e multilaterais, realizam conferências de todos os tipos, congressos, adotam resoluções, pronunciam-se em discursos e entrevistas concedidas à imprensa, dizem copiosas mentiras e acenam com esperanças, fazem ameaças e chantagem. Fazem tudo isso para atravessar a crise que os estorva, para sufocar os sentimentos de vingança dos povos oprimidos que sofrem, para enganar as amplas massas trabalhadoras e o proletariado, para enganar os democratas progressistas. Os revisionistas iugoslavos e os chineses também jogam sua cartada em todo esse jogo, nesse sórdido labirinto.

A teoria do «mundo em desenvolvimento» é mais uma carta desse jogo, que tem o mesmo objetivo antimarxista de confundir a mente das pessoas. Essa teoria não levanta as questões políticas, pois é inútil levantá-las. Para ela só existem a «questão econômica» e a «questão do desenvolvimento» em geral. Ninguém define qual o desenvolvimento perseguido pela teoria do «mundo em desenvolvimento». Naturalmente, os diferentes países do mundo desejam desenvolver-se, em todos os sentidos, econômico, político, cultural, etc. Os povos do mundo com o proletariado à frente querem demolir o velho e putrefato mundo burguês capitalista e edificar em seu lugar um novo mundo, o socialismo. Mas não se fala neste último nas teorias do «mundo não-alinhado» e do «mundo em desenvolvimento».

Quando nós, marxistas-leninistas, falamos sobre os diferentes países, expressamos nossas considerações sobre eles, apreciamos também o nível de desenvolvimen-

to desse ou daquele país, as potencialidades de cada Estado nesse sentido. Dizemos que o povo de cada país deve fazer a revolução e edificar a nova sociedade com as próprias forças. Dizemos que, para ser livre, independente e soberano, cada Estado deve construir uma nova sociedade, combater e derrubar seus opressores, combater qualquer imperialismo que o escravize, conquistar e defender direitos políticos, econômicos e culturais, construir uma pátria totalmente livre, totalmente independente, onde a classe operária domine em aliança com a totalidade das massas trabalhadoras. Eis o que dizemos, e somos firmes defensores da tese leninista sobre os dois mundos. Somos componentes do novo mundo socialista e travamos uma luta de vida ou morte com o velho mundo capitalista.

Todas as demais «teorias» sobre a divisão do mundo, em «primeiro mundo», «segundo mundo», «terceiro mundo» «mundo não-alinhado» «mundo em desenvolvimento» ou qualquer outro «mundo» que possa ser inventado amanhã, servem ao capitalismo, servem à hegemonia das grandes potências, servem aos fins dos que desejam manter os povos na escravidão. É por isso que combatemos com todas as forças essas teorias reacionárias e antimarxistas.

Essa luta de nosso Partido é acompanhada com simpatia em todo o globo, sobretudo nos países do chamado terceiro mundo, mundo não-alinhado ou mundo em desenvolvimento. Os povos desses países, que as teorias revisionistas chinesas, titistas, soviéticas, as teorias do imperialismo norte-americano e outras tentam enganar, vêm em nossas concepções marxistas-leninistas, na ati-

tude ideológico-política de nosso Partido uma postura correta, que corresponde ao justo caminho de sua libertação definitiva da opressão e exploração.

Precisamente por isso, os inimigos do marxismo-leninismo e de nosso Partido tratam de acusar-nos de sectários, de ultra-esquerdistas, de blanquistas, de não fazermos uma justa análise da situação internacional, de atermo-nos a velhos esquemas, etc. Compreende-se que eles se referem à nossa doutrina revolucionária, que denominam «esquematismo marxista-leninista», «esquematismo stalinista», etc.

Eles nos acusam falsamente de conclamarmos os países que se salvaram da forma de exploração do velho colonialismo e ingressaram na forma de exploração do novo colonialismo a passar imediatamente ao socialismo, a fazer incontinenti uma revolução proletária. Julgam que nos golpeiam dessa forma, apresentando-nos como aventureiros. Mas nosso Partido permanece fiel à teoria marxista-leninista, a teoria que definiu corretamente o caminho da revolução, as etapas que esta deve atravessar e as condições que devem ser preenchidas para que a revolução tenha êxito, seja ela nacional-democrática e antiimperialista, seja socialista. Fomos fiéis a esta teoria em nossa Luta Antifascista de Libertação Nacional, atualmente continuamos fiéis a ela na construção do socialismo, fiéis em nossa luta ideológica e em nossa política externa. Nossa análise é justa e portanto não há calúnia capaz de a abalar.

## II

### O PLANO DA CHINA PARA TORNAR-SE SUPERPOTÊNCIA

Ao analisar a estratégia global do imperialismo norte-americano e do social-imperialismo soviético para dominar o mundo, ao analisar o surgimento e desenvolvimento das diferentes variantes do revisionismo contemporâneo, bem como o combate de todos esses inimigos ao marxismo-leninismo e à revolução, também falamos inicialmente sobre o lugar e a estratégia do revisionismo chinês.

A própria China qualifica de marxista-leninista a linha política que segue, mas a realidade mostra o contrário. É precisamente essa realidade que nós, marxistas-leninistas, devemos desmascarar. Não devemos permitir que as teorias revisionistas chinesas passem por teorias marxistas, não devemos admitir que a China, no caminho que está trilhando, finja lutar pela revolução quando na realidade opõe-se a ela.

Com a política que a China segue, está se tornando ainda mais claro que ela busca reforçar as posições do capitalismo em seu interior e instaurar sua hegemonia



no mundo, tornar-se uma grande potência imperialista, para que também ela ocupe, como se diz, «o lugar que lhe cabe».

A história mostra que qualquer grande país capitalista visa tomar-se uma grande potência mundial, conseguir adiantar-se às demais grandes potências, concorrer com elas pelo domínio mundial. Diversos têm sido os caminhos seguidos pelos grandes Estados burgueses para transformar-se em potências imperialistas, caminhos condicionados por determinadas circunstâncias históricas e geográficas, pelo desenvolvimento das forças produtivas, etc. Os Estados Unidos seguiram uma trajetória distinta das velhas potências européias, como a Inglaterra, França e Alemanha. Estas últimas se formaram enquanto tal com base em ocupações coloniais.

Após a II Guerra Mundial os Estados Unidos permaneceram a maior potência capitalista. Com base no grande potencial econômico e militar de que dispunham e no desenvolvimento do neocolonialismo, transformaram-se numa superpotência imperialista. Mas não passou muito tempo e somou-se a eles outra superpotência, a União Soviética, que transformou-se em superpotência imperialista após a morte de Stálin e depois que a direção kruschoviana traiu o marxismo-leninismo. A União Soviética aproveitou com esse fim o grande potencial econômico, técnico e militar erigido pelo socialismo.

Encontramo-nos agora diante dos esforços de outro grande Estado para tornar-se superpotência, da China de hoje, pois também ela trilha rapidamente o caminho do capitalismo. Mas a China carece de colônias, carece

de uma grande indústria desenvolvida, carece em geral de uma economia forte, de um grande potencial termo-nuclear no nível possuído pelas duas outras superpotências imperialistas.

Para tornar-se superpotência é absolutamente necessário ter uma economia desenvolvida, um exército armado com bombas atômicas, é necessário conquistar mercados e zonas de influência, investir capitais em outros países, etc. A China procura preencher o quanto antes esses requisitos. Isso foi dito no discurso de Chu Enlai à Assembléia Popular em 1975 e repetido no XI Congresso do Partido Comunista da China, onde se proclamou que antes do final deste século a China tornar-se-ia um país poderoso e moderno, visando alcançar os Estados Unidos e a União Soviética. Agora todo esse plano foi ampliado e precisado naquilo que denominou-se política das «quatro modernizações»

Mas qual o caminho escolhido pela China para tornar-se também uma superpotência? Atualmente as colônias e mercados do mundo estão ocupados por outros. E impossível criar com as próprias forças, em 20 anos, como pretendem os chineses, um potencial econômico e militar equivalente ao dos norte-americanos e soviéticos.

Nessas condições, a China terá de passar por duas fases principais para tomar-se superpotência: primeiro, solicitar créditos e investimentos do imperialismo norte-americano e dos demais países capitalistas desenvolvidos, comprar tecnologia moderna para aproveitar seus recursos, grande parte dos quais passará aos credores a título de dividendos. E segundo, investir a mais-valia

conseguida às custas do povo chinês em Estados de diferentes continentes, tal como os imperialistas norte-americanos e os social-imperialistas soviéticos fazem atualmente.

Os esforços da China para tornar-se superpotência concentram-se em primeiro lugar na escolha dos aliados e na criação de alianças. Existem hoje no mundo duas superpotências, o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo soviético. **Os dirigentes chineses julgaram que devem apoiar-se no imperialismo norte-americano, no qual depositam maiores esperanças de ajuda nos campos da economia, das finanças, da tecnologia, da organização, mas também sob o aspecto militar.** O potencial econômico-militar dos Estados Unidos é realmente superior ao do social-imperialismo soviético. Os revisionistas chineses o compreendem muito bem, em que pese dizerem que a América está em decadência. No caminho que estão trilhando, eles não podem se apoiar num parceiro débil, do qual não possam se beneficiar grandemente. Escolheram os Estados Unidos como aliados precisamente porque estes são poderosos.

A aliança com os Estados Unidos, o entendimento da política chinesa com a do imperialismo norte-americano, tem também outros objetivos. Traz consigo uma ameaça para o social-imperialismo soviético, o que se constata na ensurdecadora propaganda e na febril atividade dos dirigentes chineses contra a União Soviética. Ao seguir essa política, a China dá a entender à União Soviética revisionista que sua ligação com os Estados

Unidos constitui uma força colossal contra ela no caso de eclosão de uma guerra imperialista.

A atual política chinesa visa igualmente estabelecer amizade e alianças com todos os países capitalistas desenvolvidos, dos quais ela procura aproveitar-se política e economicamente. A China deseja e procura reforçar a aliança norte-americana com os países do «segundo mundo», como ela os chama. Estimula sua união, ou melhor, sua submissão ao imperialismo norte-americano, que considera como seu maior parceiro.

Isso explica todos os estreitos vínculos que o governo chinês procura estabelecer com todos os Estados capitalistas ricos, com o Japão, a Alemanha Ocidental, a Inglaterra, a França, etc.; isso explica as muitas visitas de delegações governamentais econômicas, culturais e científicas à China procedentes dos Estados Unidos e de todos os demais países capitalistas desenvolvidos, sejam eles repúblicas ou monarquias, assim como as visitas de delegações chinesas a esses países. Isso explica porque a China manifesta-se sistematicamente, em todas as ocasiões, em favor dos Estados Unidos e dos demais Estados capitalistas industrializados, procurando ressaltar qualquer escrito, pronunciamento ou ação desses Estados contra o social-imperialismo soviético.

Essa política dos dirigentes chineses não poderia deixar de chamar a atenção e angariar o devido apoio dos Estados Unidos. Sabe-se que durante a II Guerra Mundial existiam dois *lobbies* no Departamento de Estado norte-americano quanto à questão chinesa: um pró-Chiang Kai-chek e o outro pró-Mao Tsetung. Naturalmente, o *lobby* de Chiang Kai-chek triunfou então no

Departamento de Estado e no Senado norte-americano, enquanto que o *lobby* de Mao Tsetung vencia no terreno, no Continente, na China. Entre os inspiradores desse segundo *lobby* estavam Marshall e Vandemayer, Edgar Snow e outros, que tomaram-se amigos e conselheiros dos chineses, promotores e inspiradores de toda sorte de organismos na nova China. Atualmente esses velhos vínculos estão se renovando, se reforçando, se tomando mais sólidos e concretos. Qualquer um enxerga agora que a China e os Estados Unidos estão se aproximando cada vez mais. Pouco tempo atrás um dos jornais norte-americanos mais bem informados, o «Washington Post», afirmava : «Há agora um consenso norte-americano, apoiado inclusive pela direita, pelos que nutrem pouca simpatia por Pequim. Segundo este consenso, apesar do que tenha ocorrido no passado não há mais razão para se considerar a China como uma ameaça aos Estados Unidos. Além de Taiwan, há poucas coisas quanto às quais não há acordo entre os dois governos. Ambas as partes aceitaram, de fato, adiar a questão de Taiwan com o objetivo de beneficiar-se em outros campos».

O problema de Taiwan, levantado nas relações entre a China e os Estados Unidos, tornou-se algo formal. A China já não insiste no assunto. Absolutamente não se incomoda com Hong-Kong e nem se molesta por Macau permanecer ainda sob domínio dos portugueses. O governo chinês não aceitou a oferta do novo governo português de devolver à China esta colônia, tendo dito que «não se devolve presentes» A existência de tais colônias é algo anacrônico, mas a política pragmática dos dirigentes chineses não se importa com isso. E já que

Hong-Kong e Macau permanecem como colônias, por que não ocorrer o mesmo com Taiwan? Ao que parece, a China tem grande interesse em que Taiwan continue como está. Além das relações abertas, processadas à luz do dia, interessa-lhe também desenvolver através dessas três portas um tráfico disfarçado com os imperialistas norte-americanos, com os imperialistas ingleses, japoneses, etc. Portanto, as lorotas que Deng Xiaoping e Li Xiannian tentam impingir, de que as relações sino-americanas dependem da atitude dos Estados Unidos para com Taiwan, não passam de uma cortina de fumaça, a fim de ocultar o caminho de aproximação com os Estados Unidos trilhado pela China com vistas a transformar-se em superpotência.

Carter declarou que os Estados Unidos estabelecerão relações diplomáticas com a China. No que toca a Taiwan, adotarão a atitude do Japão, ou seja, romperão formalmente as relações diplomáticas com a ilha, sem interromper as relações econômicas e culturais e, por baixo destas, também as militares. Na realidade, as relações militares dos Estados Unidos com Taiwan interessam à China, que deseja que os Estados Unidos mantenham tropas em Taiwan, no Japão, na Coréia do Sul e no Oceano Indico, julgando que isso a beneficia, já que constitui um contrapeso para a União Soviética.

Todas essas atitudes vinculam-se ao caminho escolhido pela direção chinesa para tornar a China uma superpotência, procurando desenvolver a economia e elevar o potencial militar através de créditos e investimentos dos Estados Unidos e de outros grandes países capitalistas. Ela justifica esse caminho pretendendo aplicar

uma política justa, a linha «marxista» de Mao Tsetung, segundo o qual «a China deve aproveitar os grandes êxitos do mundo, as patentes, as novas tecnologias, colocando o que é estrangeiro a serviço do desenvolvimento interno», etc. Os artigos do «Renmin Ribao» e os discursos dos dirigentes chineses estão repletos de slogans do gênero. Segundo a concepção chinesa, beneficiar-se das invenções e realizações industriais de outros Estados significa contrair créditos e aceitar investimentos dos Estados Unidos, Japão, Alemanha Ocidental, França, Inglaterra e demais países capitalistas que a China corteja.

Os dirigentes chineses fizeram suas as teorias revisionistas segundo as quais grandes países, como a China, que têm muitos recursos, podem contrair créditos junto ao imperialismo norte-americano ou a qualquer Estado, truste ou banco capitalista poderoso, já que teriam condições de saldar as dívidas. Os revisionistas iugoslavos saíram em defesa desse ponto de vista, fazendo publicidade de sua experiência de «construção do socialismo específico» com a ajuda da oligarquia financeira mundial e especialmente do capital norte-americano, dão o exemplo e encorajam a China a seguir essa trilha sem vacilações.

Os grandes países podem saldar os créditos que contraem, mas os investimentos imperialistas nesses grandes Estados, como na União Soviética revisionista, na China ou qualquer outro, não podem deixar de acarretar sérias consequências neocolonialistas. As riquezas e o suor dos povos passam a ser explorados também em favor dos consórcios e monopólios capitalistas estrangei-

ros. Os imperialistas norte-americanos, assim como os Estados capitalistas desenvolvidos da Europa Ocidental ou o Japão, que fazem investimentos na China e nos países revisionistas, objetivam encravar-se ali, visam enlaçar seus consórcios numa estreita colaboração com os principais trustes e ramos industriais destes países.

O investimento de capitais dos Estados imperialistas na China não é um problema tão simples como os revisionistas procuram aparentar, ao considerar essa penetração de capitais como inofensiva, pois não se processaria através de acordos interestatais (embora ultimamente altos dirigentes chineses tenham declarado que aceitarão créditos externos governamentais) e sim através de bancos e companhias privadas, sem complicações e interesses políticos. O endividamento de qualquer país, grande ou pequeno, junto a esse ou aquele imperialismo acarreta sempre perigos inevitáveis para sua liberdade, independência e soberania, mais ainda no caso de países economicamente pobres como a China. Um país verdadeiramente socialista não precisa endividar-se. As fontes do desenvolvimento econômico de um país encontram-se nele próprio, em seus recursos, em sua acumulação interna e na força criadora de seu povo. O exemplo da Albânia, um pequeno país, deixa muito claro de quantos meios, fontes e aptidões inesgotáveis dispõe um país socialista para desenvolver-se. Os meios e fontes de um país grande são muito maiores, quando ele trilha consequentemente o caminho do marxismo-leninismo.

A abertura do mercado chinês para o imperialismo norte-americano e as grandes empresas estadunidenses



e outras ocidentais foi acolhida com incontida alegria pelos imperialistas dos Estados Unidos e por toda a burguesia internacional. As multinacionais, os industriais norte-americanos conhecem bem a economia e as grandes riquezas da China; por isso fazem o que podem para edificar ali sua rede econômica, constituir empresas mistas e auferir grandes lucros. Não só as grandes empresas norte-americanas, mas também empresas japonesas, alemãs e de outros países capitalistas desenvolvidos estão atuando dessa forma na China.

A China concluiu agora um contrato com o Japão para fornecer-lhe até dez milhões de toneladas de petróleo por ano. Representantes da ENI italiana foram à China com uma grande equipe a fim de também conseguir licença para prospectar petróleo, mas já encontraram ali grandes grupos de companhias petrolíferas norte-americanas, que haviam se entendido com a China quanto à extração e exploração conjuntas do óleo. A China também vem fazendo o mesmo em outros setores da mineração, como o do ferro e de diferentes minérios que podem ser encontrados em grande quantidade no seu território. Os magnatas alemães do carvão encontram-se agora na China, onde concluíram um contrato de algumas dezenas de bilhões de marcos. Ministros chineses percorrem o Japão, a América do Norte e a Europa de ponta a ponta para conseguir créditos, adquirir novos equipamentos tecnológicos, comprar modernas armas, estabelecer relações técnico-científicas, etc. Todas as portas das instituições e empresas chinesas estão abertas para os empresários de Tóquio, da Wall Street e do

Mercado Comum Europeu, que se afanam para ver quem chega primeiro a Pequim, para açambarcar os grandes projetos de «modernização» que o governo chinês oferece. Desta forma, a China também vai entrando no círculo infernal da absorção imperialista, do insaciável apetite imperialista de recursos do subsolo e de matérias primas, de exploração da mão-de-obra chinesa.

Sabe-se que o capitalista não concede ajuda a ninguém sem ver, em primeiro lugar, seu próprio interesse econômico, político e ideológico. Não se trata apenas da taxa de lucro que ele recebe. O país capitalista que concede créditos introduz juntamente com eles seu modo de vida, sua maneira de pensar capitalista, cria bases no país «ajudado» e espalha-se sub-repticiamente, como uma mancha de óleo, estende sua teia de aranha; e esta aranha permanece sempre ali para devorar todas as moscas que caíam em suas malhas, como ocorreu na Iugoslávia, como ocorre atualmente na União Soviética. A China terá a mesma sorte.

Em consequência, a China também fará concessões em questões políticas e ideológicas, como já está fazendo, enquanto o mercado chinês tomar-se á um *débouché*\* de grande importância para o imperialismo norte-americano e para as demais potências capitalistas industrializadas.

Os créditos e investimentos norte-americanos, alemães-ocidentais, japoneses, etc. na China afetarão inevitavelmente, em maior ou menor escala, sua independência e soberania. Tais créditos tomam dependente

---

\* Em francês — vertedouro.

qualquer Estado que os contraia, pois o credor impõe-lhe sua política. Portanto, qualquer Estado, grande ou pequeno, que se introduza nas engrenagens do imperialismo, mutila ou perde a liberdade política, a independência e a soberania. Essa situação de mutilação da soberania verificou-se inclusive na União Soviética que, quando enveredou pelo caminho da restauração do capitalismo, era econômica e militarmente muito mais poderosa do que a China de hoje, que ingressa no mesmo caminho.

Evidentemente, os países pequenos que se introduzem nas engrenagens do imperialismo perdem a liberdade e a independência mais depressa do que países grandes como a China e a União Soviética, nos quais esse processo pode ser mais lento, não só porque têm um potencial econômico e militar superior mas também porque, apoiados nesse potencial, lutam para manter mercados e ocupar outros novos, para criar e ampliar zonas de influência de forma a pressionar-se mutuamente e mesmo a entrar em guerra, quando não encontram outra saída. Mas nem tudo isso os salva dos grilhões dos créditos e investimentos que acorrentam seus pés. Os créditos e seus juros devem ser pagos. Mas quando não se está em condições de saldá-los contrai-se novas dívidas. As dívidas levam a dívidas, o capitalista exige proventos e, quando não há como pagá-los, ele encosta o devedor na parede. As empresas monopolistas norte-americanas, por exemplo, que ditam a política de seu próprio governo, obrigam-no a defender a qualquer preço seus capitais, a declarar inclusive a guerra se fôr necessário para resguardá-los.

Todo o ensurdecedor alarido dos dirigentes chineses a respeito do enfraquecimento do imperialismo norte-americano cai por terra quando se observa o zelo que eles mostram em apoiar-se nesse imperialismo, nos capitalistas dos Estados Unidos, para desenvolver a economia de seu país. As declarações dos dirigentes chineses sobre o suposto debilitamento do imperialismo norte-americano são apenas um blefe, assim como é um blefe a declaração sobre o apoio nas próprias forças. Os revisionistas chineses pensam o contrário do que dizem, qualquer um pode constatá-lo em sua prática.

Os jornais oficiais da China expressam frequentemente inquietude com os créditos que a União Soviética social-imperialista contrai junto aos bancos norte-americanos, alemães-ocidentais, japoneses, etc. Advertem os Estados Unidos e os demais países capitalistas desenvolvidos no sentido de que tenham em mente que a ajuda tecnológica e os créditos fornecidos à União Soviética são empregados no desenvolvimento e fortalecimento do potencial econômico e militar desta, de que a ajuda e os créditos aumentam o perigo ameaçador proveniente do social-imperialismo, o qual, segundo dizem os dirigentes chineses, ocupa hoje o lugar do III Reich. Por isso, conclamam-nos a suspender esses créditos o quanto antes. A imprensa chinesa emprega a mesma linguagem de Strauss, o conhecido nazista e revanchista alemão-ocidental.

Não é difícil descobrir o verdadeiro sentido da «inquietude» dos dirigentes chineses com os créditos contraídos pela União Soviética. Naturalmente eles não se importam com a natureza capitalista dos créditos

nem com o perigo que apresentam para a soberania do Estado soviético. Mas desejam dizer aos magnatas do capital norte-americano e ao governo dos Estados Unidos, aos capitalistas e governos dos demais países imperialistas que os créditos e a ajuda deveriam ser concedidos não à União Soviética, mas à China, que não lhes oferece qualquer perigo, apenas lucros.

Este é um lado do plano da China para tomar-se superpotência. **O outro são os esforços para dominar os países menos desenvolvidos do mundo, para converter-se na liderança daquilo que a China chama «terceiro mundo».**

O grupo que domina atualmente na China dá muita ênfase ao «terceiro mundo», incluindo-se intencional e premeditadamente nesse mundo. O «terceiro mundo» dos revisionistas chineses tem um objetivo político bastante preciso. É parte da estratégia que visa transformar o quanto antes a China numa superpotência. A China procura reunir em torno de si todos os países do «terceiro mundo» ou «não-alinhados» ou «em desenvolvimento» para criar uma grande força que não só aumentará o poderio chinês em geral mas também a ajudará a contrapor-se às duas outras superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética, a ter um peso maior na barganha pela divisão de mercados e zonas de influência, a conquistar o status de verdadeira superpotência imperialista. A China trata de realizar seu objetivo de agrupar o maior número de Estados em torno de si sob a falsa palavra-de-ordem de que defende a liberação dos povos do neocolonialismo e a passagem ao socialismo

através da luta contra o imperialismo. Esse imperialismo é algo abstrato, mas ela acentua que o imperialismo mais perigoso é o soviético.

A China lançou tal palavra-de-ordem demagógica e despida de conteúdo teórico na esperança de valer-se dela em função de seus fins hegemônicos. Visa inicialmente instaurar o domínio chinês no chamado terceiro mundo e a seguir manipular esse «mundo» de acordo com seus interesses imperialistas. Por enquanto a China procura esconder tudo isso com o renome de país socialista que adquiriu. Especula, dizendo que um país socialista não pode ter concepções escravizantes, de conduzir os demais pelo cabresto, de praticar chantagem, de combatê-los, oprimí-los e explorá-los. Emprega essa palavra-de-ordem com base no fato de que o Partido Comunista da China, criado pelo «grande» Mao Tsetung, tem a reputação de partido marxista-leninista, fiel à teoria de Marx e Lênin, que combate todos os males do sistema capitalista, a espoliação colonial, etc.

Disfarçada sob essa condição fictícia, oculta por uma expressão — «terceiro mundo» — e incluindo-se nesse «mundo» sem nenhum critério ou definição de classe, a China pensa que pode atingir mais facilmente seu objetivo estratégico de instaurar sua hegemonia sobre ele. A União Soviética empregou esse mesmo engodo para com outros países. Todos os revisionistas kruschovianos proclamam dia e noite que são «comunistas» e que seus partidos são «verdadeiros partidos marxistas-leninistas». Os revisionistas soviéticos procuram instaurar sua hegemonia no mundo sob essa mesma máscara. Consequentemente, podemos dizer que não

existe qualquer diferença essencial entre a atuação chinesa e a do social-imperialismo soviético.

Todo esse desenvolvimento da política e da atuação chinesa comprova cabalmente as características do imperialismo definidas pelo marxismo-leninismo, como o domínio da oligarquia financeira que busca mercados, que procura conquistar o mundo e instaurar sua hegemonia em toda parte. Assim, a China procura penetrar nos países do «terceiro mundo» e assegurar «um lugar ao sol». Mas esse «lugar» deve ser conquistado com grandes sacrifícios.

Para se introduzir no «terceiro mundo», para ocupar mercados, é preciso capital. As classes dominantes que se encontram no poder nos países do «terceiro mundo» exigem investimentos, exigem créditos e «ajuda». Mas a China não tem condições de «ajudá-las» em grande escala, pois não possui o potencial econômico exigido. É precisamente esse potencial que ela trata de criar agora com a ajuda do imperialismo norte-americano. Nessas condições, a burguesia que domina os países do «terceiro mundo» tem claro que por enquanto não pode beneficiar-se grandemente da China, nem nos aspectos econômico e tecnológico nem no militar. Pode beneficiar-se mais do imperialismo norte-americano e do social-imperialismo soviético, dotados de grande potencial econômico, técnico e militar.

Apesar disso, como todo país que tem intenções imperialistas, a China luta e lutará ainda mais por mercados, tenta e tentará ainda mais expandir sua influência e seu domínio. Esses planos transparecem desde agora. Ela está criando seus bancos não só em Hong-

Kong, onde eles já existem de há muito, mas também na Europa e em outras áreas. Combaterá especialmente para criar bancos e exportar capitais para os países do «terceiro mundo». Por enquanto ela faz muito pouco nesse campo. A «ajuda» da China reduz-se à construção de alguma fábrica de cimento, ferrovia ou hospital, pois suas possibilidades só vão até aí. Somente quando os investimentos norte-americanos, japoneses, etc. na China começarem a dar os frutos que esta deseja, quer dizer, quando a economia, o comércio e a técnica militar se desenvolverem, a China será capaz de empreender uma verdadeira expansão econômica e militar em ampla escala. Mas para consegui-lo é preciso tempo.

Até então a China manobrará, como já começou a manobrar, com a política de «ajuda» e créditos sem juros ou a juros extremamente baixos, quando os soviéticos e norte-americanos exigem muito mais. Enquanto os capitais chineses não tiverem condições de arrojarem-se para o exterior, a direção revisionista da China concentrará a atenção no aspecto propagandístico da parca «ajuda» e dos poucos créditos que concede a países em desenvolvimento, assinalando seu «caráter internacionalista» e «desinteressado», acompanhado-os com a palavra-de-ordem do «apoio nas próprias forças» para libertar e contruir o país.

Quanto mais a China desenvolver-se econômica e militarmente, mais procurará introduzir-se e dominar nos países pequenos e menos desenvolvidos, através da exportação de seus capitais, e então não pedirá mais juros de 1 ou 2% para seus créditos, mas atuará como todos os outros.



Porém nenhum desses planos e esforços pode realizar-se facilmente. Os países imperialistas e capitalistas desenvolvidos, que têm influência no chamado terceiro mundo, não permitem que a China ocupe sem esforço os mercados que eles conquistaram de há muito com guerras de rapina. Eles não só se aferram às velhas posições como procuram de todas as maneiras ocupar outras novas e impedem que a China ponha a mão nesses países.

Tanto quando encontra-se em dificuldades como quando está em florescimento, o imperialismo é implacável para com qualquer parceiro. Para conseguir maiores lucros, ele pode às vezes ser constrangido a fazer alguma concessão, mas em geral trata de reforçar os grilhões, em relação não só aos países débeis mas também aos desenvolvidos, como é o caso dos Estados capitalistas industrializados. Os Estados Unidos, por exemplo, sempre seguiram essa política em relação a seus aliados capitalistas quando estes se depararam com dificuldades nas guerras imperialistas que eclodiram entre eles. Mesmo depois de tais guerras, quando esses países procuravam reerguer-se, o imperialismo norte-americano empenhou todas as forças para impedi-los de introduzir-se nos demais países onde havia instaurado seu domínio. Dessa forma, ao «ajudar» no após-guerra a Inglaterra e a França, que saíram debilitadas do conflito, os Estados Unidos penetraram a fundo nos mercados da libra, do franco, etc. Os monopólios e cartéis norte-americanos da metalurgia, da química, dos transportes e de muitos outros ramos vitais ao desenvolvimento do capitalismo penetraram avassaladora-

mente nos cartéis da Inglaterra, da França, etc., colocando tais países na dependência do imperialismo estadunidense. Esse imperialismo selvagem e insaciável, assim como qualquer outro, não pode atuar distintamente na China.

**Levando em conta as dificuldades com que se defronta para penetrar econômica e militarmente nos países do «terceiro mundo», a China pensa poder assegurar a hegemonia implantando sua influência política e ideológica.** Pensa alcançá-la trabalhando em três sentidos: não combater o imperialismo norte-americano nem as camarilhas dominantes nos países capitalistas, pelo contrário, aliar-se a este imperialismo e a estas camarilhas; combater o social-imperialismo soviético, que está em suas fronteiras, para debilitar e desbaratar suas bases na Ásia, na África e na América Latina; enganar o proletariado e os povos tão sofridos desses Continentes por meio da demagogia e de manobras pseudo-revolucionárias e pseudo-socialistas, solapando qualquer movimento libertador revolucionário.

O imperialismo norte-americano e as demais potências imperialistas compreendem perfeitamente esses intentos da China. Os países do «terceiro mundo» também o compreendem e por isso duvidam, vêem que a China está blefando com eles, que seu objetivo não é apoiá-los e ajudá-los, mas tomar-se ela própria uma superpotência. A maioria dos dirigentes no poder nos países do chamado terceiro mundo possuem antigas e estreitas ligações com o imperialismo norte-americano ou com potências capitalistas desenvolvidas como a

Inglaterra, a França, a Alemanha, a Bélgica, o Japão, etc. Por isso o flerte da China com o «terceiro mundo» não causa dores de cabeça aos Estados imperialistas e capitalistas desenvolvidos.

Os esforços da China para insinuar-se no «terceiro mundo» por meio de sua política e ideologia do chamado pensamento Mao Tsetung também não podem ter êxito porque sua ideologia e sua linha política são caóticas. A linha política da China é confusa, é uma linha pragmática que vacila e muda segundo as conjunturas e interesses do momento. As classes dominantes dos Estados do «terceiro mundo» não temem essa ideologia, pois compreendem que ela não postula a revolução e a verdadeira libertação nacional dos povos. Para exercer mais facilmente sua opressão e exploração sobre o povo, a burguesia desses países criou seus próprios partidos, rotulados das mais diversas formas. Estreitamente ligados aos capitais estrangeiros investidos nos Estados do chamado terceiro mundo, esses partidos não têm dificuldades em combater e desmascarar a linha chinesa. Por isso os dirigentes revisionistas chineses optaram pela via dos sorrisos aos partidos desses países e procuram a todo custo e a qualquer momento tratá-los de forma «doce como mel».

Com o plano de dominar o «terceiro mundo», a China trata de canalizar na medida do possível o movimento das massas trabalhadoras desse «mundo» em proveito próprio. Mas atualmente os povos oprimidos, com o proletariado à frente, já não se encontram mais na mesma situação do fim do século XIX ou do início do século XX. Resistem a qualquer política hegemônica

e à submissão às grandes potências imperialistas, sejam elas de velho ou de novo tipo, a norte-americana, a soviética ou a chinesa. Hoje as amplas massas dos povos do mundo em geral despertaram e de uma ou de outra forma conseguiram conquistar através de sua luta uma certa consciência para defender seus direitos econômicos e políticos. Os povos do chamado terceiro mundo não podem deixar de ver que a China não trabalha para levar as idéias da revolução e da emancipação nacional aos seus países, mas para sufocar a revolução, que impede a penetração da influência chinesa. A orientação chinesa de aliança com os Estados Unidos e outros países neocolonialistas desmascara igualmente o social-imperialismo chinês aos olhos dos povos.

A China não pode fazer uma propaganda positiva e revolucionária nos países do «terceiro mundo» inclusive porque entraria em conflito com a superpotência da qual procura beneficiar-se, com os capitais que esta possa investir na China e com sua tecnologia avançada. A China não pode fazer tal propaganda igualmente porque a revolução derrubaria precisamente as camarilhas reacionárias dominantes em alguns países do chamado terceiro mundo que ela apóia e ajuda a sustentar no poder.

**O grande afã dos dirigentes chineses em transformar o quanto antes seu país numa superpotência e instaurar sua hegemonia em toda parte, sobretudo no chamado terceiro mundo, impulsionou-os a basear sua estratégia e política externa na instigação da guerra imperialista. Os dirigentes chineses desejam veemente-**

mente um choque frontal entre os Estados Unidos e a União Soviética na Europa, em que a China, a distância, aqueceria as mãos com o incêndio atômico que destruiria seus dois principais rivais e do qual sairia como única e todo-poderosa dominadora do mundo.

Até que se sinta bastante forte para concorrer com as outras superpotências, até conquistar o «merecido posto» de superpotência, a China buscará paz para si própria e guerra para os outros. As indisfarçadas manobras diplomáticas dos revisionistas chineses para incitar a guerra entre os Estados Unidos e a União Soviética, de forma que eles próprios fiquem de lado, ocupando-se das «modernizações», vinculam-se à sua atual necessidade de paz. Não foi fortuita a declaração de Deng Xiaoping de que não haverá guerra durante vinte anos. Com isso ele queria dizer às superpotências e aos demais países imperialistas que não tivessem medo da China durante esses vinte anos. Ao mesmo tempo, os dirigentes chineses estimulam uma guerra entre as superpotências na Europa, longe da China, que ficaria a distância de seus riscos e implicações. Se isso será possível é outra coisa, mas os dirigentes chineses trabalham nesse sentido, pois julgam indispensável ter tranquilidade durante o período que consideram necessário para alcançar o objetivo de transformar a China em superpotência.

A China propugna em altos brados o fortalecimento da «unidade européia», da «unidade dos países capitalistas desenvolvidos da Europa». Apóia tal unidade em relação a todas as questões, ufanando-se diante de velhos lobos e raposas, «ensinando-os» a reforçar

sua unidade militar e econômica, a unidade organizativa estatal, etc., face ao grande perigo do social-imperialismo soviético. Mas eles não precisam das lições da China, pois têm condições de saber e sabem muito bem de onde provém o perigo.

Os países desenvolvidos do Ocidente não são ingênuos a ponto de aplicar *à la lettre*\* os conselhos e satisfazer os desejos chineses. Fortalecem-se para enfrentar um eventual perigo proveniente da União Soviética, mas ao mesmo tempo fazem grandes esforços para não se indispor com ela, para não ir muito longe, nem enfurecer o «curso russo». Naturalmente isso contraria o desejo da China.

Agrada aos Estados capitalistas da Europa e aos Estados Unidos ver a China ativar suas contradições com os soviéticos, pois dizem a estes por vias travessas: «Vosso inimigo principal é a China, enquanto que nós, juntamente convosco, buscamos criar uma *détente*, uma coexistência pacífica, independente do que ela diga». Por outro lado, esses Estados, enquanto fingem desejar a paz, armam-se para reforçar sua hegemonia e sua unidade militar contra a revolução, seu inimigo principal. É este o objetivo de todas as reuniões do gênero das de Helsinque e Belgrado, que se prolongam a mais não poder e assemelham-se ao Congresso de Viena após a queda de Napoleão, conhecido como o congresso dos bailes e *soirées*.

Os dirigentes chineses, conforme afirmou oficialmente Deng Xiaoping numa entrevista concedida ao

---

\* Em francês — ao pé da letra.

diretor da AFP, chamam à criação de «uma ampla frente que incluirá o terceiro mundo, o segundo mundo e os Estados Unidos» para combater o social-imperialismo soviético.

A estratégia da direção revisionista da China, de incitar o imperialismo norte-americano, a Europa Ocidental, etc. a uma guerra contra o social-imperialismo soviético, cria maiores riscos de uma guerra entre a própria China e a União Soviética do que de uma guerra entre a União Soviética e os Estados Unidos com seus aliados da OTAN.

Aquilo que a China faz ao incitar os demais à guerra, o imperialismo norte-americano, os países capitalistas desenvolvidos e todos os países dominados por camarilhas burguesas capitalistas fazem também ao açular a China e a União Soviética uma contra a outra. Portanto, há maior probabilidade de que a política dos Estados Unidos e a própria estratégia errônea da China estimulem a União Soviética a fortalecer-se ainda mais militarmente e, como potência imperialista que é, golpear primeiro a China.

Por seu lado, a China tem uma acentuada propensão para golpear a União Soviética quando sentir-se poderosa, pois possui grandes ambições territoriais quanto à Sibéria e outros territórios do Extremo Oriente. Ela levantou há tempos essas reivindicações, porém pretenderá mais ainda quando estiver preparada, quando houver posto de pé um exército equipado com toda sorte de armas. É este o sentido das palavras de Hua Guofeng ao ex-primeiro-ministro conservador inglês Eduard Heath, quando declarou: «Esperamos ver uma

Europa unida e poderosa, confiamos que a Europa por sua vez espera ver uma China poderosa». Numa palavra, Hua Guofeng disse à grande burguesia européia: «Vocês se fortalecem e atacam do Ocidente, enquanto nós, chineses, nos fortaleceremos e atacaremos a União Soviética do Oriente».

A política chinesa descortinou para os Estados Unidos um caminho amplo e muito frutífero, desbravado inicialmente por Mao Tsetung, Chu Enlai e Nixon. Lançaram-se muitas pontes entre os Estados Unidos e a China, pontes camufladas, pontes que geraram efeitos e resultados. Nixon dizia: «Devemos construir uma ponte tão grande que ligue São Francisco a Pequim». O convite de Mao Tsetung e Chu Enlai a Nixon, após o escândalo de Watergate, e sua recepção por Mao tinham uma razão de ser e um objetivo determinado. Queriam dizer que a amizade com os Estados Unidos, longe de ser uma amizade conjuntural entre pessoas, é uma amizade entre países, entre a China e os Estados Unidos, em que pese o presidente que abriu esse caminho ter sido derrubado de seu posto por suas patifarias.

Agora que Carter chegou ao poder, as relações de amizade entre a China e os Estados Unidos estão se encorpendo. A atual atitude da China interessa grandemente aos Estados Unidos e Carter acarinha de muitas formas a estratégia chinesa.

Os Estados Unidos têm interesse em ajudar a China política, militar e economicamente, em todos os domínios, para atirá-la contra a União Soviética. Deram à China o segredo atômico. Agora isso está claro.



Deram-lhe igualmente os mais modernos computadores para servir à guerra nuclear. A China adquiriu informação completa para construir submarinos nucleares. Agora fala-se aberta e oficialmente em Washington no fornecimento de modernas armas à China. Todos esses «benefícios» que os Estados Unidos oferecem à China não têm, evidentemente, o objetivo de fazer dela uma potência terrestre e naval tão grande que chegue a pôr em risco os próprios Estados Unidos, como fez o Japão na II Guerra Mundial. Não, o imperialismo norte-americano mede com cuidado a chamada ajuda que fornece a todo mundo e especialmente a que concede à China.

Dessa forma, a intenção e os febris esforços da China para tornar-se superpotência, para contrabalançar tanto os Estados Unidos como a União Soviética, não podem deixar de levar a novos atritos, a conflagrações, a guerras, que podem ter caráter local, mas também o caráter de uma guerra geral.

Toda a «teoria dos três mundos», toda a sua estratégia, as alianças e «frentes» que propõe, os objetivos que busca alcançar incitam a guerra imperialista mundial.

Nikita Kruschov e os revisionistas contemporâneos desenvolveram a famigerada teoria da «coexistência pacífica» kruschovista, que pregava a «paz social», a «competição pacífica», o «caminho pacífico» da revolução, o «mundo sem armas e sem guerras». Essa teoria visava enfraquecer a luta de classes, encobrindo e aplacando as contradições fundamentais de nossa época. Kruschov pregava a extinção das contradições entre a União Soviética e o imperialismo norte-americano em

particular e das contradições entre os sistemas socialista e capitalista em geral. Sustentava a tese de que atualmente, com as transformações ocorridas no mundo, a contradição histórica entre o socialismo e o capitalismo seria superada através da competição pacífica entre ambos, uma competição econômica, político-ideológica, cultural, etc.

«Deixemos o tempo demonstrar e dizer-nos quem tem razão», afirmava Kruschov, e nessa competição os povos escolheriam livremente, «na santa paz», o regime mais conveniente. Nikita Kruschov aconselhava os povos a entregar seus recursos às superpotências e a esperar que essa famosa «competição pacífica» redundasse na garantia da liberdade, da independência, do bem-estar. Naturalmente essa política antimarxista foi desmascarada e nosso Partido foi o primeiro a abrir fogo contra ela.

O Partido Comunista da China seguiu uma política como a de Kruschov desde o tempo em que Mao Tsetung estava vivo. Também ele conclama ambas as partes, tanto o proletariado como a burguesia, tanto os povos como seus opressores, a cessar a luta de classes, a unir-se apenas contra o social-imperialismo soviético e a esquecer o imperialismo norte-americano.

A teoria dos «três mundos» é reacionária tal como a teoria da «coexistência pacífica» de Kruschov. Mas enquanto Kruschov e seus seguidores, porta-vozes do revisionismo contemporâneo, posavam de pacifistas, Mao Tsetung, Deng Xiaoping, Hua Guofeng e companhia apresentam-se abertamente como belicistas. Querem dar à coalisão imperialista-capitalista, que inclui a própria

China, as cores de uma guerra revolucionária, a configuração de uma luta pela vitória do proletariado e da libertação dos povos. Mas na realidade a «teoria» de Mao Tsetung e do Partido Comunista da China sobre os «três mundos» não conclama à revolução e sim à guerra imperialista.

O acirramento das contradições e da rivalidade entre as potências e agrupamentos imperialistas está prenhe de perigos de deflagração de conflitos armados, de guerras rapaces e escravizantes. Esta é uma conhecida tese do marxismo-leninismo, cabalmente comprovada pela história. O desenvolvimento da situação internacional em nossos dias volta a mostrar claramente sua correção.

O Partido do Trabalho da Albânia levantou muitas vezes a voz para desmascarar a ensurdecadora propaganda pacifista difundida pelas superpotências para adormecer a vigilância dos povos e países amantes da paz, para entorpecê-los com ilusões e deixá-los desprezados. Mais de uma vez chamou atenção para o fato de que o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo russo estão conduzindo o mundo a uma nova guerra mundial e de que a explosão dessa guerra constitui um perigo real e não imaginário. Tal perigo não pode deixar de preocupar constantemente os povos, as amplas massas trabalhadoras, as forças e países amantes da paz, os marxistas-leninistas e homens progressistas em todo o mundo, os quais tampouco podem permanecer passivos, de mãos amarradas diante dele. Mas o que se deve fazer para deter a mão dos fautores imperialistas da guerra?

A solução não pode ser o caminho da capitulação e da submissão a eles nem o do amainamento da luta contra esses belicistas. Os fatos comprovaram que os compromissos e concessões sem princípios dos revisionistas kruschovianos não tomaram o imperialismo norteamericano mais brando, mais bem comportado e pacífico, ao contrário, tomaram-no mais arrogante e aumentaram seu apetite. Mas os marxistas-leninistas não se prestam tampouco a incitar um Estado ou grupo imperialista contra outro, não apelam às guerras imperialistas, pois quem sofre com elas são os povos. O grande Lênin acentuava que nossa política não visa atizar a guerra e sim impedir que os imperialistas se unam contra o país socialista.

*«...Caso nós realmente precipitássemos os operários e camponeses na guerra — dizia ele — seria um crime. Mas toda nossa política e propaganda absolutamente não objetivam levar os povos à guerra e sim pôr-lhe fim. E a experiência foi suficiente para demonstrar que só a revolução socialista é uma saída para as eternas guerras».\**

Portanto, levantar a classe operária, as amplas camadas de trabalhadores e os povos em ações revolucionárias para deter a mão dos imperialistas fautores da guerra em seus países é a única via correta. Os marxistas-leninistas sempre foram e são os mais firmes adversários das guerras injustas.

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXXI, pg. 540.

Lênin ensinou aos revolucionários comunistas que sua tarefa consiste em desbaratar os planos belicosos do imperialismo e em impedir a eclosão da guerra. Caso isso não seja alcançado, precisam mobilizar a classe operária, as massas do povo e transformar a guerra imperialista em guerra revolucionária e emancipadora.

Os imperialistas e social-imperialistas têm a guerra agressiva no sangue. Sua intenção de escravizar o mundo leva-os à guerra. Mas embora a guerra mundial imperialista seja deflagrada pelos imperialistas, é o proletariado, são os povos, os revolucionários e todas as pessoas progressistas que pagam por ela com seu sangue. É por esse motivo que os marxistas-leninistas, o proletariado e os povos do mundo são contra a guerra mundial imperialista e combatem sem tréguas para frustrar os planos dos imperialistas, para impedi-los de conduzir o mundo a uma nova carnificina.

Deriva daí que não se deve pregar a guerra imperialista, como fazem os revisionistas chineses, mas lutar contra ela. O dever dos marxistas-leninistas é erguer o proletariado e os povos do mundo na luta contra seus opressores para arrebatar-lhes o poder, os privilégios, e instaurar a ditadura do proletariado. A China não faz isso, o Partido Comunista da China não trabalha para isso. Com sua teoria revisionista, esse Partido debilita e afasta a revolução, divide as forças de vanguarda do proletariado, os partidos marxistas-leninistas que organizarão e dirigirão a revolução.

O caminho recomendado pela direção chinesa é um engodo, é um caminho que não corresponde à nossa dou-

trina, o marxismo-leninismo. Pelo contrário, a linha revisionista chinesa debilita, abate o proletariado e os povos, submete-os ao risco de suportar sobre seus ombros uma guerra sanguinária, a guerra imperialista, a guerra criminoso tão odiada pelo proletariado e os povos.

Pelo mesmo motivo, a teoria de Mao Tsetung sobre os «três mundos», a atividade política do Partido Comunista da China e do Estado chinês não podem de forma alguma ser qualificadas como marxistas-leninistas e revolucionárias.

Quando Kruschov preconizava a competição econômica, ideológica e política entre o socialismo e o imperialismo, os dirigentes chineses diziam-se contrários a essa tese e afirmavam que para se realizar a verdadeira coexistência pacífica era preciso combater o imperialismo, já que a «coexistência» não pode destruí-lo, não pode levar à vitória da revolução e da libertação dos povos.

Mas tais declarações ficaram no papel. Na realidade, a direção do Partido Comunista da China também era e é favorável à coexistência pacífica do tipo kruschovista. O documento que mencionamos, «Proposição Acerca da Linha Geral do Movimento Comunista Internacional», afirma: «A política de princípios é a única política justa... O que significa política de princípios? Significa que ao apresentar e elaborar qualquer política devemos permanecer nas posições proletárias, partir dos interesses fundamentais do proletariado e guiarmo-nos pela teoria e pelas teses fundamentais do marxismo-leninismo». Assim declarou o Partido Comunista da

China, mas o que fez e o que está fazendo agora? Fez e faz exatamente o oposto.

No documento citado e em outras ocasiões, o Partido Comunista da China declarou que «deve-se desmascarar o imperialismo norte-americano como o maior inimigo da revolução, do socialismo e dos povos de todo o mundo». Agregou entre outras coisas que «não é correto apoiar-se nem no imperialismo norte-americano nem em qualquer outro imperialismo, não é correto apoiar-se nos reacionários». Mas o Partido Comunista da China não aplicou estas teses. O Partido do Trabalho da Albânia, que se apóia fortemente nos princípios fundamentais do marxismo-leninismo, atém-se com decisão à luta contra o imperialismo e o social-imperialismo. Precisamente por esta razão a Albânia socialista opõe-se à China e o Partido do Trabalho da Albânia opõe-se ao Partido Comunista da China. Os dirigentes chineses acusam a nós, albaneses, de não fazermos «uma análise marxista-leninista da situação internacional e das contradições» e, conseqüentemente, não seguirmos o caminho dos chineses, de conclamar a «Europa Unida», o Mercado Comum Europeu e os proletários do mundo a se unirem aos norte-americanos contra os soviéticos. Sua conclusão é que, já que não apoiamos o imperialismo norte-americano e a «Europa Unida», etc., favoreceríamos o social-imperialismo soviético.

Essa atitude é não só revisionista, sob o manto do «anti-revisionismo», como também hostil e caluniosa para com a Albânia socialista. O imperialismo norte-americano é agressivo, belicoso e belicista. Os Estados Unidos da América não querem apenas o status quo, como

pretendem os chineses, mas também a expansão, do contrário não haveria motivos para terem contradições com a União Soviética. A citação de Mao mencionada por eles, de que «a América transformou-se num rato, que todo mundo persegue na rua gritando: matem-no, matem-no!», busca demonstrar que somente a União Soviética desejaria a guerra, enquanto os Estados Unidos não. Em sua condescendência para com os Estados Unidos, eles apelam a que não se golpeie o Estado que «reduziu-se à condição de um rato» mas que deve tomar-se aliado da China. Eis a estratégia antimarxista do «marxista» Mao!

Com base na análise apoiada na teoria dos «três mundos», a «estratégia» chinesa concluiu «definitivamente» que «a rivalidade entre as duas superpotências situa-se na Europa». Assombroso! Porém por que não se situa em algum outro ponto do mundo onde a União Soviética procure a expansão, como na Ásia, na África, na Austrália ou na América Latina, mas precisamente na Europa?

Os «teóricos» chineses não o explicam. Seu «argumento» é este: o rival principal dos Estados Unidos é a União Soviética. Essas duas superpotências, das quais uma quer o status quo e a outra a expansão, desencadearão a guerra, tal como ocorreu no tempo de Hitler, na Europa. Também Hitler desejava a expansão, o domínio do mundo, mas para conseguí-lo tinha primeiro de vencer a França, a Inglaterra e a União Soviética. Por isso Hitler iniciou a guerra na Europa e não em outra parte. Mais adiante os revisionistas chineses argumentam que Stálin apoiou-se na Inglaterra e nos Estados Unidos.



Então — concluem os chineses — por que não nos apoiáramos nos Estados Unidos? Mas eles esquecem, conforme explicamos anteriormente, que a União Soviética ligou-se à Inglaterra e aos Estados Unidos depois e não antes de ser atacada pela Alemanha.

Quando a Alemanha de Guilherme II atacou a França e a Inglaterra, os chefes da II Internacional preconizaram a «defesa da pátria burguesa». Tanto os socialistas alemães como os franceses caíram nessa posição. Sabe-se como Lênin condenou essa atitude e o que disse contra as guerras imperialistas. Agora, ao aconselhar a união dos povos europeus com o imperialismo em nome da defesa da independência nacional, os revisionistas chineses atuam tal qual os partidários da II Internacional. Contrariando as teses de Lênin, eles instigam uma futura guerra nuclear que as duas superpotências buscam desencadear e fazem apelos «patrióticos» aos povos e ao proletariado da Europa Ocidental para que deixem de lado as «miudezas» com a burguesia (a opressão, a fome, os assassinatos, o desemprego), não ameacem seu poder, unam-se à OTAN, à «Europa Unida», ao Mercado Comum da grande burguesia e dos consórcios europeus e combatam apenas a União Soviética, para que tomem-se disciplinados soldados da burguesia. Nem a II Internacional poderia fazer melhor.

Mas o que a direção chinesa aconselha aos povos da União Soviética e dos demais países revisionistas do Tratado de Varsóvia, do Comecon? Nada! Em geral ela silencia e nem faz caso desses povos. De vez em quando concita as camarilhas revisionistas que dominam esses países a escapar da União Soviética para unir-se à Amé-

rica do Norte. Na realidade, diz a esses povos: silenciem, submetam-se e tomem-se carne de canhão para a camarilha sanguinária do Krêmlin ! Essa linha da direção revisionista da China é antiproletária, belicista.

Tudo isso mostra que os dirigentes chineses confundem intencionalmente a situação internacional. Encaram-na segundo seu interesse de tomar a China superpotência e não segundo o interesse da revolução, consideram-na no interesse de seu Estado imperialista e não no in'teresse da libertação dos povos, enxergam-na sob o prisma da extinção da revolução em seu país e das revoluções nos demais países e não sob o prisma da organização e intensificação da luta do proletariado e dos povos contra as duas superpotências, bem como contra os opressores burgueses capitalistas dos demais países, vêem-na sob a ótica do estímulo e não da resistência à guerra imperialista mundial.

A caminhada da China para tomar-se superpotência terá graves consequências, em primeiro lugar para a própria China e o povo chinês.

A análise marxista-leninista de sua política leva à conclusão de que a direção chinesa está conduzindo seu país para um beco sem saída. Ela pensa que ao servir o imperialismo norte-americano e o capitalismo mundial conseguirá algumas vantagens para si própria, mas tais vantagens são duvidosas e custarão caro à China. Trarão a catástrofe para o país e naturalmente também terão sensíveis repercussões em outros países.

**A política da China para tornar-se superpotência, inspirada numa ideologia antimarxista, está se desmascarando e desmascarar-se-á ainda mais aos olhos de todos os povos, mas sobretudo dos povos do chamado terceiro mundo.** Os povos compreendem as metas da política de cada Estado, seja ele o que fôr, socialista, revisionista, capitalista ou imperialista. Vêm e compreendem que, apesar de posar de participante do «terceiro mundo», a China não tem as mesmas aspirações e objetivos que os animam. Observam que ela segue uma política social-imperialista. É compreensível que essa política impopular, uma política que ajuda a opressão social e nacional, seja inaceitável para os povos. Ela só interessa às camarilhas reacionárias, aos que dominam e oprimem os povos.

A China apóia e fornece armas à Somália, que está em guerra com a Etiópia empurrada pelos Estados Unidos. Enquanto isso, a União Soviética ajuda a Etiópia a engalfinhar-se com a Somália. Também ocorre o mesmo na Eritréia. Assim, a China toma um partido, a União Soviética o outro. Se a China é vista com bons olhos na Somália, é pelos que estão no poder, não pelo povo somali que está sendo morto. Ela também não é vista com bons olhos pela direção da Etiópia, apoiada pelos soviéticos, nem tampouco pelo povo etíope, que foi insuflado contra os somalis, os quais supostamente procuraram ocupar a Etiópia. Dessa forma, a China não tem qualquer influência nem na Etiópia nem na Somália.

Mas ela também não é vista com bons olhos na Argélia. Esta apóia a frente «Polisário», enquanto a

China toma o partido da Mauritània e do Marrocos, ou seja, do imperialismo norte-americano.

A política externa da China segue uma orientação pretensamente pró-povos árabes. Mas essa política consiste unicamente em fazer os povos árabes se unirem contra o social-imperialismo soviético. Compreende-se por si só que a China auxilia qualquer aproximação dos árabes, em primeiro lugar com os Estados Unidos.

No que diz respeito a Israel, a direção chinesa fala muito contra ele. Mas na prática, por sua estratégia, é pró-Israel. É o que os povos árabes e sobretudo o palestino vêm constatando.

Nos países da Ásia pode-se dizer que a China não tem uma influência visível e estável.

A China não possui uma amizade sincera e estreita com os países vizinhos, para não falar dos outros que estão mais distantes. A política chinesa não é nem pode ser justa, uma vez que não é marxista-leninista. Com base em tal política, ela não pode estabelecer uma amizade sincera com o Vietnã, a Coréia, o Camboja, o Laos, a Tailândia, etc. A China finge desejar a amizade desses países, mas na prática existem entre ela e estes últimos contradições quanto a questões políticas, territoriais e econômicas.

Com a política que segue, a China já entrou em conflito aberto com o Vietnã. Vêm ocorrendo graves incidentes na fronteira entre os dois países. Os social-imperialistas chineses interferiram profundamente nos assuntos internos daquele país, inflaram o conflito entre o Camboja e o Vietnã em função de seus próprios fins expansionistas. Quando a direção chinesa comporta-se

dessa forma com o Vietnã, que até ontem considerava como país irmão e amigo íntimo, o que podem pensar os países da Ásia sobre a política chinesa? Podem confiar nela?

Falar da influência da China nos países da América Latina seria perda de tempo. Ali ela não tem influência, nem política, nem ideológica, nem econômica. Toda a influência da China reside na amizade com um certo Pinochet, um fascista sanguinário e furioso. Essa atitude da China indignou não só os povos da América Latina, mas também a opinião pública mundial. Todos vêem que a direção chinesa é favorável aos governantes opressores, aos ditadores e generais que dominam os povos, é favorável ao imperialismo norte-americano que cravou suas garras no dorso dos povos desse Continente. Assim, pode-se dizer que a influência da China na América Latina é insignificante, fraca e inconsistente.

Além de não contar com a simpatia e o apoio dos povos, a política dos dirigentes chineses fará com que a China se isole cada vez mais dos Estados progressistas, do proletariado mundial. Não pode haver povo, não se consegue encontrar proletariado e revolucionários que apoiem a política da China, quando vêm ao lado dos dirigentes chineses ex-generais nazistas alemães, ex-generais e almirantes militaristas japoneses, generais fascistas portugueses, etc., etc., tal como ocorreu na tribuna da praça Tien An-men no dia da festa nacional de 1º de outubro de 1977.

A China não pode avançar no caminho de sua transformação numa superpotência sem intensificar a exploração das amplas massas trabalhadoras interna-

mente. Os Estados Unidos e os demais Estados capitalistas procurarão auferir superlucros com o capital que investirão ali, pressionarão inclusive em favor de transformações rápidas e radicais da base e da superestrutura da sociedade chinesa no sentido capitalista. O incremento da exploração das massas de muitos milhões para manter a burguesia chinesa e seu gigantesco aparelho burocrático, para fazer frente ao resgate dos créditos e juros dos capitalistas estrangeiros levará inevitavelmente ao surgimento de profundas contradições entre o proletariado e o campesinato chinês, de um lado, e os opressores burguês-revisionistas de outro. Isso colocará estes últimos perante as massas trabalhadoras de seu próprio país, o que não pode deixar de conduzir a agudos conflitos e explosões revolucionárias na China.

## II

### O «PENSAMENTO MAO TSETUNG», TEORIA ANTIMARXISTA

A situação atual do Partido Comunista da China, seus muitos ziguezagues e atitudes oscilantes, oportunistas, as frequentes mudanças na estratégia, a política passada e presente de sua direção para tomar a China superpotência colocam com toda naturalidade o problema do lugar e do papel de Mao Tsetung e suas idéias, o chamado «pensamento Mao Tsetung», na revolução chinesa.

O «pensamento Mao Tsetung» é uma «teoria» desprovida das características do marxismo-leninismo. Todos os dirigentes chineses, tanto os que estiveram no poder anteriormente como os que o tomaram agora, sempre especularam com o «pensamento Mao Tsetung» nas formas de organização e métodos de ação, nos objetivos estratégicos e táticos, para levar à prática seus planos contra-revolucionários.

Nós, comunistas albaneses, formamos gradualmente nossa opinião e nossa convicção sobre o perigo apresentado pelo «pensamento Mao Tsetung», ao observar a atividade suspeita, as atitudes oscilantes e contradito-

rias, a ausência de princípios e o pragmatismo da política interna e externa da China, o afastamento do marxismo-leninismo e o emprego de frases de esquerda como disfarce. Quando nosso Partido foi criado, durante a Luta de Libertação Nacional, e após a Libertação, os conhecimentos de nossa gente sobre a China eram muito reduzidos. Porém, como todos os revolucionários do mundo, também nós havíamos formado uma opinião progressista a seu respeito: «A China é um grande Continente, a China combate, a revolução contra o imperialismo, contra as concessões estrangeiras está em efervescência na China», etc., etc. Em geral, conhecíamos alguma coisa sobre a atividade de Sun Yat-sen, sobre seus vínculos e sua amizade com a União Soviética e com Lênin; por fim, sabíamos algo sobre o Kuomintang, conhecíamos a luta do povo chinês contra os japoneses e a existência do Partido Comunista da China, considerado um grande partido, tendo à frente um marxista-leninista, Mao Tsetung. E só.

Nosso Partido só teve contatos mais estreitos com os chineses após 1956. Esses contatos foram se incrementando devido à luta que nosso Partido desenvolveu contra o revisionismo contemporâneo kruschovista. Foi então, e principalmente quando o Partido Comunista da China entrou em conflito aberto com os revisionistas kruschovistas, que nossas contatos com o Partido Comunista da China, ou mais exatamente com seus quadros dirigentes, tomaram-se mais frequentes e mais próximos. Mas devemos dizer que, por mais que os encontros mantidos com os dirigentes chineses tenham sido positivos e camaradescos, em certa medida a China, Mao



Tsetung e o Partido Comunista da China continuavam a ser um grande enigma para nós.

Mas por que a China, seu Partido Comunista e Mao Tsetung eram um enigma? Eram um enigma porque muitas atitudes dos dirigentes chineses, fossem elas gerais ou mesmo pessoais, quanto a uma série de grandes problemas políticos, ideológicos, militares e organizativos, eram oscilantes, ora para a direita, ora para a esquerda. Às vezes eles se mostravam decididos, às vezes indecisos, em certas ocasiões mantinham mesmo atitudes justas, mas o que mais se destacava eram suas posturas oportunistas. Durante todo o período em que viveu Mao, a política chinesa em geral foi oscilante, era uma política de conjuntura, não tinha uma espinha dorsal marxista-leninista. Mudava-se de um dia para outro a forma de referir-se a importantes problemas políticos. Não se podia encontrar na política chinesa um fio condutor vermelho, firme e consequente.

Naturalmente, todas essas posições chamavam nossa atenção e nós não as aprovávamos, mas, apesar de tudo, pelo que conhecíamos da atividade de Mao Tsetung, pautávamo-nos pela opinião geral de que ele era um marxista-leninista. Quanto a muitas teses de Mao Tsetung, como a de tratar as contradições entre o proletariado e a burguesia como contradições não antagônicas, a tese da existência de classes antagônicas durante todo o período do socialismo, a tese de que «o campo cerca a cidade», que absolutiza o papel do campesinato na revolução, etc., tínhamos nossas reservas e nossos pontos de vista marxistas-leninistas, que transmitimos aos dirigentes chineses nas ocasiões adequadas. Quanto a outras

concepções e posições políticas de Mao Tsetung e do Partido Comunista da China que não se coadunavam com os pontos de vista e atitudes marxistas-leninistas de nosso Partido, considerávamo-los como táticas temporárias de um grande Estado, ditadas por situações determinadas. Mas, com o passar do tempo, tomava-se cada vez mais claro que as atitudes do Partido Comunista da China não eram apenas táticas.

Analisando os fatos, nosso Partido chegou a algumas conclusões gerais e particulares que o levaram a a ser vigilante, mas ele evitava a polêmica com o Partido Comunista da China e com os dirigentes chineses, não porque tivesse medo de polemizar com eles, mas porque os dados que tinha a respeito do caminho errôneo, antimarxista desse Partido e do próprio Mao Tsetung não eram completos, ainda não lhe permitiam chegar a uma conclusão global. Por outro lado, durante certo tempo o Partido Comunista da China opunha-se ao imperialismo norte-americano e à reação. Ele também manteve uma atitude contrária aos revisionistas kruschovianos soviéticos, em que pese estar claro agora que sua luta contra o revisionismo soviético não era ditada por corretas posições de princípio marxistas-leninistas.

Além disso, não tivemos pleno conhecimento da vida interna política, econômica, cultural, social, etc. da China. A organização do Partido e do Estado chinês sempre permaneceu fechada para nós. O Partido Comunista da China não nos deu nenhuma possibilidade de estudar as formas de organização do Partido e do Estado

chinês. Nós, comunistas albaneses, conhecíamos apenas uma certa organização estatal geral da China e nada mais; não nos criavam possibilidades de conhecer a experiência do Partido na China, de ver como ele atuava, como era organizado, que sentido havia tomado o desenvolvimento dos trabalhos nos diversos setores, qual era concretamente esse sentido.

Os dirigentes chineses atuaram com astúcia. Não tomaram públicos muitos documentos necessários ao conhecimento da atividade do Partido e do Estado. Sempre se esquivaram de divulgar seus documentos. Mesmo os poucos documentos publicados de que se dispõe são fragmentários. Quanto aos quatro volumes das Obras de Mao, que podem ser considerados oficiais, além de conter apenas materiais escritos até 1949, são cuidadosamente arrumados de forma a não apresentar um quadro exato das situações tal qual elas ocorreram realmente na China.

A apresentação política e teórica dos problemas na imprensa chinesa — para não falar da literatura, que era completamente confusa — tinha apenas caráter propagandístico. Os artigos eram pontilhados dos típicos chavões chineses, expressos em fórmulas aritméticas, como «os três bens e os cinco males», «os quatro velhos e os quatro novos», «as duas recordações e os cinco autocontroles», «as três verdades e as sete mentiras», etc., etc. O exame «teórico» dessas fórmulas aritméticas era difícil para nós, que nos acostumamos a pensar, a atuar e a escrever de acordo com a teoria e a cultura tradicional marxistas-leninistas.

Os dirigentes chineses não convidaram qualquer

delegação de nosso Partido a visitá-los e estudar sua experiência. E mesmo quando alguma delegação esteve lá, a pedido de nosso Partido, fizeram mais propaganda e levaram-na de um lado para outro em visitas a comunas e fábricas do que lhe forneceram explicações ou experiências do trabalho do Partido. Em relação a quem mantinham essa estranha atitude? Conosco, os albaneses, seus amigos, que os defendemos nas situações mais difíceis. Todos esses comportamentos eram incompreensíveis para nós, mas ao mesmo tempo um sinal de que o Partido Comunista da China não queria fornecer-nos um quadro nítido de sua situação.

Mas a atenção de nosso Partido foi ainda mais despertada pela Revolução Cultural, que nos colocou algumas grandes interrogações. Durante a Revolução Cultural, desencadeada por Mao Tseung, verificaram-se na atividade do Partido Comunista da China e do Estado Chinês pensamentos e ações políticas, ideológicas e organizativas estranhas, que não se baseavam nos ensinamentos de Marx, Engels, Lênin e Stálin. O julgamento das suspeitas práticas anteriores, assim como das constatadas durante a Revolução Cultural, mas sobretudo dos acontecimentos posteriores, o sobe e desce desse ou daquele grupo na direção, num dia o grupo de Lin Piao, noutro o de Deng Xiaoping, de um Hua Guofeng, etc., cada qual com sua plataforma contrária à do outro, tudo isso estimulou nosso Partido a aprofundar melhor o estudo dos pontos de vista e da conduta de Mao Tsetung e do Partido Comunista da China, a formar uma idéia mais completa do «pensamento Mao Tsetung». Não nos parecia uma conduta revolucionária que a

Revolução cultural não fosse dirigida pelo Partido, mas uma explosão caótica na sequência de um chamamento feito por Mao Tsetung. A autoridade de Mao na China levantou milhões de jovens desorganizados, de estudantes universitários e secundaristas, que marchavam para Pequim, para os Comitês do Partido e do poder e os dissolviam. Dizia-se que esses jovens representavam então a «ideologia proletária» na China e ensinariam ao Partido e aos proletários o caminho da «verdade»!

Uma revolução como aquela, que tinha acentuado caráter político, foi denominada cultural. Para nosso Partido essa denominação era inexata, pois na realidade eclodira na China um movimento político e não cultural. Mas o principal era que a «Grande Revolução Proletária» não era dirigida nem pelo Partido nem pelo proletariado. Essa grave situação emanava das velhas concepções antimarxistas de Mao Tsetung, que subestimava o papel dirigente do proletariado na revolução e superestimava o da juventude. Mao havia escrito: «Que papel passou então a desempenhar a juventude a partir do 'Movimento 4 de Maio'? Em certo sentido, a juventude desempenhou um papel de vanguarda. Isso foi reconhecido por todos no nosso país, à exceção dos ultra-reacionários. Mas o que quer dizer desempenhar o papel de vanguarda? Isso significa desempenhar o papel de guia...».\*

Assim, a classe operária foi deixada de lado e em

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, ed. albanesa, vol. III, pg. 19.

muitos casos se opôs aos guardas vermelhos, entrando inclusive em choque com eles. Nossos camaradas que estavam então na China viram com seus próprios olhos operários das fábricas que lutavam contra jovens. O Partido foi dissolvido, foi liquidado, os comunistas e o proletariado nem sequer eram levados em conta. A situação era muito grave.

Nosso Partido apoiou a Revolução Cultural porque as vitórias da revolução na China estavam em perigo. O próprio Mao Tsetung nos disse que o Partido e o Estado tinham sido usurpados pelo grupo renegado de Liu Shao-chi e de Deng Xiaoping e as vitórias da revolução chinesa estavam em perigo. Nessas condições, independente de quem era responsável pelas coisas terem ido tão longe, nosso Partido apoiou a Revolução Cultural. Nosso Partido defendeu o irmão povo chinês, a causa da revolução e do socialismo na China e não a luta fracionista dos grupos antimarxistas que se defrontavam e se combatiam inclusive com armas para tomar o poder.

O desenrolar dos acontecimentos mostrou que a Grande Revolução Cultural Proletária não era nem revolução, nem grande, nem cultural e nem muito menos proletária. Tratava-se de um putsch palaciano em escala pan-chinesa para liquidar um grupo de reacionários que havia tomado o poder.

Evidentemente essa Revolução Cultural era uma mistificação, liquidou tanto o Partido Comunista da China como as organizações de massas e envolveu a China num novo caos. Essa revolução foi dirigida por elementos não marxistas, que foram liquidadas num

putsch militar por outros elementos antimarxistas e fascistas.

Em nossa imprensa Mao Tsetung foi qualificado como grande marxista-leninista, mas nós nunca empregamos nem aprovamos as definições da propaganda chinesa, que qualificava Mao como clássico do marxismo-leninismo e o «pensamento Mao Tsetung» como sua terceira e mais elevada etapa. Nosso Partido considerou o estímulo ao culto de Mao Tsetung na China como incompatível com o marxismo-leninismo.

O desenvolvimento caótico da Revolução Cultural e seus resultados fortaleceram ainda mais a opinião, não bem cristalizada, de que o marxismo-leninismo não era conhecido nem aplicado na China, de que em essência o Partido Comunista da China e Mao Tsetung não tinham pontos de vista marxistas-leninistas, apesar da fachada, dos slogans que empregavam, «pelo proletariado, por sua ditadura e pela aliança com o campesinato pobre» e muitas outras fórmulas do gênero.

A luz desses acontecimentos nosso Partido começou a ver mais profundamente as causas das vacilações que se haviam verificado na atitude da direção chinesa em relação ao revisionismo kruschovista, como em 1962, quando ela procurava a conciliação e a união com os revisionistas soviéticos em nome de uma pretensa frente unida contra o imperialismo norte-americano, ou em 1964, quando Chu Enlai, na sequência dos esforços para conciliar-se com os soviéticos, foi a Moscou para saudar a ascensão do grupo de Brezhnev ao poder. Essas oscilações não eram ocasionais, refle-

tiam falta de princípios e de consequência revolucionária.

Quando Nixon foi convidado à China e a direção chinesa, com Mao Tsetung à frente, proclamou a política de aproximação e união com o imperialismo norte-americano, ficou claro que a linha e a política da China estavam em total contradição com o marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário. Depois disso os fins chauvinistas e hegemônistas da China começaram a tomar-se mais evidentes. A direção chinesa passou a opor-se mais abertamente às lutas revolucionárias e de libertação dos povos, ao proletariado mundial e ao verdadeiro movimento marxista-leninista. Proclamou a chamada teoria dos três mundos, que procurava impor como linha geral a todo o movimento marxista-leninista.

O Partido do Trabalho da Albânia, partindo dos interesses da revolução e do socialismo, pensando que os erros constatados na linha do Partido Comunista da China provinham de uma avaliação não correta da situação e de dificuldades diversas, procurou mais de uma vez ajudar a direção chinesa a corrigí-los e superá-los. Com sinceridade e camaradagem, nosso Partido expressou abertamente seus pontos de vista a Mao Tsetung e outros dirigentes chineses; e quanto a várias atitudes da China que afetavam diretamente a linha geral do movimento marxista-leninista, os interesses dos povos e da revolução, comunicou oficialmente por escrito ao Comitê Central do Partido Comunista da China suas observações e seu inconformismo.



Mas a direção chinesa nunca recebeu bem as observações justas e de princípio de nosso Partido. Nunca as respondeu e sequer aceitou discutí-las.

Enquanto isso os atos antimarxistas da direção chinesa interna e externamente tomavam-se mais abertos e visíveis. Tudo isso obrigou nosso Partido e todos os demais marxistas-leninistas a reavaliar a linha do Partido Comunista da China, os conceitos políticos e ideológicos que o dirigiram, sua atividade concreta e as consequências dela derivadas. Constatamos então que o «pensamento Mao Tsetung», que dirigiu e dirige o Partido Comunista da China, representa uma perigosa variante do revisionismo contemporâneo, contra a qual deve-se travar um combate multilateral nos planos teórico e político.

**O «pensamento Mao Tsetung» é uma variante do revisionismo que começou a tomar forma desde antes da II Guerra Mundial, em particular após 1935, quando Mao Tsetung chegou ao poder.** Naquele período, Mao Tsetung desencadeou, juntamente com seus partidários, uma campanha «teórica» sob o lema da luta contra o «dogmatismo», os «esquemas prontos», os «chavões estrangeiros», etc. e colocou o problema da elaboração do marxismo nacional, negando o caráter universal do marxismo-leninismo. Na lugar do marxismo-leninismo, ele pregava o «modo chinês» de tratamento dos problemas e o estilo chinês, «...cheio de frescura e de viço, agradável ao ouvido das pessoas comuns da nossa

terra»\*, preconizando assim a tese revisionista de que em cada país o marxismo deve ter conteúdo particular, específico.

O «pensamento Mao Tsetung» foi proclamado o ápice do marxismo-leninismo em nossa época. Os dirigentes chineses declararam que «Mao Tsetung resolveu mais questões do que Marx, Engels e Lênin...». Os Estatutos do Partido Comunista da China aprovados no IX Congresso, que desenvolveu seus trabalhos sob a direção de Mao Tsetung, afirmam que «o pensamento Mao Tsetung é o marxismo-leninismo de nossa época...», que Mao Tsetung «herdou, defendeu e desenvolveu o marxismo-leninismo, fazendo-o ingressar numa etapa nova e superior».\*\*

Ao se colocar o «pensamento Mao Tsetung» e não os princípios e normas do marxismo-leninismo na base da atividade partidária, abriu-se ainda mais as portas ao oportunismo e à luta fracionista nas fileiras do Partido Comunista da China.

O «pensamento Mao Tsetung» é um amálgama de concepções, onde idéias e teses tomadas de empréstimo do marxismo misturam-se com outros princípios filosóficos, idealistas, pragmáticos e revisionistas. Ele tem raízes na antiga filosofia chinesa e no passado político e ideológico da China, em sua prática estatal e militarista.

Todos os dirigentes chineses, tanto os que agora

---

\* Mao Tsetung. Obras Escolhidas, ed. albanesa, vol. IV, pg. 84.

\*\* O IX Congresso do Partido Comunista da China, Documentos, pgs. 79-80, Tirana, 1969.

tomaram o poder como os que nele estiveram e foram derrubados, mas que manobraram para levar à prática seus planos contra-revolucionários, sempre tiveram o «pensamento Mao Tsetung» como base ideológica. O próprio Mao Tsetung admitiu que suas idéias podem ser aproveitadas por todos, tanto pelos de esquerda como pelos de direita, como ele chama os diversos grupos que compõem a direção chinesa. Numa carta dirigida a Jiang Qing em 8 de julho de 1966, Mao Tsetung afirma: «A direita no poder pode empregar minhas palavras para tornar-se poderosa por um certo tempo, mas a esquerda pode empregar outras palavras minhas, organizar-se e derrubar os direitistas».\* Isso comprova que Mao Tsetung não foi um marxista-leninista, que seus pontos de vista são ecléticos. Tal coisa transparece em todas as «obras teóricas» de Mao, que, embora camufladas com fraseologia e slogans «revolucionários», não podem ocultar o fato de que o «pensamento Mao Tsetung» nada tem em comum com o marxismo-leninismo.

Uma abordagem crítica mesmo parcial dos escritos de Mao, da maneira de tratar os problemas fundamentais relativos ao papel do partido comunista, às questões da revolução, da construção do socialismo, etc., deixa absolutamente claro a radical diferença entre o «pensamento Mao Tsetung» e o marxismo-leninismo.

Tomemos inicialmente as **questões relativas à organização do partido e seu papel dirigente**. Mao porta-

---

\* «Le Monde», 2 de dezembro de 1972.

va-se como se fosse favorável à aplicação dos princípios leninistas de partido, mas, caso se analise concretamente suas idéias sobre o partido e sobretudo a prática da vida partidária, fica evidente que ele substituiu os princípios e normas leninistas por teses revisionistas.

Mao Tsetung não organizou o Partido Comunista da China com base nos princípios de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Não trabalhou para torná-lo um partido de tipo leninista, um partido bolchevique. Mao Tsetung não defendia um partido classista proletário, mas um partido sem fronteiras de classe. Empregou a palavra-de-ordem do partido de massas para apagar a fronteira entre o partido e a classe. Consequentemente, quem quer que quizesse podia entrar e sair do Partido quando bem entendesse. Nesse particular os pontos de vista do «pensamento Mao Tsetung» são idênticos aos dos revisionistas iugoslavos e dos «eurocomunistas».

Ao lado disso, Mao Tsetung sempre colocou a construção, os princípios e as normas do partido na dependência de suas próprias atitudes e seus interesses, de sua política oportunista, ora de direita, ora de esquerda, aventureira, da luta entre frações, etc.

Nunca houve no Partido Comunista da China verdadeira unidade marxista-leninista de pensamento e ação. A luta entre frações que existiu desde a fundação do Partido Comunista da China impediu que se estabelecesse em seu seio uma correta linha marxista-leninista, que ele se guiasse pelo pensamento marxista-leninista. As diversas tendências que se manifestavam nos principais dirigentes do Partido eram ora de es-

querda, ora oportunistas de direita, algumas vezes centristas e iam até pontos de vista abertamente anarquistas, chauvinistas e racistas. Enquanto Mao Tsetung com seu grupo estava à frente do Partido essas tendências eram uma das características distintivas do Partido Comunista da China. O próprio Mao Tsetung preconizou a necessidade de «duas linhas» no partido. Segundo ele, a existência e a luta entre duas linhas são algo natural, são uma manifestação da unidade dos contrários, são a política flexível que reúne em seu interior o espírito de princípios e o compromisso. «Poder-se-à assim — dizia ele — utilizar as duas mãos em relação a um camarada que errou: com uma o combateremos, com outra faremos unidade com ele. O propósito da luta é manter os princípios marxistas, o que significa firmeza quanto aos princípios; este é um aspecto do problema. O outro é fazer unidade com ele. A unidade tem por objetivo oferecer-lhe uma saída, realizar um compromisso com ele.»\*

Tais pontos de vista são diametralmente opostos aos ensinamentos marxistas-leninistas sobre o partido comunista enquanto destacamento organizado e de vanguarda, que deve possuir uma única linha e uma férrea unidade de pensamento e de ação.

A luta de classes no seio do partido, como reflexo da luta de classes que se desenvolve fora dele, nada tem em comum com as concepções de Mao Tsetung so-

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, vol. V, pg. 560, versão francesa, Pequim, 1977 (ano da primeira edição deste volume pelos chineses).

bre «as duas linhas no Partido». O partido não é arena de diversas classes, onde se trava uma luta entre classes antagônicas, não é um agrupamento de pessoas com objetivos opostos. O verdadeiro partido marxista-leninista é apenas da classe operária e possui os interesses desta em seus alicerces. Este é o fator decisivo para a vitória da revolução e da construção do socialismo. J.V. Stálin, defendendo os princípios leninistas sobre o Partido, que não toleram a existência de muitas linhas e correntes opostas no partido comunista, acentuava que

*«...o partido comunista é o partido **monolítico** do proletariado e não o partido de um bloco de elementos de diferentes classes».\**

Já Mao Tsetung concebe o partido como uma união de classes com interesses contrários, como uma organização onde duas forças se defrontam e se combatem, o proletariado e a burguesia, o «estado-maior proletário» e o «estado-maior burguês», que devem ter seus representantes desde a base até os mais elevados órgãos dirigentes do partido. Dessa forma, ele solicitava em 1956 que se elegesse para o Comitê Central dirigentes das frações de direita e de esquerda, apresentando para isso argumentos tão ingênuos quanto ridículos. «Todo o país e mesmo o mundo inteiro — diz ele — sabe bem que eles cometeram erros de linha, e é justamente sua celebridade a razão de sua eleição. Que remédio!

---

\* J. V. Stálin, Obras, ed. albanesa, vol. XI, pg. 280.

Eles são famosos, enquanto vocês que não cometeram erros ou cometeram apenas pequenos erros não são tão célebres quanto eles. Em nosso país, onde a pequena burguesia é tão numerosa, eles são duas bandeiras.»\* Renunciando à luta de princípios nas fileiras do partido, Mao Tsetung fazia o jogo das frações, buscava o compromisso com algumas delas para se opor a outras e fortalecer assim suas próprias posições.

Com tal plataforma organizativa, o Partido Comunista da China nunca foi nem poderia ser um partido marxista-leninista. Não se respeitava nele os princípios e as normas leninistas. O Congresso, enquanto órgão colegiado e superior do Partido, não foi convocado regularmente. Entre o VII e o VIII Congressos, por exemplo, decorreram 11 anos, e entre o VIII e o IX, realizados após a guerra, passaram-se 13 anos. Além disso, mesmo os Congressos realizados foram formais, mais reuniões de fachada do que de trabalho. Os delegados aos Congressos não eram eleitos em concordância com os princípios e normas marxistas-leninistas da vida partidária, mas designados pelos órgãos dirigentes, e atuavam segundo o sistema de representação permanente.

O jornal «Renmin Ribao» publicou recentemente um artigo, escrito por um chamado grupo teórico do «Escritório Geral» do Comitê Central do Partido Comunista da China.\*\* O artigo afirma que Mao havia criado em torno de si, sob o nome de «Escritório Geral»,

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, vol. V, pg. 348, versão francesa, Pequim, 1977.

\*\* «Tenhamos Sempre em Mente os Ensinamentos do Presidente Mao», «Renmin Ribao», 8 de setembro de 1977.

um aparelho especial que supervisionava e mantinha sob controle o Birô Político, o Comitê Central do Partido, os quadros do Estado, do Exército, dos órgãos de Segurança, etc. Ter acesso a esse Escritório e conhecer seu trabalho era algo proibido a todos, inclusive o Comitê Central e o Birô Político. Ali se elaborava os projetos de derrubada ou promoção desse ou daquele grupo fracionista. O pessoal desse Escritório encontrava-se em toda parte, sondando, observando e informando de maneira independente e à margem do controle do Partido. Além disso o Escritório também tinha à sua disposição destacamentos armados inteiros, camuflados sob o nome de «Guarda do presidente Mao». Essa guarda pretoriana de mais de 50 000 homens entrava em ação quando o presidente decidia «atuar de um só golpe», como ocorreu frequentemente na história do Partido Comunista da China e voltou a ocorrer ainda há pouco com a detenção dos «quatro» e seus partidários por Hua Guofeng.

A pretexto de manter contato com as massas, Mao Tsetung também havia criado uma rede especial de informantes locais que encarregara da tarefa de investigar e vigiar os quadros de base, a atuação e a psicologia das massas, sem que ninguém o soubesse. Tais elementos informavam direta e unicamente Mao Tsetung, que havia cortado todos os meios de comunicação com as massas e via o mundo através dos dados dos agentes do «Escritório Geral». Mao disse: «De minha parte, sou uma pessoa que não ouve rádio, nem do exterior nem da China, apenas transmito». Ele afirmou também: «Declarei abertamente que não vou



mais ler o jornal 'Renmin Ribao'. Disse isso até ao seu redator-chefe: eu não leio teu jornal».\*

O artigo do «Renmin Ribao» fornece novos dados para se compreender ainda melhor a orientação antimarxista e o poder pessoal de Mao Tsetung no Partido e no Estado chinês. Mao Tsetung não tinha a menor consideração nem pelo Comitê Central nem pelo Congresso do Partido, para não falar do Partido em seu conjunto e dos seus comitês de base. Os comitês do Partido, os quadros dirigentes e até o próprio Comitê Central recebiam ordens do «Escritório Geral», desse «estado-maior especial», que só respondia a Mao Tsetung. As instâncias, os órgãos eleitos do Partido não tinham qualquer competência. O artigo do «Renmin Ribao» diz que «nenhum telegrama, nenhuma carta, nenhum documento, nenhuma ordem pode ser emitido por quem quer que seja sem o exame e aprovação prévios de Mao Tsetung». Ocorre que desde 1953 Mao Tsetung havia ordenado incisivamente: «De hoje em diante, qualquer documento ou telegrama expedido em nome do Comitê Central só poderá ser expedido depois que eu o tiver lido; *de outra forma não terá validade*».\*\* Nessas condições, nem se podia falar em colegiatura, em democracia interna no Partido, em normas leninistas.

---

\* Da conversação de Mao Tsetung com camaradas de nosso Partido em 3 de fevereiro de 1967. Arquivo Central do Partido do Trabalho da Albânia (ACP).

\*\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, vol. V, pg. 96, versão francesa, Pequim 1977.

O poder ilimitado de Mao Tsetung chegava ao ponto dele definir até seus herdeiros. Outrora ele havia designado Liu Shao-chi como seu substituto. Mais tarde proclamou que o herdeiro do poder e do Partido após sua morte seria Lin Piao. Esse procedimento nunca visto na prática de partidos marxistas-leninistas foi consagrado até nos Estatutos do Partido. Foi novamente Mao Tsetung quem designou Hua Guofeng presidente do Partido depois que ele morresse. Com o poder na mão, o próprio Mao criticava, julgava, punia e mais tarde reabilitava altos dirigentes do Partido e do Estado. Foi o que ocorreu com Deng Xiaoping, que em sua chamada autocrítica de 23 de outubro de 1966 declarou: «Eu e Liu Shao-chi somos verdadeiros monarquistas. A essência dos meus erros reside em que eu não tenho confiança nas massas, não apóio as massas revolucionárias, mas coloquei-me contra elas, segui uma linha reacionária para esmagar a revolução; na luta de classes não permaneci no campo do proletariado e sim no da burguesia... Tudo isso mostra que... não sou adequado para ocupar postos de responsabilidade»\*. E apesar desses crimes que cometeu, esse revisionista impenitente foi reconduzido à cadeira que ocupava.

**A essência antimarxista do «pensamento Mao Tsetung sobre o partido e seu papel manifesta-se igualmente na maneira de conceber teoricamente e levar à prática as relações entre o partido e o exército. Independente das fórmulas que Mao Tsetung empregava,**

---

\* Da autocrítica de Deng Xiaoping. ACP.

dizendo que «o Partido está acima do Exército», «a política acima do fuzil», etc., etc., na prática ele deixava ao Exército o papel político principal na vida do país. Desde o tempo da guerra ele dizia: «Todos os quadros do Exército devem ser capazes de dirigir os operários e de organizar sindicatos, de mobilizar e organizar a juventude, de unir-se aos quadros das novas regiões libertadas e instruí-los, de administrar a indústria e o comércio, de dirigir escolas, jornais, agências de notícias e estações de rádiodifusão, de tratar questões das relações exteriores, de resolver problemas relativos aos partidos democráticos e às organizações populares, de coordenar as relações entre a cidade e o campo, de resolver problemas da alimentação, do abastecimento de carvão e outros artigos e produtos de primeira necessidade, bem como de solucionar questões monetárias e financeiras.»\*

Portanto, o Exército situava-se acima do Partido, acima dos órgãos estatais, acima de tudo. Deduz-se daí que as palavras de Mao Tsetung a respeito do papel do partido como fator decisivo para dirigir a revolução e a construção do socialismo eram simples slogans. Tanto no tempo da guerra de libertação como após a criação da República Popular da China, o Exército desempenhou o papel decisivo em todas as constantes lutas pela tomada do poder por essa ou aquela fração. O Exército também jogou o papel principal durante a Revolução Cultural; era a última reserva de

---

\* Mao Tsetung, Obras escolhidas, vol. IV, pg. 355, versão francesa, Pequim, 1962.

Mao. «Nós apoiamo-nos na força do Exército — disse Mao Tsetung em 1967 — ...Em Pequim tínhamos apenas duas divisões, mas em maio trouxemos outras duas para ajustar as contas com o antigo Comitê do Partido em Pequim»\*

Mao Tsetung sempre colocou o Exército em movimento para liquidar seus adversários ideológicos. Levantou o Exército com Lin Piao à frente para atuar contra o grupo de Liu Shao-chi e Deng Xiaoping. Juntamente com Chu Enlai, organizou e lançou mais tarde o Exército contra Lin Piao. Inspirado pelo «pensamento Mao Tsetung», o Exército continuou a desempenhar esse papel mesmo após a morte de Mao. Como todos os que ascenderam ao poder na China, também Hua Guofeng apoiou-se no Exército e atuou com ele. Assim que Mao morreu ele levantou imediatamente o Exército, organizou o putsch juntamente com os militares Ye Yionying, Wang Dongxing e outros, deteve seus adversários.

O poder na China continua nas mãos do Exército, enquanto o Partido fica a reboque. Trata-se de uma característica geral dos países onde o revisionismo domina. Os autênticos países socialistas fortalecem o exército, enquanto poderosa arma da ditadura do proletariado, para esmagar os inimigos do socialismo caso se sublevem e para defender-se de um eventual ataque da parte dos imperialistas e da reação externa. Mas, conforme nos ensina o marxismo-leninismo, para que o

---

\* Da conversação de Mao Tsetung com uma delegação da Amizade da RPA em 18 de dezembro de 1967. ACP.

exército desempenhe sempre este papel deve estar invariavelmente sob a direção do partido e não o partido sob a direção do exército.

Quem faz a lei na China atualmente são as frações mais fortes do Exército, que são as mais reacionárias, que visam transformar a China num país social-imperialista.

Paralelamente à transformação da China numa superpotência imperialista, o papel e a força do Exército na vida do país também aumentarão sempre mais. O Exército fortalecer-se-á, enquanto guarda pretoriana armada até os dentes para defender um regime e uma economia capitalistas. Será instrumento de uma ditadura burguesa capitalista, de uma ditadura que, caso a resistência popular seja forte, poderá mesmo assumir formas abertamente fascistas.

Ao pregar a necessidade da existência de muitos partidos na direção do país, o chamado pluralismo político, o «pensamento Mao Tsetung» opõe-se por completo à doutrina marxista-leninista sobre o papel exclusivo do Partido Comunista na revolução e na construção socialistas. Conforme declarou E. Snow, Mao Tsetung considerava a direção de um país por mais de um partido político, segundo o modelo norte-americano, como a forma mais democrática de governo. «O que é melhor afinal — perguntava Mao Tsetung — que haja um só ou vários partidos?» E respondia: «Pelo que vemos hoje é preferível que haja vários. Isso não só é válido para o passado como pode sê-lo também para o futuro; significa coexistência duradoura e controle recí-

proco.»\* Mao qualificou de indispensável a participação de partidos burgueses no poder e no governo do país com os mesmos direitos e as mesmas prerrogativas do Partido Comunista da China. E não só isso. Segundo ele esses partidos da burguesia, que eram «históricos», não poderiam desaparecer exceto quando chegasse a hora do desaparecimento do próprio Partido Comunista da China, ou seja, todos coexistiriam até o comunismo.

Segundo o «pensamento Mao Tsetung» só pode existir um novo regime democrático e só se pode construir o socialismo com base na colaboração de todas as classes e de todos os partidos. Essa concepção da democracia socialista, do sistema político socialista, apoiada na «coexistência duradoura e controle recíproco» de todos os partidos e muito semelhante à prédica atual dos revisionistas italianos, franceses, espanhóis, etc., é uma negação aberta do papel dirigente e exclusivo do partido marxista-leninista na revolução e na edificação do socialismo. A experiência histórica já comprovou que sem o papel dirigente e exclusivo do partido marxista-leninista não pode existir ditadura do proletariado, não se pode construir e defender o socialismo.

*«...A ditadura do proletariado — dizia Stálin — só pode ser completa quando é dirigida por um partido, o Partido dos comunistas, que não divide nem deve dividir a direção com outros partidos».\*\**

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, Vol. V, pg. 319, versão francesa, Pequim, 1977.

\*\* J. V. Stálin, Obras, ed. albanesa, Vol. X, pg. 97.

As concepções revisionistas de Mao Tsetung baseiam-se na política de colaboração e aliança com a burguesia, constantemente aplicada pelo Partido Comunista da China. Esta é também a fonte da orientação antimarxista e antileninista do «florescimento de cem flores e concorrência de cem escolas», expressão direta da coexistência de ideologias contrárias.

Segundo Mao Tsetung, ao lado da ideologia proletária, do materialismo e do ateísmo, também se deve permitir na sociedade socialista a existência da ideologia burguesa, do idealismo e da religião, a proliferação de «ervas daninhas» ao lado das «flores perfumadas» etc. Tal orientação seria indispensável ao desenvolvimento do marxismo, à abertura de debates, à liberdade de opinião. Na realidade, ela foi um esforço para dotar de uma base teórica a política de colaboração com a burguesia e coexistência com a ideologia burguesa. Mao Tsetung dizia que «...proibir as pessoas de entrar em contato com o que é falso, pernicioso e hostil, com o idealismo e a metafísica, que se conheça as idéias de Confúcio, Lao Tse e Chiang Kai-chek, seria uma política perigosa. Conduziria à regressão do pensamento, ao unilateralismo e tornaria as pessoas incapazes de resistir às provas da vida...»\* Mao Tsetung conclui daí que o idealismo, a metafísica e a ideologia burguesa existirão eternamente e portanto, além de não deverem ser proibidos, devem ter possibilidade de florescer, de vir à tona e concorrer. Essa postura de conciliação com tudo que é reacionário

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, vol. V, pg. 397, versão francesa, Pequim, 1977.

vai tão longe que qualifica de inevitável as desordens na sociedade socialista e de errônea a proibição da atividade dos inimigos. «A meu ver — diz ele — quem quer que queira provocar desordens poderá fazê-lo pelo tempo que lhe aprouver. Se não basta um mês daremos dois; em todo caso, não fecharemos questão enquanto os promotores de desordens não se considerarem saciados. Se vocês se apressarem em pôr um ponto final nas desordens, cedo ou tarde elas recomeçarão».\*

Isso não foi uma discussão acadêmica, «científica», mas uma linha política oportunista, contra-revolucionária, que se contrapôs ao marxismo-leninismo, que confundiu o Partido Comunista da China, em cujo seio circularam cento e uma concepções e opiniões e realmente existem hoje cem escolas que concorrem entre si. Isso fez com que as vespas burguesas circulassem livremente pelo jardim das cem flores e destilassem seu veneno.

Tal atitude oportunista quanto às questões ideológicas tem raízes, entre outras coisas, no fato do Partido Comunista da China, desde sua fundação até a conquista da libertação e mais tarde, não ter procurado se consolidar ideologicamente, não ter trabalhado para inculcar a teoria de Marx, Engels, Lênin e Stálin na mente e no coração de seus militantes, não ter combatido para assimilar os elementos fundamentais da ideologia mar-

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, vol. V, pgs. 405-406, versão francesa, Pequim, 1977.



xista-leninista e aplicá-los com consequência, passo a passo, às condições concretas da China.

**O «pensamento Mao Tsetung» opõe-se à teoria marxista-leninista da revolução.**

Os escritos de Mao Tsetung falam frequentemente do papel das revoluções no processo de desenvolvimento da sociedade, mas em essência se atêm a uma concepção metafísica, evolucionista. Contrariamente à dialética materialista, que demonstra o desenvolvimento progressivo em forma de espiral, Mao Tsetung compreende o desenvolvimento de forma cíclica, como um círculo vicioso, como um processo por ondas que passa do equilíbrio ao desequilíbrio e novamente ao equilíbrio, do movimento à imobilidade e novamente ao movimento, do ascenso ao descenso e do descenso ao ascenso, do avanço ao retrocesso e novamente ao avanço, etc. Assim, apoiando-se na concepção da filosofia antiga sobre o papel purificador do fogo, Mao Tsetung afirma: «Será preciso 'atear fogo' periodicamente. Como proceder no futuro? Segundo vocês, dever-se-ia fazê-lo a cada ano ou a cada três anos? Eu penso que devemos fazê-lo pelo menos duas vezes em cada quinquênio, à semelhança do que ocorre com o mês intercalado do calendário lunar-solar, que repete-se uma vez em três anos ou duas vezes em cada cinco anos.»\* Portanto, tal qual os astrólogos de outrora, ele extrai do calendário lunar a lei do incêndio periódico, do desen-

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, vol. V, pg. 499, versão francesa, Pequim, 1977.

volvimento que vai da «grande harmonia» à «grande desordem» e novamente à «grande harmonia», repetindo o ciclo periodicamente. Assim o «pensamento Mao Tsetung» contrapõe a concepção metafísica, que «é morta, pálida e árida», à concepção materialista dialética do desenvolvimento, que, como dizia Lênin,

*«...nos fornece a chave do 'automovimento' de tudo que existe; ...nos dá a chave dos 'saltos', da 'ruptura da continuidade', da 'transformação no contrário', da destruição do velho e do surgimento do novo'.\**

Isso fica ainda mais claro no tratamento que Mao Tsetung dispensa ao problema das contradições, quanto ao qual, segundo a propaganda chinesa, ele teria dado uma «particular contribuição», desenvolvendo ulteriormente a dialética materialista neste campo. É verdade que em muitos de seus escritos Mao Tsetung fala frequentemente de contrários, de contradições, de unidade dos contrários, emprega até citações de frases marxistas, mas apesar disso ele está longe da concepção materialista dialética de tais questões. No tratamento das contradições, ele não parte das teses marxistas, mas das dos antigos filósofos chineses, encara os contrários de maneira mecânica, como fenômenos externos, e configura a transformação dos contrários como uma simples troca de lugar entre eles. Operando com alguns dos eternos contrários tomados da filosofia antiga, tais como acima-

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXXVIII, pg. 396.

abaixo, adiante-atrás, direita-esquerda, leve-pesado, etc., etc., Mao Tsetung, na essência, nega as contradições internas dos objetos e fenômenos e trata o desenvolvimento como uma simples repetição, como uma cadeia de situações inalteráveis onde se verificam os mesmos contrários e a mesma relação entre eles. Mao Tsetung interpreta a transformação dos contrários uns nos outros como um esquema formal, ao qual tudo se subordina, uma simples inversão de lugares, e não como a superação da contradição e como uma mudança qualitativa do próprio fenômeno que comporta tais contrários. Partindo desse esquema, Mao chega a declarar que «quando o dogmatismo se transforma em seu contrário, converte-se ou em marxismo ou em revisionismo»,\* «a metafísica transforma-se em dialética e a dialética em metafísica», etc. Por trás dessas afirmações absurdas e do jogo sofista com os contrários, ocultam-se as concepções oportunistas e anti-revolucionárias de Mao Tsetung. Ele não encara a revolução socialista como uma mudança qualitativa da sociedade, em que as classes antagônicas, a opressão e a exploração do homem pelo homem desaparecem. Configura-a como uma simples troca de lugares entre a burguesia e o proletariado. Para demonstrar essa «descoberta», Mao afirma : «Se a burguesia e o proletariado não pudessem transformar-se um no outro, como se explicaria que, por meio da revolução, o proletariado se transforme em classe dominante e a burguesia em classe dominada? ...Nós e o Kuomintang de Chiang Kai-chek

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, vol. V, pg. 479, versão francesa, Pequim, 1977.

estávamos em posições diametralmente opostas. Devido à luta e à exclusão mútuas dos dois aspectos contraditórios, trocamos de lugar com o Kuomintang...»\* A mesma lógica levou Mao Tsetung a revisar a teoria marxista-leninista sobre as duas fases da sociedade comunista. «A dialética ensina que o regime socialista, enquanto fenômeno histórico, desaparecerá um dia, assim como o homem deve morrer, e que o regime comunista será a negação do regime socialista. Como se pode considerar marxista a asserção de que o regime socialista, assim como as relações de produção e a superestrutura do socialismo, não desaparecerão? Não seria isso um dogma religioso, a teologia que professa a eternidade de Deus?»\*\*

Dessa forma, revisando abertamente a compreensão marxista-leninista do socialismo e do comunismo, que em essência são duas fases de um mesmo tipo, de um mesmo sistema econômico-social e distinguem-se apenas pelo seu nível de desenvolvimento e amadurecimento, Mao Tsetung apresenta o socialismo como algo diametralmente oposto ao comunismo.

É com tais concepções metafísicas e antimarxistas que Mao Tsetung trata em geral os problemas da revolução, que ele encara como um processo infinito que se repete periodicamente durante toda a existência da humanidade, um processo que passa da derrota à vitória, da vitória à derrota e assim por diante. As concepções

---

\* Mao Tsetung. Obras Escolhidas, vol. V, pgs. 399-400, versão francesa, Pequim, 1977.

\*\* Op. cit., pg. 409.

antimarxistas, ora evolucionistas e ora anarquistas, de Mao Tsetung sobre a revolução transparecem ainda mais claro quando ele trata os problemas da revolução na China.

Conforme indicam seus escritos, Mao Tsetung não se apoiou na teoria marxista-leninista para analisar os problemas e definir as tarefas da revolução chinesa. No discurso pronunciado na Conferência Ampliada de Trabalho, convocada pelo Comitê Central do Partido Comunista da China em janeiro de 1962, ele próprio afirma: «Durante muitos anos dirigimos nossa atividade revolucionária às cegas, sem saber como se deve realizar a revolução, contra quem se deve dirigir seu gume, sem configurar suas etapas, sem saber quem é preciso derubar inicialmente e quem mais tarde, etc.». Isso fez com que o Partido Comunista da China não fosse capaz de assegurar a direção do proletariado na revolução democrática e a transformação desta em revolução socialista. Todo o desenvolvimento da revolução chinesa testemunha a trajetória caótica do Partido Comunista da China, que guiava-se não pelo marxismo-leninismo mas pelas concepções antimarxistas do «pensamento Mao Tsetung» sobre o caráter, as etapas, as forças motrizes da revolução, etc.

Mao Tsetung nunca pôde compreender e explicar corretamente os estreitos vínculos existentes entre a revolução democrático-burguesa e a revolução proletária. Contrariamente à teoria marxista-leninista, que demonstrou cientificamente que não existe uma muralha da China entre a revolução democrático-burguesa e a re-

volução socialista, que uma não deve separar-se da outra por um longo período, Mao Tsetung afirmava que «a transformação de nossa revolução em revolução socialista é uma questão para o futuro... A questão de saber quando se verificará tal passagem... exige um período bastante longo. Enquanto todas as condições necessárias, políticas e econômicas, não estiverem maduras, enquanto essa transformação não deixar de ser prejudicial e passar a ser benéfica à grande maioria do povo de todo o país, não devemos divagar muito sobre ela».\*

Essa concepção antimarxista, contrária à transformação da revolução democrático-burguesa em revolução socialista, norteou Mao Tsetung durante todo o período da revolução, inclusive após a libertação. Dessa forma, em 1940 Mao Tsetung diz: «A revolução chinesa deve passar necessariamente... à fase da nova democracia e, somente depois, à fase do socialismo. Dessas duas fases, a primeira será relativamente longa...»\*\*. Já em março de 1949, no pleno do Comitê Central do Partido em que apresentou o programa de desenvolvimento da China após a libertação, Mao Tsetung diz: «Durante esse período dever-se-á permitir todos os elementos do capitalismo, da cidade e do campo». Tais pontos de vista e «teorias» fizeram com que o Partido Comunista da China e Mao Tsetung não combatessem para elevar a revolução chinesa à revolução socialista, deixassem campo

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, ed. albanesa, vol. I, pg. 210.

\*\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, ed. albanesa, vol. III, pg. 169.

livre ao desenvolvimento da burguesia e das relações sociais capitalistas.

No que diz respeito à relação entre a revolução democrática e a socialista, Mao Tsetung permanece nas posições dos chefes da II Internacional, que foram os primeiros a atacar e distorcer a teoria marxista-leninista sobre o crescimento da revolução e a aparecer com a tese da existência de um longo período entre a revolução democrático-burguesa e a revolução socialista, durante o qual a burguesia desenvolve o capitalismo e cria as condições para a passagem à revolução proletária. Eles encaravam a transformação da revolução democrático-burguesa em revolução socialista, sem permitir que o capitalismo se desenvolvesse ulteriormente, como algo impossível, como queimar etapas. Mao Tsetung atém-se por completo a essa concepção quando diz: «Seria ilusão completamente vã tentar construir uma sociedade socialista sobre as ruínas da ordem colonial, semicolonial e semifeudal, não se dispondo de um Estado unificado de nova democracia... sem desenvolvimento do setor capitalista privado».\*

As concepções antimarxistas do «pensamento Mao Tsetung» sobre a revolução ficam ainda mais claras no tratamento que Mao dispensou às forças motrizes da revolução. Mao Tsetung não reconhecia o papel hegemônico do proletariado. Lênin disse que no período do imperialismo a direção deve caber ao proletariado em toda revolução, portanto na revolução democrática, na revo-

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, ed. albanesa, vol IV, pg. 366.

lução antiimperialista de libertação nacional e na revolução socialista. Já Mao Tsetung, embora falasse do papel do proletariado, na prática subestimava sua hegemonia na revolução e enaltecia o papel do campesinato. Mao Tsetung disse que «...a luta atual contra os ocupantes japoneses, é, no essencial, uma luta camponesa. Na essência, a ordem política de nova democracia significa entregar o poder aos camponeses».\*

Mao Tsetung exprimiu essa teoria pequeno-burguesa na tese global de que «o campo deve cercar as cidades». «...O campo revolucionário — dizia ele — pode cercar as cidades... O trabalho no campo deve jogar o papel principal no movimento revolucionário chinês, enquanto o trabalho na cidade um papel de segunda ordem».\*\* Mao também refletiu essa idéia quando escreveu sobre o papel do campesinato no poder. Disse que todos os partidos e demais forças políticas devem se submeter ao campesinato e a suas concepções. «...Várias centenas de milhões de camponeses hão de levantar-se como um poderoso furacão, uma tempestade, uma força tão vertiginosa e violenta que nenhum poder poderá deter... Todos os partidos e grupos revolucionários e todos os camaradas revolucionários serão postos à prova pelos camponeses, sendo aceitos ou rejeitados».\*\*\*

---

\* Mao Tsetung. Obras Escolhidas, ed. albanesa, vol. III, pgs. 177-178.

\*\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, ed. albanesa, vol. IV, pgs. 257-259.

\*\*\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, ed. albanesa, vol. I, pgs. 27-28.



do Mao, pertenceria ao campesinato, e não à classe operária, a hegemonia na revolução.

Mao Tsetung também professou a tese sobre a hegemonia do campesinato na revolução como caminho da revolução mundial. Aí reside a fonte da concepção antimarxista que considera o chamado terceiro mundo, também denominado na literatura política chinesa «o campo mundial», como «a principal força motriz para a transformação da sociedade atual». Segundo os pontos de vista chineses, o proletariado é uma força social de segunda categoria, incapaz de desempenhar o papel previsto por Marx e Lênin na luta contra o capitalismo e na vitória da revolução, em aliança com todas as forças oprimidas pelo capital.

A pequena e média burguesia predominou na revolução chinesa. Foi essa vasta camada pequeno-burguesa que influenciou em todo o desenvolvimento da China.

Mao Tsetung não se baseava na teoria marxista-leninista, que ensina-nos que o campesinato, a pequena burguesia em geral, é vacilante. Naturalmente, o campesinato pobre e médio joga um papel importante na revolução e deve tornar-se um íntimo aliado do proletariado. Mas a classe camponesa, a pequena burguesia, não pode dirigir o proletariado na revolução. Pensar e pregar o contrário significa «opor-se ao marxismo-leninismo. Aí reside outra das principais fontes dos pontos de vista antimarxistas de Mao Tsetung, que influenciaram negativamente toda a revolução chinesa.

O Partido Comunista da China não tinha claro nem na teoria o princípio revolucionário básico e condutor sobre a hegemonia do proletariado na revolução e con-

sequentemente tampouco o levava à prática devida e consequentemente. A experiência atesta que o campesinato só pode desempenhar seu papel revolucionário quando atua em aliança com o proletariado e sob sua direção. Isso também ficou provado em nosso país durante a Luta de Libertação Nacional. O campesinato albanês era a força principal de nossa revolução, e apesar disso nossa classe operária, mesmo numericamente reduzida, dirigiu o campesinato, já que a ideologia marxista-leninista, a ideologia do proletariado, encarnada no Partido Comunista, hoje Partido do Trabalho, vanguarda da classe operária, era a guia da revolução. Por isso triunfamos não só na Luta de Libertação Nacional mas também na construção do socialismo.

Nós tivemos sucessivos êxitos, apesar das incontáveis dificuldades que nos pontilharam a caminhada. Alcançamos estes êxitos em primeiro lugar porque o Partido assimilou bem a essência da teoria de Marx e Lênin, compreendeu o que era a revolução, quem a fazia e quem deveria dirigi-la, compreendeu que devia haver um partido de tipo leninista à frente da classe operária em aliança com o campesinato. Os comunistas se compenetraram de que tal partido não devia ter apenas o nome de comunista e sim ser um partido que aplicasse a teoria marxista-leninista da revolução e da construção do partido às condições de nosso país, que se lançasse ao trabalho pela criação da nova sociedade socialista a exemplo da construção do socialismo na União Soviética do tempo de Lênin e Stálin. Esta atitude deu ao nosso Partido a vitória, deu ao país a grande força política, econômica e militar de que dispõe hoje. Caso se tivesse

atuado distintamente, caso não se tivesse aplicado com consequência estes princípios de nossa grande teoria, não se poderia construir o socialismo num pequeno país como o nosso, cercado por inimigos. Mesmo que se tomasse o poder por um momento, a burguesia o teria arrebatado novamente, como ocorreu na Grécia, onde, antes mesmo da vitória na guerra, o Partido Comunista Grego entregou as armas à burguesia reacionária do país e ao imperialismo inglês.

Portanto, a questão da hegemonia na revolução tem grande importância de princípio, já que o sentido e o desenvolvimento da revolução dependem de quem a dirige.

*«A renúncia à idéia da hegemonia — frisava Lênin — é a forma mais grosseira do reformismo.»\**

*Foi precisamente a negação da hegemonia do proletariado pelo «pensamento Mao Tsetung» uma das causas da revolução chinesa ter permanecido uma revolução democrático-burguesa e não ter se elevado à revolução socialista. No escrito «Sobre a Nova Democracia», Mao Tsetung preconizava que se instaurasse na China após a vitória da revolução um regime apoiado na aliança das «classes democráticas», onde ele incluía além do campesinato e do proletariado também a pequena burguesia urbana e a burguesia nacional. «Uma vez*

---

\* V. I. Lênin. Obras, ed. albanesa, vol. XVII, pg. 252.

que todos compartilhem da comida, quando há — afirmava ele — não se permite que um só partido, um só grupo ou uma só classe se aproprie do poder».\* Isso refletiu-se mesmo na bandeira estatal da República Popular da China, cujas quatro estrelas representam quatro classes: a classe operária, o campesinato, a pequena burguesia urbana e a burguesia nacional.

A revolução que trouxe a libertação da China, a criação do Estado chinês independente, foi uma grande vitória para o povo chinês, para as forças antiimperialistas e democráticas do mundo. Após a libertação, procedeu-se a várias mudanças positivas na China: liquidou-se o domínio do imperialismo estrangeiro e dos grandes latifundiários, combateu-se a pobreza e o desemprego, fez-se uma série de reformas econômico-sociais em favor das massas trabalhadoras, lutou-se contra o atraso educacional e cultural, adotou-se um conjunto de providências para reconstruir o país devastado pela guerra, efetuou-se mesmo algumas transformações de caráter socialista. A fome deixou de existir na China, onde antes morria-se aos milhões, etc. Trata-se de fatos inegáveis, de vitórias de importância para o povo chinês.

Pela adoção dessas medidas e pelo fato do Partido Comunista da China ter chegado ao poder, parecia que a China dirigia-se para o socialismo. Mas não ocorreu assim. O Partido Comunista da China — que após a vitória da revolução democrático-burguesa devia ca-

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, ed. albanesa, vol. III, pg. 235.

minhar com cuidado, não mostrar-se esquerdista nem queimar etapas — tendo o «pensamento Mao Tsetung» por base de sua atividade mostrou-se «democrático», liberal, oportunista e não dirigiu o país com consequência no justo caminho do socialismo.

Os pontos de vista políticos e ideológicos não marxistas, ecléticos, burgueses de Mao Tsetung deram à China libertada uma superestrutura instável, uma organização estatal e econômica caótica, que jamais se estabilizou. A China encontrava-se numa constante confusão, inclusive anarquista, confusão esta atizada pelo próprio Mao Tsetung com a palavra-de-ordem «deve-se confundir para esclarecer».

Chu Enlai desempenhou um papel especial no novo Estado chinês. Ele era um economista e organizador capaz, mas nunca foi um político marxista-leninista. Como típico pragmatista, soube aplicar suas concepções não marxistas e adequá-las com grande habilidade a qualquer grupo que tomasse o poder na China. Ele era um *poussah*\* que terminava sempre de pé, embora oscilando continuamente do centro para a direita e jamais para a esquerda.

Chu Enlai era mestre em matéria de compromissos sem princípio. Apoiou e condenou Chiang Kai-chek, Kao Tsang, Liu Shao-chi, Deng Xiaoping, Mao Tsetung, Lin Piao, os «quatro», mas nunca apoiou Lênin e Stálin, o marxismo-leninismo.

Devido aos pontos de vista e atitudes de Mao Tsetung, Chu Enlai e outros, ocorreram após a libertação

---

\* Em francês — João teimoso.

muitas oscilações na linha política do Partido, para todos os lados. Manteve-se viva na China a tendência a pre-dicar o «pensamento Mao Tsetung», segundo o qual a etapa da revolução democrático-burguesa teria de pro-longar-se muito. Mao Tsetung insistia que, nessa etapa, ao lado do desenvolvimento do capitalismo, ao qual dava prioridade, criar-se-iam também as premissas do socia-lismo. Vincula-se a isso sua tese sobre a coexistência do socialismo com a burguesia por um período muito lon-go, apresentada como algo proveitoso tanto para o so-cialismo como para a burguesia. Respondendo aos que contestavam tal política e apresentavam como argumen-to a experiência da Revolução Socialista de Outubro, Mao Tsetung diz: «A burguesia russa era uma classe contra-revolucionária; naquela época não apoiava o ca-pitalismo de Estado, estava empenhada em ações de sabotagem e subversão, empregava inclusive as armas. Não restou ao proletariado russo outro remédio senão liquidá-la, mas isso enfureceu os burgueses dos diver-sos países, que começaram a vilipendia-lo. Na China, tratamos a burguesia nacional com relativa moderação, ela se sente mais tranquila e pensa poder inclusive obter alguma vantagem».\* Segundo Mao Tsetung, tal política teria dado à China uma boa reputação aos olhos da burguesia internacional; mas na realidade ela acarretou um grande prejuízo para o socialismo na China.

Mao Tsetung apresentou a postura oportunista para com a burguesia como uma aplicação criadora dos ensi-

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, vol. V, pg. 338, versão francesa, Pequim, 1977.

namentos de Lênin sobre a NEP. Mas existe uma diferença radical entre os ensinamentos de Lênin e a concepção de Mao Tsetung sobre a permissão da produção capitalista ilimitada e a manutenção das relações burguesas no socialismo. Lênin admite que a NEP era um recuo que permitia por certo tempo o desenvolvimento de elementos do capitalismo, mas acentua que

*«...não há aqui qualquer perigo para o poder proletário, na medida em que o proletariado mantenha hem o poder em suas mãos, na medida em que mantenha firmemente em suas mãos os transportes e a grande indústria»\**

Na China, o proletariado não tinha o poder nem a grande indústria de fato em suas mãos, nem em 1949 e nem tampouco em 1956, quanto Mao Tsetung fazia essa pregação.

Mais ainda, Lênin encarava a NEP como algo **temporário, imposto pelas condições concretas** da Rússia de então, devastada pela longa guerra civil, e não como uma lei geral da construção do socialismo. E o fato é que, um ano após a proclamação da NEP, Lênin sublinhava que o recuo havia terminado, lançando a palavra-de-ordem de preparação da ofensiva contra o capital privado na economia. Enquanto na China o período de manutenção da produção capitalista deveria prolongar-se quase indefinidamente. Segundo a concepção de Mao Tsetung, o sistema instaurado na China após a liberta-

---

\* V. I. Lênin, Obras, ed. albanesa, vol. XXXII, pg. 434.

ção devia ser um sistema democrático-burguês, conquanto o Partido Comunista da China estivesse aparentemente no poder. Assim é o «pensamento Mao Tsetung».

A passagem da revolução democrático-burguesa à revolução socialista só pode processar-se quando o proletariado afasta decididamente a burguesia do poder e a expropria. Na medida em que a classe operária chinesa dividia o poder com a burguesia, na medida em que a burguesia conservava seus privilégios, o poder instaurado na China não podia ser o poder do proletariado e conseqüentemente a revolução chinesa não podia elevar-se a uma revolução socialista.

O Partido Comunista da China adotou uma postura benevolente, oportunista para com as classes exploradoras, e Mao Tsetung preconizou abertamente a integração pacífica dos elementos capitalistas no socialismo. Mao dizia: «Se bem que todos os ultra-reacionários do mundo são hoje ultra-reacionários e assim permanecerão amanhã e depois de amanhã, não podem permanecer assim indefinidamente; terminarão por mudar... Os ultra-reacionários são, fundamentalmente, elementos teimosos mas não estáveis... Acontece que os ultra-reacionários também mudam para melhor... reconhecem seus erros e enveredam pelo justo caminho. Resumindo, os ultra-reacionários evoluem».\*

Na pretensão de dotar essa concepção oportunista de uma base teórica jogando com a «transformação dos contrários», Mao Tsetung dizia que através da discus-

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, ed. albanesa, vol. III, pg. 239.



são, da crítica e da transformação, as contradições antagônicas se convertem em contradições não antagônicas, as classes exploradoras e a intelectualidade burguesa podem transformar-se em seu contrário, ou seja, tornar-se revolucionárias. «Dadas as condições de nosso país — afirmava ele em 1956 — a maior parte dos contra-revolucionários mudará num ou noutro grau. Como adotamos uma política correta para com os contra-revolucionários, muitos deles transformam-se e não se opõem mais à revolução. Alguns deles já prestaram inclusive alguns serviços.»\*

A partir de tais concepções antimarxistas, segundo as quais os inimigos de classe se corrigem com o passar do tempo, Mao Tsetung recomendou a conciliação de classe e permitiu que os inimigos continuassem a enriquecer, a explorar, a expressar-se e atuar livremente contra a revolução. Para justificar essa postura capitulacionista perante o inimigo de classe ele declarava: «Agora temos muito o que fazer. Atacá-los todos os dias, durante cinquenta anos, é impossível. Os que se recusam a corrigir seus erros, que os levem para a sepultura, quando irão ter com o Rei do Inferno».\*\* Agindo na prática segundo tais considerações de conciliação com os inimigos, a administração estatal chinesa ficou nas mãos dos antigos funcionários. Generais de Chiang Kai-chek tornaram-se até ministros. Inclusive o impe-

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, vol. V, pg. 321, versão francesa, Pequim, 1977.

\*\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, vol. V, pg. 512, versão francesa, Pequim, 1977.

rador Pu I dos manchus, o imperador fantoche dos ocupantes japoneses, foi cuidadosamente conservado e convertido numa peça de museu, para que as delegações visitantes conversassem com ele e constatassem como se reeduca tais pessoas na China «socialista». A publicidade conferida ao ex-imperador fantoche objetivava, entre outras coisas, dissipar o medo dos monarcas, caudilhos e agentes da reação em outros países, levá-los a considerar que o «socialismo» de Mao é bom e não há porque temê-lo.

Também se adotou na China atitudes que não cheiravam a luta de classes para com os senhores feudais e capitalistas, que haviam cometido incontáveis crimes contra o povo chinês. Erigindo tal conduta em teoria e assumindo abertamente a defesa dos contra-revolucionários, Mao Tsetung declarava: «Nenhuma execução, nada de prisões na maioria dos casos... Os serviços de segurança pública não os prenderão, o departamento de fiscalização não os perseguirá nem o tribunal os processará. Mais de 90% dos contra-revolucionários serão tratados desta maneira».\* Com argumentos de sofista, Mao Tsetung diz que a execução dos contra-revolucionários não traz nenhum benefício, que ações desse tipo entram a produção, o incremento do nível científico do país, trazem má reputação mundial, etc., que caso se liquidasse um contra-revolucionário «seríamos obrigados a comparar seu caso com outro, com um terceiro e assim por diante, e o resultado é que muitas cabeças rolariam...

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, vol. V, pg. 323, versão francesa, Pequim, 1977.

As cabeças uma vez cortadas não podem ser recolocadas, elas não são cebolas, que voltam a crescer assim que são cortadas.»\*

Em consequência dessas concepções antimarxistas sobre as contradições, sobre as classes e seu papel na revolução, professada pelo «pensamento Mao Tsetung», a China nunca trilhou a justa via da construção socialista. Existiram e continuam existindo na sociedade chinesa não resquícios econômicos, políticos, ideológicos e sociais do passado, mas também classes exploradoras enquanto classes, que continuam até hoje no poder. A burguesia não só existe ainda como também se beneficia dos rendimentos provenientes das riquezas que possuía. A renda capitalista não foi legalmente suprimida na China, pois a direção chinesa ateu-se à estratégia da revolução democrático-burguesa formulada por Mao Tsetung em 1935, quando ele dizia que «as leis trabalhistas da república popular... não se opõem à realização de lucros pela burguesia nacional...»\*\*. A camada dos kulaks, na forma que assumiu na China, manteve grandes vantagens e benefícios em consonância com a «política do direito igual à terra». O próprio Mao Tsetung baixava orientações no sentido de não se tocar nos kulaks, pois isso poderia encolerizar a burguesia nacional, juntamente com a qual o Partido Comunista da China formara uma frente única política, econômica e organizativa.\*\*\*

---

\* Op. cit., pg. 323.

\*\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, ed. albanesa, vol. I, pg. 209.

\*\*\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, vol. V, pg. 22, versão francesa, Pequim, 1977.

Tudo isso mostra que o «pensamento Mao Tsetung» não dirigiu e nem poderia dirigir a China pelo verdadeiro caminho do socialismo. De resto, como declarou Chu Enlai em 1949, ao dirigir-se secretamente ao governo norte-americano pedindo ajuda à China, nem Mao Tsetung nem seus principais seguidores foram sequer partidários da via do socialismo. «A China não é ainda um país comunista — afirmava Chu Enlai — e se a política de Mao Tsetung for aplicada com justeza ela tardará muito a se tornar um país comunista.»\*

Mao Tsetung e o Partido Comunista da China submeteram demagogicamente todas as declarações sobre a construção da sociedade socialista e comunista à sua política pragmática. É assim que, nos anos do chamado grande salto, para jogar areia nos olhos das massas que ao sair da revolução aspiravam ao socialismo, eles declaravam que dentro de dois ou três planos quinquenais passariam diretamente ao comunismo. Enquanto mais tarde, para encobrir seus fracassos, começaram a teorizar que a construção e a vitória do socialismo exigiriam dez mil anos.

É fato que o Partido Comunista da China denominava-se comunista; mas ele desenvolveu-se em outro sentido, numa via liberal caótica, numa via oportunista, não podia ser uma força capacitada a conduzir o país rumo ao socialismo. O caminho que seguia, que se concretizou ainda mais claramente após a morte de Mao, não era o do socialismo, mas o da edificação de um grande Estado burguês, social-imperialista.

---

\* «International Herald Tribune», 14 de agosto de 1978.

**O «pensamento Mao Tsetung», enquanto doutrina antimarxista, substituiu o internacionalismo proletário pelo chauvinismo de grande Estado.**

Desde os primeiros passos de sua atividade, o Partido Comunista da China manifestou tendências abertamente nacionalistas e chauvinistas, que conforme mostraram os fatos não puderam ser erradicadas nem nos períodos que se seguiram. Li Da Chao, um dos fundadores do Partido Comunista da China, dizia que «os europeus pensam que o mundo pertence exclusivamente aos brancos e que constituem a classe superior, enquanto os povos de cor são inferiores. O povo chinês — prosseguia Li Da Chao — deve estar disposto a desenvolver uma luta de classes contra as outras raças do mundo, na qual ele mostrará mais uma vez suas particularidades nacionais». Foi desses pontos de vista que o Partido Comunista de China se imbuíu desde o princípio.

Tais concepções racistas e nacionalistas não devem ter desaparecido por completo da mentalidade de Mao Tsetung, para não falar de Liu e de Deng. No informe apresentado ao Comitê Central do Partido em 1938, Mao Tsetung dizia: «A China de hoje é um resultado do desenvolvimento da China do passado... Há que fazer o balanço de todo o nosso passado, desde Confúcio até Sun Yat-sen, para que recolhamos essa preciosa herança. Isso ajudar-nos-á em grande medida a dirigir o grande movimento atual.»\*

Naturalmente, todo partido marxista-leninista ad-

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, ed. albanesa, vol. II, pgs. 250-251.

mite que é preciso apoiar-se no patrimônio do passado de seu povo, porém leva em conta que não deve apoiar-se em qualquer herança, mas unicamente na herança progressista. Os comunistas rejeitam a herança reacionária, no campo das idéias como em qualquer outro. Os chineses sempre foram muito conservadores no que diz respeito às formas, ao conteúdo e a suas velhas idéias; chegavam a ser xenófobos. Conservavam velharias como um tesouro de grande valor. Conforme indicam as conversações que tivemos com os chineses, toda a experiência revolucionária mundial não tinha grande préstimo para eles. Só davam apreço à sua política, à luta que travaram com Chiang Kai-chek, à Longa Marcha, à teoria de Mao Tsetung. Quanto aos valores progressistas dos outros povos, os chineses os desconsideravam, ou consideravam pouquíssimo, nem mesmo se davam ao trabalho de estudá-los. Mao Tsetung declarou que «os chineses devem deixar de lado as fórmulas criadas por estrangeiros». Mao não especificou quais são estas fórmulas. Condenou «todos os clichês e dogmas tomados de empréstimo de outros países». Surge então a pergunta : quem sabe estes «dogmas» e «clichês» alheios à China também incluem a teoria do socialismo científico, que não foi elaborada pelos chineses?

A direção do Partido Comunista da China considerou o marxismo-leninismo como monopólio da União Soviética, em relação à qual Mao Tsetung e seus companheiros alimentavam concepções chauvinistas, concepções de grande Estado, tinham, por assim dizer, um certo ciúme burguês. Não consideravam a União Soviética do tempo de Lênin e Stálin como a grande pá-

tria do proletariado mundial, em que os proletários de todo o mundo deviam se apoiar para fazer a revolução e que devia ser defendida com todas as forças diante da grande ofensiva da burguesia e do imperialismo.

Mao Tsetung e Chu Enlai, os dois principais líderes do Partido Comunista da China, falaram e atuaram décadas atrás contra a União Soviética dirigida por Stálin, falaram também contra o próprio Stálin. Mao Tsetung acusava Stálin de subjetivismo, porque «não via a ligação entre a luta e a unidade dos contrários»\*, porque teria cometido «um certo número de erros em relação à China, porque a ele se devem o aventureirismo de 'esquerda' de Wang Ming no fim da Segunda Guerra Civil Revolucionária e seu oportunismo de direita no início da Guerra de Resistência ao Japão»;\*\* porque a atuação de Stálin para com a Iugoslávia de Tito foi equivocada, etc.

Embora falasse algumas vezes em defesa de Stálin, para salvar as aparências, dizendo que seus erros constituíam apenas 30%, na prática Mao Tsetung só falava dos erros de Stálin. Não é casual a declaração de Mao na Conferência de Moscou dos Partidos Comunistas e Operários, em 1957, afirmando: «Quando estive com Stálin, sentí-me como um aluno diante do professor, enquanto agora que nos encontramos com Kruschov somos como camaradas, somos livres». Dessa forma ele

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, vol. V, pg. 400, versão francesa, Pequim, 1977.

\*\* Op. cit. pg. 328.

saudava e aprovava publicamente as calúnias de Kruschov contra Stálin e defendia a linha kruschovista.

Da mesma forma que outros revisionistas, Mao Tsetung empregou as críticas a Stálin para legitimar seu afastamento dos princípios marxistas-leninistas que Stálin defendera com consequência e enriquecera ulteriormente. Com o ataque a Stálin, os revisionistas chineses visavam rebaixar sua obra e sua autoridade para elevar a autoridade de Mao Tsetung à condição da de um dirigente mundial, de um clássico do marxismo-leninismo, que sempre teria seguido uma linha justa e infalível! Tais críticas exprimiam também o descontentamento acumulado em relação a Stálin devido às observações e críticas que ele e o Komintern haviam feito à direção do Partido Comunista da China e a Mao Tsetung, por não aplicarem consequentemente os princípios do marxismo-leninismo quanto ao papel dirigente do proletariado na revolução, ao internacionalismo proletário, à estratégia e tática da luta revolucionária, etc. Mao Tsetung expressou abertamente esse descontentamento ao dizer: «Quando nós vencemos a guerra, Stálin suspeitou que era uma vitória do gênero da de Tito e em 1949 e 1950 exerceu uma pressão muito grande sobre nós».\* Nas conversações conosco, aqui em Tirana, Chu Enlai disse também: «Stálin suspeitava que fôssemos pró-americanos ou que seguissemos a via iugoslava». O tempo provou que Stálin tinha toda razão. Suas previsões sobre a revo-

---

\* Mao Tsetung, Obras Escolhidas, vol. V, pg. 328, versão francesa, Pequim, 1977.



lução chinesa e as idéias que a dirigiam mostraram-se exatas.

As contradições entre o Partido Comunista da China, dirigido por Mao Tsetung, e o Partido Comunista da União Soviética dirigido por Stálin, bem como as contradições entre o Partido Comunista da China e o Komintern diziam respeito aos princípios, às questões fundamentais da estratégia e da tática revolucionária marxista-leninista. O Comitê Central do Partido Comunista da China ignorou por exemplo a tese do Komintern sobre o desenvolvimento correto e conseqüente da revolução na China, sua orientação em prol de uma atuação conjunta entre a classe operária nas cidades e o Exército de Libertação, as teses do Komintern sobre o caráter e as etapas da revolução chinesa, etc. Mao Tsetung e os demais dirigentes do Partido Comunista da China sempre falaram com desprezo sobre os delegados do Komintern na China, chamando-os de «obtusos», «ignorantes», dizendo que «não conheciam a realidade chinesa», etc. Encarando cada país como uma «realidade objetiva em si», «fechada aos demais», Mao Tsetung considerava simplesmente impossível e desnecessária a ajuda dos delegados do Komintern. Em seu discurso à Conferência Ampliada de Trabalho do Comitê Central do Partido Comunista da China, em janeiro de 1962, Mao Tsetung disse: «A China enquanto mundo objetivo foi conhecida pelos chineses e não pelos camaradas do Komintern que tratavam da questão chinesa. Esses camaradas do Komintern não conheciam ou conheciam pouco a sociedade chinesa, a nação chinesa e a revolução chinesa. Assim, por que referirmo-nos aqui a esses camaradas estrangeiros?»

Mao Tsetung exclui o Komintern quando fala de êxitos. Porém quando se trata das derrotas e desvios do Partido Comunista da China, da incompreensão e da falta de justiça nas deduções extraídas das situações verificadas na China, ele descarrega a culpa no Komintern ou em seus representantes na China. Ele e os demais dirigentes chineses acusam o Komintern de haver entravado e confundido o desenvolvimento de uma luta consequente pela tomada do poder e pela construção do socialismo na China. Mas os fatos do passado e sobretudo a presente realidade chinesa comprovam que as resoluções e diretivas do Komintern sobre a China foram em geral justas e que o Partido Comunista da China não atuou com base e no espírito dos princípios do marxismo-leninismo.

As conseqüências do nacionalismo estreito e do chauvinismo de grande Estado que caracterizam o «pensamento Mao Tsetung» e sempre estiveram na base da atividade do Partido Comunista da China também se refletem nas posições e na atividade deste Partido no movimento comunista internacional.

Isso transparece concretamente na atitude do Partido Comunista da China para com os jovens partidos marxistas-leninistas criados após a traição dos kruschovianos. Desde o início a direção chinesa não teve a menor confiança neles. Tal ponto de vista foi expresso abertamente por Geng Biao, a pessoa que decidia no Comitê Central quanto às relações do Partido Comunista da China com o movimento comunista internacional. Ele disse que «a China não aprova a criação de partidos marxistas-leninistas e não deseja que seus represen-

tes a visitem. Sua chegada nos atrapalha — sublinhou ele — mas não podemos fazer nada, pois não poderíamos expulsá-los. Nós os aceitamos assim como aceitamos também representantes de partidos burgueses».\* Tal política, que nada tem em comum com o internacionalismo proletário, era seguida desde o tempo em que Mao Tsetung era vivo, na plena posse de suas faculdades de pensar e dirigir; tinha portanto sua total aprovação.

Depois que os jovens partidos marxistas-leninistas começaram a fortalecer-se, contrariando o desejo dos dirigentes chineses, estes adotaram outra tática, reconheceram todos os novos partidos e qualquer grupo, sem exceção e sem qualquer distinção, bastando que se auto-denominassem «partido marxista», «partido revolucionário», «guarda vermelha», etc. O Partido do Trabalho da Albânia criticou essa atitude e essa tática do Partido Comunista da China. O mesmo fizeram os demais partidos autenticamente marxistas-leninistas. Apesar disso a direção revisionista chinesa prosseguiu no mesmo caminho.

Em consonância com sua política pragmática para com os novos partidos e grupos que se criaram, os dirigentes chineses adotaram posturas diferenciadas. Consideravam como inimigos os verdadeiros partidos marxistas-leninistas, enquanto mostravam grande apreço pelos grupos e partidos que se contrapunham aos primeiros. Atualmente, os revisionistas chineses não só

---

\* Da conversação de Geng Biao com camaradas de nosso Partido em Pequim, em 16 de abril de 1973, ACP.

mantêm vínculos com os partidos e grupos antimarxistas que colocam nas nuvens o «pensamento Mao Tsetung», como também convocam seus representantes um por um a Pequim, onde os preparam, concedem-lhes ajuda financeira e orientações políticas e ideológicas, instruem-nos sobre como atuar contra o Partido do Trabalho da Albânia e contra os autênticos partidos marxistas-leninistas. Exigem deles que propaguem o «pensamento Mao Tsetung», a teoria dos «três mundos» e a política externa da China em geral, que promovam o culto de Hua Guofeng e Deng Xiaoping, que condenem os «quatro». Para os revisionistas chineses, o partido que satisfaz essas exigências é «marxista-leninista», enquanto os partidos que as contrariam são proclamados antimarxistas, aventureiros, etc.

Tudo isso mostra que em suas relações com os partidos marxistas-leninistas os dirigentes revisionistas chineses não aplicaram os princípios e normas leninistas que regem as relações entre verdadeiros partidos comunistas. Assim como os revisionistas kruschovianos, eles empregaram para com os demais partidos a concepção antimarxista do «partido pai», o ditame, as pressões, as interferências nos assuntos internos e jamais aceitaram os conselhos e sugestões dos partidos irmãos, feitas no espírito da camaradagem. Opuseram-se aos encontros multilaterais dos partidos marxistas-leninistas, às reuniões para discutir os grandes problemas da preparação e da vitória da revolução, da luta contra o revisionismo contemporâneo, em defesa do marxismo-leninismo, para intercambiar experiências, coordenar atividades, etc. O motivo dessa atitude foi, entre outros, o

medo de se defrontar com os verdadeiros partidos marxistas-leninistas em reuniões multilaterais, pois assim seriam evidenciadas e desmascaradas suas teorias antimarxistas e revisionistas a serviço do capital mundial e da estratégia para converter a China em superpotência.

Outro índice da essência antimarxista do «pensamento Mao Tsetung» são os vínculos que o Partido Comunista da China tem mantido com muitos partidos e grupos heterogêneos fascistas, revisionistas, etc. Atualmente esse partido procura preparar o terreno para também penetrar ou estabelecer vínculos com os velhos partidos revisionistas de diferentes países, como por exemplo os da Itália, França, Espanha e outros países da Europa e da América Latina. Os revisionistas chineses vêm dando uma importância cada vez maior a esses vínculos porque ideologicamente todos estão na mesma linha do Partido Comunista da China, independente das diferenças que tenham nas táticas, que variam segundo a natureza, a força e o poder do capitalismo em cada país.

O Partido Comunista da China e os partidos revisionistas tradicionais ampliarão gradualmente seus laços, harmonizarão suas atividades, enquanto os pequenos grupos ditos «marxistas-leninistas» que seguem a linha chinesa continuarão sendo empregados para combater e dividir os verdadeiros partidos marxistas-leninistas, que existem e que mantêm-se em posições inabaláveis, bem como outros partidos que surgem e surgirão. Com essa atuação os revisionistas chineses ajudam abertamente o capitalismo, os partidos social-democratas e revisionistas, sabotam o desencadeamento e a

vitória da revolução e em particular a preparação do fator subjetivo, o fortalecimento dos autênticos partidos marxistas-leninistas que hão de dirigir a revolução.

O Partido Comunista da China aplicou essa tática nas relações com a chamada Liga dos Comunistas da Iugoslávia, que trabalhou com todas as forças para dividir o movimento comunista internacional e que combateu sem descanso o socialismo e o marxismo-leninismo. Os atuais dirigentes chineses desejam marchar juntamente com os revisionistas iugoslavos, coordenar com eles a atividade na luta contra o marxismo-leninismo e todos os partidos marxistas-leninistas, contra a revolução, o socialismo e o comunismo.

Mao Tsetung e o Partido Comunista da China mantiveram uma atitude pragmática em relação ao revisionismo iugoslavo e processaram uma grande evolução em suas concepções sobre Tito e o titismo. A princípio Mao Tsetung disse que não fora Tito que errara, mas Stálin que se equivocara em relação a Tito. Mais tarde, o mesmo Mao Tsetung incluiu Tito no mesmo rol de Hitler e de Chiang Kai-chek, dizendo que «gente... como Tito, Hitler, Chiang Kai-chek e o tzar não pode ser corrigida, deve ser morta». Mas ele voltou a mudar de opinião e expressou seu grande desejo de entrevistar-se com Tito. O próprio Tito declarou recentemente: «Eu fui convidado à China desde quando Mao Tsetung estava vivo. Durante a visita do presidente da Veche Executiva Federal, Djemal Biyedich, Mao Tsetung expressou seu desejo de que eu visitasse a China. O presidente Hua Guofeng também me disse que Mao Tsetung afirmara cinco anos atrás que era preciso convidar-me para uma

visita, acentuando que mesmo em 1948 a Iugoslávia tinha razão, coisa que ele (Mao Tsetung) tinha declarado já naquela época num círculo restrito. Não o declarara publicamente levando em conta as relações de então entre a China e a União Soviética»\*.

A direção revisionista da China está executando fielmente esse «testamento» de Mao Tsetung. Hua Guofeng aproveitou a visita de Tito à China e especialmente sua própria viagem à Iugoslávia para elogiar Tito, para apresentá-lo como um «eminente marxista-leninista», um «grande dirigente» não só da Iugoslávia mas também do movimento comunista internacional. Dessa forma, a direção chinesa também aprovou abertamente todas as investidas dos titistas contra Stálin e o Partido Bolchevique, contra o Partido do Trabalho da Albânia, contra o movimento comunista internacional e o marxismo-leninismo.

As íntimas relações políticas e ideológicas dos revisionistas chineses com o titismo, com «eurocomunistas» como Carrillo e companhia, seu apoio a partidos e grupos antimarxistas, trotsquistas, anarquistas e social-democratas, mostram que os dirigentes chineses, inspirados e guiados pelo «pensamento Mao Tsetung», estão criando uma frente unida ideológica com os renegados do marxismo-leninismo, contra a revolução, contra os interesses da luta de libertação dos povos. Por isso todos os inimigos do comunismo alegram-se com as «teorias» chinesas; vêem que o «pensamento Mao Tsetung»,

---

\* Do discurso de Tito no Ativo da RS da Eslovênia em 8 de setembro de 1978.

a política chinesa, dirigem-se contra a revolução e o socialismo.

Estas questões que analisamos não esgotam por completo o conteúdo antimarxista e antileninista do «pensamento Mao Tsetung». Contudo, são suficientes para se concluir que Mao Tsetung não foi marxista-leninista e sim um revolucionário democrata, progressista, que conservou-se por longo período à frente do Partido Comunista da China e jogou um importante papel na vitória da revolução democrática antiimperialista chinesa. Ele granjeou uma reputação de grande marxista-leninista dentro da China, no Partido, no povo, e no exterior; ele próprio apresentava-se como comunista, como dialético marxista-leninista, mas não o era. Era um eclético que unia certos elementos da dialética marxista ao idealismo, à filosofia burguesa e revisionista e inclusive à velha filosofia chinesa. Portanto, não se deve estudar os pontos de vista de Mao Tsetung apenas a partir de frases arrumadas em algumas de suas obras publicadas, mas em seu conjunto, em sua aplicação prática, considerando-se também as consequências concretas que acarretaram.

Na apreciação do «pensamento Mao Tsetung», importa levar em conta igualmente as condições históricas concretas em que ele se formou. Os pensamentos de Mao Tsetung se desenvolveram no período da deterioração do capitalismo e portanto num período em que as revoluções proletárias encontram-se na ordem do dia, em que o exemplo da Grande Revolução Socialista de Outubro, os grandes ensinamentos de Marx, Engels, Lênin e Stálin converteram-se no guia infalível do pro-



letariado e dos povos revolucionários do mundo. Surgida nestas novas condições, a teoria de Mao Tsetung, o «pensamento Mao Tsetung», tentaria vestir e vestiria a roupagem da teoria mais revolucionária e mais científica de seu tempo, do marxismo-leninismo, mas em essência continuou a ser uma «teoria» que contraria a causa da revolução proletária e auxilia o imperialismo em crise e decomposição. Por isso dizemos que Mao Tsetung e o «pensamento Mao Tsetung» são antimarxistas.

Quando se fala do «pensamento Mao Tsetung», é difícil definir nele uma linha una e clara, pois, como dissemos a princípio, ele é um amálgama de ideologias, que vão desde o anarquismo, o trotsquismo, o revisionismo contemporâneo à titista, à kruschoviana, à «eurocomunista», até o emprego de algumas frases marxistas. Em todo esse amálgama também cabe um posto do honra às velhas idéias de Confúcio, de Mêncio e outros filósofos chineses, que influíram diretamente na formação das idéias de Mao Tsetung, em seu desenvolvimento cultural e teórico. Mesmo os pontos de vista de Mao Tsetung que assumem a forma de um marxismo-leninismo deformado trazem o selo específico de um certo «asiocomunismo» com fortes doses nacionalistas, xenóforas e inclusive religiosas, budistas, que um dia teriam de entrar em oposição aberta com o marxismo-leninismo.

O grupo revisionista de Hua Guofeng e Deng Xiaoping, que domina hoje na China, tem o «pensamento Mao Tsetung» como base teórica e plataforma ideológica de sua política e de sua atividade reacionárias.

Para reforçar suas vacilantes posições, o grupo de Hua Guofeng e Ye Jianying, que chegou ao poder, desfraldou a bandeira de Mao Tsetung. Condenou sob essa bandeira a manifestação de Tien An-men e liquidou com Deng Xiaoping tachando-o com a merecida alcunha de revisionista. Sob a mesma bandeira esse grupo tomou o poder num putsch e desbaratou os «quatro». Mas o caos que sempre caracterizou a China prosseguiu e cresceu. Essa situação turbulenta trouxe à tona e impôs a ascensão ao poder de Deng Xiaoping, que retomou sua trajetória de extrema direita com métodos fascistas.

O objetivo de Deng era reforçar as posições de seu próprio grupo, seguir sem rodeios o curso da aliança com o imperialismo norte-americano e com a burguesia reacionária mundial. Deng Xiaoping apresentou o programa das «quatro modernizações», pôs um ponto final na Revolução Cultural, liquidou toda a massa de quadros promovidos por ela ao poder, ao Partido e ao Exército e substituiu-os por gente da mais negra reação, desmascarada e condenada anteriormente.

Agora, assistimos a um período caracterizado pelos dazibaos contra Mao Tsetung, com que os partidários de Deng Xiaoping ornamentam os muros de Pequim. É o período da «revanche», que persegue dois fins: primeiro, liquidar o «prestígio» de Mao e afastar o obstáculo Hua Guofeng; e segundo, fazer de Deng Xiaoping um ditador fascista todo-poderoso e reabilitar Liu Shao-chi.

Em meio a essas manobras reacionárias, há na China, mas também no exterior, quem compare a luta de

Teng Hsiao-ping contra Mao, que nunca foi marxista-leninista, com o crime de Kruschov ao enlamear Stálin, que foi e continua a ser um grande marxista-leninista. Ninguém com um mínimo de bom senso pode aceitar tal analogia.

A comparação mais justa que se pode fazer é que Brezhnev e seu grupo revisionista derrubaram Kruschov e agora o Bhezhnev chinês, Deng Xiaoping, deruba do pedestal o Kruschov chinês, Mao Tsetung.

Tudo isso constitui um jogo revisionista, uma luta pelo poder pessoal. Sempre ocorreu assim na China. Essa situação só será mudada pela classe operária chinesa e por um verdadeiro partido marxista-leninista depurado do «pensamento Mao Tsetung», do «pensamento Deng Xiaoping e de outros desses pensamentos antimarxistas, revisionistas, burgueses. São as idéias de Marx, Engels, Lênin e Stálin que podem salvar a China dessa situação através de uma genuína revolução proletária.

Confiamos que o marxismo-leninismo e a revolução proletária triunfarão um dia na China, e os inimigos do proletariado e do povo chinês fracassarão. Evidentemente, isso não será alcançado sem luta e sangue, pois serão precisos muitos esforços para criar na China o partido revolucionário marxista-leninista, direção imprescindível para a vitória sobre os traidores, para o triunfo de socialismo.

Estamos convencidos de que o irmão povo chinês, os verdadeiros revolucionários chineses libertar-se-ão das ilusões e dos mitos. Compreenderão política e ideologicamente que na direção do Partido Comunista da

China não existem revolucionários marxistas-leninistas mas homens da burguesia, do capitalismo, que seguem um caminho sem qualquer ligação com o socialismo e o comunismo. Mas, para que as massas e os revolucionários o compreendam, é preciso que realizem que o «pensamento Mao Tsetung» não é marxismo-leninismo e que Mao Tsetung não foi um marxista-leninista. A crítica que nós, marxistas-leninistas, fazemos ao «pensamento Mao Tsetung» nada tem em comum com os ataques a Mao Tsetung empreendidos pelo grupo de Deng Xiaoping em sua luta pelo poder.

Ao falar aberta e sinceramente quanto a essas questões, nós, comunistas albaneses, cumprimos nosso dever de defender o marxismo-leninismo e, simultaneamente, também ajudamos, como internacionalistas que somos, o povo e os revolucionários chineses a encontrar o caminho correto nessa difícil situação que atravessam.

## **A DEFESA DO MARXISMO-LENINISMO, GRANDE TAREFA DE TODOS OS VERDADEIROS REVOLUCIONÁRIOS**

A atual situação internacional é convulsionada, a crise aguça-se nos países capitalista-revisionistas, a política agressiva das superpotências cria a cada dia novos e maiores perigos para a liberdade e independência dos povos e para a paz geral. As teorias burguesas e revisionistas kruschovistas, titistas, «eurocomunistas» e juntamente com elas também as teorias chinesas são parte integrante do grande plano estratégico do imperialismo e do revisionismo contemporâneo para destruir o socialismo e sufocar a revolução.

Nestas condições, a defesa do marxismo-leninismo, dos princípios do internacionalismo proletário, a atitude consequente e revolucionária para com os grandes problemas mundiais constituem um dever fundamental para nosso Partido, assim como para todos os autênticos marxistas-leninistas. Nosso justo combate deve estimular nos povos e nas pessoas progressistas a confiança na vitória da causa da revolução, do socialismo e da emancipação dos povos. Nosso Partido está no caminho justo e vencerá, pois tem com ele os revolucionários e os

povos do mundo, pois tem com ele a verdade marxista-leninista.

Em todo o mundo os marxistas-leninistas e revolucionários vêem que o Partido do Trabalho da Albânia defende o marxismo-leninismo quando outros o atacam, que defende os princípios do internacionalismo proletário quando os diversos revisionistas os renegaram. Constatam que em sua conduta ele não parte unicamente dos interesses de seu país, mas expressa e representa interesses muito grandes, próximos e caros a todo o proletariado, os interesses do verdadeiro socialismo, os interesses de todos os que tomam o marxismo-leninismo como base e guia para a transformação revolucionária do mundo.

Ao mesmo tempo, observamos que a política da China nas relações com o imperialismo norte-americano e também com o social-imperialismo soviético desperta suspeitas, descontentamento, críticas constantes em toda parte, sobretudo nos países do chamado terceiro mundo. Isso é natural, pois as pessoas honestas desses países vêem que a política chinesa não é justa, é uma política de apoio a um imperialismo que os oprime, que muitas das prédicas dos dirigentes, chineses não condizem com seus atos e com a realidade concreta. Os povos constataam que a China faz uma política social-imperialista que ameaça seus interesses.

Nosso Partido também contribui, com modéstia, nesse sentido. Os povos acreditam nele porque ele diz a verdade, e a verdade emana da teoria marxista-leninista, que é aplicada concretamente na Albânia. O desenvolvimento de nosso país, suas lutas de libertação, sua si-

tuação social, econômica, política e espiritual no passado assemelham-se aos de muitos outros países que sofreram ou sofrem o selvagem jugo dos opressores internos e dos opressores externos imperialistas. A experiência acumulada por nosso Partido na tomada do poder pelo povo, na instauração da ditadura do proletariado e na construção do socialismo constitui um exemplo e uma ajuda concreta a esses povos. As vitórias e os êxitos alcançados na República Popular Socialista da Albânia têm sua base na teoria marxista-leninista que inspira o Partido do Trabalho da Albânia e que este leva à prática.

Ninguém, afora os lacaios e os ultra-reacionários, toma diretamente a defesa da falida teoria dos «três mundos». A política chinesa de aproximação com o imperialismo norte-americano ressuscita os espectros das guerras imperialistas, que ninguém quer presenciar, adensa as trevas coloniais e neocoloniais que ninguém tolera, apóia a exploração capitalista de que todos desejam livrar-se.

O Partido do Trabalho da Albânia sempre lutou, luta e lutará com firmeza pela salvaguarda da pureza das idéias marxistas-leninistas. Opõe-se e opor-se-á sempre a todos os que procuram deformá-las e substituí-las por idéias burguesas, revisionistas e contra-revolucionárias. Nosso Partido é um partido proletário, um partido marxista-leninista, um participante ativo da revolução mundial pela qual está resolvido a não poupar sacrifícios, assim como não tem poupado até hoje. Não há força que afaste nosso Partido desse caminho honroso, plenamente internacionalista e glorioso, não há força que o

amedronte ou o vença. Nosso Partido não pode conciliar-se com qualquer tipo de oportunismo, com qualquer desvio, com qualquer deformação do marxismo-leninismo. Combaterá com decisão tanto o revisionismo chinês como o de qualquer outro gênero.

Nosso Partido é um partido marxista-leninista, e porque assim o é não devemos nos intimidar e deixar de dizer abertamente a verdade. Nosso Partido é pequeno no que diz respeito ao número de seus militantes, mas é um partido forjado em muitas lutas. Sempre teve a coragem de dizer abertamente as coisas em favor da pureza do marxismo-leninismo, da revolução e do socialismo. Os fatos mostram que nossa luta contra o revisionismo chinês é justa, é indispensável e por isso é aprovada e apoiada pelos verdadeiros marxistas-leninistas e revolucionários.

Um partido autenticamente revolucionário, como o nosso, jamais renuncia às atitudes de princípio. Não podemos recuar porque outros poderiam qualificar de presunção a virtude da audácia de nosso Partido. O Partido não ensina seus militantes a serem presunçosos, mas ensinou-os a serem sempre resolutos e justos, duros para com o inimigo de classe. Nesta questão não se discute se o partido é grande ou pequeno.

Os comunistas, os verdadeiros revolucionários, os marxistas-leninistas, devem compreender bem como se desenvolve a situação mundial presentemente. Ela não se desenvolve de uma forma padrão. Caso se estude, se entenda e se assimile devidamente os ensinamentos de Marx, Engels, Lênin e Stálin, a experiência das lutas revolucionárias do proletariado mundial e a experiência



de cada partido verdadeiramente marxista-leninista, poder-se-á compreender com acerto a situação em curso e ajudar poderosamente a revolução.

Nós, comunistas albaneses, devemos ter bem presente que a assimilação do marxismo-leninismo é absolutamente indispensável. Não se deve jamais subestimar o cerco capitalista-revisionista e a pressão que ele exerce sobre nós. Não devemos ser presunçosos na compreensão dessas questões e na verdadeira guerra que devemos mover contra os inimigos que nos cercam.

A revolução encontra sempre pedras na sua marcha, que deve minar e lançar pelos ares. Algumas deve minar diretamente, algumas deve corroer, outras flanquear para depois assestar-lhes o golpe definitivo. Isso significa compreender a estratégia e a tática da revolução. Para se criar confiança na vitória da revolução, é indispensável organizar as amplas massas do povo, tornar o proletariado consciente quanto à direção inabalável de seu verdadeiro partido marxista-leninista, pois do contrário pode-se cair em aventuras, comprometer a causa da revolução. Os comunistas e as massas oprimidas do povo devem saber que o imperialismo e o capitalismo mundial têm uma grande experiência de repressão às massas, de organização da contra-revolução. Portanto, as táticas e a estratégia dos inimigos também devem ser compreendidas e enfrentadas, com a consciência de que nossa ideologia, nossa política, nossa estratégia e táticas são mais poderosas do que qualquer inimigo, pois servem a uma justa causa, a causa do comunismo.

A luta contra o revisionismo chinês merece atualmente uma atenção primordial da parte de nosso Parti-

do, assim como de todos os partidos marxistas-leninistas do mundo. Trata-se de uma questão importante, mas isso não significa que ao tratá-la nos é permitido esquecer o revisionismo soviético, o revisionismo titista ou o «eurocomunismo», que são perigosíssimas variantes do revisionismo contemporâneo. Independente das diferenças nas formas de luta, no que diz respeito às suas táticas e estratégia, todas essas correntes antimarxistas são da mesma laia, têm o mesmo objetivo, travam a mesma luta.

Por todos esses motivos não devemos jamais desviar a atenção tanto da luta a ser travada contra o imperialismo norte-americano e toda a burguesia capitalista reacionária do mundo como também do combate ao revisionismo soviético, ao revisionismo iugoslavo, ao revisionismo chinês, etc. Apesar das contradições que os opõem, todos esses inimigos estão unidos por uma causa comum que é a luta contra a revolução, contra os partidos marxistas-leninistas, contra sua unidade, contra a organização geral do proletariado e do conjunto das massas trabalhadoras para se lançar à revolução.

O combate ao revisionismo contemporâneo, e em particular ao revisionismo soviético, ao revisionismo titista e ao revisionismo chinês, não é coisa fácil. Pelo contrário, é e será duro, prolongado. Para que ele tenha êxito, para que se alcance passo a passo a vitória, os comunistas, os quadros, a intelectualidade e a totalidade das massas trabalhadoras de nosso país devem estar imbuídos da ideologia de Marx, Engels, Lênin e Stálin, devem também estudar a rica experiência de nosso Partido na luta contra o revisionismo contemporâneo. Somente

assim teremos condições de superar os obstáculos e de não nos deixarmos dilacerar pelos espinhos dessa grande selva hostil.

Nosso Partido do Trabalho deve manter como sempre posturas claras, firmes, ousadas em sua justa linha marxista-leninista. Esta linha de nosso Partido, que persegue objetivos claros e definidos, ajudará a desmascarar e combater implacável e exitosamente o imperialismo norte-americano, o social-imperialismo soviético e também o social-imperialismo chinês.

O dever de nosso Partido, bem como de todos os verdadeiros comunistas do mundo, é lutar com devoção para defender e depurar nossa teoria marxista-leninista de todas as deformações que a burguesia, os revisionistas contemporâneos e todos os oportunistas e traidores lhe impingem.

O marxismo-leninismo é a ideologia triunfante. Quem a abraça, a defende e desenvolve faz parte do glorioso exército da revolução, da grande e imbatível legião dos verdadeiros comunistas, que dirigem o proletariado e todos os oprimidos na luta para transformar o mundo, para demolir o capitalismo e para edificar o novo mundo, o mundo socialista.



## INDICE

	página
PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO	3
NOTA A SEGUNDA EDIÇÃO .....	7

### PRIMEIRA PARTE

#### I

A ESTRATÉGIA DO IMPERIALISMO E DO REVISIONISMO CONTEMPORÂNEO .....	9—61
— A ESTRATÉGIA DO IMPERIALISMO MUNDIAL .....	20
— A ESTRATÉGIA DO SOCIAL-IMPERIALISMO SOVIÉTICO .....	29
— A ESTRATÉGIA DO SOCIAL-IMPERIALISMO CHINÊS .....	35
— O PAPEL DO TITISMO E DE OUTRAS CORRENTES REVISIONISTAS NA ESTRATÉGIA GLOBAL DO IMPERIALISMO E DO SOCIAL-IMPERIALISMO .....	45

	página
— A REVOLUÇÃO — ÚNICA ARMA PARA DESTRUIR A ESTRATÉGIA DOS INIMI- GOS DO PROLETARIADO E DOS POVOS.	57
<b>II</b>	
A TEORIA LENINISTA SOBRE O IMPE- RIALISMO MANTÉM TODA ATUALIDADE	62—124
<b>III</b>	
A REVOLUÇÃO E OS POVOS.....	125—219
— DEFENDER E APLICAR OS ENSINAMEN- TOS MARXISTAS-LENINISTAS SOBRE A REVOLUÇÃO	129
— A LUTA DE LIBERTAÇÃO DOS POVOS, PARTE INTEGRANTE DA REVOLUÇÃO MUNDIAL	152
— OS VERDADEIROS REVOLUCIONÁRIOS CHAMAM OS PROLETÁRIOS E OS PO- VOS A ERGUEREM-SE POR UM NOVO MUNDO, PELO MUNDO SOCIALISTA	186

## SEGUNDA PARTE

### I

A TEORIA DOS «TRÊS MUNDOS», TEORIA CONTRA-REVOLUCIONÁRIA E CHAUVI- NISTA .....	220—293
--	---------

	página
— A CONCEPÇÃO DOS «TRÊS MUNDOS», NEGAÇÃO DO MARXISMO-LENINISMO.	221
— A ATITUDE DOS REVISIONISTAS CHI- NESESES EM RELAÇÃO AS CONTRADI- ÇÕES É IDEALISTA, REVISIONISTA E CAPITULADORA .....	240
— A CONCEPÇÃO CHINESA SOBRE A UNI- DADE DO «TERCEIRO MUNDO» É REA- CIONÁRIA .....	272
— A TEORIA CHINESA DO «TERCEIRO MUNDO» E A TEORIA IUGOSLAVA DO «MUNDO NÃO-ALINHADO» SABOTAM A LUTA REVOLUCIONÁRIA DOS POVOS	281

## II

O PLANO DA CHINA PARA TORNAR-SE SUPERPOTÊNCIA .....	294—332
--	---------

## III

O «PENSAMENTO MAO TSETUNG», TEO- RIA ANTIMARXISTA.....	333—394
---	---------

	página
A DEFESA DO MARXISMO-LENINISMO, GRANDE TAREFA DE TODOS OS VERDA- DEIROS REVOLUCIONÁRIOS .....	395—401





26  
M.D.